

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

JÉSSICA DA SILVA DUARTE

**O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS
UNIDOS NO SÉCULO XXI**

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Jéssica Da Silva Duarte

**O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS
UNIDOS NO SÉCULO XXI**

Tese apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de doutora em
Ciência Política no Programa de Pós-
Graduação em Ciência Política da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientador prof. Dr. Henrique Carlos de
Oliveira de Castro.

Porto Alegre

2021

Jéssica Da Silva Duarte

Tese de Doutorado

**O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS
UNIDOS NO SÉCULO XXI**

Tese apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de doutora em
Ciência Política no Programa de Pós-
Graduação em Ciência Política da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Google Meet, 16 de dezembro de 2021.

Resultado: Aprovada com indicação de publicação.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro (orientador) (UFRGS)

Prof. Dr. Bruno Mello Souza (UESPI)

Prof. Dr. Lucio R. Rennó (UnB)

Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González (UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva Duarte, Jéssica
O avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no século XXI / Jéssica da Silva Duarte. -- 2021.

205 f.

Orientador: Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Conservadorismo. 2. Cultura Política. 3. Comportamento político. 4. Brasil. 5. Estados Unidos. I. de Oliveira de Castro, Henrique Carlos, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Antônio Carlos Duarte e Eni Duarte, pelo constante apoio, incentivo, afeto e dedicação durante toda a trajetória que me trouxe até aqui; sorrindo comigo, enxugando minhas lágrimas e me levando pela mão tantas vezes. Agradeço à minha irmã, Sabrina Duarte, por cuidar de mim desde o primeiro dia da minha vida, por todo acolhimento, paciência e por cada conversa amorosa; por ser meu porto seguro, meu colo, meu abrigo, meu exemplo. Agradeço à minha irmã, novamente, e ao meu cunhado por um dos principais motivos para eu existir, resistir e dar o melhor de mim sempre, nosso bebezinho Arthur. Gostaria de agradecer ao meu melhor amigo e meu amor, Cilon Perusato, por toda a paciência, por cada cafezinho, cada incentivo, cada ombro, colo, sorriso e abraço, por cada madrugada dividida estudando, por ler todo meu texto (algumas vezes), mesmo sendo um matemático, e sempre fazer excelentes reflexões no final. Gostaria de agradecer aos filhos de amor que a vida me deu, meus afilhados, Sophia e Pedro pela mágica que só as crianças sabem fazer em nossas vidas.

Gostaria de agradecer às minhas duas vizinhas que infelizmente não estarão presentes fisicamente no momento da defesa e do fechamento desse ciclo que elas acompanharam tão de perto, mesmo sem fazer ideia do porquê eu estudava “tanto”. Vózinha Meda, obrigada por ser tão forte, obrigada mais ainda por me dar tanto amor, que sorte a minha crescer dia a dia pertinho de você, aprendendo a andar de pé descalço, tomar chimarrão, comer laranja e ser resiliente, obrigada por ser o amor mais incondicional que eu já vivi. Vózinha Maria, nunca vou esquecer de toda a tua dedicação e determinação que eu busquei tantas vezes durante esse processo, sempre vou lembrar do dia em que você superou todas as condições de saúde para ver eu me formar; e cá estou eu, fechando esse ciclo com você no meu coração.

Agradeço à minha mãezinha do coração, Marilda Perusato, por todo o carinho e amor, por cada lanchinho, cada ligação em que a gente falou de 10 assuntos aleatórios e ao mesmo tempo, por ser minha parceira de comemoração e de viagem e, também, de resolver todos os problemas que pareciam sem solução. Obrigada ao meu paizão Cilon Valdez Perusato, por todas as conversas inspiradoras sobre política, por acreditar tanto no meu potencial, por confiar na minha capacidade e por me ensinar que estudar nunca é demais.

Agradeço aos meus amigos e amigas que ouviram e aqueceram meu coração tantas e tantas vezes. Agradeço à Ana e à Carla por todo o apoio e incentivo. Adriana muito obrigada por ser minha parceira de pós-graduação, hot dogs, vinhos, desabafos e vida. Gostaria de

agradecer à Mirian por cada happy hour com comidinhas gourmetizadas, pelos ensinamentos mil que só uma virginiana proporciona, e pela ajuda na revisão do trabalho. Quero agradecer à Vivian por ser um presente que a vida me deu acompanhar cada momento dos meus últimos três anos, me entendendo, incentivando e vivendo as mesmas situações e sentimentos sem nem combinar. Obrigada ao Jota por ao mesmo tempo me lembrar da importância de ter foco e trabalhar duro, mas também saber aproveitar o final de cada dia e não me abater diante das frustrações. Obrigada a ambos ainda por me presentear com a missão de amar e de cuidar de um serzinho lindo que me motiva a me esforçar e ser melhor a cada dia, o nosso Isaacquinho. Obrigada ao Robert, por estar comigo nessa caminhada desde o colégio, compartilhando todos os altos e baixos que já passamos nessa vida, por crescer junto comigo e ter tido o interesse e dedicação de ler a tese. Agradeço às duas profissionais maravilhosas que enfrentaram toda essa travessia comigo, as psicólogas Simone Pereira e Caroline Ferrão. Agradeço ao Rafael por todo o suporte, tempo e paciência.

Agradeço ao meu orientador e amigo Henrique Carlos de Castro por estar ao meu lado desde o primeiro dia, por acreditar na doutora que eu poderia me tornar, por me apoiar a estudar o que realmente tivesse sentido para mim e me fizesse sentir motivada, pela preocupação com a formação completa sem restrições e por todas as confraternizações que tornaram o trabalho mais leve e prazeroso. Obrigada à professora Sonia Ranincheski por nos deixar seu legado de entender a importância de estudar, estudar e estudar e por todas as contribuições que fez durante o doutorado e, especialmente, na qualificação da tese. Agradeço aos grupos de pesquisa dos quais participei e participo e que hoje fazem parte da pesquisadora que sou, especialmente à equipe do World Values Survey Brasil e CESPRI.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo auxílio financeiro que possibilitou minha dedicação integral ao Programa de Pós-graduação e à minha tese de doutorado. Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, e a todos os órgãos apoiadores e financiadores, pela infraestrutura e incentivo. Agradeço a todos os mestres que contribuíram para a minha formação. Agradeço aos professores Bruno Mello Souza, Lucio Rennó e Rodrigo Stumpf González por terem aceitado participar da banca de defesa e contribuir enormemente para a minha pesquisa.

A todos que contribuíram de alguma forma durante esse processo, muito obrigada.

A minha alucinação é suportar o dia a dia e meu delírio é a experiência com coisas reais.

(Belchior, 1976.)

Duarte, Jéssica S. O avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no século XXI [tese]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2021.

RESUMO

O século XXI tem sido palco de transformações e crises políticas, sociais e econômicas. Paralelamente a esse processo, tem ocorrido um novo avanço de discursos, movimentos e atores conservadores no campo político. Esse é um padrão de recorrência que já foi visto em momentos como a revolução francesa, os movimentos de sufrágio universal, a adoção das políticas de bem-estar social e durante os conflitos ideológicos da Guerra Fria. Inserido no esforço científico de compreender esse fenômeno, esse estudo tem como objetivo compreender e explicar a relação de fatores conjunturais e culturais com o avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no início do século XXI. Será analisado o período atual, pela disponibilidade de dados e pela importância de contribuir com o debate sobre a conjuntura em que vivemos. Foram selecionados os casos de Brasil e Estados Unidos por atenderem a critérios metodológicos comparativos, permitirem aprofundamento do comportamento descritivo dos dados e, principalmente, pela relevância dos mesmos para o objeto de estudo. Definimos conservadorismo como o conjunto de pressupostos que orientam os indivíduos à preferência de tudo que for tradicional e conhecido em detrimento da inovação ou transformações. Com efeito, o avanço conservador não estaria associado apenas à conjuntura de instabilidade, mas também a uma estrutura cultural congruente com os princípios conservadores. Deste modo, propõe-se que o avanço de manifestações conservadoras no século XXI ocorre mediante uma conjuntura econômica, política e social instável, devido a transformações e crises, e tem sua proporção determinada pelo seu nível de conformidade com a cultura política dos indivíduos. Para responder aos questionamentos que envolvem o problema, são construídos conceitos e ferramentas empíricas. Além disso, foram adotadas estratégias variadas: estatística descritiva longitudinal, avaliação do modelo por equações estruturais e análise de redes. Conforme os resultados, foi possível inferir os seguintes achados principais: 1) houve o aumento da percepção de uma conjuntura instável (ameaçadora) especialmente em relação a questões econômicas e de segurança; 2) crenças e valores conservadores estão declinando ao longo do tempo, mas seguem enraizados nas sociedades; 3) o comportamento e as atitudes conservadoras reduziram com o passar dos anos, contudo ainda são preponderantes em boa parte dos aspectos; 4) não foi possível confirmar o modelo de causalidade proposto; 5) a passagem do tempo e as crenças possuem de fato uma relação significativa com atitudes e comportamentos; 6) o avanço do conservadorismo parece ser um sistema no qual as variáveis se relacionam em rede e se retroalimentam; ou seja, não é um esquema linear causal.

PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo, Cultura Política, Conjuntura, Atitudes, Comportamentos, Brasil, Estados Unidos, Século XXI.

Duarte, Jéssica S. O avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no século XXI [tese]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2021.

ABSTRACT

The 21st century has been the scene of political, social and economic transformations and crises. At the same time to this process, there has been a new advance in conservative discourses, movements and actors in the political field. This recurrent pattern has been seen in the earlier moments of history, such as: the French Revolution, universal suffrage movements, adoption of welfare state policies and during the Cold War. Being part of the scientific effort to understand this phenomenon, our main goal to understand and explain the relationship of conjunctural and cultural factors with the advance of conservatism in Brazil and the United States at the beginning of the 21st century. We will consider the current period due to the availability of the data and also to the importance of discuss the political situation we are living. Brazil and the United States were selected to accomplish comparative methodological criteria and because of their relevance to the increase of conservative movement. We define conservatism as: the set of assumptions that leads individuals to prefer everything traditional, opposing to innovations and moral changes. Thus, we assume that the conservative advance would not only be associated with an unstable situation, but also with a congruent cultural structure. Therefore, we propose that the advance of conservatism in the 21st century occurs through a changing and unstable context, and has the proportion of the increase determined by the level of the conservative political culture of individuals. To answer those questions, we constructed concepts and empirical tools. Moreover, we used a several strategies, such as: longitudinal descriptive statistics, structural equations modeling and network analysis. According to the results, it was possible to infer the following main findings: 1) there was an increase in the perception of an unstable situation, especially with regard to economic and security issues; 2) conservative beliefs and values are declining over time, but remain settled; 3) conservative behavior and attitudes have reduced over time, but are still predominant in most aspects; 4) it was not possible to confirm the causal model; 5) wave and beliefs do have a significant relation with attitudes and behaviors; 6) the advance of conservatism seems to be a system where the variables are connected in a network.

KEYWORDS: Conservatism, Political Culture, Context, Attitudes, Behavior, Brazil, United States, 21st Century.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desenho de pesquisa	17
Figura 2: Representação gráfica da rede brasileira	161
Figura 3: Medidas de centralidade padronizadas para cada variável do Brasil	161
Figura 4: Representação gráfica da rede dos Estados Unidos	165
Figura 5: Medidas de centralidade padronizadas para cada variável dos Estados Unidos ...	166

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Sucessões conservadoras no Ocidente (2000 a 2019).....	35
Quadro 2: Resumo dos Eixos Focais do Conservadorismo	51
Quadro 3: Bibliografia Geral Sobre o Conservadorismo	53
Quadro 4: Pensamento conservador e autores	54
Quadro 5: Autores e Abordagem sobre socialização	61
Quadro 6: Síntese teórica sobre o conceito de crença	62
Quadro 7: Conceitos de valores e autores	64
Quadro 8: Abordagens dos estudos valores e autores	65
Quadro 9: Tipologias de valores	65
Quadro 10: Abordagens sobre a formação de valores	66
Quadro 11: Conceitos de atitude	68
Quadro 12: Abordagens sobre o conceito de atitudes	69
Quadro 13: Temas dos estudos de atitudes e autores	69
Quadro 14: Estágios do comportamentalismo	71
Quadro 15: Abordagens comportamentalistas	72
Quadro 16: Moldes dos estudos comportamentais	72
Quadro 17: Elementos operacionais e conceituais	78
Quadro 18: Os princípios conservadores neste estudo	80
Quadro 19: Elaboração Empírica/Teórica	83
Quadro 20: Resumo dos casos Brasil x Estados Unidos	89

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Percepção sobre a quantidade de corrupção no país por categorias profissionais (%)	97
Tabela 2: Percepção sobre ocorrência de crimes e irregularidades no bairro por tipo de evento (%)	100
Tabela 3: Vítima de crimes nos últimos 12 meses (%)	102
Tabela 4: Preocupação com guerras no seu país (%)	103
Tabela 5: Dificuldade em ter suas necessidades básicas atendidas (%)	105
Tabela 6: Comparação entre as crenças sobre papéis sociais de gênero por tema (%)	109
Tabela 7: Desejo de que no futuro haja maior respeito pelas autoridades (%)	120
Tabela 8: Qualidades desejadas nas crianças (%)	121
Tabela 9: Religiosidade (%)	126
Tabela 10: Atividade em instituição religiosa (%)	127
Tabela 11: Principal objetivo nacional (%)	130
Tabela 12: Desconfiança interpessoal por característica (%)	132
Tabela 13: Intolerância a vizinhos por característica (%)	134
Tabela 14: Conservadorismo moral por tema (%)	135
Tabela 15: A única religião aceitável é a minha (%)	137
Tabela 16: Como a sociedade deve lidar com possíveis mudanças (%)	141
Tabela 17: Análise fatorial – Conjuntura Brasil	145
Tabela 18: Análise fatorial – Conjuntura Estados Unidos	146
Tabela 19: Análise fatorial – Crenças Brasil	147
Tabela 20: Análise fatorial – Crenças Estados Unidos	148
Tabela 21: Análise fatorial – Valores Brasil	148
Tabela 22: Análise fatorial – Valores Estados Unidos	149
Tabela 23: Análise fatorial – Atitudes e Comportamentos Brasil	150
Tabela 24: Análise fatorial – Atitudes e Comportamentos Estados Unidos	152
Tabela 25: Indicadores de Ajuste da Modelagem por Equações Estruturais Brasil	158
Tabela 26: Indicadores de Ajuste da Modelagem por Equações Estruturais Estados Unidos	158
Tabela 27: Matriz de Pesos das Relações entre Variáveis do Brasil	160
Tabela 28: Matriz de Pesos das Relações entre Variáveis dos Estados Unidos	162

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	92
Gráfico 2: Desemprego (% da força de trabalho total).....	92
Gráfico 3: Índice de Gini (0 a 100)	92
Gráfico 4: Taxa de pobreza de US\$ 1,90 por dia (% da população)	92
Gráfico 5: Taxas de vítimas de homicídio doloso por 100.000 habitantes	93
Gráfico 6: Roubo: taxas do crime por 100.000 habitantes	93
Gráfico 7: Índice de Paz Global (posição no ranking)	95
Gráfico 8: Gasto público em saúde (per capita em US\$)	95
Gráfico 9: Insatisfação com o regime político do país (média)	96
Gráfico 10: Percepção sobre a quantidade de corrupção no país (média)	96
Gráfico 11: Percepção sobre o estado de saúde pessoal (média)	98
Gráfico 12: Sensação de insegurança no bairro (média)	99
Gráfico 13: Percepção sobre ocorrência de crimes e irregularidades no bairro (média).....	100
Gráfico 14: Preocupação com guerra ou guerra civil no seu país (média).....	102
Gráfico 15: Medo de ficar desempregado (média)	104
Gráfico 16: Nível de insatisfação com a situação financeira familiar (média)	104
Gráfico 17: Dificuldade em ter suas necessidades básicas atendidas (média)	106
Gráfico 18: Nível de concordância com a afirmação: “um dos maus efeitos da ciência é que ela acaba com as ideias das pessoas sobre o que é certo e errado” (média).....	108
Gráfico 19: Nível de concordância com a afirmação “trabalhar é um dever para com a sociedade” (média)	108
Gráfico 20: Crença na existência de papéis sociais definidos para homens e mulheres (média)	110
Gráfico 21: Nível de concordância com a afirmação “nunca se justifica roubar propriedade privada de outros” (média).....	111
Gráfico 22: Descrença na capacidade individual para liberdade de escolha e controle sobre sua própria vida (média)	112
Gráfico 23: Aprovação a um sistema político governado por leis religiosas, não há partidos ou eleições (%)	114
Gráfico 24: Importância da religião (média)	115

Gráfico 25: Importância de deus (média)	116
Gráfico 26: Nível de concordância com a afirmação “em conflitos entre a ciência e a religião, a religião deve prevalecer” (média)	117
Gráfico 27: Importância da tradição (média)	118
Gráfico 28: Importância da família (média)	119
Gráfico 29: Desejo de que no futuro haja maior respeito pelas autoridades (média)	119
Gráfico 30: Prefere segurança à liberdade (média)	122
Gráfico 31: Preferência à competitividade em comparação à igualdade de renda (média) ..	123
Gráfico 32: Preferência por pela iniciativa privada a empresas estatais (média)	124
Gráfico 33: Frequência da participação religiosa (média)	127
Gráfico 34: Orgulho sobre a nacionalidade (média)	129
Gráfico 35: Objetivo nacional em primeiro ou segundo lugar: manter a ordem	131
Gráfico 36: Desconfiança em pessoas de outras religiões e de outros países (média)	132
Gráfico 37: Percepção sobre o impacto da presença de imigrantes no país (média)	133
Gráfico 38: Conservadorismo moral (média)	136
Gráfico 39: Nível de concordância com a frase: “depende-se muito da ciência e não o suficiente da fé” (média)	138
Gráfico 40: Nível de concordância com a frase: “As pessoas têm dificuldade de decidir quais regras morais seguir” (média)	138
Gráfico 41: Ceticismo em relação à contribuição da ciência e da tecnologia (média)	139
Gráfico 42: Nível de conservadorismo em relação a possíveis mudanças (média)	142

SUMÁRIO

Introdução	14
1 O avanço de manifestações conservadoras no século XXI	24
2 A teoria para pensar o conservadorismo	39
3 A teoria para pensar o avanço do conservadorismo	56
4 O conservadorismo e sua expressão enquanto manifestação de traços culturais latentes	74
5 Análise Empírica	83
5.1 O conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos	86
6 Resultados	91
6.1 Dados descritivos	91
6.1.1 Conjuntura	91
6.1.2 Crenças	107
6.1.3 Valores.....	114
6.1.4 Atitudes e comportamentos	125
6.2 Instrumentos de mensuração	143
6.2.1 Análise Fatorial.....	144
6.2.2 Conservadorismo no Século XXI: Modelagem Estatística e Análise de redes	154
a) Modelagem por equações estruturais	155
b) Análise de redes	159
Capítulo 7: Avaliação dos resultados à luz da discussão sobre conservadorismo	165
Conclusão	171
Referências bibliográficas	181
Anexos	190

INTRODUÇÃO

Periodicamente, movimentos conservadores ganham destaque dentro das dinâmicas política, econômica e social ao redor do mundo ocidental, e, com isso, a discussão sobre o seu avanço se impõe às mais diversas agendas de pesquisa dentro das ciências humanas. Esse fenômeno geralmente vem associado a conjunturas de transições e transformações na estrutura das sociedades (HIRSCHMAN, 1992). A constatação desse panorama faz com que seja importante para as Ciências Sociais, dentre elas a Ciência Política, compreender a gênese, as peculiaridades e o papel desse fenômeno político.

Dentro da temática que busca descrever e compreender o conservadorismo e seu ideário, esta tese tem por objetivo contribuir para a análise do avanço de manifestações conservadoras nos cenários políticos de Brasil e Estados Unidos no início do século XXI, dentro do campo da cultura política. Para tanto, pretende-se mapear os componentes do fenômeno a partir da revisão bibliográfica e das inferências que resultarão da análise de dados com o propósito de identificar o que fundamenta o aumento do seu papel e expressividade nos âmbitos político e social.

Para que esta discussão possa ser realizada e traga avanços teóricos ou aplicados, é condição inicial que se tenha clareza do que se define por conservadorismo. Existem esforços teóricos na direção de retratar o pensamento conservador ou os principais componentes simbólicos e estruturais presentes nos argumentos dos autores de maior referência no conservadorismo (HUNTINGTON, 1957; HIRSCHMAN, 1992; KIRK, 1953). Contudo, ainda não é uma discussão robusta teoricamente e carece, acima de tudo, de um potencial aplicado à realidade, isto é, de capacidade empírica.

Conforme veremos na revisão teórica, a bibliografia disponível sobre o tema é composta, fundamentalmente, pelos próprios autores conservadores e por autores que buscam descrever e classificar o ideário conservador de forma mais abstrata e normativa do que analítica. Portanto, o desenvolvimento de um estudo acerca das dimensões que o compõem contribuirá para investigações futuras mais complexas, aprofundadas, atemporais e de maior potencial comparativo. Esperamos que o produto final da tese sejam novas ferramentas para analisar o fenômeno de forma aplicada, mas também transcendendo conjunturas específicas ou particulares de cada momento histórico e político.

Dada a necessidade de se obter intersubjetividade para acompanhar a discussão e os pontos que serão apresentados a seguir, cabe enunciar o conceito de conservadorismo

desenvolvido neste estudo, seguido por pontos básicos presentes nesse pensamento. Conservadorismo é um conjunto de pressupostos que orientam os indivíduos à preferência de tudo que for tradicional e conhecido, em detrimento da inovação ou transformações. As dimensões selecionadas para serem apresentadas nesta contextualização inicial referem-se à formulação de Huntington (1957), fundamentalmente, porque esse autor busca elencar de maneira sintética alguns dos possíveis princípios do conservadorismo e possui uma abordagem – nesse aspecto – semelhante à que está sendo proposta nesta tese.

O primeiro ponto destacado é o preceito da religiosidade como algo natural e inerente aos seres humanos. Em consonância com esse pressuposto, os argumentos conservadores se baseiam na crença de que a humanidade por si só não é capaz de desenvolver modelos e normas racionais e universais, uma vez que o homem não pauta suas ideias e ações puramente pela lógica, mas também é dirigido por instintos, emoções e preconceitos. Outrossim, a sociedade é compreendida por um ponto de vista organicista: trata-se de um compósito natural cujos movimentos ocorrem de maneira lenta e orgânica e, neste sentido, cada instituição deve ser perpetuada e respeitada na medida em que carrega a sabedoria acumulada pelas gerações anteriores.

Com efeito, as noções de direitos e obrigações, bem como a compreensão de desigualdade dentro do pensamento conservador, seguem uma determinada concepção de natureza humana e de senso de comunidade que diz respeito à ideia de que os indivíduos são natural e inevitavelmente desiguais e plurais. Disso, deriva a crença de que a desigualdade deve ser mantida de forma equilibrada a partir de uma ordem hierárquica bem definida e consolidada. Dentro dessa perspectiva, os direitos devem ser derivados e limitados pelo senso de comunidade na busca da manutenção do organismo político, econômico e social. Por fim, em consequência dos fatores já citados, a conclusão conservadora leva ao ceticismo em relação a políticas e movimentos que proponham melhorias através de mudanças: é preferível qualquer modelo já conhecido a algo “novo” (HUNTINGTON, 1957).

A partir da compreensão genérica do que se quer dizer por conservadorismo, o principal questionamento acerca desse tema envolve descobrir o que o explica. À vista disso, é uma tarefa importante avaliar se existe um contexto propício, seja de que natureza for, para o fortalecimento do movimento conservador ou se é algo puramente ocasional. Inserida nesse debate, a pergunta de pesquisa aqui proposta é a seguinte: Como fatores conjunturais e culturais

se relacionam com o **avanço** do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no início do século XXI?

Com isso, o argumento que se pretende verificar é a de que o avanço de manifestações conservadoras no século XXI ocorre mediante uma conjuntura econômica, política e social instável, devido a transformações e crises, e tem sua proporção determinada pelo seu nível de conformidade com a cultura política latente (crenças e valores) dos indivíduos.

Devido à disponibilidade de dados e, principalmente, à importância política de líderes e movimentos políticos conservadores recém estabelecidos, os casos selecionados para a análise são Brasil e Estados Unidos. A expectativa é de que o estudo ofereça bases teóricas e empíricas que possam ser aplicadas especialmente para os casos estudados, mas que também possam oferecer ferramentas para pensar o contexto ocidental como um todo.

De forma reduzida, a escolha desses casos atende aos seguintes critérios: o nível de impacto do avanço conservador dentro do contexto ocidental e a necessidade de incorporação no estudo de casos que possuam estruturas políticas e culturais diferentes.

O objetivo geral da tese é compreender e explicar a relação de fatores conjunturais e culturais com o avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no início do século XXI. Para tanto, faz-se necessário o cumprimento dos seguintes objetivos específicos:

- 1) Descrever e caracterizar as manifestações conservadoras no século XXI.
- 2) Contribuir teoricamente com a compreensão e sistematização do ideário conservador;
- 3) Caracterizar e conceituar o que se entende por cultura política conservadora; definindo as principais dimensões, em termos de crenças e valores;
- 4) Definir, a partir do avanço teórico, um conceito amplo e operacional de conservadorismo.
- 5) Contribuir teoricamente com a revisão bibliográfica, diferenciação e sistematização dos conceitos tradicionais da cultura política; crenças, valores, atitudes e comportamento.
- 6) Determinar e diferenciar as dimensões analíticas e empíricas: estrutura e conjuntura; latente e manifesto;
- 7) Operacionalizar todas as construções teóricas do estudo.
- 8) Caracterizar e comparar o conservadorismo nos casos selecionados; identificar o fenômeno do avanço conservador nos mesmos.

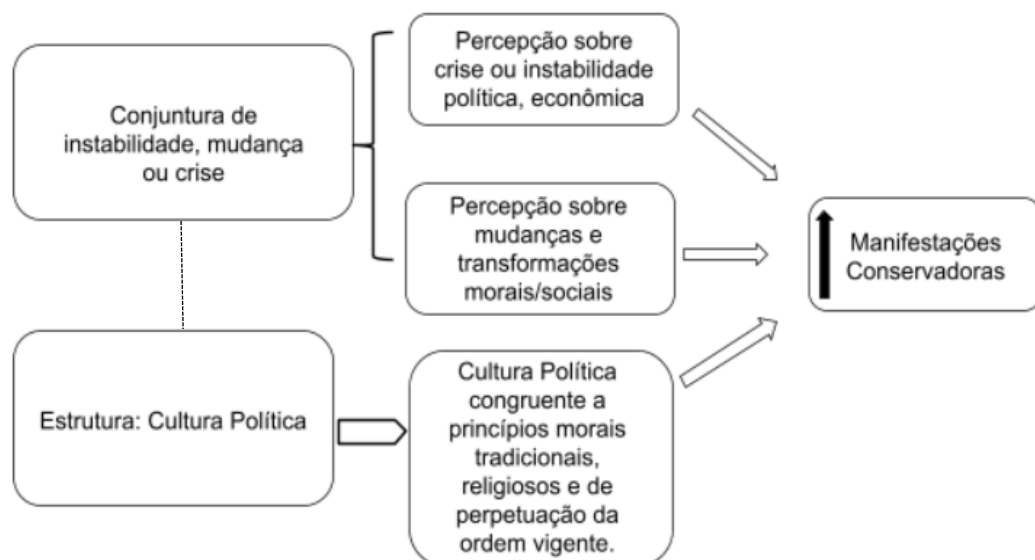
9) Analisar as características conservadoras nos países selecionados a partir de estatística descritiva – considerando fatores como religiosidade, ceticismo em relação à ciência, a mudanças e a transformações, intolerância com o não tradicional, sentido de comunidade, preferências em termos de hierarquia e ordem, percepções sobre a desigualdade. Serão utilizadas bases de dados de pesquisa de cultura política tipo survey.

10) Verificar se há: a) relação entre as formas de manifestação conservadora e as variáveis de cultura política latente – crenças e valores tradicionais sobre os processos políticos e sociais; b) relação entre as formas de manifestação conservadora e as variáveis conjunturais – percepção sobre instabilidade, insegurança, conflitos e crises.

11) Desenvolver, a partir das evidências dos dados e testes, a comparação entre os casos e a avaliação da validade das construções teóricas previamente desenvolvidas.

Dessa maneira, o desenho da pesquisa se direciona a avaliar se existem conjunturas políticas, econômicas, sociais e estruturas culturais específicas mais propícias ao fortalecimento do conservadorismo. Cabe ressaltar que o modelo é aplicado para Brasil e Estados Unidos, mas pode ser replicado. A ideia geral está ilustrada no esquema a seguir:

Figura 1: Desenho de pesquisa:



Fonte: elaboração própria.

Cabe agora detalhar de que maneira o estudo será operacionalizado. Com vistas a responder ao problema de pesquisa e cumprir o objetivo principal da tese, foram utilizadas duas

estratégias diferentes, porém complementares. Iniciando por uma revisão crítica da bibliografia para definição e operacionalização do conceito de conservadorismo. Posteriormente, em relação aos dados, foi adotada uma abordagem metodológica quantitativa na sistematização dos dados e na execução dos testes estatísticos.

No aspecto conjuntural será considerada a percepção sobre instabilidade, situação política, insegurança, conflitos e condições de vida. Pela dimensão cultural latente serão identificados crenças e valores que sejam congruentes com o pensamento conservador. O conservadorismo manifesto será mensurado por atitudes e comportamentos.

Primeiramente, propomos uma análise longitudinal descritiva dos dados, mapeando os padrões e o desenvolvimento ao longo do tempo de cada uma das variáveis que compõem as dimensões do estudo (conjuntura, crenças, valores, atitudes e comportamento). A seguir, será apresentada a análise fatorial a fim de conferir robustez e coesão às dimensões analíticas construídas, bem como reduzi-las em conjuntos de variáveis suficientemente significativas estatisticamente.

Em seguida, será efetuada a modelagem por equações estruturais a fim de mensurar a capacidade explicativa do modelo proposto sobre o fenômeno em si a partir da realidade dos dados. Ao total serão rodados sete modelos: três para Brasil e quatro para Estados Unidos. Todos os modelos foram construídos com o objetivo de combinar, ou equilibrar, dois pressupostos fundamentais: 1) reproduzir da forma mais fiel possível o modelo teórico; 2) aproximar-se dos resultados obtidos com a análise fatorial.

Por fim, efetuamos a análise de redes na qual serão avaliados os comportamentos e as relações entre as variáveis do modelo a partir de um sistema interconectado. Isto é, mensurando as correlações entre todas as dimensões do estudo e considerando, concomitantemente, a interferência das demais. Deste modo, será possível analisar e comparar os resultados em duas diferentes abordagens: 1) a verificação da plausibilidade do desenho teórico da pesquisa perante a realidade dos dados; 2) a compreensão de como as variáveis se interconectam de forma mais ampla, sem o estabelecimento de direção ou o isolamento de variáveis específicas.

Doravante, é preciso apresentar alguns pontos importantes sobre as dimensões de estrutura e conjuntura, conforme apresentadas anteriormente e operacionalizadas nesta pesquisa; discussão que será aprofundada no quarto capítulo dessa tese.

Iniciando pela determinação da cultura política enquanto estrutura, precisa-se salientar que isso não implica um entendimento de que haja componentes absolutamente intrínsecos e

imutáveis na mesma. O caráter estrutural proposto aqui diz respeito ao fato de que o conjunto de crenças, valores, atitudes e comportamentos dos indivíduos em relação à política está relativamente sedimentado na sociedade, bem como enraizado na visão de mundo compartilhada pela maioria das pessoas. Em comparação a aspectos de ordem conjuntural, como crises econômicas e políticas, a cultura política é mais estável e duradoura.

Ao abordar a relação entre as duas dimensões, é preciso notar que ambas não são totalmente estanques na dinâmica das sociedades. Pelo contrário, estrutura e conjuntura interagem nos contextos políticos e sociais. Contudo, dentro do modelo proposto, que tem por objetivo conhecer de que forma e em que medida os mesmos contribuem para o avanço do conservadorismo, essa inter-relação residirá na ideia de que as sensações desencadeadas pela percepção de mudanças conjunturais (tais como: medo, insegurança, ameaça) associadas a crenças e a valores específicos acionam atitudes e comportamentos dos indivíduos. Deste modo, esse processo resultaria em uma ascensão conservadora proporcional à intensidade de adesão a esses princípios.

De forma análoga e como implicação dos pontos anteriores, a discussão teórico-analítica sobre a relação entre comportamentos, atitudes, valores e crenças precisa ser iniciada aqui e aprofundada durante a tese. As atitudes são o conjunto de predisposições para adotar avaliações e respostas positivas ou negativas acerca de um objeto, enquanto o comportamento são as ações em si, observáveis e realizadas em contextos específicos. Ambos são orientados por crenças e valores. Destarte, a congruência entre esses aspectos consiste em um ponto chave para a compreensão da ação política e da concepção dos cidadãos sobre os processos políticos, econômicos e sociais.

Em sequência da definição do desenho de pesquisa da tese, apresentamos o debate e o contexto no qual este estudo se insere. Para iniciar esta análise, é conveniente trazer uma das principais contribuições de Hirschman (1992) na identificação de três processos que marcaram a história através de transformações políticas, econômicas e sociais e que tiveram o conservadorismo como um ator reativo importante. O primeiro foi o movimento que se opôs às demandas crescentes por direitos civis, políticos e sociais e à Revolução Francesa, identificando-as como maior ameaça à suposta ordem natural dentro deste cenário. Esse movimento deu espaço aos mais diversos argumentos conservadores. Dentre eles: o temor às consequências de possíveis rupturas, a negação da oposição à religiosidade que o iluminismo propunha, os prejuízos não mensuráveis que as mudanças em questão poderiam trazer e o

desgaste desnecessário que geraria – uma vez que o que vinha sendo proposto já estaria em curso de maneira ordenada e gradual (TOCQUEVILLE, 1982; BURKE, 1982).

A segunda manifestação do conservadorismo decorreu das mudanças políticas em direção ao sufrágio universal. Nesse caso, devido ao caráter menos radical e imediato das medidas e dos avanços em direção à mudança, a contrapartida conservadora também foi menos combativa e contundente. Manifestando-se, fundamentalmente, a partir de correntes da filosofia, psicologia e política que visavam evidenciar o caráter perverso de delegar às massas o papel de participar das grandes decisões políticas – sob o argumento de que as mesmas são desprovidas de atributos racionais e psicológicos e afeitas a adotar medidas extremas.

A esse respeito, foi argumentado também que regimes de massas potencializam as chances de eclosão de Guerras Civis, a partir do aumento da força e poder dos conflitos resultantes das concepções divergentes existentes entre os diferentes grupos de cidadãos (LE BON, 2005). Outra fórmula conservadora para negar as mudanças propostas pelo sufrágio universal foi encontrada em Mosca (1858-1941) e Pareto (1848-1923) que se valeram da ideia de que a divisão entre governantes e governados ou elite e não-elite é intransponível, a despeito de qualquer transformação na superfície da estrutura política e social, a qual, por sua vez, pode gerar efeitos colaterais desconhecidos.

A terceira reação conservadora apontada por Hirschman (1992) diz respeito às transformações sociais e econômicas propostas pelas políticas de bem-estar social (*Welfare State*). Nesse momento, o conservadorismo visou expor possíveis fragilidades e consequências negativas do processo sobre o equilíbrio natural do campo econômico – uma vez que propunha uma distribuição não espontânea da renda – e liberdade individual no campo político; visto que, segundo o pensamento conservador, a ampliação do Estado exigida por esse tipo de ação política prejudicaria a liberdade (HAYEK, 1960).

A partir dessas reflexões, as políticas de bem-estar social foram definidas como populistas. Nesse contexto, o conservadorismo defendeu como solução uma análise acurada para o recuo de alguns aspectos e reforma de outros. Dentro da ideia do possível caráter populista do *Welfare State*, o argumento conservador denunciava que os mecanismos propostos por essa nova forma de distribuição de renda facilitariam o desvio de seu objetivo. Deste modo, o projeto seria apenas um instrumento de manipulação política dos recursos por meio de fraudes, que nem sempre atenderia ao público-alvo – os pobres.

É possível identificar, na segunda metade do século XX, movimentos conservadores em reação a modelos alternativos políticos, econômicos e morais que emergiam. Na década de 1950, a ascensão do movimento comunista, pelo aspecto político, e do socialismo na economia, personificados pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, criou um alvo a ser combatido pelo pensamento conservador em prol da defesa dos valores tradicionais capitalistas e liberais (VIDAL, 2013). Nesse caso, mais uma vez é intuitivo perceber, na argumentação mobilizada contra a suposta ameaça comunista, alguns dos pressupostos fundamentais do pensamento conservador que serão apresentados nesta tese, tais como: a defesa da religião e, fundamentalmente, dos valores cristãos, da liberdade, da hierarquia, da prudência e dos padrões locais/nacionais (VIDAL, 2013).

Outrossim, na década de 1960, o conflito no qual o pensamento conservador se inseriu girou em torno das transformações propostas à época em termos do comportamento e da moral dos indivíduos, destacando temas como aborto, homossexualidade e imigração. De modo geral, os conservadores interpretaram esses movimentos como uma ameaça à comunidade, à integração social e a valores básicos, como a crença em Deus e a valorização da família (VIDAL, 2013). Nesse quadro, é possível ver de forma clara a presença de ideias essenciais do conservadorismo, tais como a responsabilidade individual em relação ao bem-estar coletivo, a manutenção da ordem como prioridade e a ênfase nas tradições – seja no que diz respeito às instituições, às normas morais ou às crenças cristãs.

Seguindo a linha do tempo, observa-se que o século XXI também tem sido marcado por esse fenômeno (BURITY, 2020). Neste contexto, temos crises de representação, crises econômicas, crises sanitárias e crises de direitos humanos que têm causado importantes impactos políticos, econômicos e sociais. Nessa conjuntura, destacamos fatos como: a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, sob o lema de “fazer a América grande novamente”; a eleição de Jair Bolsonaro, no Brasil, a partir de um discurso nacionalista, religioso e nostálgico.

Além desses exemplos, movimentos que buscam limitar o que chamam de intervenção e doutrinação do Estado sobre temas que consideram inadequados à educação moral praticada pelas famílias. Tais reivindicações ganharam espaço no Brasil, Peru, Equador, Chile, Argentina, Paraguai e Alemanha. Outrossim, no continente europeu, ocorreram fatos políticos associados ao conteúdo conservador como o *Brexit* e o crescimento de partidos nacionalistas e conservadores com forte impacto político na crise migratória; sendo outro fato marcante a vitória expressiva da francesa Marine Le Pen pela Frente Nacional no Parlamento Europeu.

De um modo geral, com base nos pressupostos teóricos estudados e nos padrões observados na realidade a partir da contextualização, a lógica condutora dessa pesquisa é a de que transformações políticas, sociais ou econômicas podem levar à percepção de instabilidade, incerteza, medo e insegurança e essa sensação tende a gerar o aumento da manifestação do conservadorismo na mesma medida de sua presença na cultura política latente (crenças e valores) dos indivíduos.

Esta pesquisa busca avançar na resolução tanto de lacunas teóricas, quanto empíricas. Com isso, adotamos um método de construção de conhecimento que divide a tese em duas partes principais — teórica e empírica. Iniciando por um bloco de discussão da teoria, sistematização do conhecimento e desenvolvimento de conceitos. Seguido de outro segmento mais voltado à análise descritiva e multivariada dos dados, partindo de um recorte mais amplo, que permite uma avaliação macro das dimensões do estudo, até resultados mais específicos e voltados para a avaliação das relações entre as variáveis mais estatisticamente significativas.

A primeira parte consiste nos quatro primeiros capítulos da tese. Iniciando pela contextualização que descreve e valida a suposição de que há um avanço do conservadorismo no século XXI. Posto isto, para entender o avanço do conservadorismo neste século, é necessário conhecer e organizar a bibliografia disponível sobre o pensamento conservador. A partir desse esforço, é possível atender à condição inicial de desenvolver um conceito teórico objetivo de conservadorismo. Da mesma forma, o conjunto de dimensões tradicionais da cultura política, que são partes fundamentais do modelo explicativo — crenças, valores, atitudes e comportamentos, também suscitam aprofundamento e sistematização teórica. Além disso, para dar coesão ao estudo, apresentamos a discussão sobre os conceitos de conjuntura, estrutura, latente e manifesto; unindo as construções teóricas em um mesmo processo e permitindo a ponte para a instrumentalização empírica,

Igualmente importante, na segunda parte da tese, os três últimos capítulos (5, 6 e 7) tratam da análise empírica. A conexão entre a teoria e a aplicação se dá pela discussão do desenho da pesquisa e pela instrumentalização dos conceitos em variáveis. Dado que a pesquisa tem a intenção de contribuir para a profusão e o aprofundamento de estudos sobre conservadorismo, consideramos importante apresentar os dados de estatística descritiva de todas as variáveis associadas ao conservadorismo resultantes da decupagem do questionário do *World Values Survey*. A fim de cumprir o objetivo geral, as análises multivariadas complementam o estudo possibilitando que finalmente sejam feitas inferências estatísticas

acerca das relações entre conjuntura, valores, crenças e o conservadorismo manifesto (atitudes e comportamentos).

É conveniente antecipar que durante esse processo foram identificados um conjunto de desafios operacionais que se impõem à tarefa de compreender, definir e explicar o avanço do conservadorismo. Tais dificuldades envolvem, principalmente, a definição de conceitos densos e pouco delimitados ou debatidos, a mensuração das dimensões e a busca por fontes de dados que contemplem de fato o assunto. Nesses dois últimos aspectos, são pontos principais a escassez de dados com enfoque no tema, qualidade de aferição das informações e capacidade de generalizações ou análises longitudinais. Outrossim, a discussão final dos resultados possibilitou o diálogo fundamental entre a teoria e a realidade observada.

Sob uma perspectiva mais geral, a divisão da tese em duas partes segmenta a explicação do fenômeno; diferenciando as abordagens, sem que as mesmas deixem de ser complementares, uma vez que ambas só têm total sentido juntas. Dito de outro modo, o fio condutor da pesquisa possui uma estrutura lógica que parte da análise explicativa teórica do fenômeno seguida de ferramentas e inferências que possibilitam sua aplicação à realidade.

Mais especificamente, após a introdução, a tese seguirá uma estrutura dividida em sete capítulos seguido da conclusão. No primeiro capítulo é apresentada a contextualização sobre o avanço do conservadorismo no século XXI no Ocidente. No segundo capítulo é desenvolvida a discussão teórica sobre o conservadorismo. Em seguida, são abordados os elementos teóricos relacionadas à cultura política. Na quarta parte são elaboradas, finalmente, a teoria e as ferramentas que fundamentam a pesquisa. No capítulo seguinte, encontra-se o detalhamento dos aspectos empíricos e metodológicos da tese. No capítulo seis, são analisados os resultados do estudo, abrangendo: estatística descritiva, modelagem por equações estruturais e análise de redes. Por fim, temos a discussão dos resultados e, posteriormente, a conclusão.

1. O AVANÇO DE MANIFESTAÇÕES CONSERVADORAS NO SÉCULO XXI

Dentre as principais conturbações na estabilidade neste século, podemos citar as crises políticas de representação e rearranjo internacional mundial com a chamada “Primavera Árabe”, as crises econômicas que atingiram países por toda América e Europa, a crise sanitária da Covid-19 e desafios imensos aos direitos humanos. Como consequências destes e outros fatos como guerras civis, lutas por direitos de minorias e a crise migratória.

Iniciamos a discussão dos eventos políticos e sociais que demonstram indícios do surgimento de novos movimentos conservadores pelos dois casos selecionados neste estudo: Estados Unidos e Brasil. No contexto norte-americano, o acontecimento mais importante a ressaltar é a eleição de Donald Trump em 2016, com sua frase de impacto muito bem-sucedida: “fazer a América grande novamente”; isto é, instrumentalizando claramente uma concepção de que é preciso reformar o país em direção a padrões políticos, econômicos e morais passados ou tradicionais. Doravante, desfazendo mudanças ocorridas nos últimos tempos – sob um pano de fundo de motivação eminentemente nacionalista. A candidatura e vitória de Trump foi expressão de alguns dos principais elementos presentes no pensamento conservador: a ideia de que o que há de melhor e mais natural na sociedade está enraizado no passado, o nacionalismo enquanto figura argumentativa, a defesa da redução ou reparação da ampliação de direitos civis, políticos e sociais a determinados grupos da sociedade.

Apesar de a eleição de Donald Trump ter sido o evento de maior relevância no avanço do conservadorismo norte-americano, é importante destacar outros fatos que contribuíram para o fenômeno. Entre 2007 e 2008, o país foi palco de uma das maiores crises econômicas do mundo em decorrência da bolha imobiliária e do endividamento da população. Com efeito, em 2008 Barack Obama, do Partido Democrata, mais alinhado ao progressismo, foi eleito presidente dos Estados Unidos, substituindo o republicano George Bush. Contudo, na eleição seguinte, em 2010, os conservadores republicanos tiveram os melhores resultados desde 1993, tendo vitórias significativas em todo o país para o Congresso, governos e legislaturas estaduais (SKOCPOL; WILLIAMSON, 2016).

Em 2012, em um novo revés, Barack Obama foi reeleito presidente dos Estados Unidos e seguiu dando continuidade a políticas que claramente desagradam ao espectro conservador,

tais como: medidas para redução da desigualdade racial e social, reconhecimento do casamento homoafetivo, expansão da assistência pública de saúde, entre outros. Com efeito, existe ainda a ponderação de que Obama seguiu em grande medida a receita conservadora de não provocar grandes mudanças e sim propor pequenas reformas graduais. Além disso, o ex-presidente não deixou de se manter em alinhamento a temas clássicos do conservadorismo norte-americanos, tais como a segurança nacional, proteção da propriedade privada e incentivo à competição em detrimento de políticas de redistribuição de renda (SWERDLICK, 2019).

Em complementaridade, em 2014 os resultados eleitorais voltam a ser muito positivos para os republicanos, que passam a ser maioria em ambas as casas do Congresso, deixando o presidente democrata isolado politicamente. Além disso, o grupo conservador reverte cargos de governador que estavam em mãos democratas e obtém vitória em redutos tradicionalmente progressistas como Maryland, Massachusetts e Illinois (BASSETS, 2014). Dois anos depois, em 2016, Donald Trump foi eleito presidente da República dos Estados Unidos e o Partido Republicano passou a dominar o Congresso e, também, a Casa Branca.

Durante todo seu mandato, entre altos e baixos, Trump e sua equipe buscaram manter sua imagem de protetor da liberdade econômica e herói da classe média ameaçada pelos estrangeiros (BLEIKER, 2020). Além disso, outra característica da marca pessoal de Trump, comum a Bolsonaro, é a ideia de um líder forte e autêntico. Nesse sentido, Melania Trump enfatizou em entrevista sobre o marido que “*Goste ou não, você sempre sabe o que ele pensa*” (BLEIKER, 2020). Com esse argumento, está implícita a ideia de previsibilidade, apreciada pelos conservadores.

No entanto, a predominância de Trump e do Partido Republicano, mesmo tendo sido resultado de um movimento conservador ascendente e robusto, não se manteve nas eleições presidenciais americanas de 2020. O democrata Joe Biden foi eleito conquistando estados chave como: Pensilvânia, Georgia, Wisconsin e Arizona. É possível conjecturar algumas possíveis explicações para esse fato, entre elas: o impacto da pandemia da Covid-19 e os sucessivos escândalos políticos envolvendo o ex-presidente e consequentes pedidos de impeachment.

Contudo, para afirmar mais categoricamente as causas da derrota do “trumpismo”, teríamos que abandonar a proposta central da tese e partir para um estudo focado especificamente na análise das eleições americanas de 2020. Apesar das possíveis limitações para explicar a não reeleição de Donald Trump, é importante para esse estudo

explorar o seguinte questionamento: o resultado das eleições de 2020 nos Estados Unidos põe fim ou mesmo nega a existência de um avanço conservador no país?

A figura de Trump enquanto presidente perdeu as eleições, isso é fato, porém a base ideológica e republicana conservadora se mantém consolidada (ZURCHER, 2021). Com efeito, o Sul, região rural do país, permaneceu comprometido não só com o Partido Republicano, mas também com a candidatura de Donald Trump e todo o ideário conservador que ele representa. Enquanto figura política, o ex-presidente parece manter relevância e ressonância (YOUNG, 2021). Mesmo depois de derrotado e silenciado nas redes sociais, Donald Trump seguiu organizando e impulsionando movimentos políticos entre os americanos, tal como a invasão do Capitólio no dia 6 de janeiro de 2021. Deste modo, o bloco conservador que ganhou força com o “trumpismo” não parece ter sido silenciado.

Todavia, fatores como a predominância histórica do Partido Republicano nos estados do Sul e o apaziguamento dos movimentos sociais que questionaram o processo democrático podem sugerir uma interpretação mais cética acerca do legado de Trump e do avanço conservador após as eleições presidenciais americanas de 2020. Um caminho viável para investigar e lidar com essas ponderações é olhar para os mecanismos de mobilização política e construção de discursos dentro do movimento e do partido em si. Neste sentido, podemos destacar a atuação do Capitol Ministries, grupo cristão conservador norte-americano criado para evangelizar lideranças políticas; conforme o site da organização, seu lema é: “*Making disciples of Jesus Christ in the political arena throughout the world*”. O grupo vem se consolidando desde 2000 e, durante o governo Trump, ganhou espaço dentro da Casa Branca a partir de um discipulado de estudos bíblicos. Nesses encontros semanais, se reuniam diversos políticos republicanos e lideranças religiosas conservadoras, entre elas o fundador Ralph Drollinger.

A articulação entre o Capitol Ministries e o executivo não se construiu apenas a partir da influência do ex-presidente, mas preponderantemente a partir da ação de políticos que ainda possuem grande legitimidade e poder no partido e na política americana, tais como: Mike Pence, Mike Pompeo e Michele Bachmann. A principal função da organização é oferecer argumentos baseados na bíblia para justificar ações políticas; como por exemplo: a adoção de medidas de restrição à entrada de imigrantes no país (DIP; VIANA, 2019).

Atividades como essa fortalecem o avanço conservador e consolidam seu espaço na arena política norte-americana. Além de sua atuação no país de origem, o *Capitol Ministries* já possui atuação na América Latina; no Brasil as operações iniciaram durante o governo Temer.

Seguindo a análise do avanço conservador, no Brasil é possível destacar o aumento da força de figuras como Jair Bolsonaro e sua consequente eleição à presidência da república em 2018. O atual presidente brasileiro instrumentaliza uma argumentação em torno do nacionalismo e do saudosismo à ordem passada, negando as transformações políticas e, principalmente, econômicas e sociais ocorridas no país durante o período democrático mais recente. Pelo lado moral do conservadorismo, incorpora o discurso acerca de discussões sobre sexualidade e gênero, fundamentando-se em pressupostos religiosos (BURITY, 2020).

Outra possível expressão do avanço do movimento conservador no país é o crescimento da bancada religiosa no Legislativo – há hoje 199 deputados (180 em exercício) e quatro senadores que fazem parte da Frente Parlamentar Evangélica. Nessa bancada, os políticos atuam, fundamentalmente, a partir de pressupostos cristãos, em sua maioria evangélicos. Além disso, houve o aumento do número de fiéis religiosos no país. Conforme dados do IBGE (2010), o acréscimo foi de 61% em relação à década passada (2000-2010).

Como reflexo disso, a partir de atuação intensa desses políticos, já foram propostas ou impedidas reformas e alterações de políticas públicas em diversos campos: educação, saúde, assistência social, segurança e outros. Entre os temas mais recorrentes estão: o conteúdo ensinado nas escolas, os formatos de políticas assistenciais, a oferta ou regulamentação de serviços públicos “polêmicos” (como o aborto) e temas relevantes como a redução da maioridade penal, a adoção do voto impresso, legalização de drogas ou liberação do uso de armas.

Ainda avaliando o resultado das eleições brasileiras de 2018, o avanço conservador no país não só elegeu Jair Bolsonaro como presidente da República, mas também garantiu vitórias significativas de muitos de seus aliados conservadores. O partido que elegeu Bolsonaro, Partido Social Liberal (PSL), que tinha muito pouca expressividade, passa a contar a partir de 2019 com 52 assentos na Câmara de Deputados, sendo a segunda maior bancada. Nesse mesmo sentido, também como expressão desse crescimento: os dois candidatos que receberam maior número de votos no país são desse mesmo partido, um deles filho do presidente eleito, Eduardo Bolsonaro. O segundo mais votado não é do PSL, mas é um comunicador ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, Celso Russomano, do Partido Republicano Brasileiro (PRB). O terceiro parlamentar mais votado foi Kim Kataguiri, do Democratas (DEM), um dos líderes do Movimento Brasil Livre (MBL), que mobilizou manifestações de rua em prol do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). Outrossim, candidatos a

senadores e governadores apoiados por Jair Bolsonaro tiveram votações expressivas por todo o país e derrotaram nomes e siglas tradicionais da política brasileira, como Eduardo Suplicy, do PT do estado de São Paulo.

A composição da atual legislatura da Câmara dos Deputados (2019-2022) também permite a verificação de aspectos conservadores. É possível destacar que a bancada apelidada de “do boi, da bala e da bíblia” – por incluir respectivamente ex-profissionais da área de segurança, representantes do agronegócio e líderes religiosos – quase dobrou. Enquanto isso, foi reduzido o número de professores eleitos de 75 para 46. Além disso, a quantidade de líderes evangélicos na casa legislativa passou de 11 para 19, o número de militares, policiais e delegados subiu de 19 para 28.

Com efeito, o conteúdo conservador desses mandatos reside nas principais bandeiras dos parlamentares (conforme suas plataformas de campanha política online e na televisão): 1) pelo lado da demanda por segurança pública, aparecem: a) a redução da maioria penal como uma solução essencialmente punitivista; b) o esvaziamento do estatuto do desarmamento como uma forma simples e planejada de estabelecer a ordem; 2) a diminuição da quantidade de terras indígenas demarcadas em prol da propriedade privada e da suposta produtividade do país; e 3) o projeto Escola Sem Partido como uma negação da inclusão nas escolas de temas que firam o que é compreendido como a ordem natural social e familiar – concepção geralmente associada a crenças religiosas.

Como exemplo marcante da atuação de parlamentares e grupos sociais conservadores, o último ponto supracitado se trata de uma reação à proposta de incluir educação sexual e discussão sobre questões de gênero na escola. Esses movimentos buscam limitar o que chamam de intervenção e doutrinação do estado na educação. Conforme seus argumentos, estaria sendo proposta a inclusão didática de temas inadequados à formação moral praticada pelas famílias. Como resultado, em 2011 foi barrado no país a distribuição do material pedagógico “escola sem homofobia”; apelidado de “kit gay” por esse grupo. Com efeito, este fenômeno não se limitou ao ambiente político e social brasileiro, possuindo replicações em outros países.

Em países da América Latina, a agenda ganhou o slogan “*Con mis hijos no te metas*”, tendo origem no Peru, quando foi barrado um novo currículo nacional para educação básica. O mesmo movimento está presente no Equador, Chile, Argentina e Paraguai. Todos apresentam a mesma identidade visual em azul e rosa para demarcar que “homens são homens e mulheres são mulheres” (SCHREIBER, 2018). Foi criada, também, uma versão alemã do Escola Sem

Partido, pelo partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD), que encoraja alunos a denunciar em um portal (o *Neutral Schools*) professores que expressem opiniões políticas e promovam discussões sobre o tema. A justificativa é fortalecer o discurso democrático e livre ao impedir os professores de serem imparciais e de determinar a forma como os alunos devem agir (ESTADÃO, 2018).

Seguindo no continente europeu, fenômenos como o *Brexit*, o crescimento de partidos nacionalistas e conservadores e a crise migratória remontam novamente aspectos conservadores como o apelo ao nacionalismo, o medo, a negação e intolerância em relação ao externo ou desconhecido; se materializando, entre outras formas, via xenofobia e racismo. Dentro desse contexto, surgiram também as discussões sobre reformas que diminuam a oferta de direitos – especialmente sociais – com a argumentação de uma pretensa modernização/otimização do Estado. Destaca-se também a congruência direta entre o direcionamento dos valores e atitudes políticas da sociedade com os movimentos políticos organizados conservadores, expostos, por exemplo, pelas vitórias expressivas da francesa Marine Le Pen pela Frente Nacional no parlamento europeu.

Em 2014, Reino Unido, Dinamarca e França ocuparam entre 25% a 30% de suas cadeiras no parlamento por partidos definidos como conservadores, sendo boa parte deles representantes de valores xenófobos e nacionalistas. Com frequência figura na agenda dos partidos conservadores europeus a valorização de medidas mais centralizadoras, principalmente, no tocante à segurança pública e à migração. É possível encontrar no “DNA” destes partidos e do público que os sustenta, traços culturais históricos presentes no continente como: o antissemitismo, o colonialismo e o eurocentrismo (LÖWI, 2015).

Repetindo a mesma lógica, na Alemanha, o partido de extrema direita auto definido como antieuro, *Alternative für Deutschland (AfD)*, que em português significa “alternativa para a Alemanha”, foi fundado em 2013 e promete restaurar a lei, a ordem e um senso de orgulho nacional na Alemanha. Sob esse lema “guarda-chuva”, apresenta propostas que têm ganhado crescente popularidade no país e que se concentram em torno da oposição ao uso do Euro como moeda oficial e, também, na defesa de valores conservadores referentes à proteção da família e proteção do nacional em relação ao externo/estrangeiro (ESTADÃO, 2017).

A *AfD* conquistou 94 dos 709 assentos do parlamento europeu nas eleições de 2017. Sua atuação principal no debate político do país gira em torno de duas questões: 1) a saída do país da zona do euro que, segundo o entendimento do partido, é uma moeda falida que afeta a

integração europeia e o desenvolvimento dos países do grupo e 2) uma mudança radical na política migratória do país, fazendo críticas fortes ao islamismo – fechando as fronteiras e adotando práticas rígidas de fiscalização e identificação de estrangeiros (O GLOBO, 2017).

Entre essas restrições está incluída a implementação de um registro rigoroso de organizações islâmicas no país, o fechamento de fronteiras e a redução de direitos a refugiados. Sobre esse tema, os membros do partido pretendem, ainda, impedir a reunificação de famílias refugiadas presentes na Alemanha e acelerar a expulsão de estrangeiros que ameacem o país. Por fim, defendem o encorajamento da valorização da “família tradicional” para promover aumento populacional.

A partir de um arranjo semelhante ao citado anteriormente, na Espanha, o partido de direita, nacionalista e conservador VOX foi fundado em 2013 e, sob sua principal bandeira está a defesa da Espanha, da família e da vida (VOX, 2018). O grupo político teve uma rápida ascensão, passando de zero para doze assentos parlamentares na Andaluzia em 2018 e ganhando projeção nacional e internacional. Na plataforma do partido são contemplados diversos pontos da agenda conservadora em um forte direcionamento para reformar o estado, a fim de desfazer leis e projetos progressistas aprovados no período recente (VOX, 2018).

Dentre os principais, é possível citar: 1) a Lei Orgânica de Medidas de Proteção Integral contra a Violência de Gênero, de 2004, por, segundo o partido, discriminar um sexo em relação a outro; 2) a Lei da Igualdade, de 2007, que estabelece listas eleitorais paritárias para homens e mulheres; 3) a lei aprovada em 2005 que permite o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo.

O VOX defende, ainda, que a saúde pública não ofereça mais assistência médica em casos de mudança de sexo e aborto, por serem “alheias à saúde”. Além disso, ao longo das propostas apresentadas em um documento intitulado “100 medidas”, disponível na página oficial do partido, é afirmada a importância da adoção de políticas migratórias rígidas (rejeitando a entrada de imigrantes no país) e da postura eurocética na defesa da soberania do país dentro da região.

Neste ponto é importante abordar também os movimentos sociais que promoveram o avanço e o debate de pautas conservadoras, tal como os movimentos contra a inclusão de temas progressistas nas escolas, citados anteriormente. Começaremos dando destaque para uma organização brasileira também já mencionada neste capítulo, o MBL, que teve participação ativa nas mobilizações políticas desde o impeachment de Dilma Rousseff (PT) até a eleição de Jair Bolsonaro (PSL). O grupo se define em sua página oficial na internet como: a favor da

democracia, da república, da liberdade de expressão e de imprensa, do livre mercado, da redução do estado e da redução da burocracia (MBL, 2015). Possui um posicionamento declaradamente à direita política aderente ao thatcherismo e que se aproxima do conservadorismo em sua versão moral associada à concepção liberal da economia.

Com efeito, o MBL se concentra fortemente em pautas como a não interferência do Estado na economia, a defesa do mercado e da propriedade privada (MBL, 2015). Outrossim, busca fazer intervenções sociais direcionadas a diretrizes clássicas conservadoras, como a visão moral dos problemas sociais e da política, especialmente no tocante ao combate à corrupção. O MBL também se manifesta em questões eminentemente relacionadas a comportamento e tradição, como na oposição feita junto com grupos religiosos à exposição de arte Queermuseu, a partir da acusação de incentivo à pedofilia e blasfêmia. O evento apresentava obras com referência à homossexualidade. Além desse episódio, houve também o protesto feito contra a peça teatral *La Bête* – por ter ocorrido, em uma de suas apresentações, a interação entre o corpo de um homem nu e uma criança (com o consentimento dos pais do menor).

Outra forma de expressão desses grupos políticos e sociais são os eventos promovidos para o debate e alinhamento de pautas. Esse é o caso da 1º Cúpula Conservadora das Américas, realizada no Paraná, no Brasil, no dia 8 de dezembro de 2018. O encontro reuniu personalidades conservadoras como os brasileiros Olavo de Carvalho, os irmãos Arthur e Abraham Waintraub (ex-Ministro da Educação durante o governo Bolsonaro), Eduardo Bolsonaro (filho do presidente Jair Bolsonaro e deputado federal), o príncipe Luiz Philippe de Orleans e Bragança (tornou-se deputado federal em 2018 pelo mesmo partido pelo qual o presidente foi eleito). O evento contou com a presença também de Roderick Navarro – membro do grupo Rumbo Libertad (que se autodefine como frente de resistência venezuelana ao comunismo) (RUMBO LIBERTAD, 2016), os chilenos Carlos Gomez e José Antonio Kast, entre outros (CÚPULA CONSERVADORA, 2018).

Na ocasião foi desenvolvida a “Carta de Foz” com o conjunto de propostas que sintetizaram as intenções e discussões apresentadas. De um modo geral, a temática fundamental diz respeito a princípios do liberalismo econômico e do conservadorismo social, político e moral (HAUBERT, 2018). Entre as metas dispostas no documento, estavam: defesa da família, institucionalização do liberalismo econômico, fortalecimento dos valores da cultura ocidental, desburocratização do ambiente empreendedor, privatização de estatais estratégicas e não estratégicas, colocação das agências reguladoras a serviço do livre mercado. Na declaração era

defendida a instituição dos princípios: Deus, pátria, família, propriedade, liberdade individual e direito à legítima defesa. Os objetivos principais elencado são: fomentar a participação da família e a da sociedade na educação, fomentar o ensino e a arte clássica liberal e descentralizar a educação.

Em março de 2019, foi realizado em Verona, na Itália, um evento semelhante denominado “Congresso Mundial das Famílias”. Na ocasião, foram defendidas pautas conservadoras morais em reforço do papel social da mulher como procriadora, em oposição ao aborto (pró-vida) e à adoção de crianças por casais homossexuais. A reunião foi encerrada com uma marcha que tinha como símbolos principais: as cores azul e rosa e a tríade “Deus, pátria, família”. O líder do partido conservador Lega Nord, atual Vice Primeiro-Ministro e Ministro do Interior da Itália, Matteo Salvini, foi um dos convidados e em seu discurso reforçou a ideia da importância do modelo de família composto por pai e mãe.

Atuando de maneira análoga, o movimento Juntos por México é um grupo formado por mais de 80 associações conservadoras católicas que tem como compromisso central promover: a paz, a justiça e a unidade no país a partir de “valores que vêm do alto” (JUNTOS POR MÉXICO, 2019). O grupo realiza encontros para reforçar as pautas e busca atuar na esfera social, bem como influenciar o parlamento do país barrando propostas progressistas. Em um pensamento relativamente congruente com o pensamento conservador, tem como valores principais: o bem comum, o destino universal dos bens (que estaria na contramão da ideia conservadora e liberal de manutenção da desigualdade social), a vida e a família (se opondo ao aborto e ao casamento entre indivíduos do mesmo sexo), solidariedade e voluntariado reforçando o espírito moral e de comunidade, verdade, liberdade, igualdade, amor e gratidão.

No Chile, o Movimento Social Patriota se coloca como um grupo nacionalista que busca exaltar e conservar os valores chilenos contra o globalismo e o multiculturalismo. Além disso, a organização se define como sendo nem de esquerda, nem de direita, uma vez que apenas defende a proteção de recursos naturais e da família composta por pai e mãe orientada para a procriação (MSP, 2019). As pautas do movimento são: pró-vida desde a concepção até a morte, contra as pautas homossexuais, afirmando buscar neutralizar a “vitimização” e o “lobby” homossexual.

O grupo se define como uma espécie de socialistas moderados – negando capitalismo e também as ideias marxistas, mantendo propriedade privada e a gestão econômica em

coexistência. Em relação à temática da migração, colocam-se como resistentes e recomendam parcimônia por considerarem os mais recentes fluxos migratórios desordenados.

Na mesma esteira de movimentos sociais que buscam propor ideias para a reformar a sociedade, a política e a economia, está a Students for Liberty: uma instituição norte-americana com representação em mais de 110 países e que tem como objetivo, segundo seu site oficial: educar, desenvolver e empoderar a próxima geração de líderes em prol da liberdade econômica (STUDENTS FOR LIBERTY, 2019). O grupo busca promover lideranças, movimentos e políticas liberais. Contudo, dentro de sua pauta liberal endossa e fomenta movimentos, partidos e figuras conservadoras dentro do espectro da direita política – como o Instituto Millenium e o grupo Brasil 200.

Em consonância com este modelo de atuação, a CitizenGo é uma organização originária da Espanha, fundada em Madri em 2013, que integra uma rede de organizações europeias que procuram: “restaurar a ordem natural” (CITIZENGO, 2019); um pensamento classicamente conservador. Com efeito, os artigos publicados em suas páginas e as petições lançadas giram em torno das seguintes temáticas: eliminação dos direitos homossexuais, restrição do aborto e dos métodos anticoncepcionais e promoção de uma agenda explicitamente cristã.

A organização se autodescreve em sua página oficial como uma comunidade que influencia instituições e organizações de 50 países diferentes e reúne cidadãos ao redor do mundo em defesa da vida, da família e da liberdade. O site oferece conteúdo em doze idiomas: espanhol, inglês, francês, português, italiano, alemão, polonês, russo, croata, húngaro, holandês e eslovaco.

Com efeito, esses e outros grupos estão sob o guarda-chuva de outra organização norte-americana maior que financia e capacita – através de cursos e eventos – movimentos políticos, sociais e think tanks que promovam o liberalismo econômico: a Atlas Network (AN). Em entrevista (FANG, 2017), o diretor da AN, Alejandro Chafuen, fez uma afirmação que corrobora a hipótese levantada neste estudo. Ele diz que: “surgiu uma abertura – uma crise – e uma demanda por mudanças, e nós tínhamos pessoas treinadas para pressionar por certas políticas”. A AN segue, desde sua origem, as ideias de Friedrich Hayek e Margaret Thatcher. A organização comporta ao redor do mundo um conjunto de 450 organizações e movimentos que visam o combate da esquerda e a promoção do livre mercado e de valores liberais econômicos de um modo geral.

Por si só, essas pautas não garantem uma relação direta com expressões do conservadorismo no ocidente. Contudo, devido à recorrente confluência da agenda liberal econômica com a pauta conservadora, há diversos grupos e personalidades que mesclam princípios dos dois modelos de pensamentos e estão associados e fomentados pela AN, como o caso do MBL. Movimentos ligados à AN participaram ativamente de acontecimentos políticos, como o impeachment de Dilma Rousseff, a eleição de Jair Bolsonaro, a eleição de Mauricio Macri, na Argentina, o golpe hondurenho e o fortalecimento da oposição na Venezuela (BAGGIO, 2016).

Já em sua origem, a AN aproveitava conjunturas de instabilidade para promover o ideário do conservadorismo liberal. Em 1970, durante a desaceleração econômica e o aumento da inflação na Inglaterra, políticos conservadores aproximaram-se da organização na busca de um fortalecimento e uma visão alternativa reformadora capaz de sustentar a predominância de seus valores fundamentais (BAGGIO, 2016). A AN diz que não é permitido o recebimento de recursos públicos, apenas privados, e que os subsídios oferecidos pela organização variam geralmente em quantias de 5 mil a 10 mil dólares, chegando em ocasiões especiais a mais de 20 mil dólares (ATLAS NETWORK, 2019). Contudo, no Brasil em 2015 e 2016, as doações da organização ao MBL excederam ostensivamente os 20 mil dólares (BAGGIO, 2016).

Neste contexto, outro fenômeno que merece atenção é o fato de países europeus que já possuíam atuação política significativa de grupos conservadores terem acirrado suas manifestações e políticas conservadoras ao longo do século XXI. Na Polônia, o primeiro-ministro Mateusz Morawiecki, do partido conservador de direita Lei e Justiça (PiS), governa o país com maioria absoluta no Parlamento. Morawiecki vem promovendo discursos inflamados e políticas que apelam para o nacionalismo, a oposição à imigração e à União Europeia e a favor da necessidade de restabelecer a ordem e a lei em seu território (KOKAY, 2018). Nessa mesma linha, Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, vem atuando em busca da recuperação de antigos valores: a pátria, a fé cristã e a família. Segundo o chefe de governo da Hungria, é fundamental voltar a priorizar a nação em meio à globalização e à ameaça às fronteiras. A partir desse discurso, Orbán tem defendido políticas anti-imigração e de contraposição à União Europeia (WAGENER, 2018).

Em termos de resultados eleitorais e mudança dos grupos políticos no poder, é possível descrever o século XXI, em especial a última década no mundo ocidental (a partir de 2010), como marcado por um avanço conservador também nos poderes executivo e legislativo. O

quadro a seguir busca figurar apenas algumas das principais transições ideológicas e políticas ocorridas durante esse período, conforme elaboração própria a partir de levantamento feito até metade do ano de 2019. Foram considerados representantes nos âmbitos de eleições majoritárias e proporcionais que deem ênfase a elementos conservadores:

Quadro 1: Sucessões conservadoras no Ocidente (2000 a 2019)

País	Sucessão:	
Argentina	Partido Justicialista – Cristina Kirchner (2007 – 2015)	Proposta Republicana – Mauricio Macri (2015 – 2019)
Austrália	Partido Trabalhador – Julia Gillard (2007 – 2013)	Coalizão Liberal/Nacional – Tony Abbott (2013 – 2016) Coalizão Liberal/Nacional – Malcolm Turnbull (2016 – 2019) Coalizão Liberal/Nacional – Scott Morrison (2019 – 2022)
Áustria	Social-democrata – Werner Faymann (2008-2016) Social-democrata – Christian Kern (2016-2017)	Partido Popular Austríaco – Sebastian Kurz (2017-2019)
Brasil	Partido dos Trabalhadores – Dilma Rousseff (2010-2016). Após processo de impeachment: Movimento Democrático Brasileiro - Michel Temer (2016-2018).	Partido Social Liberal - Jair Bolsonaro (2019-presente)
Estados Unidos	Democratas – Barack Obama (2009-2017)	Partido Republicano – Donald Trump (2017 – presente)
Finlândia	Partido Social-Democrata da Finlândia – Tarja Halonen (2000-2012)	Partido da Coligação Nacional – Sauli Niinistö (2012-actual)
Guatemala	Unidade Nacional da Esperança - Álvaro Colom (2008-2012)	Partido Patriótico – Otto Pérez Molina (2012-2015) Após renúncia de Otto Molina: Independente: Alejandro Maldonado Aguirre (2015-2016) Frente de Convergência Nacional – Jimmy Morales (2016-presente)
Honduras	Partido Liberal de Honduras - Manuel Zelaya (2006-2009) Após deposição de Manuel Zelaya: Partido Liberal de Honduras - Roberto Michelett (2009-2010)	Partido Nacional de Honduras – Porfirio Lobo Sosa (2010-2014) Juan Orlando Hernández (2014 -presente)

Holanda	Vertentes confessional, liberal e social-democrata eram maioria no senado de 1917 a 2019.	O partido recém criado Fórum para a Democracia (FvD) ganha as eleições para o senado em 2019.
Noruega	Jens Stoltenberg – Partido Laborista (2005-2013)	Erna Solberg – Partido Conservador Norueguês (2013-Atual)
Paraguai	Frente Guasú - Fernando Lugo (2008-2012)	Partido Colorado – Horacio Cartes (2013- 2018) Mário Abdo Benítez (2018-presente)
Peru	Partido Nacionalista Peruano - Ollanta Humala (2011-2016)	Peruanos Por el Kambio - Pedro Pablo Kuczynski (2016-2018) Após impeachment de Kuczynski. Martín Vizcarra (2018-presente)
Reino Unido	Tony Blair – Partido Trabalhista (1997-2007) Gordon Brown – Partido Trabalhista (2007-2010)	David Cameron – Partido Conservador (2010-2016) Theresa May – Partido Conservador (2016-2019) Boris Johnson – Partido Conservador (2019-Atual)
Suíça	Crescimento progressivo do Partido Popular Suíço 29 cadeiras em 1995 44 cadeiras em 1999	55 cadeiras em 2003 62 cadeiras em 2007 54 cadeiras em 2011 65 cadeiras em 2015 (número recorde)

Fonte: elaboração própria.

Olhando para essa conjuntura, observa-se que vem ocorrendo o avanço de uma concepção socialmente conservadora pelo Ocidente capaz de aglutinar diferentes países e culturas ao em prol de uma agenda comum e de uma esfera de ação semelhante. Atinge-se um ponto em que grupos políticos e sociais antiglobalismo e nacionalistas usam a internet e redes de organizações internacionais para defender e promover suas pautas de maneira conjunta. Neste contexto, Brasil e Estados Unidos, sem dúvidas, gozam de um status de protagonismo nas Américas e, também, no Ocidente como um todo.

Naïr (2018) em artigo analítico escrito no jornal El País, afirma que a “*onda nacional populista*” (que contempla a agenda conservadora) é resultado de uma conjuntura ao redor do mundo que chegou ao estado crítico da globalização liberal. Segundo o autor, isso ocorreu em consequência da desregulação caótica promovida, gerando, assim, a necessidade de um novo equilíbrio econômico e social. Dado o surgimento desta demanda, ganhariam força as camadas reacionárias étnica, cultural e politicamente. Esses grupos trazem em seu bojo o pensamento conservador e oferecem soluções a partir de princípios morais, religiosos e nacionalistas. O autor busca destacar e comparar o papel dos cenários brasileiro e norte-americano: avaliando

de que maneira a conjuntura afeta os países e, também, de qual forma os países compõem essa conjuntura.

Analisando os Estados Unidos, Naïr (2018) afirma que: um diferencial para a eleição de Trump foi ter adquirido os votos de trabalhadores brancos do Kansas, Detroit e Texas a partir de promessas de frear a chegadas de latinos e de não pagar serviços sociais a afrodescendentes. São mobilizados o medo dos indivíduos de perder o emprego para pessoas de outros países e a rejeição aos fundamentos de igualdade e de multiplicidade étnica presentes na política do governo Obama. Evidenciando, assim, a presença de crenças conservadoras, como: a resistência à ideia de igualdade, a rejeição do mundo exterior em prol do nacional e a hostilidade a pautas progressistas com base no conservadorismo moral/religioso.

No Brasil, a figura de Jair Bolsonaro começou a alçar voos na esteira do movimento evangélico que ganhou força nas camadas mais pobres e médias da população. Aliada a isso vem a submersão do país em um contexto de cinismo em relação à política, corrupção, desigualdade e crise econômica (RENNO, 2021).

Segundo Naïr (2018), Bolsonaro encarnou a retórica evangélica da salvação do país à beira do abismo. Lançando mão de preceitos morais, divinos e nacionalistas, mobilizando – ou monopolizando – o combate à corrupção como “cavalo de batalha”, oferecendo soluções moralmente autoritárias.

Destarte, a partir da contextualização acerca das possíveis ascensões conservadoras ao longo do tempo, neste século e antes dele, podemos identificar dois padrões do conservadorismo a partir dos quais essa tese se baseia.

Primeiramente, a manifestação do pensamento conservador e suas formas de expressão (partidos políticos, indivíduos, produção intelectual, movimentos políticos organizados, entre outros) acontece de modo recorrente ao longo da história sempre dentro de uma conjuntura de mudanças e transformações políticas, sociais ou econômicas que estejam sendo propostas ou em curso.

Em segundo, possui um discurso que muda o seu conteúdo conforme o alvo ao qual se direciona, contudo mantém crenças e mecanismos argumentativos essenciais. Com efeito, quando contraposto a movimentos racionalistas, como o Iluminismo e a Revolução Francesa e o desenvolvimento da burguesia, o conservadorismo se baseava preponderantemente em torno da religiosidade e da monarquia. Quando voltado para a ascensão do socialismo e da sua alternativa ocidental, o estado de bem-estar social, o pensamento conservador advogou em prol

da liberdade e da natureza do mercado e das estruturas sociais. Contra o sufrágio universal, os conservadores apelaram até mesmo à questão da natureza das classes dirigentes e de suas instituições.

Nesse mesmo sentido, ao considerar a descrição dos pontos que foram alvo mais recente do conservadorismo, pode-se observar a adoção de bandeiras diversificadas, como: defesa da família e da ordem, temáticas morais e religiosas, medo e negação do estrangeiro ou culturalmente diferente, entre outros. Contudo, todas essas dimensões continuam se circunscrevendo a um pensamento uníssono essencialmente conservador, tais como: a crença na existência de uma natureza humana errática, a sobreposição do coletivo sobre o individual e a valorização de aspectos tradicionais e religiosos.

A partir disso tudo, se impõe a curiosidade e a necessidade científica de compreender este conjunto de eventos que vêm marcando o século atual e tendo como ator de destaque o conservadorismo. Contudo, conforme supracitado, uma primeira demanda a ser sanada na tese, devido a uma lacuna teórica identificada na bibliografia, é a revisão teórica ampla. Nesse processo, o primeiro passo é a definição do conceito de conservadorismo. Essa necessidade se dá em dois sentidos: inicialmente enquanto contribuição para a construção de conhecimento dentro da temática e, após, para a execução da própria pesquisa de modo que possa ser operacionalizada, executada e compreendida.

Seguindo a concepção de Corey Robin (2011), esta tese se baseia na ideia de que o avanço de manifestações conservadoras ocorre como uma reação a alguma agenda de mudanças e transformações sociais, políticas e econômicas. Contudo, mesmo reconhecendo esse caráter conjuntural (situacional) do fenômeno, acreditamos que, como sugere Huntington (1957), o pensamento conservador é, ainda, um sistema latente de crenças e ideias baseado no compartilhamento de valores sociais e políticos.

2. A TEORIA PARA PENSAR O CONSERVADORISMO

São partes fundamentais do esforço de pesquisa proposto por esta tese, o levantamento e a construção teórica sobre o seu conceito e o ideário conservador; visto que o objetivo central é a compreensão do avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no século XXI. Portanto, neste ponto, será iniciada a revisão teórica sobre o conservadorismo ao longo do tempo. Com efeito, iremos dividir a revisão sobre o conceito de conservadorismo em duas formas de abordagem, a fim de deixá-la mais didática para qualquer tipo de leitura e mais lógica do ponto de vista de sua adequação à pesquisa proposta: a primeira, mais focada em analisar o que é o conservadorismo enquanto fenômeno político e social e, uma segunda, que busca trazer alguns elementos para descrever em níveis teóricos e argumentativos o pensamento conservador.

Antes de iniciar a apresentação e discussão dessas duas formas de abordagens sobre o conceito, é importante ressaltar algumas ideias e concepções adotadas no pensamento conservador e que já existiam antes mesmo do termo existir. Com efeito, alguns princípios fundamentais do conservadorismo já estavam enunciados na filosofia grega. Na epistemologia dos textos de Platão, especialmente em *A Teoria das Ideias* e *A República* (PLATÃO, 2017; BARKER, 1959; HANS-GEORG, 2009), podemos observar uma cosmovisão que remonta à normatividade da existência humana e da sociedade, colocando em oposição os elementos da racionalidade e da emoção presentes na natureza dos seres humanos e seus possíveis impactos políticos e sociais. Em sua preocupação com a ordem e a racionalidade na organização e gestão da sociedade, Platão argumenta sobre a incapacidade humana de compreender todas as coisas reais dado que suas experiências sensoriais, mais ligadas à emoção e interpretação, o atrapalham (RAMOS, MELO E FRATESCHI, 2012). Assim, a sabedoria e a razão mais perfeitas estão a cargo de um ordenamento divino. Dentro da racionalidade acessível à humanidade, Platão dá destaque ao mundo das ideias – enquanto conceitos universais, em especial as ideias de justiça e de bem comum. Igualmente, argumenta em defesa do modelo republicano, concluindo que, em razão dos motivos supracitados, a classe dirigente precisa ser aquela dotada de maior racionalidade e formação educacional.

Dentro dessa mesma escola de pensamento fundada por Sócrates, Aristóteles segue a visão que compreende a sociedade a partir de um prisma relativamente normativo (ARISTÓTELES, 1997; BLOOM, 1991; HANS-GEORG, 2009). Nessa lógica, política e moral

estão diretamente relacionadas, uma vez que um objetivo central a ser alcançado é o bem, entendido como o bem comum, coletivo. Além disso, é central nesse processo um funcionamento organicista da sociedade, em que cada relação social e cada indivíduo possuem papéis distintos e definidos (que denotam a expressão da conexão da humanidade com a natureza). Outrossim, seguindo essa visão moral e ética, a prudência e a moderação fariam parte da construção da felicidade coletiva da pólis, uma vez que os desejos e emoções são naturais ao ser humano, mas devem ser controlados e não convertidos em ações que levam os indivíduos à sua face mais selvagem e animal. Mais recentemente, o argumento foi incorporado de forma integral por Roger Scruton (1980) em sua associação conservadora direta entre o “eu” e o “nós”.

Por se tratar de pensadores que viveram na Grécia escravocrata, as chamadas igualdade e liberdade para eles comportavam de maneira legítima a não distribuição equânime desses atributos a todos os indivíduos da sociedade, contemplando apenas homens não escravos e reforçando a existência de hierarquias e papéis sociais. Desse modo, a filosofia grega já lançava algumas das bases epistemológicas que mais tarde seriam adotadas pelo conservadorismo, como a presença de um ordenamento divino capaz de compreender e definir pontos da realidade que a humanidade não acessa. Além desses, é possível identificar a associação entre moralidade, ética e política, e ainda a visão organicista e coletivista da sociedade, em especial voltada ao bem comum.

Doravante, partimos para a discussão dos autores que abordaram ou representaram de forma mais direta o pensamento conservador fazendo uso desses e outros princípios importantes para o conservadorismo.

Começando por Steiner (1989) e sua compreensão mais direcionada às origens dos fundamentos e princípios morais que envolvem a visão conservadora. É destacado como ponto fulcral o seu aspecto teológico e profético, ou seja, não baseado em argumentos racionais ou seculares; que se manifesta, principalmente, por meio de uma cosmovisão que remonta à fé e ao pessimismo antropológico. De forma reduzida: a crença de que o homem é naturalmente falho e todas as suas ações para mudar a natureza das coisas está fadada ao fracasso, não havendo a possibilidade de uma justiça ou estabelecimento de uma ordem perfeita a partir da humanidade. Justifica-se, para o conservadorismo, a importância das instituições já estabelecidas ao longo do tempo enquanto símbolo do que é genuíno e dotado de legítima autoridade (STEINER, 1989). As tradições são formas de conhecimento proveniente das tentativas e erros anteriores. Essas respostas são implícitas, incorporadas e compartilhadas na

sociedade, por isso devem ser preservadas e reproduzidas mesmo quando não se é mais possível explicá-las ou justificá-las pela passagem do tempo (SCRUTON, 2015).

A este respeito, Ortega y Gasset (1982) afirma que é impossível iniciar o que já foi construído e sedimentado; segundo ele, sempre existirá um legado, um acúmulo de experiências. Esse passado seria o verdadeiro tesouro e maior fonte de sabedoria para o homem, pois permite que os erros sejam evitados. Desse modo, o que está ao alcance humano não é a (re)invenção e o acerto, mas sim o respeito à história e a possibilidade de não incorrer em erros. Na concepção do autor, provocar rupturas para reescrever a história é como dar passos atrás na evolução humana. Nessa mesma lógica, Roger Scruton (2015) afirma que “*herdamos coletivamente coisas admiráveis que devemos nos empenhar para preservar*” (pg.: 8).

Quando aplicado à ação política e social, o conservadorismo pode ser entendido como um movimento que se preocupa em entender o mundo a partir de princípios morais e, ainda, agir de modo a preservá-lo ou reestruturá-lo em sua forma ordenada e natural (NASH, 1976). Contudo, em contraposição à lógica da religiosidade, identifica-se que os primeiros pensadores conservadores não buscaram sistematizar uma doutrina necessariamente inteligível a ser aplicada (NASH, 1976); argumento que reforça o panorama teórico identificado por esta tese.

Em complementaridade às concepções anteriores, existe a ideia de que o conservadorismo jamais deve ser compreendido como um credo ou uma doutrina, apesar de possuir um corpo identificável de princípios e normativas (OAKESHOT, 1991). Nesta lógica, o ser conservador é composto de disposições tidas como naturais em se contentar com o que existe no presente e recusar opções futuras incertas, mobilizando-se em torno dos sentimentos de perda e medo (OAKESHOT, 1991).

Desse modo, o governo ideal seria moderado e não abriria margem para paixões. Notadamente, nos escritos de Burke (2012; 1982), acerca dos modos de representação (mais especificamente sobre o parlamento inglês), e de sua crítica à Revolução Francesa, destacam-se ideias substanciais do conservadorismo, tais como: direito natural; sociedade dotada de uma estrutura orgânica mantida por um contrato baseado na tradição – que tem por função organizá-la, e crença em um condicionamento natural dos fenômenos e processos sociais que ocorrem gradualmente.

Dentro da análise sobre a atuação do movimento conservador a respeito dos modelos de representação e regimes políticos, existe a percepção de que o mesmo aplica seus esforços na manutenção das estruturas de poder, não pressupondo direitos e liberdades a todos, mas apenas

para as classes privilegiadas (ROBIN, 2011). O mesmo autor argumenta, que a ação conservadora possui caráter reativo, tomando forma e força no momento do surgimento de agendas que proponham mudanças nas estruturas de organização política, econômica e social.

Classificando de maneira didática, conforme sugere Scruton (2015), o conservadorismo pode ser classificado em duas vertentes principais: metafísico e empírico. Sendo o primeiro relacionado à crença e à valorização dos aspectos tradicionais da sociedade e à necessidade de defendê-los. O conservadorismo empírico é um fenômeno moderno resultante das reações desencadeadas por movimentos de mudanças, como o iluminismo.

Ainda sobre a definição e caracterização do que seria o espírito conservador, Mannheim (1982) também faz uma divisão metodológica do conceito que facilita o entendimento de sua natureza. Além disso, contribui para esta proposta de pesquisa na medida em que fomenta a ideia que associa o movimento ao surgimento de sensações humanas resultante de cenários incertos e, ainda, se propõe a identificar o que seria uma formulação mais moderna do movimento.

Desse modo, o pensamento conservador poderia ser classificado em natural e moderno, no primeiro o tradicionalismo é adotado como uma atitude geral psicológica espontânea da humanidade em sua busca pela segurança e negação do novo. Em uma vertente moderna, a concretude e objetividade são fundamentais, por isso, a tradição é absorvida de forma mais consciente, como resultante de condições históricas específicas. Nesse contexto, o propósito é lidar de maneira reformadora, reflexiva e gradual em relação aos novos cenários que se apresentam. Em outras palavras, a conversão do tradicionalismo em estrutura mental objetiva conservadora ocorre a partir da emergência no cenário político de movimentos organizados que se contraponham às estruturas, valores e crenças tradicionais. Para defender aspectos que os tradicionalistas/conservadores compreendem como fundamental e que estariam em xeque: o legado, o passado e a história (SANTOS, 2015).

A partir do estudo das ideias de autores conservadores, Ricupero (2010) reforça a ideia de que o conservadorismo dá grande importância à história. O seu argumento se baseia na ideia de que diferentemente do progressismo – que vê o presente como início do futuro, o conservadorismo o entende como o estágio mais avançado alcançado pelo passado. Desse modo, conforme o autor, na concepção conservadora do tempo e do espaço, o passado coexiste com o presente. O elemento central para os conservadores é a coexistência, enquanto para os progressistas é a sucessão.

Devido a essa forte ligação com o legado e trajetória, a defesa do passado foi uma dificuldade inicial para o conservadorismo na América Latina, visto que isto significaria ser saudosos ao período em que a região era colônia da Europa (RICUPERO, 2010). Observando o conservadorismo latino-americano, é possível identificar que, de um modo geral, há um forte apelo à concepção de que a religião é a base da sociedade civil. Os caminhos encontrados por pensadores e políticos conservadores nesse processo foram diversos, contudo, em sua grande maioria, acabaram recorrendo à concepção moral de política ancorados na defesa de pressupostos religiosos.

Um exemplo bem expressivo desse espectro conservador é Manuel Mosquera Garcés que, em uma de suas principais obras, *La Ciudad Creyente*, de 1938, associa a identidade colombiana à religiosidade católica. Nesse sentido, o autor faz uma defesa da influência da Igreja Católica espanhola sobre a cultura de seu país, afirmando que a religião serviria como uma forma de proteger o país das tendências do pecado e da carne. Garcés conecta diretamente dois componentes conservadores: o nacionalismo e a religiosidade, associando o orgulho de sua nação à cultura católica religiosa de seu povo.

Em publicações no periódico católico *El Pueblo*, Mosquera Garcés argumentou diversas vezes a partir da concepção de que as soluções para os problemas humanos (políticos, sociais) passam pelo poder divino. Nesse mesmo sentido, Miguel Antonio Caro (1951) se posicionou contra o que chamou de liberdade liberal, criticando a busca de tornar o homem autônomo em seu próprio destino e, separando, assim, o homem de deus. Segundo esse autor, o liberalismo – entendido enquanto uma forma de expressão do humanismo – buscaria para si mesmo a adoração que somente é devida a Cristo (LYNCH, 2008).

Estudando o passado colonial, o historiador brasileiro Francisco Varnhagen buscou descrever o processo de independência a partir do princípio conservador. Nessa perspectiva, as mudanças e transformações foram processos naturais e graduais dentro de um sistema social orgânico. O autor afirma que os processos de descolonização não consistem em uma ruptura com o passado, mas em um processo quase inevitável e fruto do desenvolvimento dos países, respeitando a ordem natural e as tradições constituídas até a emancipação da metrópole (RICUPERO, 2010).

Ainda no que se refere ao pensamento de autores que interpretaram os processos políticos deste período a partir de princípios conservadores, é importante citar as visões de Vianna (1987) e Freyre (1951, 1963). O primeiro adotou uma abordagem mais associada ao

reformismo conservador ao identificar no latifúndio uma capacidade ambígua de inicialmente permitir adaptação do colono europeu ao território latino-americano, mas também, posteriormente, de provocar obstáculos à unificação do país no período da independência. Desse modo, seria importante manter as bases que construíram a nação, mas se faria necessário adicionar elementos como a influência da coroa para promover a unidade nacional. Destarte, conforme Ricupero (2010), fica colocada no discurso de Vianna a lógica conservadora de adaptação das instituições à realidade social para reformar e conservar.

Olhando para o mesmo fenômeno político, Freyre (1951, 1963) descreve a transição do domínio do latifúndio – enquanto uma forma de patriarcalismo que une o país de norte a sul – para centralização e urbanização como uma forma de trocar o equilíbrio pelo antagonismo e a unificação pelo individualismo. Com efeito, é possível notar a influência no pensamento de Freyre de elementos conservadores como: o apreço nostálgico pelas tradições e a visão organicista da sociedade corporificada em elementos sociais intermediários; dentre eles a família, a comunidade e a religião (SANTOS, 2015).

Doravante, partindo para a revisão dos autores que buscam trazer uma sistematização dos elementos constituintes do pensamento e argumento conservador destacamos, respectivamente, Kirk (1953), Huntington (1957), Hirschman (1992) e Bobbio (1998). Após, apresentaremos brevemente a discussão da relação entre pensamento conservador e pensamento liberal. A escolha de Kirk (1953) como o primeiro teórico deste segundo segmento da revisão se baseia no fato de esse autor ser uma referência dentro do próprio conservadorismo e trazer diretamente em sua análise boa parte da retórica conservadora. Com isso, estabelecemos uma espécie de elo entre os dois eixos que organizam o capítulo.

Um ponto inicial marcante é a crença conservadora em uma ordem transcendental que se reflete na concepção de que os problemas políticos são problemas morais e religiosos. Outrossim, liberdade e propriedade são identificadas como lados de uma mesma moeda; conseqüentemente, é rejeitada a ideia de igualitarismo. Dessa forma, afirma-se que é importante a manutenção da divisão natural da ordem de classes enquanto uma expressão saudável do princípio da diversidade social (KIRK, 1953). Reforçando esse aspecto, Scruton (1980) argumenta que em grandes sociedades somos interdependentes e estamos interligados inevitavelmente uns aos outros por uma série de fatores (nacionalidade, lei, cidadania, vizinhança) e, por isso, é imprescindível para coordenação e equilíbrio que haja uma estrutura ordenada e disciplinada centrada na tradição.

Por fim, transformações devem ser vistas de forma desconfiada e cautelosa, especialmente quando essas partem de abstrações, resultando em uma preferência por reformas que sejam realmente salutares e que se deem de forma gradual. Sendo assim, entre as principais virtudes de um estadista está a paciência (KIRK, 1953).

Em consonância com o que foi identificado nesta tese, Kirk (1953) destaca a dificuldade em se encontrar uma definição concisa e direta do que é o conservadorismo, pois, segundo ele, os conservadores são relutantes em condensar o profundo e intrincado sistema intelectual em poucas frases. Além disso, é destacada a capacidade do conservadorismo em adaptar seu discurso frente aos diferentes fenômenos de transformação.

Contudo, o autor desenvolve uma lista de princípios essenciais do pensamento conservador que se apresentam em qualquer circunstância: 1) a crença de que intenções divinas governam a sociedade e a consciência, rejeitando a existência de uma suposta racionalidade humana autônoma; 2) afeição pela estrutura social e modo de vida hierárquicos e tradicionais, opondo-se ao igualitarismo e à uniformidade; 3) convicção de que as sociedades civilizadas requerem ordem e divisão em classes, sendo a igualdade moral (sedimentada na ideia de diferenciação natural entre os homens) a única e verdadeira igualdade; 4) propriedade e liberdade como objetos inseparáveis, sendo o nivelamento econômico diferente (quase oposto) do progresso econômico; 5) fé na desconfiança e prescrição em relação à racionalidade de desenvolvimento do pensamento e do conhecimento humano, sendo os homens sempre governados pela emoção e não pela razão; e 6) reconhecimento de mudança e reforma como coisas diferentes, sendo a inovação muito mais um instrumento de deflagração de rupturas do que de avanços; apenas obtendo-se o progresso de forma lenta, gradual e natural, tal qual a renovação do corpo humano.

Diretamente relacionado ao quarto ponto indicado por Kirk (1953) como constituinte do pensamento conservador, o conservadorismo liberal diz respeito à combinação da defesa reformadora de instituições e de valores morais tradicionais com a promoção e manutenção do livre mercado. Isto é, a soma do tradicionalismo com o liberalismo econômico. É nesse ponto de fusão que Hayek (1983) toca em seu artigo intitulado “Por que eu não sou um conservador”, no qual critica o conservadorismo clássico inglês pelo mesmo não admitir, segundo o autor, qualquer tipo de mudança e, com isso, não oferecer nenhum caminho possível à evolução. Além disso, o mesmo autor demonstra forte oposição à característica conservadora intervencionista e

controladora do campo econômico, sendo esse o principal ponto de distinção, para Hayek (1953), entre liberais e conservadores.

Desse modo, na medida em que conservadorismo social e liberalismo econômico vão entrando em simbiose, vai se consolidando e ganhando espaço o ideário defendido por liberais conservadores, como denominou Carvalho (1991) ao descrever que:

Os liberais conservadores eram exatamente isso, liberais conservadores. Seu conservadorismo não eliminava o liberalismo. Seu modelo de sociedade, ou sua utopia política, continuava sendo a sociedade liberal e a política liberal. (CARVALHO. 1991. p. 81-99).

É possível identificar de maneira clara essa mesma convergência de pensamento e posicionamento na chamada nova direita, visto que a mesma se baseia na união de princípios sociais conservadores com pressupostos econômicos liberais, estando a economia acima da política. Contudo, é importante pontuar que conservadorismo está associado ao pensamento liberal desde sua concepção, por assim dizer, uma vez que muitos de seus principais fundadores são reconhecidos por seguidores dos dois ideários e suas obras atribuídas a ambos os espectros, tais como o próprio Hayek, além de David Hume, Alexis Tocqueville e Edmund Burke.

Acerca deste último, mesmo tendo ficado conhecido como o pai do conservadorismo e ter sido um dos mais fortes opositores à Revolução Francesa, pertenceu sua vida toda ao partido liberal inglês (Whig) e, entre outras coisas, defendia a liberdade de mercado (BURKE, 1994). Um ponto importante de consonância entre o que Hayek expôs no artigo supracitado e os demais conservadores, que também foram inspiração para o liberalismo, é a aceitação e até defesa da evolução espontânea das instituições. Para os autores mais voltados à economia, como Hayek (1983), o ordenamento superior está associado à livre regulação do mercado e dos mecanismos econômicos, para os demais também se aplica às estruturas sociais, políticas e morais.

Mais afinado com a concepção de conservadorismo a ser assumida nesta tese, Huntington (1957) determina o mesmo como sendo um sistema de ideias que se mobiliza pela distribuição de valores sociais e políticos compartilhados por determinados grupos. A partir desta ideia, o autor define três teorias sobre as origens do conservadorismo: 1) aristocrática – relacionado à terra, ao feudalismo e a estruturas mais tradicionais, 2) autônoma – na qual não se está *a priori* filiado a interesses de classe ou variáveis históricas e 3) situacional – relacionado

à defesa, em determinadas circunstâncias, da ordem social vigente e suas instituições. Sendo esta última a concepção na qual se enquadra este estudo.

A despeito dessas possíveis interpretações, elenca-se um conjunto de princípios básicos do pensamento conservador. Primeiramente, a religiosidade, dado que o homem seria por natureza um animal religioso, e, com isso, a religião é a base da sociedade civil. A partir disso, a sociedade se mantém enquanto um produto natural e orgânico do desenvolvimento gradual ao longo de sua trajetória. Aponta-se, ainda, que a adoção de prudência e cautela são fundamentais uma vez que a ação humana é orientada, fundamentalmente, por emoções e instintos. A lógica da comunidade deve sempre se sobrepor ao indivíduo e dentro desse contexto os homens são naturalmente desiguais. Além disso, as estruturas tradicionais e naturais devem sempre ser preferíveis a qualquer modelo político novo (HUNTINGTON, 1957).

Mais uma contribuição importante da narrativa de Huntington (1957) para a compreensão do avanço e da atuação dos movimentos conservadores é a sua afirmação de que a ideologia conservadora é resultado dos conflitos sociais, entrando em cena quando os principais elementos das instituições e valores vigentes estão sob ameaça.

Conservatism is not, as the aristocratic interpretation argues, the monopoly of one particular class in history. Nor is it, as the autonomous school contends, appropriate in every age and place. It is, instead, relevant in a particular type of historical situation.
(HUNTINGTON, 1957. p. 473)

Outra forma de abordar o conservadorismo é a partir da observação e sistematização da forma e conteúdo de seus argumentos. Nesse intento, Hirschman (1992) propôs uma análise imparcial do discurso e retórica conservadores, considerados analítica e conjunturalmente. Nessa abordagem, o discurso é estudado conjunturalmente, deixando de lado as questões de personalidade e dando destaque aos imperativos da argumentação. Nesse esforço, o autor desenvolveu três dimensões fundamentais do discurso conservador: perversidade, futilidade e ameaça. A tese da perversidade afirma que ações propositais com vistas a melhorar aspectos políticos, sociais e econômicos podem acabar tendo efeito oposto e exacerbando a condição inicial. Dentro desse argumento, pode-se identificar claramente as dimensões da concepção pessimista da natureza humana e de suas ações; discurso esse encontrado, conforme já foi citado, em Burke (1982) e sua crítica à Revolução Francesa.

A tese da futilidade, por sua vez, explora a ideia de que as tentativas de transformação são infrutíferas. Nesse ponto, observa-se claramente a lógica da impossibilidade de se alterar de fato a ordem natural das sociedades orgânicas. Um exemplo dessa forma de argumentação é a avaliação feita por Tocqueville (1982) sobre a Revolução Francesa, na qual afirma que parte das pautas exigidas ou conquistadas pelo movimento já estavam em curso na França, bem como vários elementos do antigo regime foram perpetuados.

A última tese identificada por Hirschman (1992) é a da ameaça, na qual está presente a crença de que o custo da mudança é muito alto em relação aos seus possíveis benefícios. Igualmente, a implementação de mudanças por melhorias colocaria em risco uma série de ganhos anteriores que estruturam e mantêm a sociedade em ordem. Nesse ponto, evidencia-se a prerrogativa conservadora da cautela e parcimônia mediante propostas de alteração nas instituições e valores arraigados da sociedade que por si só carregam a sabedoria de antigas gerações e servem de base para a ordem social e a segurança. É possível observar a aplicação desse discurso na prática, ficando claro o seu papel no combate às políticas de bem-estar social – uma vez que as tentativas de promoção da igualdade afetariam a liberdade dos indivíduos.

Em consonância com a forma que se pretende tratar o pensamento conservador nesta pesquisa, Bobbio (1998) propõe uma abordagem que dê ênfase ao conteúdo do conservadorismo e não somente à sua função. O autor também evidencia o caráter situacional e reativo do conservadorismo ao argumentar que só é possível compreender o mesmo com base na história, uma vez que esse surgiria enquanto um posicionamento conjuntural alternativo ao progressismo e sua natureza dinâmica.

A partir desse pressuposto, Bobbio (1998) desenvolve a discussão utilizando uma abordagem que trata, fundamentalmente, da relação dual entre o pensamento conservador e seu antagonista: o progressismo. Esse vínculo pode ser elucidado de maneira clara ao se observar a história dos séculos XIX e XX, quando o progressismo se desdobrou em tendências e movimentos políticos diversos e o conservadorismo, por sua vez, desenvolveu uma gama diversificada de argumentos e manifestações. Com efeito, é nesse contexto de necessidade de acompanhar a dinâmica dos processos político, econômico e social que o conservadorismo mostra a sua capacidade em desenvolver diversas faces para as mesmas características fundamentais (BOBBIO, 1998).

Destarte, o conservadorismo, segundo essa lógica, surgiu e se consolidou como uma resposta às teorias que rompiam com a perspectiva antropológica tradicional por considerarem

a possibilidade de o homem, a partir do desenvolvimento de sua racionalidade, melhorar de forma quase que autônoma o seu conhecimento e domínio sobre a natureza; e, com isso, gerar o progresso (BOBBIO, 1998). Contudo, o autor destaca que o conservadorismo não rejeita totalmente a ideia de constante desenvolvimento da humanidade, mas o compreende como derivação de um progresso evolutivo natural a partir da acumulação de experiências e da valorização das mesmas em relação a possibilidades futuras desconhecidas e incertas. O avanço seria produto de um processo que se contrapõe à lógica da autonomia do homem em construir melhorias a partir de suas próprias capacidades.

Quando aplicada ao poder político, a concepção progressista estaria mais relacionada a crenças nas quais o homem é dotado, invariavelmente, de liberdade e de racionalidade. Esses atributos permitiriam a criação de comunidades nas quais não seria necessária a coação devido à existência de cooperação espontânea. Com isso, o poder passa a ser um limite que precisa ser superado e cuja dinâmica caracteriza um modelo ainda imperfeito de sociedade. Em contraposição, na perspectiva conservadora, os limites impostos pela coação são fundamentais à manutenção da ordem, da coesão e da própria lógica das sociedades, uma vez que a natureza humana é compreendida como intrinsecamente errática (BOBBIO, 1998).

Identificando os mesmos padrões de divergência entre os pensamentos conservador e progressista, Kirk (1953) elenca cinco escolas principais que buscam se contrapor às ideias conservadoras: o racionalismo filosófico, a chamada emancipação romântica dos utilitaristas, o positivismo, o coletivismo materialista e o darwinismo.

Antes do fim, é necessário ressaltar uma divergência entre o entendimento de Bobbio (1998) – no qual a existência do conservadorismo depende, fundamentalmente, de sua contraposição a alguma posição progressista que esteja em destaque – e a construção teórica proposta nesta tese. Essa pesquisa afirma que o conservadorismo é um traço presente de forma latente na cultura política das sociedades e que sua manifestação é que depende de um cenário que envolva contraposições ideológicas dentro de uma conjuntura de mudança ou instabilidade. Logo, esses eventos podem ou não ser desencadeados por movimentos progressistas.

Com base na análise da bibliografia revisitada neste capítulo, é possível identificar alguns eixos temáticos ou focais do conservadorismo que podem ou não ser concomitantes e estar inter-relacionados. São eles: nostálgico, moral, político e econômico. O conservadorismo nostálgico está relacionado a uma visão romântica do passado e ao sentimento de melancolia nas subjetividades políticas. Essa face do conservadorismo sugere um revisionismo do presente

orientado à valorização ou saudosismo ao passado, mobilizando a ideia de grandiosidade perdida. Nessa perspectiva, a solução dos problemas está no momento anterior no tempo em que os mesmos ainda não existiam. De um modo geral, argumenta-se que as crises, conflitos e questões sociais são frutos de alguma mudança equivocada que deve ser revertida, buscando a volta aos tempos gloriosos e estáveis. Fundamentando, assim, os princípios conservadores de prescrição e prudência.

O conservadorismo moral é outra forma de expressão conservadora e é pautado pela defesa de crenças e valores tradicionais sobre o comportamento, atitudes e conduta de outros indivíduos ou grupos sociais. Este direcionamento do conservadorismo busca resistir a mudanças nos papéis sociais (como as questões de gênero) e nas relações humanas (como as trabalhistas e familiares). Consequentemente, efetuam a defesa de instituições sociais vistas como basilares, tais como o casamento, a família e a hierarquia. Com efeito, aglutinam-se frequentemente em torno de temas como educação, sexualidade, aborto, divórcio; construindo argumentos em sintonia com a visão religiosa e organicista da sociedade.

O conservadorismo político preocupa-se, acima de tudo, com a manutenção da ordem e da estabilidade a partir da preservação das instituições políticas que se desenvolveram naturalmente e sobreviveram ao longo do tempo. Dentro desta concepção, acredita-se que as estruturas políticas existentes carregam o conhecimento e as características fundamentais para o bom funcionamento da sociedade. Portanto, as instituições, regimes, sistemas políticos e a hierarquia precisam ser preservados e perpetuados, rejeitando qualquer possibilidade de rupturas e revoluções. Assim são estabelecidas as bases para a compreensão de mudança e reforma como coisas distintas; sendo a primeira indesejável e movida a emoções e a segunda uma forma de seguir o curso natural do progresso gradual, sem renunciar ao que é tradicional.

Finalmente, o conservadorismo econômico busca proteger os mecanismos entendidos como naturais e autorregulatórios da economia e do mercado. Neste sentido, este enquadramento conservador trata propriedade privada e liberdade como objetos ou direitos diretamente ligados. Por esse prisma, é preciso manter a desigualdade social, por exemplo, enquanto um efeito necessário e desejável à ordem e à estabilidade. Esse argumento veta propostas e discursos que busquem promover uma nova distribuição das riquezas ou alteração no status quo da hierarquia econômica e social. Com isso, é fomentada a visão conservadora de progresso econômico e nivelamento econômico como processos distintos, se não opostos.

Com vistas a facilitar a compreensão dessa discussão mais abstrata, no quadro a seguir, obtemos a sistematização do pensamento conservador a partir de seus principais temas. Além disso, são resumidas a ideia central que define o segmento conservador e as possíveis formas de expressão desses princípios em termos argumentativos e comportamentais.

Quadro 2: Resumo dos Eixos Focais do Conservadorismo

Tipo de foco	Ideia Central	Expressão
Nostálgico	Nostalgia romântica em relação ao passado.	Revisionismo do presente com base no passado, com vistas a corrigir os erros.
Moral	Defesa de crenças e valores tradicionais sobre o comportamento, atitudes e conduta.	Resistência a mudanças nos papéis sociais e nas relações humanas.
Político	Manutenção da ordem e da estabilidade a partir da preservação das instituições políticas.	Defesa da hierarquia e rejeição da possibilidade de rupturas e revoluções.
Econômico	Proteção dos mecanismos da economia entendidos como naturais e autorregulatórios.	Não há dissociação de propriedade e liberdade e rejeição à igualdade.

Fonte: elaboração própria.

A partir deste ponto, é importante fazer dois comentários. O primeiro diz respeito à relação do pensamento conservador, em especial em seu conteúdo nostálgico ou romântico, com o termo reação. Uma vez que o conservadorismo ganha espaço preponderantemente a partir de cenários de transformação e enquanto uma oposição às mesmas, é quase que automático que se pense as expressões do conservadorismo como ações reativas a algo.

O termo reação é comumente aplicado ao sentido de ser reacionário. Nas palavras de Hirschman (1992, p. 17) o reacionarismo se refere a supostas tentativas de “fazer o relógio andar para trás”. Esse propósito está presente nas expressões mais nostálgicas do conservadorismo, que não visam apenas à manutenção da ordem atual e a suavização de mudanças mais radicais que estejam no horizonte, mas também uma busca por ações que remontem ao passado.

Consequentemente, reacionarismo e conservadorismo são posicionamentos e pensamentos que podem estar relacionados em alguns contextos. Contudo, é importante salientar que, de modo mais amplo, os mesmos possuem uma diferença bem marcante: o primeiro visa, fundamentalmente, à retomada de modelos passados, enquanto o segundo

empreende uma defesa dos modelos próximos dos atuais e enxerga a mudança como algo mais voltado para reformas lentas, graduais e naturais.

Doravante, com base nessa diferenciação, chegamos à segunda observação importante acerca do pensamento conservador: ele não se trata de uma negação total a qualquer mudança, mas as vê com desconfiança e parcimônia, rejeitando modos mais diretos pelos quais a mesma possa ocorrer, como grandes transformações e rupturas. O conservadorismo parte do postulado de que há uma ordem natural, evolutiva e adaptativa da sociedade, cuja dinâmica e processos não dependem e, preferencialmente, não devem partir do homem devido às suas limitações. Logo, sociedades conservadoras comportam mudanças, porém tendem a apresentar resistência a medidas mais abruptas, especialmente, se estas envolverem questões ou instituições tradicionais reconhecidas como basilares.

Como um desdobramento dos pontos supracitados, sugere-se o questionamento sobre a natureza da aversão à mudança que caracteriza o pensamento conservador, isto é, qual tipo de resistência a transformações pode ser considerada uma ação conservadora. Conforme definido pela literatura (BOBBIO, 1998; HUNTINGTON, 1957; ROBIN, 2011) e em conformidade com a concepção adotada nesta tese, não é qualquer reação a alterações políticas, econômicas e sociais que pode ser definida como uma expressão do conservadorismo. Entende-se por manifestação do conservadorismo os argumentos e ações que se oponham a modificações nas dimensões culturais, políticas, sociais ou econômicas tradicionais. Para tanto, são mobilizados valores e crenças específicos: relacionados a pressupostos religiosos, tradicionais, hierárquicos/relativos à ordem, nacionalistas, comunitários, de ceticismo em relação a melhorias e à capacidade humana autônoma de empreendê-las.

Destarte, o conservadorismo enquanto ideário e expressão social e política é arraigado a um conjunto de princípios e crenças, mas controversamente ele não é estático nem nega a mudança de forma absoluta. Com efeito, compreende a mudança enquanto um fenômeno natural que parte dos processos intrínsecos do funcionamento político, social e econômico que devem ocorrer de maneira lenta, gradual e autônoma à ação humana; preservando assim tudo o que há de tradicional e fundamental. Além disso, enquanto discurso, o conservadorismo possui alta capacidade de adaptação frente às diversas conjunturas de transformação e mudanças que se apresentam ao longo do tempo.

A partir do aprofundamento bibliográfico sobre o conservadorismo, cabe sintetizar e relacionar esse eixo teórico antes de partir para a discussão do conceito assumido neste estudo.

No terceiro quadro foi construído um grande resumo de todos os pressupostos encontrados na teoria conservadora, associando-os aos autores nos quais estão presentes.

Quadro 3: Bibliografia Geral Sobre o Conservadorismo

Fonte	Princípio/Dimensão	Lógica
Samuel Huntington George Steiner Russell Kirk Manuel Garcés Miguel A. Caro	Concepção de que existe uma ordem divina que regula a sociedade. Defesa da religiosidade e da fé em contraposição à racionalidade humana.	Crença/fé religiosa, valorização da religiosidade em contraposição a outras referências: a ordem, as leis e concepção de justiça, o desenvolvimento etc., partem de uma normativa divina.
Samuel Huntington George Steiner Russell Kirk Albert Hirschman Norberto Bobbio	A ideia de que os homens são naturalmente falhos (pessimismo antropológico). Afirmção de que o homem é governado pelas emoções e não pela razão.	Oposição à racionalidade enquanto fonte de legitimidade e autoridade (iluminismo), retirando das mãos do homem a capacidade central e autônoma de reger a sociedade e devolvendo à religião e ao ordenamento divino esta capacidade.
Samuel Huntington Alexis Tocqueville Edmund Burke George Steiner Gustave Le Bon George Nash Russell Kirk Albert Hirschman Norberto Bobbio Francisco Varnhagen Oliveira Vianna Ortega y Gasset Roger Scruton	O progresso enquanto um processo natural, gradual e condicionado naturalmente. Proteção das estruturas vigentes em relação às possibilidades incertas do futuro, afirmando não ser uma forma de comodismo, mas sim de aproveitar o presente e garantir o futuro.	Postura tradicionalista, voltada para manutenção das estruturas e valores basilares, negando o pensamento e medidas revolucionárias. Pautando-se na legitimidade e segurança das instituições vigentes e seu legado.
Samuel Huntington Friedrich Hayek Russell Kirk Giberto Freyre Roger Scruton	Percepção da sociedade como um fenômeno orgânico. Apelo ao senso de comunidade e ao direito natural acima das necessidades ou preferências individuais, especialmente o direito à propriedade privada. Não há dissociação entre propriedade privada e liberdade.	Sociedade enquanto um mecanismo único e interligado, no qual o individualismo e qualquer alteração em seu andamento é nocivo e disfuncional.
Samuel Huntington Corey Robin Russell Kirk Giberto Freyre Roger Scruton	Tradição e manutenção das hierarquias, da ordem e das instituições. Busca da manutenção da diferenciação social em classes e hierarquia em prol do bom funcionamento natural da sociedade da ordem (negando princípios igualitários que não sejam orientados à moral).	Concepção da sociedade como naturalmente desigual, na qual a manutenção das hierarquias e clivagens estabelecidas são fundamentais à manutenção da ordem política, econômica e social. Oposição a qualquer medida que busque a flexibilização das estruturas de autoridade ou promoção de igualdade social.

Michael Löwy Michael Oakeshot Karl Mannheim	Valorização do interno (nacional) em relação ao externo (estrangeiro/desconhecido).	Associado à lógica da preferência por tudo que é conhecido e estabelecido em relação ao temor do incerto e da ameaça à ordem e valores estabelecidos.
George Nash Russell Kirk	Interpretação de todos os problemas humanos, políticos ou não, pelo ponto de vista moral. Operacionalização do estado a partir de um ordenamento moral divino transcendental.	Seguindo a lógica religiosa de ordenamento social, o principal mecanismo de organização a ser aplicado a todas as instâncias políticas, sociais e econômicas parte de uma concepção moral e não racional.

Fonte: elaboração própria.

Esmiuçando um pouco mais o conteúdo da sistematização teórica acima. No quadro 4, os autores e princípios estão organizados em função de sua abordagem. Isto é, em relação ao propósito principal dos pensamentos e argumentos conservadores; se direcionados a definir a organização social, definir normas morais ou determinar o funcionamento da sociedade.

Quadro 4: Pensamento conservador e autores

Abordagem	Autores	Pensamento
Conservadorismo social	Samuel Huntington George Steiner Russell Kirk Gilberto Freyre Oliveira Vianna Miguel A. Caro Manuel Garcés	Há uma ordem divina que rege a sociedade. A sociedade é um fenômeno orgânico. Apelo ao senso de comunidade.
Conservadorismo Filosófico/Moral	Samuel Huntington George Steiner Russell Kirk George Nash Roger Scruton	Os homens são naturalmente falhos. A religiosidade e a fé são fundamentos mais confiáveis do que a racionalidade humana. O homem é governado pelas emoções e não pela razão.
	Russell Kirk George Nash	Todos os problemas humanos são problemas morais. O Estado está submetido a um ordenamento moral divino transcendental.
	Samuel Huntington Alexis Tocqueville Edmund Burke George Steiner Gustave Le Bon George Nash Russell Kirk Ortega y Gasset Roger Scruton	O verdadeiro progresso é um processo natural e gradual. Deve-se proteger as estruturas vigentes em relação às possibilidades incertas para aproveitar o presente e garantir o futuro.

Conservadorismo Operacional	Samuel Huntington Friedrich Hayek Russell Kirk	Há um direito natural que está acima das necessidades ou preferências individuais – especialmente o direito à propriedade privada. Propriedade privada e liberdade são indissociáveis.
	Samuel Huntington Russell Kirk Roger Scruton	As decisões devem ser orientadas à tradição e à manutenção das hierarquias, da ordem e das instituições. A diferenciação social em classes e hierarquia deve ser mantida em prol do bom funcionamento natural da sociedade e da ordem.
	Michael Oakeshot Karl Mannheim	Valorização do interno (nacional) em relação ao externo (estrangeiro/ desconhecido).

Fonte: elaboração própria.

Neste estudo, o conservadorismo é um conjunto de pressupostos que orientam os indivíduos à preferência de tudo que for tradicional e conhecido em detrimento da inovação ou transformações. Desse modo, os princípios conservadores estão diretamente atrelados a alguns pressupostos básicos: medo ou receio do novo/desconhecido, desconfiança em relação à mudança e à ação puramente humana, apreço por normas morais, hierarquias, instituições e comportamentos tradicionais. Disso deriva um conseqüente apelo à preservação das estruturas da sociedade e preferência por reformas lentas e graduais. Desse modo, o nível de conservadorismo de uma sociedade ao longo do tempo se expressa através da forma pela qual essas crenças estão incluídas e enraizadas nos valores e nos princípios morais e na intensidade com que balizam as percepções, as atitudes e o comportamento dos indivíduos.

Seguindo a interpretação desenvolvida na tese, o conservadorismo pode assumir dois formatos fundamentais: latente, por meio do compartilhamento de crenças e valores; e manifesto, a partir de sua expressão em atitudes, comportamentos em situações sociais, políticas e econômicas.

Conforme pretendemos demonstrar aqui, a transição do conservadorismo latente – eminentemente estrutural – em conservadorismo manifesto – o fortalecimento de atitudes e comportamentos conservadores na sociedade – é facilitada ou potencializada em ambientes que produzam percepção de mudanças, instabilidade, insegurança e incertezas políticas, sociais ou econômicas. Dito isto, cabe aprofundarmos no próximo capítulo os demais conceitos e interpretações fundamentais para a pesquisa que estão relacionadas às ciências sociais e à cultura política.

3. A TEORIA PARA PENSAR O AVANÇO DO CONSERVADORISMO

Neste capítulo, partimos para o segundo marco teórico que norteia esta proposta e que tem como base a tese fundamental do campo de estudo da Cultura Política: arranjos políticos – regimes, instituições, movimentos, entre outros – são impactados fortemente pela cultura política dos cidadãos. Diversos autores dessa área do conhecimento (ALMOND e VERBA, 1965; PUTNAM, 1996; INGLEHART e WELZEL, 2009; MOISÉS, 1995; BAQUERO, 2013) buscaram, a partir de diferentes abordagens, compreender de que maneira a cultura política pode levar à estabilidade ou à instabilidade política. Esses pesquisadores também fizeram esforços para identificar a partir de que processos a cultura política se constrói e se transforma – mapeando atitudes políticas, descrevendo culturas ideais, identificando valores, destacando instrumentos de mudança e de construção de comportamentos.

Com efeito, Harry Eckstein (1969) afirma, em seu estudo aplicado à estabilidade do regime democrático, que estruturas políticas têm maior chance de sucesso quando apresentam congruência com os padrões de autoridade presentes nos valores e na cultura política da sociedade. Ele fomenta, assim, o enquadramento de que a base cultural é quem fornece os mecanismos que definem a dinâmica entre a sociedade e as conjunturas políticas e econômicas.

A cultura política corresponde ao sistema de crenças empíricas, símbolos expressivos e valores que definem as orientações subjetivas das pessoas em relação à política e, por consequência, a situação na qual a ação política ocorre (VERBA, 1965). Partindo dessa concepção, compreende-se aqui que os padrões básicos de crenças e de valores influenciam as predisposições para a atuação política, isto é, as atitudes, e orientam a ação política em si, ou seja, o comportamento.

Destarte, no que se refere mais diretamente ao papel da cultura política para o fenômeno do conservadorismo, estabelecemos nesta pesquisa uma diferenciação entre as manifestações atitudinais/comportamentais e, por outro lado, os valores e crenças latentes. O primeiro diz respeito aos aspectos manifestos: objetivos, conscientes e mais observáveis. Já aspectos latentes valorativos e de crença correspondem às construções mais implícitas, difusas e menos intencionais. Isto posto, podemos compreender que as crenças e valores conservadores latentes estabelecem uma inclinação a atitudes e ao comportamento conscientemente manifestos através de avaliações e ações conservadores em determinadas conjunturas.

Em concordância com a concepção assumida aqui, Almond e Verba (1965) argumentam que há crenças primitivas que atendem a pressupostos sobre política que são fundamentais para os indivíduos e não necessariamente são declarados ou expostos. No que diz respeito à transição dessas concepções para a forma de manifestação das mesmas, o autor pontua que: em sociedades em transição, a ameaça dessas normativas tradicionais pode ser gatilho para possíveis instabilidades.

Em complementaridade a esta construção teórico-analítica, é seguida aqui uma visão semelhante à de Pye (1965) de que podem haver diversificadas crenças, valores e atitudes não diretamente relacionadas à política que também podem orientar os processos políticos em si, como, por exemplo, o sentimento de confiança básica nas relações humanas e a religiosidade.

Seguindo a lógica desta escola de pensamento, esta tese propõe que sociedades que possuam uma cultura política convergente ao conservadorismo e que estejam inseridas em uma conjuntura de incerteza, instabilidade ou insegurança tenderiam a apresentar valorização da comunidade e da família, maior adesão às ideias e aos argumentos derivados da visão religiosa da natureza humana, maior intolerância ao diferente como uma forma de valorizar a tradição, tendência ao conformismo e à preferência pelo que já se consolidou em relação a proposições de resultado incerto. Outrossim, indivíduos que possuam um viés ideológico e cultural progressista tenderão a buscar a individualidade e a racionalidade, também se sentirão mais seguros para formular e propor transformações na sociedade, na política e na economia e irão se envolver e demandar por questões mais subjetivas e abstratas, tais como questões de sexualidade, gênero e costumes sociais.

Deste modo, a concepção proposta aqui dialoga diretamente com a percepção de Harvey (1993) de que alterações no cenário conjuntural – social, político e econômico – e cultural estão associadas e podem resultar em incertezas e inseguranças e movimentos da sociedade que se voltam para a tentativa de conservar o estabelecido. Sobre esse mesmo ponto, Barroco (2009) afirma que, quando papéis e padrões sociais são confrontados por novos valores e ideias, a moral adquire, no conservadorismo, um sentido doutrinário e restaurador da ordem e da autoridade.

Essa abordagem sobre o fenômeno traz de forma subjacente uma discussão maior sobre os conceitos de crenças, valores, atitudes e comportamentos e seus funcionamentos, que é fundamental para a compreensão e construção desta pesquisa. A preocupação com atitudes e comportamento remonta a Sócrates e Aristóteles e se perpetua na busca recorrente da Ciência

Política em compreender as habilidades da cidadania e a qualidade da participação política (DALTON, 2000). Contudo, até os anos 1950, as medidas usadas pela Ciência Política ainda eram bastante centradas nas definições e relações institucionais (EASTON, 1953).

Após as importantes contribuições de Lippmann (1925; 1946), a partir dos anos 1960 ocorre a inserção mais contundente de pesquisas sobre crenças, valores, atitudes e comportamentos na Ciência Política. Nesse período, seus esforços estavam voltados principalmente à compreensão dos processos de tomada de decisão e de estabelecimento de padrões de comportamento (FALTER, 2001).

Mais especificamente, o desenvolvimento dos estudos sobre Cultura Política está altamente relacionado com os estudos políticos e psicológicos sobre comportamento político e atitudes. A maior parte desses trabalhos foca em avaliar a relação entre atitudes políticas e estabilidade democrática, como nos clássicos Almond e Verba (1965) e Inglehart (1990). Sobre os estudos de comportamento e em consonância com o que se pretende fazer neste estudo, Smith (2004) afirma que avaliar os significados do comportamento é mais importante do que simplesmente catalogar a sua ocorrência ou não.

Antes de mergulhar diretamente nos conceitos centrais de crenças, valores, atitudes e comportamento, é importante pontuar de que maneira eles são formados, segundo a perspectiva deste estudo. De um modo geral, a bibliografia aponta para um conjunto de fatores que formam a cultura política dos indivíduos e seus elementos. Entre eles, estão: genética, aspectos fisiológicos, experiência pessoal direta, influência parental, relações pessoais e profissionais, mídia, entre outros (SCHMIDT, 2000). Deste modo, cabe então uma breve discussão sobre o processo de construção e transmissão a partir da socialização; conforme é compreendido tradicionalmente nos estudos de Cultura Política.

A socialização consiste na transmissão de crenças, concepções de mundo, valores, atitudes e comportamentos entre atores sociais (SCHMIDT, 2000). Seguindo esta ideia, diferentes perspectivas foram construídas acerca de quais agentes seriam responsáveis por esta transmissão e como o fariam. Logo, a literatura sobre o tema abrange os mais variados enfoques a partir desse mesmo pressuposto, tais como: família na infância (HYMAN, 1959; EASTON, DENNIS 1969), escola e grupos de pares na adolescência (JENNINGS e NIEMI, 1974), e mídia (POSTMAN, 1999; RUBIM e AZEVEDO, 1998).

Do mesmo modo, enquanto alguns se concentraram em analisar o poder da socialização nos primeiros anos de vida (HYMAN, 1959), outros optaram por compreendê-lo enquanto algo

permanente e interativo (PERCHERON, 1978; SIGEL, 1989; BAQUERO, 1997). Outros, ainda, tendo essa visão do processo de maneira contínua, optaram por dividir as etapas de socialização em primária e secundária (BERGER e LUCKMAN, 1985) e, também, o seu modo de transmissão em latente (difusa) e manifesta (voluntária) (ALMOND e COLEMAN, 1969).

A seguir, obtemos um quadro resumido da teoria sobre a relação da socialização política com a formação das crenças, valores, atitudes e comportamentos:

Quadro 5: Autores e Abordagem sobre socialização

Autor	Abordagem
Almond e Coleman (1969)	processo indutivo, resultando na formação de atitudes, cognições, padrões de valor e sentimentos.
Easton e Dennis (1969)	aquisição de orientações políticas enquanto um processo de aprendizado.
Levine (1963)	foco na transmissão de atitudes voltadas a padrões de tomada de decisão, imagens e antagonismos.
Bender (1967)	preocupação com o processo geral de internalização de atitudes, crenças, valores e cognições políticas.
Easton (1968)	desenvolvimento de orientações políticas e padrões comportamentais.

Fonte: elaboração própria.

Com efeito, se faz necessário entrarmos na discussão teórica acerca da definição dos conceitos de crenças e valores, atitudes e comportamento e suas implicações. Para tanto, iremos buscar outras bases para um pouco além da Ciência e da Cultura Política, nos apropriando deste debate também nos estudos sociais e comportamentais da psicologia – visto que essa é a fonte na qual os demais campos do conhecimento se baseiam e é onde a discussão se dá de maneira mais aprofundada. Existe uma variedade de abordagens sobre esses conceitos, como veremos a seguir. No entanto, é possível identificar alguns traços essenciais compartilhados por todas as definições assumidas, dando destaque àquelas que mais dialogam com as concepções sobre o fenômeno assumidas neste estudo.

Crença é um conceito diretamente inserido na definição de conservadorismo deste estudo e já consolidado teoricamente como chave para compreender o mosaico cultural de indivíduos e sociedades. Conforme a literatura, a crença é a base de valores, atitudes e comportamento, pois estabelece a concepção sobre os objetos a partir da qual as avaliações e

relações serão estabelecidas (OSKAMP e SCHULTZ, 2005). De modo mais prático, os mesmos autores afirmam que um conjunto de crenças, ao pautar os indivíduos, pode resultar em atitudes e comportamentos. Em consonância, Chaiken (2001) pontua que as avaliações que as pessoas fazem do objeto e a forma como atuam (atitudes e comportamentos) são baseadas nas crenças que estes mesmos indivíduos possuem.

Uma vez estabelecida a importância da crença, isto é, a compreensão teórica de que a mesma está fortemente relacionada com a forma como são construídos os valores, as atitudes e os comportamentos; resta-nos buscar estabelecer qual é o seu significado. Conforme Good (2001), a crença é um termo frequentemente utilizado em estudos sobre a cultura da sociedade, religião ou concepções de mundo, porém pouco definida ou teorizada adequadamente, nas palavras do autor:

a word commonly used for the analysis of a society's culture, religion, or ideas about the world, but seldom defined or explicitly theorized. Belief is often included in omnibus definitions of culture. (GOOD, 2001, p. 1137)

De modo aplicado, a crença tem sido diretamente associada à ideia de religiosidade (TYLOR, 1871 apud KROEBER e KLUCKHOHN, 1952). Contudo, a crença é mais comumente definida na bibliografia como uma forma de sintetizar os princípios centrais de uma cultura ou visão de mundo (GOOD, 2001; BLACK, 1973). Neste sentido, Hahn (1973) afirma que crenças são proposições gerais sobre o mundo. Com base nessas definições e no pressuposto de que a crença é um elemento fundamental da cultura, parte dos esforços teóricos se direcionaram a analisar a relação entre as diferentes crenças e, também, a mensurar a importância e a força de uma crença para os indivíduos e grupos sociais.

Dessa agenda de pesquisa, derivou a ideia de sistema de crenças, no qual as crenças estão interconectadas e atuam em função umas das outras de maneira organizada (GOOD, 2001). Destarte, a centralidade de uma crença pode ser medida pelo seu grau de interação com as demais crenças (ROKEACH, 1968). Com base nisso, crenças sobre si mesmo e a própria identidade tendem a ser muito centrais, pois pautam as relações do indivíduo com tudo à sua volta, seguida pelas crenças compartilhadas. Após essas, estariam as crenças que derivam de outras crenças e não de experiências diretas com o objeto em questão e, por fim, as questões de

gosto seriam menos centrais (ROKEACH, 1968). A intensidade de uma crença é definida pela força de enraizamento da mesma, sendo que crenças centrais apresentam alta tendência a ser mantidas (OSKAMP e SCHULTZ, 2005).

Como um desdobramento dessas formulações teóricas acerca das características e funcionamentos das crenças, Rokeach (1968) classificou como crenças primitivas as “verdades” básicas que as pessoas constroem sobre si mesmas, outras pessoas e o mundo. Outrossim, este tipo de crença possui alta centralidade e tende a ser formada a partir de experiências diretas com o objeto em questão, isto é, não deriva de outras crenças. Além disso, as crenças primitivas não dependem necessariamente de seu compartilhamento com outros indivíduos. Entretanto, quanto maior for o consenso entre as pessoas, maior será a sua capacidade de resistência a mudanças (ROKEACH, 1968).

Destarte, essa tipificação de crença dialoga diretamente com a ideia incorporada no conceito de conservadorismo e com o modelo explicativo deste estudo. Ainda sobre ao perfil das crenças resistentes a transformações, Rokeach (1968) afirma que tendem a se manter muito enraizadas, além das primitivas, aquelas que são ancoradas na legitimidade e confiabilidade de autoridades. Nesta esteira, Oskamp e Schultz (2005) afirmam que a importância das crenças primitivas pode ser observada na medida em que as mesmas são desafiadas por narrativas controversas; segundo os autores, tal situação pode gerar espanto, descrença, raiva, ansiedade intensa e confusão. Essa concepção coincide com a escolha desta pesquisa em considerar o potencial do contexto conjuntural de instabilidade em gerar resistência e perturbação social.

Propondo uma análise mais detalhada da relação entre as crenças ou a maneira como as mesmas interagem, é possível identificar duas estruturas sistemáticas diferentes: vertical e horizontal (OSKAMP e SCHULTZ, 2005). Na estrutura vertical é estabelecida, entre a crença primitiva e a conclusão final, uma sequência de outras crenças ligadas por elos lógicos a partir das premissas anteriores. Na estrutura horizontal, esse processo se amplia para se adequar a uma realidade mais complexa, contemplando não só uma sequência de crenças relacionadas, mas sim a coexistência de várias linhas interligadas.

Neste ponto, é importante ratificar que o caráter lógico destas conexões não significa necessariamente racionalidade, visto que as pessoas geralmente não conseguem construir todas as suas concepções considerando apenas aspectos objetivos e precisos (TABER e LODGE, 2006). Reforçando esta ideia, estudos demonstram que as pessoas tendem a absorver e se embasar em informações filtradas seletivamente de modo que reforcem suas crenças e

sentimentos, evitando ou negando evidências contrárias (OSKAMP e SCHULTZ, 2005). Esta condição interfere nas demais dimensões deste estudo, uma vez que o processo de informação seletiva tende a impactar também os valores, atitudes e comportamentos subsequentes (ZALLER, 1992). Doravante, antes de partir para a discussão sobre esses outros componentes definidos aqui como importantes para compreender o fenômeno do avanço do conservadorismo no século XXI, apresentamos um quadro que sintetiza as definições teóricas apresentadas acerca do conceito de crença.

Quadro 6: Síntese teórica sobre o conceito de crença

Conceito	Tipos		Relação
Pressupostos gerais que definem a percepção que as pessoas possuem de si mesmas, das demais pessoas e do mundo.	Primitivas	Altamente centrais, são “verdades” básicas que as pessoas constroem sobre si mesmas, outras pessoas e o mundo.	Entre a crença primitiva e a conclusão final, há uma sequência de outras crenças ligadas por elos lógicos (estrutura vertical).
	Compartilhadas	Crenças socialmente compartilhadas que não se restringem ao indivíduo.	
	Derivadas	Crenças que não são estabelecidas a partir de experiências diretas, mas sim resultam de outras crenças.	Sequências de crenças relacionadas coexistem e são interligadas (estrutura horizontal).
	Sobre gostos	Crenças que se referem a preferências e geralmente não impactam ou se relacionam com outras crenças.	

Fonte: elaboração própria.

No que se refere aos valores, há um consenso acerca de seu caráter idealizador sobre fins ou modos de conduta desejável. Dito de forma resumida e mais operacionalizável, valores são: fins, objetivos e ideias que dizem respeito a objetivos de vida ou padrões de funcionamento social desejados por um indivíduo ou compartilhado por grupos sociais (OSKAMP, SCHULTZ, 2005; ROKEACH, 1968; SCHWARTZ, 1992; ROHAN, 2000). O aspecto ético/moral presente nos estudos de definição do conceito dialoga diretamente com a construção teórica desta

pesquisa ao estabelecer que valores determinam o que é certo ou importante para os atores individuais e coletivos.

Com efeito, os valores configuram padrões ideais generalizados sobre a existência humana que perpassam as atitudes. Desse modo, grupos restritos de valores podem estar relacionados a um conjunto maior de atitudes (ROKEACH, 1971; 1968). Em complementaridade a isso, Chaiken (2001) contribui para compreensão e operacionalização desses conceitos ao afirmar que os objetos dos valores são mais amplos do que os objetos das atitudes, por exemplo: tem-se atitudes em relação a políticas e valores em relação aos temas dessas políticas. Outro autor cujo argumento converge com o modelo proposto aqui é Harrison (2008) ao afirmar que os valores fazem parte da estrutura que explica o comportamento latente e fazem parte do comportamento observado.

Na mesma discussão sobre a definição de valores e suas implicações, dialoga diretamente com o desenho desta pesquisa a concepção de que, uma vez internalizados, os valores irão consciente ou inconscientemente manter atitudes e, por consequência, guiar comportamentos e julgamentos morais (ROKEACH, 1971). A esse respeito, Kuczynski (2001) define que os valores regulam e guiam as pessoas a partir dos padrões que estabelecem como aceitáveis ou desejáveis em uma dada família ou cultura. Mais enfaticamente a esse respeito e reforçando a ideia de que há relação entre valores, atitudes e comportamentos, Oyserman (2001) afirma que os valores motivam e influenciam as percepções, os critérios de julgamento, as atitudes e os comportamentos sociais. Dessa forma, não é possível compreender padrões de atitude e comportamento sem considerar os valores da cultura em questão (OYSERMAN, 2001; REZSOHAZY, 2001).

Por fim, em consonância com a ideia de divisão entre concepções conservadoras e progressistas, Rezsahazy (2001) afirma que para cada valor existe um contravalor, isto é, para cada padrão desejável, existe um padrão oposto indesejável. Dentro desse tema, a tipologia de valores feita por Schwartz (1992) afirma que existem valores de conservação que estão associados à tradição, conformidade, segurança e religiosidade, se opondo às ideias de autonomia e autodireção. Ainda conforme este autor e de acordo com a ideia proposta aqui: é possível estabelecer espectros/conjuntos de valores padronizados inter-relacionados.

Nas Ciências Sociais, o papel dos valores já foi peça importante em estudos clássicos, mesmo antes da definição de cultura política ou do próprio conceito em si. Quando Tocqueville (2003) analisou o espírito dos americanos, ele já tratava do que hoje definimos como sendo

valores, o que Marx (2015) chamou de superestrutura também está relacionado ao conceito, por fim, o mesmo constructo estava presente no estudo de Weber (1987) sobre a ética protestante (REZSOHAZY, 2001).

Com isso, é possível estabelecer uma compreensão acerca de um conceito geral de valores que também se coloca dentro de uma perspectiva que dialoga com o presente estudo. Também fica clara a argumentação teórica sobre sua relação com atitudes e comportamentos, bem como de seu papel já consolidado nos estudos de Ciências Sociais e Ciência Política, mesmo antes de ser nomeado ou definido diretamente. A seguir, apresentamos alguns quadros que oferecem uma contribuição teórica para o tema, na medida em que contemplam a discussão e as abordagens dos estudos do conceito de valores de forma mais abrangente.

Quadro 7: Conceitos de valores e autores

Kluckhohn (1951)	concepções do que é desejável – definições de bem de moral.
Kluckhohn e Strodtbeck (1961)	sistemas que buscam responder a questões básicas sobre ser.
Rokeach (1968; 1971)	princípios que se referem a um resultado desejável, ou um modo de conduta desejável.
Schwartz (1992)	maneiras de articular requisitos universais da existência humana; tais como sobreviver fisicamente, ter intercâmbio social e fornecer a continuidade do grupo.
Rezsosazy, (2001)	é tudo o que os atores sociais apreciam, desejam obter, recomendam, entendem como um ideal.
Oyserman (2001)	a nível individual, os valores são representações sociais ou crenças morais internalizadas que as pessoas usam para definir suas ações. a nível coletivo, valores são scripts ou ideias culturais mantidas em comum por membros de um grupo.
Kuczynski (2001)	padrões de regulação aceita como desejável por uma pessoa em uma dada família ou cultura; serve para guiar os seus princípios em suas vidas.
Smith (2004)	ideias abstratas generalizadas sobre objetivos desejáveis (expectativas) e as formas de alcançá-los.
Oskamp e Schultz (2005)	fins, objetivos, ideias; tudo que diz respeito ao objetivo da vida ou ou condição social desejada por uma pessoa.
Croissant (2008)	ideias chave para uma dada cultura que figuram um determinado sistema ideológico e/ou possuem certas funções dentro da sociedade, como fornecer integração social e servir como balizadores da política.

Harrison (2008)	preferências que fazem parte da estrutura teórica para explicar o comportamento latente e fazendo parte do comportamento observado.
Smith (2008)	valores dizem respeito ao que é moralmente ético, “certo” ou “importante” na vida social e no comportamento individual.

Fonte: elaboração própria.

No quadro anterior foram sintetizadas as diferentes maneiras de formular o conceito de valores. No quadro a seguir são apresentadas as diferentes abordagens dos estudos sobre valores e seus respectivos autores.

Quadro 8: Abordagens dos estudos sobre valores vs. autores

Autores	Ideia
Kluckhohn e Strodtbeck (1961)	teorias sobre a orientação dos valores.
Parsons (1951)	ator e valor guiam a ação a partir de interesses sociológicos
Lipset (1963, 1967)	inspirou-se nas categorias de Parsons para comparar valores.
Everett Hagen (1964) Inglehart (1990)	influência dos valores para transições econômicas e sociais.
Daniel Bell (1973), Inglehart (1977), Christopher Lasch (1980)	mudança de valores: narcisistas, hedonistas, secularizados, pós-industriais, pós-materialistas.
Kohn (1977)	análise dos valores a partir de estruturas de classes.
Rokeach (1973)	desenvolvimento de sistemas gerais de valores.
Kluckhohn (1961)	foco nos valores em nível coletivo dividido entre grupos.

Fontes: elaboração própria com base nas classificações de Rezsóhazy (2001); Oyserman (2001).

Entre os diferentes estudos sobre o conceito de valores e suas aplicações, foram desenvolvidas tipologias de valores que estão apresentadas de forma sintética no quadro a seguir:

Quadro 9: Tipologias de valores

Autores	Tipos
SCHWARTZ, (1992)	Conservação – tradição, conformidade, segurança e poder. Autotranscendência – benevolência e universalismo. Abertura para mudança – autodireção, estimulação, hedonismo. Autoaperfeiçoamento – poder, realização, hedonismo.

REZSOHAZY, (2001)	fundamentais x específicos estruturantes x periféricos final x estrutural, globais, totalitários x plurais.
-------------------	--

Fontes: elaboração própria.

Após apresentar a sintetização das informações sobre o conceito de valores, as diferentes abordagens e tipologias, no quadro 10 são apresentadas as interpretações disponíveis na literatura acerca do processo de formação dos valores. É importante notar que essas construções teóricas são mais complementares do que excludentes.

Quadro 10: Abordagens sobre a formação de valores

Autores	Abordagem
Hoffman, (1970); Bandura e Walters, (1963)	Socialização – transmissão de valores.
Piaget (1969) e Kohlberg (1958)	Desenvolvimento Cognitivo – construção de valores continua se desenvolvendo, alterando a capacidade de julgamento.
Maccoby e Martin (1983)	Relação Parental – a qualidade da relação entre pais e filhos afeta a transmissão dos valores.
Kuczynski, (1984), Lawrence e Valsiner, (1993)	Construtivista – os valores são ativamente construídos e interpretados.
Gramsci (2000)	Marxista - a consciência e concepção de mundo existem enquanto uma construção social humana, fortemente influenciada pelos processos hegemônicos da classe dominante.

Fonte: elaboração própria com base na classificação de Kuczynski (2001).

Destarte, fica estabelecida a discussão sobre a definição de crença e de valores e suas implicações para este estudo, bem como a apresentação do levantamento teórico das diversas abordagens e visões dos conceitos. Cabe agora passarmos para a análise da dimensão de atitude. Em um sentido científico, o termo atitude foi inicialmente entendido por filósofos como parte de processos mentais. Com o surgimento das ciências comportamentais, passou a ser objeto de estudo para compreender a predisposição de indivíduos a adotar determinadas respostas.

A adoção da ideia de atitude pela sociologia deu enfoque ao seu papel na relação entre indivíduos e objetos socialmente significantes. Por fim, tiveram destaque os estudos voltados ao desenvolvimento de estratégias para a sua mensuração (DeFLEUR e WESTIE, 1963). De

um modo geral, as três últimas abordagens nos interessam. A visão geral da psicologia contemporânea sobre o conceito de atitudes o descreve como uma avaliação relativamente geral e duradoura de um objeto ou conceito em um formato que varia de positiva a negativa (BAUMEISTER, FINKEL, 2010). Portanto, em convergência com a percepção deste estudo, atitudes podem ser definidas como tendências e predisposições expressas através da avaliação favorável ou desfavorável de um objeto específico (S. CHAIKEN, 2001; EAGLY, 2008).

Outro ponto relativamente generalizado na bibliografia e que pode influenciar na mensuração de atitudes é a divisão da formação e do estabelecimento das atitudes em três componentes principais: afetivo, cognitivo e comportamental (FAZIO, 1986; BIZER, 2004; TRAFIMOW, 2004; EAGLY, 2008; JARY, JARY, 2008; CHAIKEN, 2001; MANSTEAD, 2001; BAUMEISTER, FINKEL, 2010; OSKAMP, SCHULTZ, 2005). Sobre esse aspecto é importante salientar que nem todas as dimensões tripartites estão necessariamente presentes na formação ou expressão de cada atitude. Sendo assim, há variações de combinações possíveis; além disso, elas tendem a ser congruentes entre si (BAUMEISTER, FINKEL, 2010; OSKAMP, SCHULTZ, 2005). Ainda no que se refere ao processo de formação das atitudes e em diálogo com a abordagem da socialização discutida anteriormente, as atitudes podem ser aprendidas por meio de experiências diretas, mas também podem ser transmitidas indiretamente por outras pessoas (FAZIO, 1986; REGAN, FAZIO, 1977; CHAIKEN, 2001).

Inserindo a relação entre atitudes e a ação política em si (ou seja, o comportamento), Oskamp e Schultz (2005) afirmam que estas tendências predispõem o indivíduo a responder de maneira favorável ou desfavorável ao objeto, conceito ou situação. Com efeito, por determinarem tendências e predisposições, as atitudes podem ser mediadores entre valores e comportamentos (MILFONT, DUCKIT e WAGNER, 2010). Fomentando essa compreensão, Bizer (2004) argumenta que as atitudes funcionam como um importante regulador na vida diária dos indivíduos, influenciando suas escolhas.

Conforme Fazio (1986), atitudes afetam a percepção e a ação dos indivíduos; aplicando isto para o objeto de estudo desta pesquisa, a percepção seletiva/orientada ao conservadorismo pode resultar na evitação da instabilidade ou da mudança por avaliá-las como ameaças. A maior parte das atitudes que um indivíduo pode ter não ficam ativas na maior parte do tempo, apenas algumas ficam em foco por vez (OSKAMP, SCHULTZ, 2005). Segundo Fazio (2000) e em consenso com o modelo proposto nesta pesquisa, a ativação das atitudes requer o surgimento

de alguma necessidade e/ou de alguma sugestão relevante no ambiente em que o indivíduo está inserido.

Outro ponto convergente entre a literatura sobre o conceito e a percepção assumida nesta pesquisa é a de que atitudes se configuram de maneira interdependente. Com isso, torna-se possível deduzir as predisposições dos indivíduos a partir de seu posicionamento. Isso implica que, se uma pessoa tem um determinado posicionamento conservador, ela tende a apresentar outros comportamentos e atitudes conservadores inter-relacionados (CONVERSE, 2006).

Neste mesmo sentido, Rokeach (1971;1968) entende que conjuntos de atitudes podem ser organizados em uma temática (religiosa, política). Atitudes podem formar perfis ideológicos – como conservadorismo ou liberalismo – quando correlacionadas a partir de um mesmo tema (EAGLY, 2008). Ainda sobre esse aspecto, Chaiken (2001) é contundente ao afirmar que grupos de atitudes interconectadas podem ser classificados, por exemplo: conjunto de atitudes negativas em relação a minorias pode configurar enquadramentos mais amplos como preconceito ou xenofobia. A seguir, são exibidos quadros que apresentam a discussão mais ampla sobre o conceito, para além das questões teóricas centrais relacionadas com este estudo.

Quadro 11: Conceitos de atitude

Regan e Fazio, 1977	percepção sobre a situação, avaliação de como deveria ser.
Rokeach, 1971;1968	organização de crenças inter-relacionadas que estão focadas em um objeto (físico, abstrato, concreto, social) ou situação específica
Fishbein, 2004	Atitudes são sentimentos favoráveis ou desfavoráveis em relação a algum objeto ou ação.
Bizer, 2004	avaliação relativamente duradoura que uma pessoa tem sobre algo, isto é, do que as pessoas gostam ou não gostam.
Oskamp e Schultz, 2005	predisposição para responder de maneira favorável ou desfavorável ao elemento da atitude.
Eagly, 2008 Chaiken, 2001 Schwarz, 2001 Manstead, 2001	tendências psicológicas expressas através de avaliação favorável ou desfavorável de entidades/objetos.
Turner e Battle, 2008	Atitudes são julgamentos que as pessoas têm sobre ideias, experiências e outras pessoas.
Hutchings, 2008	opiniões e valores que as pessoas possuem sobre questões, eventos e figuras políticas.

Milfont, Duckit e Wagner, 2010	mediadores entre valores e comportamentos
--------------------------------	---

Fonte: elaboração própria.

Após apresentarmos, no quadro 11, partimos para as elaborações da bibliografia acerca do conceito de atitudes. Observamos que geralmente o enfoque principal diz respeito ao seu perfil avaliativo bidimensional (negativo/positivo). No quadro a seguir, são apresentadas as principais abordagens presentes na literatura sobre o tema, definindo-as a partir de suas ideias centrais e autores.

Quadro 12: Abordagens sobre o conceito de atitudes

Abordagem	ideia	autores
Abrangente	estado mental ou neural de prontidão, organizado por meio da experiência; exercendo influência sobre os indivíduos e suas respostas a tudo com o que está relacionado/exposto.	Allport, 1935.
Simples	gostos e desgostos, preferências e rejeições.	Bem, 1970
Avaliativa	tendência psicológica expressa por avaliar uma entidade em particular com algum grau de favor ou desfavor.	Eagly e Chaiken, 1993
Aprendizagem	é uma predisposição aprendida para responder de maneira consistentemente favorável ou desfavorável em relação a determinado objeto.	Fishbein e Ajzen, 1972.

Fonte: elaboração própria com base na classificação de Oskamp e Schultz (2005).

Seguindo a lógica do quadro anterior, na síntese teórica a seguir são apresentados os temas e questões em torno dos quais os estudos sobre atitudes se concentram. De um modo geral, eles dizem respeito à análise detalhada do conceito em si, sua estrutura, aplicação e inter-relação.

Quadro 13: Temas dos estudos de atitudes e autores

Ideia	autores
Tipos de atitude	Katz e Stotland (1959), Rosenberg e Hovland (1960), Smith, 1947.
Funções das atitudes	Katz (1960), Katz e Stotland (1959), Smith, Bruner e White (1956).
Conteúdo das atitudes	Rosemberg e Abelson (1960)
Relação entre atitudes	Converse (2006)

Fonte: elaboração própria com base na classificação de Baumeister e Finkel (2010).

Destarte, acredita-se que a partir da discussão estabelecida até aqui seja possível compreender os conceitos de crenças, valores e atitudes, suas relações e implicações. Além disso, este entendimento se deu tanto no que diz respeito às construções teóricas que mais dialogam com este estudo quanto no âmbito mais amplo da produção científica sobre o tema. Doravante, cabe partirmos para a compreensão da última dimensão central desta pesquisa: o comportamento.

Diferente dos anteriores, o conceito de comportamento possui um espectro mais restrito de definições. A discussão principal dos estudos sobre comportamento gira em torno de como ele é formado, como pode ser mensurado e de qual é o seu papel em termos individuais e sociais. De forma objetiva, comportamento é uma ação direta, observável, performada em relação a algum objeto ou contexto no tempo (FISHBEIN, 2004). Em um sentido mais amplo, Ardila (2001) afirma que comportamento é tudo o que organismo faz ou diz. Como no caso das crenças, atitudes e valores, há comportamentos que podem estar relacionados entre si, compondo conjuntos ou categorias de comportamento (FISHBEIN, 2004).

Há dois outros elementos associados à dimensão de comportamento que merecem destaque: as noções de intenção comportamental e de norma comportamental (FISHBEIN, 2004). A primeira diz respeito à prontidão para praticar um comportamento específico; essa dimensão comportamental é abrangida pelo conceito de atitudes nesse estudo. Ou seja, diz respeito às predisposições das pessoas para adotar comportamentos, mas que de maneira mais ampla também se refere às avaliações que as pessoas fazem sobre os objetos que fazem parte de seu universo. A norma comportamental, por sua vez, toca na questão da interferência da sociedade na escolha de ação dos indivíduos. Ao estabelecer que o comportamento está submetido à percepção de importância ou a interpretações de outros membros da sociedade, há um balizamento do mesmo a partir do que é socialmente aceitável ou não.

Deste modo, conforme já apontado nesta pesquisa, os grupos sociais em que as pessoas estão inseridas e as crenças compartilhados neles tendem a pautar comportamento; por exemplo, indivíduos pertencentes a comunidades religiosas estão mais propícios a compreender valores, atitudes e comportamentos conservadores como socialmente aceitáveis e importantes.

Os estudos sobre comportamento, em sua origem, buscaram analisar o fenômeno por meio de sua observação objetiva e mensurável. O comportamentalismo, conforme se

convencionou chamar este campo de conhecimento, acredita que todos os comportamentos são resultados de experiência e condicionamentos; isto é, as condições do ambiente têm influência direta no comportamento do indivíduo. Dentro desta discussão, Watson (1914) desenvolveu seus estudos buscando se opor a ideias de consciência e chegando à conclusão de que o comportamento pode ser predito. Em contrapartida, Skinner (1969) afirma que os comportamentos observáveis são manifestações externas de processos mentais invisíveis. No entanto, este autor opta por também se dedicar ao que é essencialmente observável. Diferenciando-se do comportamentalismo mais clássico de Watson ao ver o estímulo ao comportamento não como algo neutro, mas como reforços positivos e negativos que permitem induzir e controlar comportamentos.

O presente estudo converge com elementos do comportamentalismo, mas também se diferencia dele em determinados aspectos. Postula-se aqui que o comportamento é eminentemente observável e condicionado pelo meio, bem como é influenciado por manifestações internas “invisíveis” (crenças e valores), podendo ser reforçado ou oprimido. Contudo, a pesquisa tem como objetivo fundamental olhar para além do observável, isto é, compreender quais os fatores não diretamente observáveis que fomentam o comportamento, mais especificamente o comportamento conservador. Além disso, o modelo proposto vai além da ideia de estímulo e resposta, considerando o condicionamento comportamental como algo mais complexo ao considerar o papel das variáveis latentes de crenças e valores e das variáveis conjunturais de instabilidade política, econômica e social.

Em congruência com essa visão e ainda dentro do comportamentalismo, Tolman (1932) insere a ideia de que há outras variáveis intervenientes que determinam o comportamento, além de estímulo e resposta. Ainda mais enquadrado com a abordagem cultural na qual este estudo se insere, Fishbein (2004) argumenta que as atitudes e normas sociais se relacionam com o comportamento. Dito de outro modo, comportamentos estão diretamente relacionados com crenças, atitudes e intenções (AJZEN; ALBARRACIN, LOHMANN, 2005). Do ponto de vista de sua mensuração, tradicionalmente são investigados a partir da indagação sobre quais ações o indivíduo costuma ou gostaria de tomar (REGAN E FAZIO, 1977).

Quadro 14: Estágios do comportamentalismo

Comportamentalismo clássico – Watson (1914)	Eliminação da ideia de consciência. Comportamentos são ações objetivas observáveis e são condicionados por estímulos.
Neo-comportamentalismo – Hull (1943)	Ênfase nas definições operacionais influenciado pelo positivismo lógico; voltado à aprendizagem a partir das dimensões de estímulo/resposta e punição/recompensa.
Comportamentalismo operante – Skinner (1969)	Admite-se a presença de estados mentais invisíveis precedentes ao comportamento. Ênfase à ideia de estímulos positivos ou negativos, abrindo a possibilidade de controlar o condicionamento comportamental.

Fonte: elaboração própria com base nas classificações de Parot (2001) e Kitchner (2008).

Seguido da descrição do processo epistemológico dos estudos comportamentais, no quadro a seguir são apresentadas as principais abordagens existentes na literatura sobre o conceito de comportamento. Em geral, como poderá ser visto, as pesquisas buscam compreender o funcionamento e o papel do comportamento, bem como estabelecer os seus principais determinantes e oferecer ferramentas para a sua correta mensuração.

Quadro 15: Abordagens comportamentalistas

Comportamentalismo radical – Skinner (1969)	Ênfase no controle do comportamento pelo ambiente, desconsidera as teorias sobre aprendizagem.
Comportamentalismo operacional – Tolman (1932), Spence (1956)	Teoria dedutiva, considera os estados mentais quando estes podem ser definidos operacionalmente.
Comportamentalismo fisiológico – Hull (1943)	Busca combinar as dimensões operacionais com conceitos construídos a partir de processos fisiológicos.
Comportamentalismo funcional – Thorndike 1911	Comportamento como resultado do processo evolutivo e adaptativo.
Comportamentalismo teórico – Staats, (1999), Staddon, (1999)	Estados internos são construções teóricas que podem ou não ser agentes causais do comportamento. Segue a tradição watsoniana de uma teoria geral do fenômeno.

Fonte: elaboração própria a partir da classificação de Kimble (2001).

A partir da sintetização e organização do levantamento acerca da teoria sobre o comportamento, são apresentados no quadro a seguir os principais parâmetros epistemológicos e metodológicos desse tipo de pesquisa. É importante salientar que nem todos esses princípios estão presentes em cada estudo que se enquadra no tema, bem como eles não são excludentes entre si – pelo contrário são complementares.

Quadro 16: Moldes dos estudos comportamentais

Empirismo teórico-orientado	não apenas explicativos, mas também preditivos, postulando regularidades sociais e políticas.
Sistematicamente cumulativo	busca desenvolver seus modelos a partir de achados anteriores.
Determinismo	foco nos determinantes sociais, psicológicos e políticos.
Método indutivo	estabelecendo leis a partir de generalizações de regularidades sociais observadas.
Interdisciplinaridade	considera e utiliza conceitos e abordagens dos diversos campos das ciências humanas e sociais.
Cientificismo	todas as definições e resultados devem ser verificáveis.
Operacionalismo	todos os termos teóricos devem ser aplicáveis.
Objeto	a unidade de análise é o comportamento dos indivíduos.
Empirismo	uso de métodos empíricos na coleta e avaliação dos dados.
Crítérios de qualidade	os instrumentos de medição devem atender aos critérios de confiabilidade, validade e objetividade.
Princípio da neutralidade	o método científico não pode incluir julgamentos de valor.

Fonte: elaboração própria a partir da classificação de Falter (2001).

Com essa revisão de literatura e o seu diálogo com algumas orientações que foram adotadas nesta tese, buscou-se oferecer instrumentos para facilitar a compreensão dos conceitos, evidenciar o esforço feito para se desenvolver uma teoria mais articulada e objetiva do fenômeno e identificar as matrizes de cultura política das quais parte o estudo aqui proposto. Intentou-se anunciar as principais bases teóricas e lógicas em termos de construção do conhecimento, a partir das quais esta tese partirá para definir sua própria concepção do fenômeno estudado.

Após a compreensão dessa discussão teórica, cabe aprofundarmos a argumentação sobre os funcionamentos e relações dos mesmos para o fenômeno do avanço do conservadorismo. Outrossim, no próximo capítulo iremos tratar mais diretamente da transformação dos gatilhos conjunturais de instabilidade e das dimensões latentes de crenças e valores conservadores em atitudes e comportamentos conscientemente manifestos do conservadorismo. Assim, estabeleceremos a transição entre a discussão teórica e as construções operacionais e empíricas do desenho da pesquisa.

4. O CONSERVADORISMO E SUA EXPRESSÃO ENQUANTO MANIFESTAÇÃO DE TRAÇOS CULTURAIS LATENTES

Conforme visto no capítulo anterior, os estudos sobre atitudes e comportamento político sugerem que há fatores subjetivos e inconscientes presentes no comportamento, nas ações e na cultura das sociedades que podem ou não se manifestar de maneira racional, intencional, objetiva ou direta. Igualmente, é possível observar que ambas as modalidades se reforçam na medida que tendem a potencializar o desenvolvimento ou a expressão de sua forma complementar (FAZIO, 1986).

Em consonância com esse pressuposto, este estudo propõe que traços culturais como o conservadorismo também podem assumir formatos latentes e manifestos de acordo com a sua configuração em cada sociedade e com a conjuntura em que se insere. Igualmente, acredita-se que a presença desses traços pode atuar de duas formas: reforçando crenças e valores já internalizados ou favorecendo a expressão dessas orientações de forma mais explícita.

Outro posicionamento metodológico desta pesquisa sobre o conceito de atitude diz respeito à sua divisão tripartite em elementos cognitivos, afetivos e comportamentais. Ao buscar mensurar a dimensão, será levada em consideração essa construção teórica, no entanto, não será um parâmetro inserido no modelo ou um critério para o desenho da variável. Essa escolha se dá primeiramente porque a própria bibliografia aponta que os três aspectos são altamente congruentes entre si (BAUMEISTER, FINKEL, 2010), e principalmente porque o objetivo do modelo desta pesquisa é captar o papel da atitude em si no fenômeno do avanço do conservadorismo e não de seus possíveis componentes separadamente.

Partindo para as considerações mais diretamente relacionadas à compreensão do avanço conservador no Brasil e nos Estados Unidos neste século, cabe detalharmos os fatores postulados como condicionais para a sua ocorrência e a lógica do modelo proposto. A este respeito é feita uma primeira diferenciação entre dois tipos principais de elementos: estrutural, correspondendo à cultura política, e conjuntural, consistindo na instabilidade ou transformações nos campos social, político e econômico.

Sobre esta divisão é importante salientar que, ao definir a cultura política como estrutural, não se presume que ela seja estática ou imutável. Com efeito, em comparação com a situação política, econômica e social das sociedades, a cultura é mais estável, enraizada e

duradoura. Mesmo admitindo e até prevendo alterações nas crenças e nos valores é necessário um longo período, definido pelas mudanças intergeracionais, para a ocorrência de mudanças graduais na cultura política dos indivíduos (INGLEHART, 1997). Em contrapartida, crises e transformações na realidade social e, principalmente, política e econômica ocorrem de maneira mais dinâmica e menos previsível.

Destarte, dado que o fenômeno do avanço do conservadorismo no Ocidente é analisado para este século, a dicotomia metodológica pode ser feita sem ferir a natureza dos fatores examinados neste cenário. Com efeito, as manifestações do conservadorismo ascendem enquanto uma reação à percepção de instabilidade, insegurança e incerteza – especialmente quando estão em cena pautas progressistas. À vista disso, essas atitudes e comportamentos ganham maior ou menor destaque e aderência conforme a congruência existente entre os argumentos conservadores e a cultura política de cada sociedade. Em outras palavras, o pensamento conservador, que até então estava latente, ganha caráter manifesto a partir de um padrão na dinâmica política e social e se potencializa na mesma medida em que encontra adesão na cultura política dos indivíduos. Dito isto, se faz necessário entrarmos na discussão sobre a relação das crenças e dos valores com as atitudes e comportamentos a partir das características manifestas e latentes dos mesmos na lógica de ocorrência do fenômeno.

Reunindo, concomitantemente, as ideias que afirmam a importância do papel da conjuntura e a existência de forte relação entre as dimensões culturais neste contexto, há o entendimento de que forças situacionais afetam a congruência entre valores, atitudes e comportamentos (SCHUMAN e JOHNSON, 1976). Com efeito, quando as pessoas estão em cenários que as deixam incapazes de pensar cuidadosamente sobre suas ações, atitudes podem definir mais diretamente o comportamento (BAUMEISTER e FINKEL, 2010). Adaptando essa lógica para o objeto deste estudo, pode-se afirmar que, quando há a percepção de instabilidade enquanto insegurança e ameaça, as pessoas tendem a ativar de forma mais automática suas crenças e valores em forma de comportamentos e atitudes.

A respeito de como se compreende aqui a relação entre as variáveis culturais do fenômeno e a forma como os estudos sobre o tema respaldam esta visão, Eagly (2008) afirma que uma atitude constituída pode ser expressa de maneira comportamental. Essa conversão ocorre porque os valores estabelecidos determinam tendências de resposta aos objetos com base em avaliações dos mesmos (MANSTEAD, 2001). Considera-se ainda a possibilidade de em alguns momentos os indivíduos possuírem avaliações ambivalentes e isso enfraquecer a

capacidade de predição do comportamento, contudo estas percepções continuam a influenciar as ações (BAUMEISTER, FINKEL, 2010). Entretanto, Festinger (1957) é assertivo em afirmar que quando há dissonância as pessoas tendem a buscar alinhar valores, atitudes e comportamentos de um modo geral.

Para além das construções eminentemente teóricas, há estudos empíricos que corroboram a ideia de que há relação entre estas dimensões (THURSTONE; CHAVE, 1929; STAGNER, 1942; SMITH, 1932, BOGARDUS, 1925, BIRD 1940). Apesar de corroborar a ideia de que atitudes e comportamentos compõem um mesmo grupo de elementos psicossociais e políticos, uma parcela significativa desses estudos (teóricos ou empíricos) se diferenciam do modelo aqui proposto ao estabelecer relações causais entre as duas variáveis. Nesta pesquisa, que busca instrumentalizar tais dimensões para compreender o fenômeno do avanço conservador, atitudes e comportamentos são analisados conjuntamente enquanto formas de manifestação do conservadorismo.

Ainda a este respeito, é importante apontar que também há estudos que sugerem que as correlações entre atitudes e comportamentos são fracas e não devem ser consideradas. Esses estudos ganharam notoriedade nas décadas de 1960 e 1970 e têm como marco mais categórico o artigo de Wicker (1969). Contudo, após esse período ficou demonstrado que a capacidade de encontrar relação entre as variáveis depende mais da qualidade da mensuração do que da questão teórica em si (TRAFIMOW, 2004).

Com isso, passaram a ser desenvolvidos estudos que buscam demonstrar como o comportamento é guiado e de que forma se deve mensurar as dimensões (ZANNA e FAZIO, 1982). Essa fase tem como ideias centrais: a) a necessidade de manter a compatibilidade entre a amplitude de cada um dos elementos – isto é, a generalidade ou a especificidade do objeto em questão, e b) a recomendação de se construir medidas que comportem um conjunto de variáveis de modo agregado, permitindo dar conta da complexidade de cada termo.

Doravante, resta a discussão que fica implícita na forma como foram descritos valores, crenças, atitudes e comportamentos e que fornece o potencial de aplicação desta lógica ao fenômeno do avanço conservador: o caráter latente de crenças e valores em contraste ao perfil manifesto dos comportamentos e atitudes.

Os termos latente e manifesto são ferramentas para descrever como atuam as crenças e os valores, por um lado, e as atitudes e o comportamento, por outro, no fenômeno do avanço do conservadorismo no século XXI. As principais referências sobre o uso desses conceitos são

Merton (1968), Almond e Coleman (1969) e Ekman e Amna (2012). Tanto nesses estudos quanto nesta pesquisa, a ideia central é a de que há elementos sociais que são conscientes, intencionais e explícitos, enquanto outros, de igual importância e validade, são não intencionais e ocorrem de maneiras menos perceptíveis. É importante notar que esta definição comum é aplicada a objetos de estudo bastante diferentes entre si, não implicando que a construção teórica ou metodológica como um todo seja compartilhada.

Ao analisar as funções sociais, Merton (1968) definiu dois tipos possíveis: manifesta e latente, sendo que a primeira diz respeito a resultados de atos racionalmente conscientes e a segunda corresponderia a consequências de ações não intencionais. Logo, frequentar a escola é uma função manifesta a partir da intencionalidade consciente de adquirir conhecimentos, mas também gera consequências latentes como o reforço da coesão social e do sistema de crenças e valores socializados nestes locais. Desse modo, funções latentes podem favorecer a funcionalidade manifesta e vice-versa, visto que ambas criam um cenário mais propício à execução e à efetivação de tais intencionalidades, fazendo com que as mesmas possuam maior adesão na dinâmica social.

Tanto as funções latentes como as funções manifestas têm o mesmo propósito: o ajustamento e a adaptação social, porém, na primeira, isso ocorre de forma mais subjetiva e não intencional, enquanto, na segunda, isso se dá de forma deliberada e objetiva. Outrossim, em termos do contexto social, funções manifestas são reconhecidas e compreendidas pela sociedade, enquanto funções latentes estão acima da capacidade de observação superficial. Com efeito, a distinção entre funções latentes e manifestas serve para colocar em foco as esferas da conduta (MERTON, 1968).

Dentro da temática de socialização, Almond e Coleman (1969) também lançam mão de tal tipificação, descrevendo a socialização latente enquanto a transmissão difusa e não intencional de orientações – como um modelo tipicamente presente na infância e nas interações familiares – e a socialização manifesta configurada como a difusão explícita e consciente das orientações sociais e políticas. Do mesmo modo, ao tratar da participação política, Ekman e Amna (2012) definem a participação latente a partir de questões mais subjetivas e informais (sentimento de pertencimento, interesse por política e questões sociais, preferências pessoais voltadas a temas políticos, atividades voluntárias) e participação manifesta como associada a atividades objetivas e formais/institucionais (eleições, ações políticas organizadas, participação política direta via protestos ou atuação em sessões plenárias).

Neste estudo, ao analisar o fenômeno do conservadorismo, os termos latente e manifesto seguem o entendimento compartilhado por esses estudos, mas se aplicam à caracterização e divisão das dimensões culturais dentro do modelo proposto. É postulado que há uma estrutura cultural conservadora que a partir de gatilhos conjunturais propicia a ocorrência de manifestações correspondentes. Dentro desta lógica, esta estrutura cultural é latente, a conjuntura atua como um mecanismo de ativação da mesma, e as avaliações, predisposições e comportamentos, por sua vez, são a sua expressão manifesta correspondente.

Com efeito, crenças e valores são dimensões latentes atuam de maneira implícita, preponderantemente não observável e muitas vezes não são conscientes ou intencionais. Enquanto isso, as atitudes e os comportamentos são conscientes, possuem um propósito identificado e reconhecido, e em sua maioria são expressos em ações objetivas, performadas.

É importante salientar a este respeito que existem autores que afirmam que as tendências estabelecidas pelas atitudes podem ser em parte implícitas (inconscientes) (EAGLY, 2008; TURNER e BATTLE, 2008). Apesar de concordar com essa possibilidade, neste estudo as atitudes serão compreendidas e mensuradas a partir de seu caráter preponderantemente consciente e intencional.

Com base na discussão teórica estabelecida até aqui, o modelo proposto afirma que o fenômeno do avanço do conservadorismo envolve duas dimensões fundamentais compostas por uma conjuntura de instabilidade e uma estrutura cultural congruente ao conservadorismo.

Quadro 17: Elementos operacionais e conceituais

Modelo	O avanço do conservadorismo ocorre a partir da transição do conservadorismo latente (estrutural) em conservadorismo manifesto (emergência de atitudes e comportamentos conservadores) em ambientes de percepção de mudanças, instabilidade, insegurança e incertezas.
Crenças	Pressupostos gerais básicos assumidos como verdades que definem visões de mundo.
Valores	Padrões ideais generalizados sobre fins ou modos de conduta desejável que determinam o que é certo ou importante.
Atitudes	Predisposições conscientes interdependentes relativamente gerais e estáveis para adotar avaliações e respostas positivas ou negativas acerca de um tema, situação ou ator social.
Comportamento	Ação observável e consciente.
Conjuntura	Situação dinâmica e relativamente volátil em um curto espaço de tempo.

Estrutura	Fatores que tendem a ser estáveis por períodos mais longos de tempo e estão enraizados na sociedade.
Latente	Característica implícita, preponderantemente não observável e muitas vezes não consciente ou intencional das crenças e valores.
Manifesto	Caráter objetivo, intencional, identificado, reconhecido e/ou observável de atitudes e comportamentos.

Doravante, a partir das definições operacionais é conveniente definir o conceito de conservadorismo e progressismo adotados neste estudo. Assume-se aqui que o conservadorismo consiste em um conjunto de pressupostos que orientam os indivíduos à preferência de tudo que for tradicional e conhecido em detrimento da inovação ou transformações. Seguindo esta definição, pode-se afirmar que em sociedades conservadoras estas crenças e valores estão disseminadas e enraizadas na cultura dos indivíduos e da sociedade de um modo geral. Nessa perspectiva, o pensamento conservador é um dos balizadores da concepção de mundo dos indivíduos, fundamentando e definindo os princípios morais, as predisposições e as avaliações que pautam a sociedade e, por consequência, os comportamentos.

Dentro do conjunto de pressupostos conservadoras, é possível destacar como basilar a visão de que a sociedade é uma criação superior – jamais um produto humano – regido por leis naturais. Esta convicção leva à conclusão de que a manutenção do equilíbrio político, social e econômico depende da perpetuação das instituições, dos costumes e de hábitos que forem tradicionais, conhecidos. Isto posto, o organismo social mais legítimo é resistente a qualquer voluntarismo que vise a transformar as estruturas da sociedade. São admitidas apenas mudanças que sejam graduais e possam ser reconhecidas como parte de uma dinâmica natural dentro da ordem estabelecida. Esta ideia central se desdobra em princípios e argumentos que sustentam o posicionamento conservador em diferentes conjunturas ao longo da história.

Deste modo, cabe anunciar as crenças sedimentadas pelos princípios conservadores: 1) existe uma lógica divina superior que regula os seres humanos e as normas sociais; 2) os homens são naturalmente falhos (pessimismo antropológico); 3) o progresso é um processo natural, gradual e condicionado naturalmente; 4) a sociedade é um fenômeno orgânico; 5) são fundamentais a tradição e a manutenção das hierarquias, da ordem e das instituições; 6) são direitos naturais a propriedade privada e a liberdade; 7) há um ordenamento moral divino transcendental que determina as leis; 8) o que é desconhecido é uma ameaça.

Dessas crenças, derivam valores conservadores que se aplicam às dinâmicas social, política e econômica, são eles: 1) a religião e as explicações baseadas na fé devem se sobrepor ao conhecimento e à vontade humanos; 2) o ser humano é preponderantemente emocional e por isso suas concepções não devem ser tomadas como verdade; 3) os rumos da sociedade não devem estar submetidos à decisão humana; 4) mudanças só devem acontecer a partir e processos naturais e sem rupturas; 5) apelo ao senso de comunidade, aos papéis sociais e ao direito natural acima das necessidades ou preferências individuais – especialmente o direito à propriedade privada; 6) valorização da diferenciação social em classes e hierarquia em prol do bom funcionamento natural da sociedade da ordem; 7) devem ser mantidas as estruturas vigentes ao invés de aderir às possibilidades incertas do futuro; 8) o estado deve respeitar e ser regido por pressupostos morais transcendentais; 9) valorização do nacional em relação ao externo.

É possível dividir os elementos centrais do pensamento conservador em dois estratos principais, um relacionado a normativas morais e outro a concepções relativas ao funcionamento da sociedade. Com efeito, o conservadorismo moral preocupa-se, fundamentalmente, com a religião, a família, a comunidade e os costumes. O conservadorismo voltado aos arranjos da sociedade, por sua vez, irá negar o externo e o desconhecido, defender o ceticismo a mudanças e à ação humana, buscar a manutenção das instituições, da diferenciação social e da hierarquia vigentes e enxergar as mudanças como um processo gradual, implementado por reformas no lugar de revoluções. Antes de abordarmos outras definições importantes para a tese, cabe apresentar no quadro a seguir o mapeamento das crenças e valores relacionados com o conceito de conservadorismo desenvolvido:

Quadro 18: Os princípios conservadores neste estudo

Conservadorismo:	Conjunto de pressupostos que orientam os indivíduos à preferência de tudo que for tradicional e conhecido em detrimento da inovação ou transformações.	
Crenças	Valores	Fontes
Há uma ordem divina que regula a sociedade e o estado.	A religiosidade e a fé devem se sobrepor ao conhecimento e à vontade humanos; O estado deve respeitar e ser regido por pressupostos morais transcendentais;	Samuel Huntington George Steiner Russell Kirk

Os homens são naturalmente falhos.	Idealmente o ser humano deve ser o menos emocional e mais racional. A sociedade não deve se submeter ao conhecimento e à vontade humana.	Samuel Huntington George Steiner Russell Kirk Albert Hirschman Norberto Bobbio
O progresso é um processo natural, gradual e condicionado naturalmente.	Mudanças só devem acontecer a partir e processos naturais e sem rupturas.	Samuel Huntington Alexis Tocqueville Edmund Burke George Steiner Gustave Le Bon George Nash Russell Kirk Albert Hirschman, Norberto Bobbio
A sociedade é um fenômeno orgânico.	Apelo ao senso de comunidade, aos papéis sociais e ao direito natural acima das necessidades ou preferências individuais, especialmente o direito à propriedade privada.	Samuel Huntington Friedrich Hayek Russell Kirk
São fundamentais: a tradição e a manutenção das hierarquias, dos papéis sociais, da ordem e das instituições	Valorização da diferenciação social em classes e hierarquia em prol do bom funcionamento natural da sociedade da ordem.	Samuel Huntington Corey Robin Russell Kirk
Propriedade privada e liberdade são direitos naturais.	Devem ser mantidas as estruturas vigentes em relação às possibilidades incertas do futuro.	Samuel Huntington Friedrich Hayek Russell Kirk
Tudo o que é desconhecido é uma ameaça.	Valorização do nacional em relação ao externo.	Michael Löwy Michael Oakeshot Karl Mannheim

Fonte: elaboração própria.

Em contraponto ao conservadorismo, o progressismo se constitui a partir da secularização, do racionalismo e da busca por oferecer novos paradigmas sociais a partir do conhecimento científico e da crença no homem como ator principal de sua própria história e evolução. O pensamento progressista possui uma natureza dinâmica e adaptativa, que faz com o mesmo assumam as mais diferentes roupagens, desde o individualismo liberal e político até o materialismo que coloca a luta de classes no centro da política. (BOBBIO, 1998). Invariavelmente, como é fácil concluir, para sustentar essas ideias e atuar de forma propositiva, o progressismo confronta diversos fundamentos caros aos conservadores.

Neste ponto é elucidativo destacar alguns princípios fundamentais, identificados por Kirk (1953) e adotados aqui, que norteiam e embasam o discurso e a agenda progressista. São

eles: 1) a ideia de melhoramento, ou seja, de que o homem e o mundo são passíveis de um progresso ilimitado; 2) a adoção da racionalidade humana no lugar da tradição como um mecanismo fundamental ao desenvolvimento do bem-estar social; 3) nivelamento político, isto é, diferenciação social e privilégios são condenados em prol da democracia total; 4) nivelamento econômico, em que a desigualdade e a divisão em classes sociais são contestadas.

Por fim, com base no que já foi apresentado nessa e nas outras seções, postula-se aqui, que sociedades que possuam em sua cultura política o conjunto de crenças e valores conservadores, quando inseridas em conjunturas de incerteza, tenderão a atuar política e socialmente de forma a reagir ou resistir às possíveis mudanças. Em contrapartida, sociedades nas quais a visão progressista possua maior aderência em seu tecido cultural tenderiam a ver cenários de transformação e que requerem adaptação como momentos passíveis de ação política e social, aceitando de forma mais flexível possíveis alterações estruturais.

5. ANÁLISE EMPÍRICA

Os dados utilizados são extraídos da maior pesquisa de valores e opinião pública mundial, a World Values Survey, que conta com bancos de dados de ondas de pesquisa tipo survey efetuadas em mais de 100 países. Essa pesquisa contém blocos temáticos de informações com as percepções dos indivíduos e oferece variáveis que comportam as dimensões a serem operacionalizadas neste estudo em nível comparativo e de forma longitudinal.

Com isso, os questionários e banco de dados longitudinal da pesquisa foram examinados exaustivamente, buscando selecionar variáveis que mensurem cada uma das dimensões de estudo da pesquisa. Foram considerados critérios como adequação empírico-teórica e a viabilidade do uso da variável no que diz respeito à disponibilidade das mesmas para os países selecionados e recorte temporal. Após isso, as variáveis foram tratadas de modo a se adequar aos testes estatísticos e à melhor apresentação dos resultados (é possível consultar o mapa completo das variáveis no Anexo II). A seguir apresentamos no quadro 19 o resultado da decupagem da base de dados e da operacionalização das dimensões em variáveis:

Quadro 19: Elaboração Empírica/Teórica

Conceitos	Dimensões	Operacionalização (variáveis WVS)
Conjuntura	1) Instabilidade política; 2) Condição econômica pessoal; 3) Condições básicas de vida e bem-estar; 4) Condição econômica; 5) Possibilidade de conflitos	Satisfação com o sistema político do país atualmente.
		Percepção de envolvimento em corrupção.
		Estado de Saúde.
		Se tem sensação de segurança hoje em dia.
		Ocorrência de crimes e irregularidades no bairro.
		Vítima de crimes.
		Medo de ficar desempregado.
		Satisfação com a situação financeira familiar.

		Necessidades básicas: alimentação, segurança, acesso à saúde e à renda.
		Preocupação com guerra e guerra civil.
Crenças	1) Há uma ordem divina que regula a sociedade e o estado.	Um dos maus efeitos da ciência é que ela acaba com as ideias das pessoas sobre o que é certo e errado.
	2) Os homens são naturalmente falhos.	Trabalhar é uma obrigação para com a sociedade.
	3) O progresso é um processo natural, gradual e condicionado naturalmente.	Homens são melhores que mulheres em: 1) política; 2) negócios.
	4) A sociedade é um fenômeno orgânico.	A universidade é mais importante para meninos do que para meninas.
	5) São fundamentais: a tradição e a manutenção das hierarquias, dos papéis sociais da ordem e das instituições	Homens devem ter mais direito a emprego do que mulheres.
	6) Propriedade privada e liberdade são direitos naturais.	Nunca se justifica roubar propriedade privada de outros.
	7) Tudo o que é desconhecido é uma ameaça.	Não acreditam que tem capacidade de escolha.
Valores	1) A religião e as explicações baseadas na fé devem se sobrepor ao conhecimento e à vontade humanos;	O sistema político ideal é governado por leis religiosas, não há partidos e eleições.
	2) O estado deve respeitar e ser regido por pressupostos morais transcendentais;	Importância da religião.
	3) O ser humano é fortemente emocional e por isso suas concepções não devem ser tomadas como verdade.	Importância de Deus.
	4) A sociedade não deve se submeter ao conhecimento e à vontade humana.	Importância dada à tradição.
	5) Mudanças só devem acontecer a partir de processos naturais e sem rupturas.	Preferência à competitividade em relação à igualdade de renda.
	6) Apelo ao senso de comunidade, aos papéis sociais e ao direito natural acima das necessidades ou preferências individuais, especialmente o direito à propriedade privada.	Importância da família.
	7) Valorização da diferenciação social em classes e hierarquia em prol do bom funcionamento natural da sociedade da ordem.	Preferência pela iniciativa privada à empresas estatais.
		Em conflitos entre a ciência e a religião, a religião deve prevalecer.
		Gostaria que houvesse mais respeito pelas autoridades.
	Uma qualidade importante nas crianças é a obediência	

	<p>8) Devem ser mantidas as estruturas vigentes em relação às possibilidades incertas do futuro.</p> <p>9) Valorização do nacional em relação ao externo.</p>	<p>Uma qualidade importante nas crianças é o senso de responsabilidade</p> <p>Uma qualidade importante nas crianças é a fé religiosa.</p> <p>Prefere segurança à liberdade.</p>
<p>Atitudes e Comportamento</p>	<p>1) Religiosidade;</p> <p>2) Intolerância com o diferente;</p> <p>3) Nacionalismo;</p> <p>4) Moralismo;</p> <p>5) Defesa da ordem e da segurança;</p> <p>6) Defesa da propriedade privada.</p> <p>7) Ceticismo em relação ao desenvolvimento científico.</p>	<p>Considera-se religioso.</p> <p>Membro ativo de instituição religiosa.</p> <p>Participação religiosa frequente.</p> <p>Orgulho sobre a nacionalidade.</p> <p>É um objetivo nacional manter a ordem.</p> <p>Intolerância a vizinhos com hábitos diferentes (outra religião, homossexuais, pessoas não casadas vivendo juntas, estrangeiros ou de outras raças, pessoas que falam uma língua diferente)</p> <p>Contra: aborto, prostituição, sexo antes do casamento homossexualidade, eutanásia, divórcio.</p> <p>Negação da contribuição da ciência e tecnologia para uma vida mais saudável, confortável e fácil.</p> <p>Não confia em pessoas de outras religiões e de outros países.</p> <p>Impacto de imigrantes no país.</p> <p>Nossa sociedade deve ser defendida contra uma revolução. Nossa sociedade deve ser melhorada aos poucos por meio de reformas.</p> <p>Depende-se muito da ciência e não o suficiente da fé.</p> <p>As pessoas têm dificuldade em decidir quais regras morais seguir.</p> <p>A única religião aceitável é a minha.</p>

Fonte: elaboração própria.

Conforme fica evidenciado no capítulo de descrição dos movimentos conservados deste século, as ondas de levantamento de dados que serão consideradas dizem respeito às primeiras duas décadas do século XXI. Assim, serão utilizados os bancos a partir da quarta onda, com dados de 2001, a quinta onda, que tem dados de 2005 a 2007, a sexta onda, com dados de 2010 a 2014, e a sétima onda, com informações coletadas entre 2017 e 2018.

5.1 O CONSERVADORISMO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

Foram selecionadas como unidades de análise Estados Unidos e Brasil. A justificativa para esta escolha se dá a partir de dois parâmetros fundamentais: 1) o significado político e social que as manifestações conservadoras tiveram dentro e fora de seus países, isto é, seu nível de contribuição para o avanço do conservadorismo neste século; já explicitados detalhadamente no capítulo de contextualização; 2) a variabilidade de aspectos estruturais e institucionais; que será mais bem detalhada neste capítulo.

Destarte, dentro do campo da política comparada essa pesquisa segue a lógica de maior aprofundamento identificada por Przeworski e Teune (1970) de utilizar poucos casos com muitas variáveis. O procedimento de comparação escolhido para este estudo é o método da semelhança de John Stuart Mill. Nesta abordagem comparativa, os casos comparados devem ser muito diferentes entre si, mas necessitam assemelhar-se na ocorrência do fenômeno estudado e às condições que se supõe que explicam o mesmo (MILL, 1886). Deste modo, este método busca determinar que circunstâncias causais que não sejam compartilhadas pelos casos não interferem contundentemente sobre o fenômeno estudado.

Aplicando essa lógica aos casos estudados, Brasil e Estados Unidos apresentam um fenômeno em comum: avanço do conservadorismo no último século. No caso norte-americano temos a eleição de Donald Trump a partir da implementação de uma série de bandeiras claramente conservadoras: nacionalismo, visão moral e conservadora da sociedade e da política, valorização à tradição. De maneira análoga, no Brasil, a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do país e a composição de um legislativo progressivamente comprometido com pautas conservadoras significaram o fortalecimento e imposição de uma agenda política moral, tradicional e economicamente liberal.

Em sustentação a esse argumento, Burity (2020) afirma que há semelhanças entre o fenômeno do Tea Party no Partido Republicano norte-americano a partir de 2009 e a ascensão

de Donald Trump e o avanço de líderes e pautas religiosas na política brasileira. Com efeito, em ambas as situações houve uma articulação de discursos morais, anti-minorias, economicamente neoliberais alinhados à direita cristã conservadora. Essa comparação resulta no que o autor chama de “teapartização” da política pentecostal brasileira. Um indicativo claro desse processo simbiótico é o centramento comum em uma agenda moral na qual ressurgem “*velhos fantasmas da ameaça comunista*” (BURITY, 2020, p 6).

Outrossim, ambos os casos enfrentaram situações de crise e instabilidades no período recente. Os Estados Unidos inauguraram o século, em 2001, com um atentado terrorista que marcou a história do país e do mundo, fez parte do contexto mundial da crise migratória, teve um aumento das pressões por demandas de minorias. Os norte-americanos foram fortemente impactados pela crise da bolha imobiliária de 2008. Além disso, nos dois mandatos do ex-presidente Barack Obama foram implementadas medidas direcionadas a mudanças estruturais em relação ao sistema de saúde e a políticas sociais.

Por sua vez, o Brasil, além de manter seu perfil de cinismo à política e de desigualdade social, enfrentou a partir de 2014 uma crise econômica, escândalos de corrupção, o julgamento e destituição de uma presidente e convulsões sociais. Os protestos foram iniciados com as “Jornadas de Junho de 2013” que tinham como demanda, a princípio, o não aumento das passagens de transporte público. No entanto, acabaram abrangendo temas que vão desde o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, a reforma política, o fechamento do Congresso, a defesa da família até o pedido por um novo golpe militar. De maneira semelhante aos Estados Unidos, o Brasil também viveu um período político que propôs mudanças estruturais na sociedade entre os anos de 2003 e 2016; por exemplo: políticas de distribuição de renda, o casamento homoafetivo e a expansão do acesso ao ensino superior.

Além disso, determinamos, com base nos acontecimentos recentes já descritos e também no histórico político dos países, que tanto Brasil quanto Estados Unidos possuem traços conservadores em sua cultura política. Efetivamente, o conservadorismo norte-americano teve origem no liberalismo clássico e tem como principais fundamentos o nacionalismo, a defesa das tradições ocidentais, a liberdade e o individualismo (SCHNEIDER, 2014; ALLITT, 2009). O conservadorismo nos Estados Unidos se vê dividido em duas vertentes principais complementares: o conservadorismo fiscal, que defende a redução da influência do Estado na economia, e o conservadorismo social, que busca defender as tradições do processo de secularização (COSGROVE, 2007).

O conservadorismo brasileiro, por sua vez, tem forte influência da colonização luso-espanhola, centrada no catolicismo (FREYRE, 1943). Com isso, diferentemente do caso americano, no Brasil o conservadorismo não teve sua origem diretamente associada ao liberalismo, mas sim na monarquia, no unitarismo político e na moral cristã. Atualmente, o discurso conservador no país encontra na religiosidade os argumentos para se opor a temas como: o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, um dos representantes do conservadorismo no Congresso Nacional é Luiz Philippe de Orleans e Bragança, descendente da família real brasileira. Diferentemente dos Estados Unidos, no Brasil o Estado se estabeleceu antes da sociedade.

Em se tratando das diferenças entre os casos, comparamos resumidamente as estruturas culturais e institucionais dos dois países. Iniciando pelo processo colonizador, as influências brasileiras são luso-ibéricas com traços marcantes do personalismo, da hierarquia definida por privilégios sociais, do catolicismo e da rejeição à moral do trabalho e da organização social (HOLANDA, 1995). Neste contexto, se formou o que Faoro (1975) denominou de patrimonialismo estamental, no qual todo o poder e esperanças estão concentrados no Estado; neste modelo o tradicionalismo associado às ferramentas do capitalismo seria a principal ferramenta de legitimação do poder. Reforçando essas ideias, Soares (1965) demonstrou a coesão ideológica conservadora das classes média e alta do Estado da Guanabara enquanto base de apoio do partido político União Democrática Nacional (UDN) e de seu representante Carlos Lacerda.

O Brasil se tornou independente em 1822, após a proclamação do herdeiro real português Dom Pedro II e da criação do Império no Brasil. Em 1889 um golpe militar instituiu no país o sistema republicano. Atualmente, é definido como uma república federativa presidencialista. A constituição atual do país foi estabelecida em 1988 como parte da transição entre a ditadura militar e o regime democrático atual. A religião predominante no país é a católica. O sistema político do país é pluripartidário e conta com eleições diretas e voto obrigatório. Durante sua história política, foram promulgadas 6 constituições e ocorreram rupturas institucionais e alternância entre períodos autoritários e democráticos.

Os Estados Unidos, por sua vez, foram colonizados pelo Império Britânico, que dividiu seu território em 13 partes ao longo da costa. O território recebeu, em sua maioria, imigrantes camponeses e ligados à doutrina puritana, calvinista. Com isso, foram bases da construção do país a ética do trabalho e a preocupação com o cumprimento dos rígidos códigos de conduta

social; entre esses estavam incluídas punições para o adultério, o ócio, a bebida e o tabaco (MENDONÇA, 2013). A independência foi proclamada em 1776 pelas 13 colônias, mais tarde as mesmas se uniram para vencer a Grã-Bretanha e se tornar um país soberano.

Com efeito, Tocqueville (2003) destacou a força das leis e da opinião pública no funcionamento político e social do país. Conforme o autor, esses dois fatores se baseavam fortemente nas ideias do puritanismo, enquanto doutrina religiosa e política, e nas crenças voltadas à veneração de Deus e da liberdade. Neste sentido, outro traço marcante da lógica política e social norte-americana é o associativismo; grupos sociais, profissionais, políticos e religiosos possuem papel importante na organização social (TOCQUEVILLE, 2003; PUTNAM, 2000). Com efeito, valores individualistas e coletivos se contrapõem, ou se complementam, em uma só estrutura política e cultural.

Os Estados Unidos são, assim como o Brasil, uma república federal presidencialista e sua constituição atual está vigente desde 1788. A religião preponderante no país é o protestantismo. Seu sistema político é bipartidário, não determina a obrigatoriedade do voto e possui eleições determinadas pelo colégio eleitoral: o voto direto seleciona proporcionalmente todos os delegados do partido vencedor em cada estado e essa comissão, por sua vez, elege o Presidente da República.

A seguir apresentamos um quadro resumo com as informações comparadas dos casos:

Quadro 20: Resumo dos casos Brasil x Estados Unidos

Característica	Brasil	Estados Unidos
Colonização	luso-ibérica	inglesa
Religião predominante	católica	protestante
Independência	1822 – Monarquia 1889 – República	1776 – República Federal
Constituição	1988 – Influência do direito romano (rigidez).	1787 – Direito consuetudinário (flexibilidade).
Sistema político	República Federativa Presidencialista	República Federativa Presidencialista
Sistema partidário	Pluripartidarismo	Bipartidarismo
Eleições	Voto obrigatório e direto.	Voto não obrigatório e eleições definidas pelo colégio eleitoral.

Cultura	Personalismo, ceticismo em relação à política, rejeição à moral do trabalho, colonialismo, moral religiosa católica, patrimonialismo.	Puritanismo, apreço à ética do trabalho, respeito aos códigos de conduta, às instituições e à lei, associativismo, idealização da liberdade, nacionalismo.
Conservadorismo	<ul style="list-style-type: none"> - Influência luso-espanhola; - Centrado no catolicismo; - Origem associada à monarquia, ao unitarismo político e à moral cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> - Origem no liberalismo clássico - Principais fundamentos: defesa das tradições ocidentais, liberdade, individualismo, nacionalismo; - Duas vertentes principais: conservadorismo fiscal e conservadorismo social.
Conjuntura	<ul style="list-style-type: none"> - Proposição e implementação de mudanças estruturais; - Crise econômica a partir de 2014; - Convulsões sociais a partir dos protestos de julho de 2013; - Impeachment da presidente Dilma Rousseff. 	<ul style="list-style-type: none"> - Crise econômica 2008 (bolha imobiliária); - Terrorismo; - Crise migratória; - Proposição de mudanças estruturais.
Avanço do conservadorismo	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento de movimentos sociais conservadores; - Eleição de parlamentares conservadores; - Eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República. 	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento de movimentos sociais conservadores; - Eleição de parlamentares conservadores; - Eleição de Donald Trump à Presidência da República.

Fonte: elaboração própria.

Definida a instrumentalização empírica da pesquisa, na próxima seção são apresentados os resultados da pesquisa.

6. RESULTADOS

Serão apresentados nesta seção os esforços feitos para aplicar o estudo para os casos do Brasil e Estados Unidos. Com o objetivo de responder adequadamente aos questionamentos levantados, os resultados estão divididos em duas etapas principais: análise descritiva longitudinal e análises multivariadas (análise fatorial, modelagem por equações estruturais e análise de redes). Na primeira etapa, as informações foram organizadas a partir de cada uma das principais dimensões escolhidas para estudar o fenômeno; fazendo comparações entre os dois casos escolhidos e, também, os dados mundiais.

6.1 DADOS DESCRITIVOS

Iniciaremos pela análise da conjuntura social, econômica e política, considerando os dados de percepção da conjuntura – que são o foco central no estudo – e indicadores econômicos e sociais. A seguir, entraremos nos dados que se referem à cultura política dos países estudados, começando pelas crenças e, após, pelos valores associados ao pensamento conservador. Na última subseção, serão expostos os gráficos e tabelas com as informações sobre o conjunto de variáveis que compõem as atitudes e comportamentos dos indivíduos.

6.1.1 CONJUNTURA

Nesta seção serão apresentados, em primeiro lugar, dados provenientes de organizações e agências internacionais em relação às condições de vida nos países estudados, seguidos pelas percepções dos indivíduos acerca do mesmo contexto. A seguir, os gráficos sobre os aspectos socioeconômicos e de qualidade de vida.

Gráfico 1: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

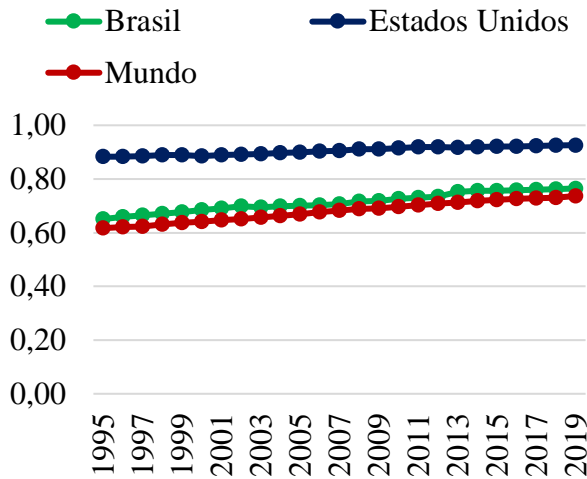
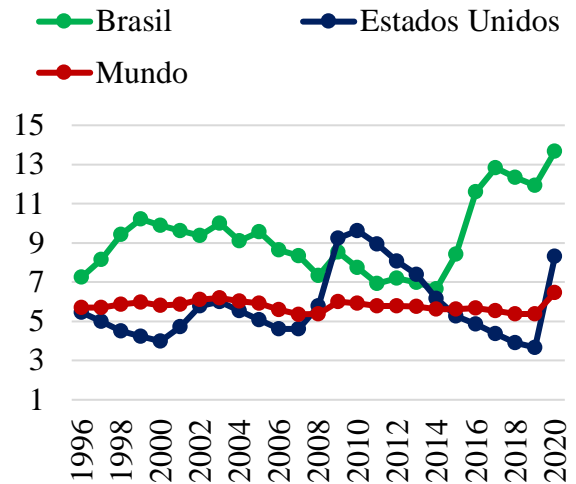


Gráfico 2: Desemprego (% da força de trabalho total)



Fontes: IDH – United Nations Development Programme (Human Development Reports); Desemprego – The World Bank (Data Bank).

Gráfico 3: Índice de Gini (0 a 100)

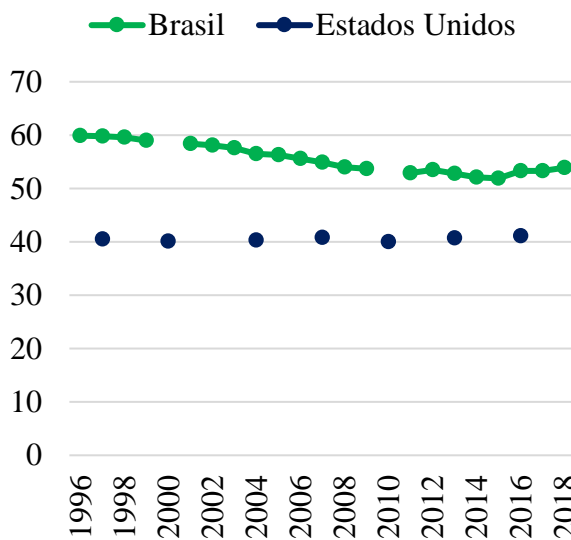
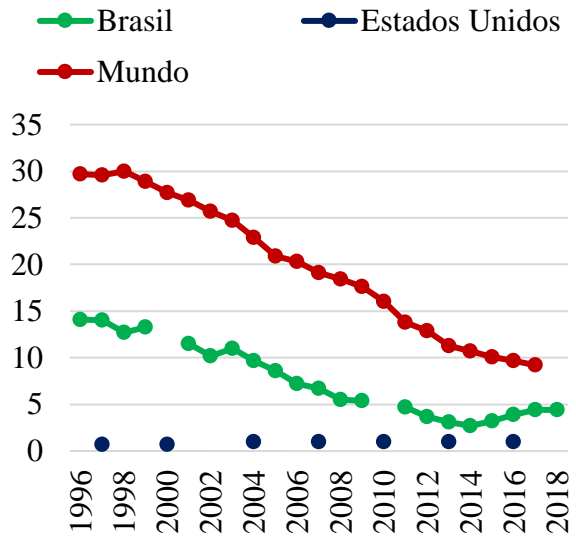


Gráfico 4: Taxa de pobreza de US\$ 1,90 por dia (% da população)



Fonte: Índice de Gini, Taxa de pobreza – The World Bank (Data Bank).

No gráfico 1 é possível observar que o Índice de Desenvolvimento Humano segue um movimento contínuo de melhora; tendo o Brasil e o mundo um IDH que pode ser considerado alto, enquanto os Estados Unidos alcançam um IDH definido como muito alto. Tendo como base o gráfico 2, nota-se uma oscilação na quantidade de desempregados ao longo do tempo, e

é importante salientar os períodos de crescimento neste indicador. Nos Estados Unidos há um aumento do desemprego após a crise de 2008, voltando a ser reduzido e controlado até 2020 (ano de pandemia) quando volta a crescer. O Brasil, por sua vez, apresenta um aumento muito significativo a partir de 2014, pulando de 8,43% para 11,6% entre os anos de 2015 e 2016, período que coincide com o impeachment da presidente Dilma Rousseff e a ascensão de Jair Bolsonaro e de grupos conservadores ao centro da arena política. O mundo apresenta dados relativamente estáveis com um aumento entre os anos de 2019 e 2020.

No gráfico 3 é apresentado o Índice de Gini, que mede a desigualdade no país em uma escala de 0 a 1. Em ambos os países se percebe um movimento de redução da desigualdade até o ano de 2011. A partir desse ponto ambos demonstram pequeno aumento no indicador; passando de 40 em 2010 para 41,1 no caso norte americano, e de 51,9 para 53,9 no caso brasileiro. O quarto gráfico exibe a porcentagem de indivíduos vivendo em situação de pobreza com até US\$ 1,90 por dia. De um modo geral, há uma clara e constante redução nos valores para o Brasil e o Mundo, enquanto nos Estados Unidos os resultados se mantêm muito baixos (em torno de 1%). Contudo, é importante ressaltar um aumento na proporção da taxa de pobreza no caso brasileiro, passando de 2,7% em 2014 para 4,4% em 2018 – mais uma vez coincidindo com o período de instabilidade na política nacional.

A seguir, serão apresentados dados referentes ao bem-estar, mais especificamente à segurança e à saúde dos indivíduos para Brasil e Estados Unidos.

Gráfico 5: Taxas de vítimas de homicídio doloso por 100.000 habitantes

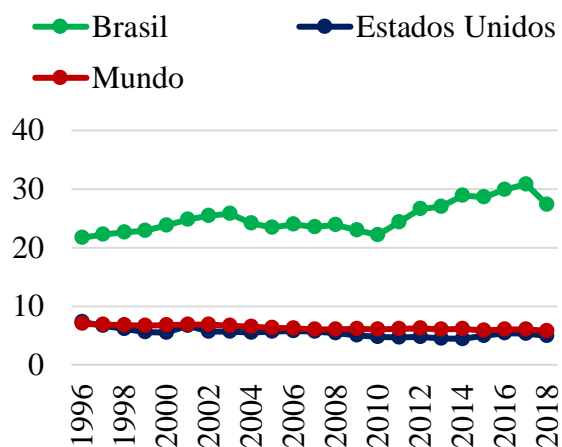
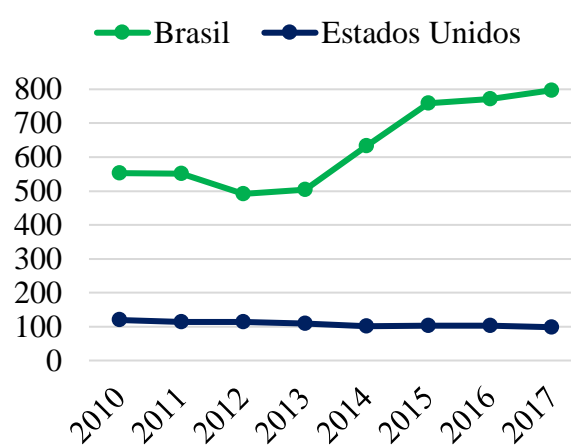


Gráfico 6: Roubo: taxas do crime por 100.000 habitantes



Fontes: Taxa de homicídios, Roubo – United Nations Office on Drugs and Crime (DATAUNODC);

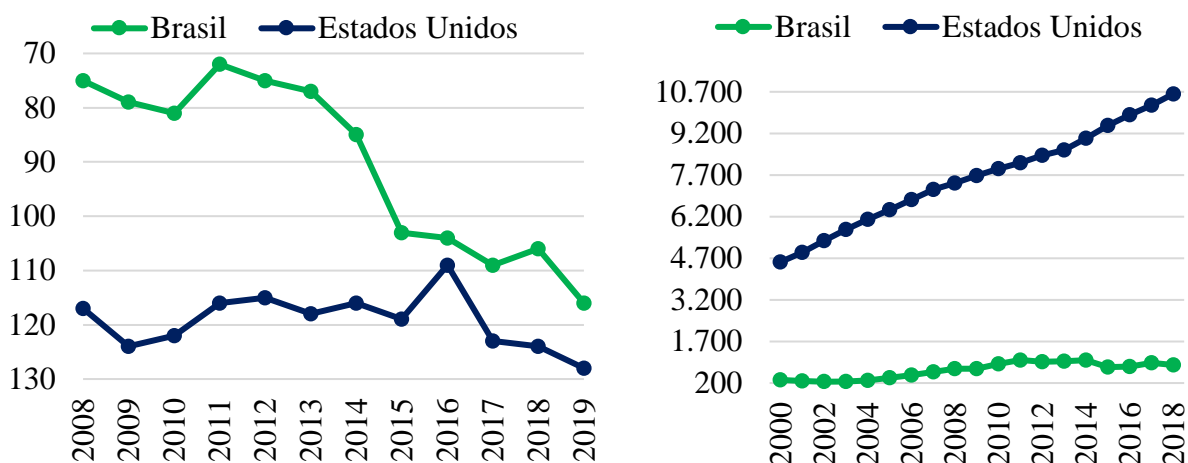
Conforme vemos no gráfico 5, a taxa de homicídios apresenta um comportamento distinto para Brasil, por um lado, e Estados Unidos e o mundo, por outro, com valores muito mais elevados para o primeiro. O Brasil tem um comportamento relativamente estável, variando entre 20 e 25 vítimas de homicídio doloso por 100.000 habitantes. Esse índice perdura até 2010, quando tem início um processo de aumento (chegando a 30 em 2017) e leve queda em 2018. Estados Unidos e o mundo possuem uma taxa estável durante todo o período, variando em torno de 5 e 6, respectivamente. No gráfico 6, a taxa de roubo se mostra muito semelhante à taxa de homicídios, com valores estáveis e muito mais baixos para Estados Unidos, variando em torno de 100, e mais altos – a partir de 500 – para Brasil com um aumento a partir de 2013, chegando a 797 em 2017. Neste ponto é importante observar que esse aspecto contextual brasileiro pode dar respaldo à retórica do medo, da insegurança e do punitivismo.

O Índice de Paz Global (gráfico 7) é uma medida de segurança que, diferentemente das anteriores, leva em consideração questões relativas a guerras e ao terrorismo¹. Com isso, os Estados Unidos apresentam um desempenho inferior ao brasileiro no ranking. Entretanto, ambos os casos vêm perdendo posições ao longo do tempo, especialmente a partir de 2010. Dentro da temática da proteção social, o gráfico 8 nos permite notar a diferença exorbitante do gasto público em saúde americano em relação ao brasileiro. Além disso, nos Estados Unidos, o aumento se manteve estável ao longo do tempo, enquanto no Brasil houve uma redução a partir de 2014. Nos próximos gráficos e tabelas veremos os dados de percepção.

**Gráfico 7: Índice de Paz Global
(posição no ranking)**

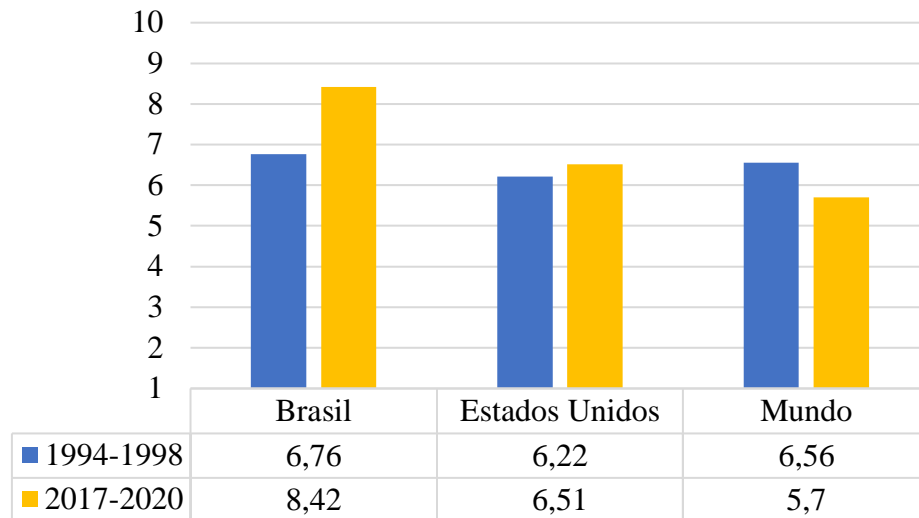
**Gráfico 8: Gasto público em saúde
(per capita em US\$)**

¹ Para ver a composição detalhada do indicador, consultar anexo I.



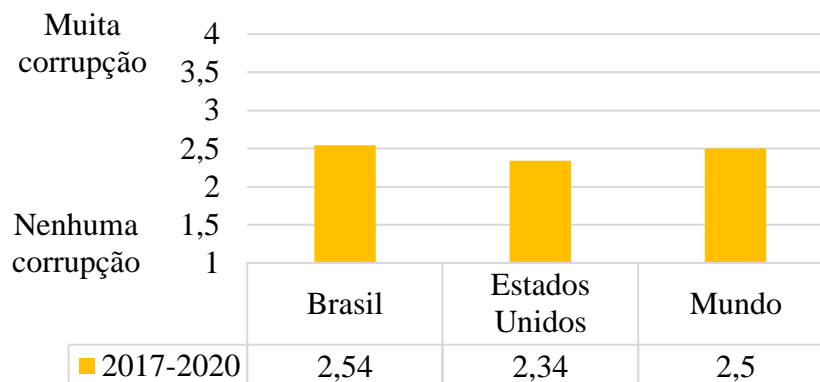
Fontes: Índice de Paz Global – Institute for Economics & Peace (IEP); Gasto público em saúde – World Health Organization (Global Health Expenditure Database).

Iniciando a análise sobre a percepção dos indivíduos acerca da conjuntura política, econômica e social de seus países, o gráfico 9 indica o nível de insatisfação com o regime político vigente: tanto Brasil quanto Estados Unidos tiveram sua média aumentada entre as ondas 3 e 7, enquanto para o mundo esse número foi reduzido. No Brasil a média é alta, superior aos demais casos, desde a primeira medição e ainda sofreu um incremento de quase 2 pontos, chegando a 8,42 em 2017. Os Estados Unidos apresentam uma média de insatisfação que pode ser definida como moderada a alta, obtendo uma pequena oscilação de crescimento. A média mundial, diferentemente dos dois países, teve redução da média em pouco mais de um ponto. Durante todo o tempo as médias ficaram acima de 5. Essas evidências dialogam com a interpretação sugerida nesse estudo, uma vez que a insatisfação com a política concomitante ou associada a cenários de medo ou instabilidade pode servir de estímulo para os indivíduos buscarem abordagens políticas que se coloquem como novas alternativas, mas que, ao mesmo tempo, ofereçam solidez e segurança.

Gráfico 9: Insatisfação com o regime político do país (média):

n 1994-1998: Brasil = 1117; Estados Unidos = 1501; Mundo = 62635; n 2017-2020: Brasil = 1714; Estados Unidos = 2552; Mundo = 69299.
 Fonte: World Values Survey.

Ainda dentro do aspecto da conjuntura política, no gráfico 10 observamos que a percepção média sobre a quantidade de corrupção no país é semelhante para Brasil, Estados Unidos e o mundo, em torno de 2,5. É interessante destacar que, em uma escala que varia entre 1 a 4, os resultados ficaram acima do valor médio 2. Sugerindo que há uma visão relativamente generalizada de que a corrupção é um mecanismo presente e atuante na sociedade.

Gráfico 10: Percepção sobre a quantidade de corrupção no país (média):

2017-2020: Brasil = 1738; Estados Unidos = 2572; Mundo = 66671.
 Fonte: World Values Survey.

A partir desses resultados, é importante observar a tabela 1 a fim de entender melhor de que maneira as médias de percepção da corrupção no país estão distribuídas entre diferentes atores sociais:

Tabela 1: Percepção sobre a quantidade de corrupção no país por categorias profissionais (% de respostas “a maioria deles” ou “todos”):

		2017-2020
Autoridades do Estado	Brasil	77,5
	Estados Unidos	36,9
	Mundo	53,8
Executivos	Brasil	46,8
	Estados Unidos	41,5
	Mundo	47,9
Autoridades locais	Brasil	48,7
	Estados Unidos	25,9
	Mundo	47,3
Servidores públicos (polícia, judiciário, médicos, professores)	Brasil	26,7
	Estados Unidos	20,2
	Mundo	42,9
Jornalistas e mídia	Brasil	28,7
	Estados Unidos	39,5
	Mundo	36,6

Autoridades do Estado n 2017-2020: Brasil = 1716; Estados Unidos = 2565; Mundo = 65426; Executivos n 2017-2020: Brasil = 1607; Estados Unidos = 2550; Mundo = 64739; Autoridades locais n 2017-2020: Brasil = 1658; Estados Unidos = 2568; Mundo = 64988; Servidores Públicos n 2017-2020: Brasil = 1672; Estados Unidos = 2569; Mundo = 65387; Jornalistas e mídia n 2017-2020: Brasil = 1594; Estados Unidos = 2559; Mundo = 63398.

Fonte: World Values Survey.

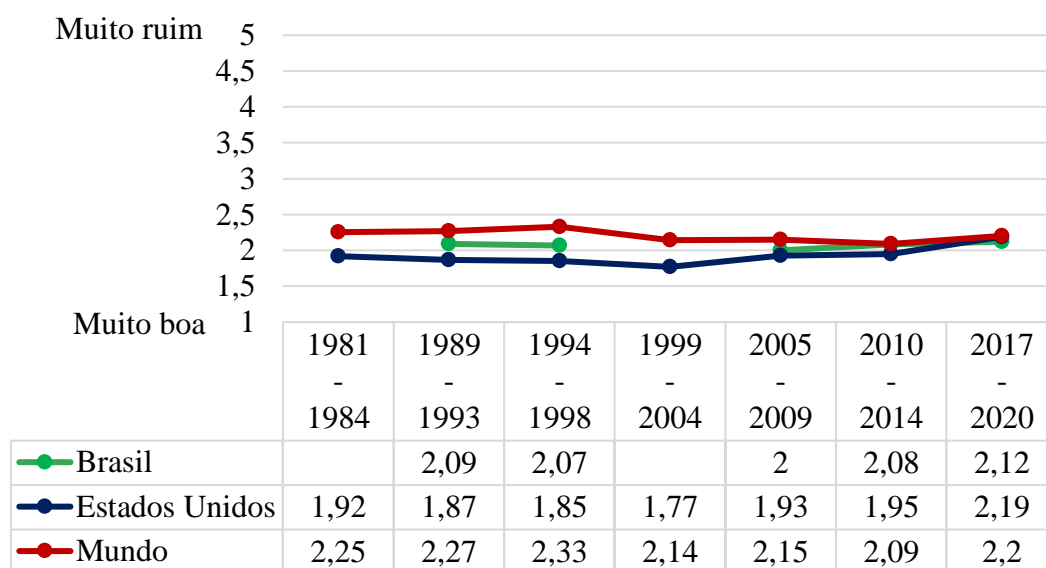
Olhando de maneira mais detalhada os dados sobre percepção de corrupção na tabela 1 é possível observar alguns padrões interessantes. O primeiro deles é a alta percepção de corrupção no Brasil nas diferentes categorias profissionais, em especial para autoridades do Estado. Além disso, nesse país, a porcentagem só fica abaixo de 40 para servidores públicos e jornalistas. De todo modo, ao menos um quarto dos entrevistados percebe corrupção nestas áreas de ocupação. Os Estados Unidos apresentam resultados moderados a baixos, ficando em torno de 40% ou menos em todas as classificações; sendo os executivos e os jornalistas/mídia os menos bem avaliados. Com efeito, os executivos é a categoria com maiores índices de percepção de corrupção, considerando os valores de cada categoria nos três recortes geográficos. Por outro lado, as autoridades do Estado e locais têm uma avaliação mais negativa

no Brasil e no mundo do que no Estados Unidos. Em comparação com os dados mundiais, os dois países apresentam valores equivalentes ou inferiores em quase todas as avaliações, fora o dado já citado sobre autoridades do Estado no Brasil. É importante destacar ainda que, à exceção dos servidores públicos americanos, todas as outras categorias apresentaram pelo menos 25% de percepção de envolvimento em corrupção.

Se no gráfico 10 os resultados parecem um pouco contraintuitivos ao colocar a percepção de corrupção no Brasil e Estados Unidos em um patamar semelhante, o detalhamento da tabela 1 revela um distanciamento das frequências especialmente para autoridades locais e do estado no Brasil. De todo modo, mais uma vez a insatisfação com o desempenho ou a atuação de autoridades parece ser um aspecto importante da conjuntura atual. Com efeito, em diálogo com a matriz teórica desse estudo, é importante ratificar que essa desaprovação deve ser interpretada como um recorte específico voltado ao tema da corrupção.

A seguir serão apresentados os dados que dizem respeito às condições de vida das pessoas contemplando os temas de saúde, segurança e situação econômica.

Gráfico 11: Percepção sobre o estado de saúde pessoal (média):

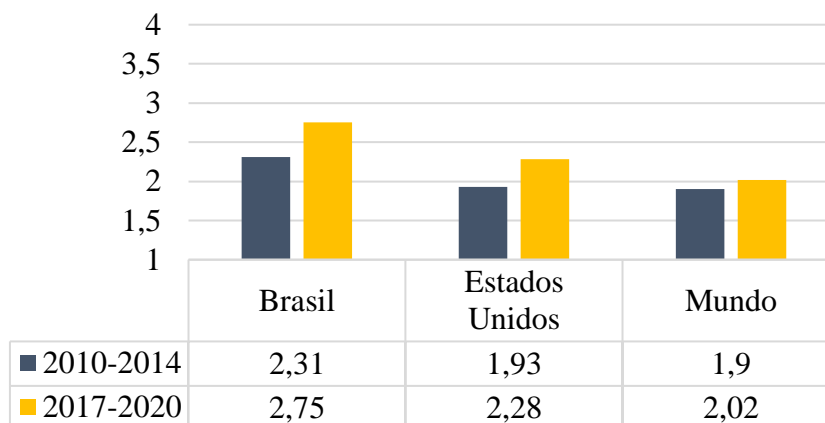


n 1981-1984: Estados Unidos = 2315; Mundo = 14721; n 1989-1993: Brasil = 1779; Estados Unidos = 1836; Mundo = 26651; n 1994-1998: Brasil = 1143; Estados Unidos = 1537; Mundo = 73510; n 1999-2004: Estados Unidos = 1198; Mundo = 54907; n 2005-2009: Brasil = 1499; Estados Unidos = 1248; Mundo = 83631; n 2010-2014: Brasil = 1485; Estados Unidos = 2217; Mundo = 89230; n 2017-2020: Brasil = 1756; Estados Unidos = 2578; Mundo = 71895.
Fonte: World Values Survey.

Conforme podemos ver no gráfico 11, a despeito da discrepância com o gasto em saúde (gráfico 8), a percepção sobre o estado de saúde de brasileiros, americanos e das pessoas em geral no mundo é muito semelhante e relativamente estável. As médias ficam em torno de 2 ao longo de todo período em uma escala 1 (muito boa) a 5 (muito ruim) com leve aumento entre as ondas 6 e 7. Com isso, podemos inferir que a percepção dos indivíduos da sua situação de saúde é, em média, de moderada a boa.

A sensação de insegurança, gráfico 12, é outro indicador importante para avaliar a percepção sobre a conjuntura e condições básicas de vida, observamos novamente que as médias se mantêm em torno de 2 na escala de 1 a 4. Contudo, há padrões entre os casos que valem ser pontuados. Primeiramente, em todos os blocos há um aumento entre as últimas duas ondas. Porém, mesmo com o acréscimo nos Estados Unidos e no mundo, nenhum deles consegue atingir a menor marca brasileira. Como em quase todos os momentos a média esteve superior a 2, pode-se afirmar que a percepção de insegurança pode ser definida como moderada a alta nos Estados Unidos, no mundo e no Brasil.

Gráfico 12: Sensação de insegurança no bairro (média):



n 2010-2014: Brasil = 1480; Estados Unidos = 2207; Mundo = 87728; n 2017-2020: Brasil = 1732; Estados Unidos = 2585; Mundo = 66963.

Fonte: World Values Survey.

Esse resultado torna mais robusta a interpretação desse estudo de que o avanço conservador se insere em uma conjuntura de insegurança que ocorre na prática e também se reflete na percepção dos indivíduos. Esse efeito se apresenta novamente na tabela 4 quando é esmiuçada a percepção dos indivíduos acerca da ocorrência de possíveis crimes e

irregularidades em seus bairros. Em ambos os resultados é importante pontuar o destaque do Brasil em relação aos Estados Unidos e o mundo.

De um modo geral, conforme a tabela 2, os delitos tidos como mais comuns são venda de drogas, roubos e violência/brigas, respectivamente. Enquanto isso, há uma percepção menor da existência frequente ou muito frequente de assédio sexual e intervenção policial/militar na vida particular das pessoas. As três variáveis que foram inseridas em mais de uma onda apresentam aumento na percepção de ocorrência. Sobre estes incrementos é importante destacar alguns pontos: 1) os Estados Unidos apresentam uma taxa maior de aumento, quase dobrando seus valores; 2) a despeito disso, o Brasil mais uma vez apresenta os maiores valores com diferença significativa para as demais unidades de análise, atingindo aproximadamente o dobro em boa parte das variáveis; 3) o assédio sexual é a modalidade que apresenta maior semelhança entre Brasil, Estados Unidos e mundo, com valores que não chegam a 20% dos entrevistados que consideraram um evento frequente ou muito frequente.

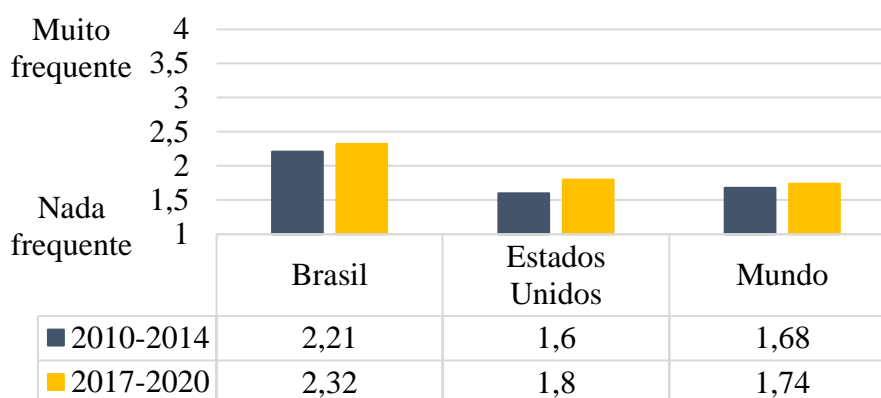
Tabela 2: Percepção sobre ocorrência de crimes e irregularidades no bairro por tipo de evento (% de respostas “frequente” ou “muito frequente”):

		2010-2014	2017-2020
Roubos	Brasil	38,5	51,5
	Estados Unidos	11,5	21,2
	Mundo	22,2	23,3
Policiais e militares interferem na vida particular das pessoas	Brasil	14,6	23,8
	Estados Unidos	8,1	11,9
	Mundo	11,7	12,9
Venda de drogas	Brasil	52,7	64,3
	Estados Unidos	14,3	27,9
	Mundo	18,6	21,1
Violência e brigas	Brasil		36,5
	Estados Unidos		17,2
	Mundo		21,4
Assédio sexual	Brasil		19,9
	Estados Unidos		14,9
	Mundo		13,2

Roubos n 2010-2014: Brasil = 1469; Estados Unidos = 2194; Mundo = 85369; n 2017-2020: Brasil = 1721; Estados Unidos = 3190; Mundo = 66963; Interferência policial n 2010-2014: Brasil = 1432; Estados Unidos = 2187; Mundo = 82153; n 2017-2020: Brasil = 1632; Estados Unidos = 2568; Mundo = 64806; Venda de drogas n 2010-2014: Brasil = 1407; Estados Unidos = 2190; Mundo = 76231; n 2017-2020: Brasil = 1598; Estados Unidos = 2568; Mundo = 64369; Violência e brigas n 2017-2020: Brasil = 1694; Estados Unidos = 2578; Mundo = 66478; Assédio sexual n 2017-2020: Brasil = 1472; Estados Unidos = 2565; Mundo = 63432. Fonte: World Values Survey.

Em consonância com o que foi observado nos resultados anteriores, notamos no gráfico 13 um conjunto de padrões semelhante: 1) aumento na percepção de crimes entre as ondas 6 e 7 no Brasil, Estados Unidos e no mundo, 2) o incremento na percepção americana foi maior do que nas demais unidades, 3) as médias americanas e do mundo ficaram próximas nas duas medições, enquanto as brasileiras, em seu menor valor, se mantiveram acima dos maiores valores dos demais. A considerar que a escala varia de 1 a 4 entre nada frequente e muito frequente, é possível afirmar que enquanto no Brasil a percepção é moderada, nos Estados Unidos e no mundo, apesar de ter crescido, se mantém abaixo do ponto mediano. Dado que ocorrência de alguns crimes como venda de drogas e roubo se mostram, conforme a percepção dos entrevistados, frequentes, possivelmente a média é equilibrada por outros eventos menos observados, como a interferência policial/militar.

Gráfico 13: Percepção sobre ocorrência de crimes e irregularidades no bairro (média):



n 2010-2014: Brasil = 1479; Estados Unidos = 2199; Mundo = 86781; n 2017-2020: Brasil = 1749; Estados Unidos = 2588; Mundo = 67491.

Fonte: World Values Survey.

Na tabela 3 são mensuradas as experiências diretas ou próximas com crimes, na posição de vítima. No Brasil há o maior aumento da medição em 7% nas vítimas diretas entre a sexta e sétima onda, somando os resultados das duas questões, aproximadamente entre 40% e 45% das pessoas afirmam ter tido algum tipo de exposição a crimes no último ano. Os Estados Unidos também estiveram submetidos a um aumento entre as duas últimas ondas. Somando as respostas, a proporção de americanos que relatou ter alguma das duas experiências foi em torno de 20% a 35%. As porcentagens do mundo foram as mais baixas entre os três.

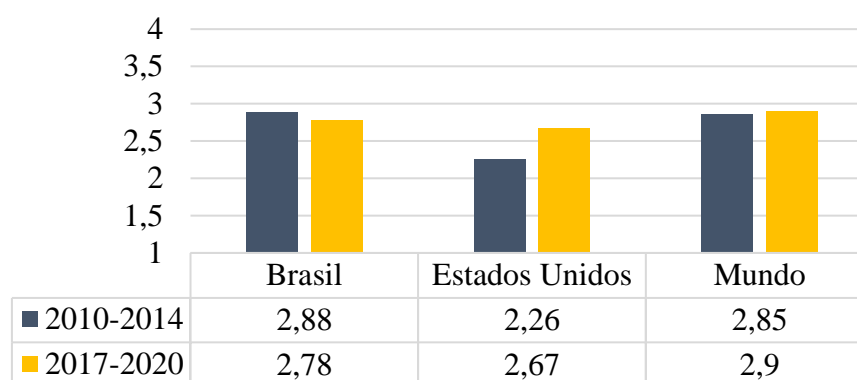
Tabela 3: Vítima de crimes nos últimos 12 meses (%):

		2010-2014	2017-2020
Brasil	Entrevistado	12,6	19,4
	Alguém da família	25,6	24,8
Estados Unidos	Entrevistado	8,5	11
	Alguém da família	12,3	16,2
Mundo	Entrevistado	7,9	9,4
	Alguém da família	10,4	11,9

Entrevistado n 2010-2014: Brasil = 1479; Estados Unidos = 2206; Mundo = 88115; n 2017-2020: Brasil = 1733; Estados Unidos = 2577; Mundo = 70441; Família n 2010-2014: Brasil = 1454; Estados Unidos = 2202; Mundo = 86781; n 2017-2020: Brasil = 1695; Estados Unidos = 2573; Mundo = 70081.

Fonte: World Values Survey.

Partindo para outro aspecto da segurança, o gráfico 14 contém os dados sobre a preocupação dos indivíduos com guerra ou guerra civil em seus países. Há um movimento oposto entre Brasil e Estados e o mundo: enquanto os brasileiros passaram a se preocupar um pouco menos com a possibilidade de guerras, os demais passaram a se preocupar mais. Mesmo com esse movimento, a média do Brasil se mantém maior do que a dos Estados Unidos.

Gráfico 14: Preocupação com guerra ou guerra civil no seu país (média):

n 2010-2014: Brasil = 1475; Estados Unidos = 2203; Mundo = 87042; n 2017-2020: Brasil = 1745; Estados Unidos = 2581; Mundo = 69126.

Fonte: World Values Survey.

A fim de compreender melhor os dados sobre preocupação com guerras, no gráfico 24 podemos analisar separadamente a quantidade de pessoas preocupadas ou muito preocupadas com a ocorrência de guerras e guerras civis. A preocupação no mundo é submetida a um aumento entre a sexta e sétima onda, porém apresenta valores mais estáveis do que os dois casos em análise. No Brasil as altas taxas de preocupação são presentes nos dois tipos de conflito. Os Estados Unidos concentram fortemente sua preocupação com guerras entre países. Com isso,

fica claro a partir do conjunto de dados sobre segurança que há um crescimento na insegurança nos países analisados. Além disso, observamos que esse avanço ocorreu principalmente na última década, de forma concomitante ao avanço conservador nestes países; corroborando as perspectivas da literatura e deste estudo.

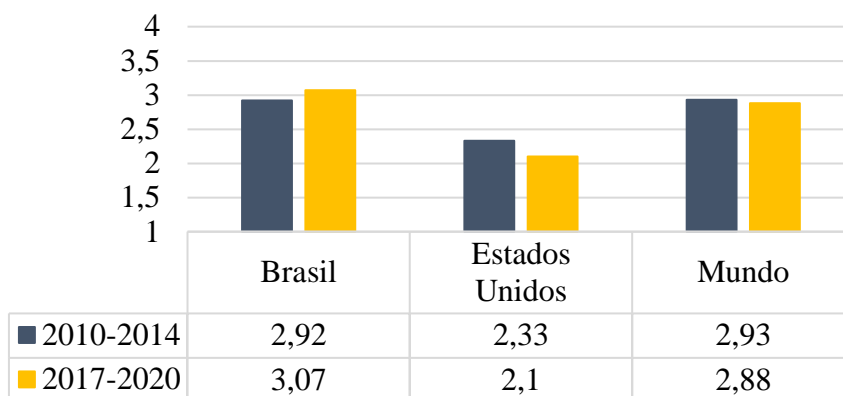
**Tabela 4: Preocupação com guerras no seu país
(% de respostas “preocupado” ou “muito preocupado”):**

		2010-2014	2017-2020
Guerra	Brasil	67,23	62,02
	Estados Unidos	52,94	75,24
	Mundo	65,06	68,30
Guerra civil	Brasil	65,34	63,93
	Estados Unidos	23,24	39,07
	Mundo	59,41	61,46

Guerra n 2010-2014: Brasil = 1468; Estados Unidos = 2197; Mundo = 86318; n 2017-2020: Brasil = 1730; Estados Unidos = 2573; Mundo = 68910; Guerra civil n 2010-2014: Brasil = 1460; Estados Unidos = 2186; Mundo = 82012; n 2017-2020: Brasil = 1719; Estados Unidos = 2572; Mundo = 64469.

Fonte: World Values Survey.

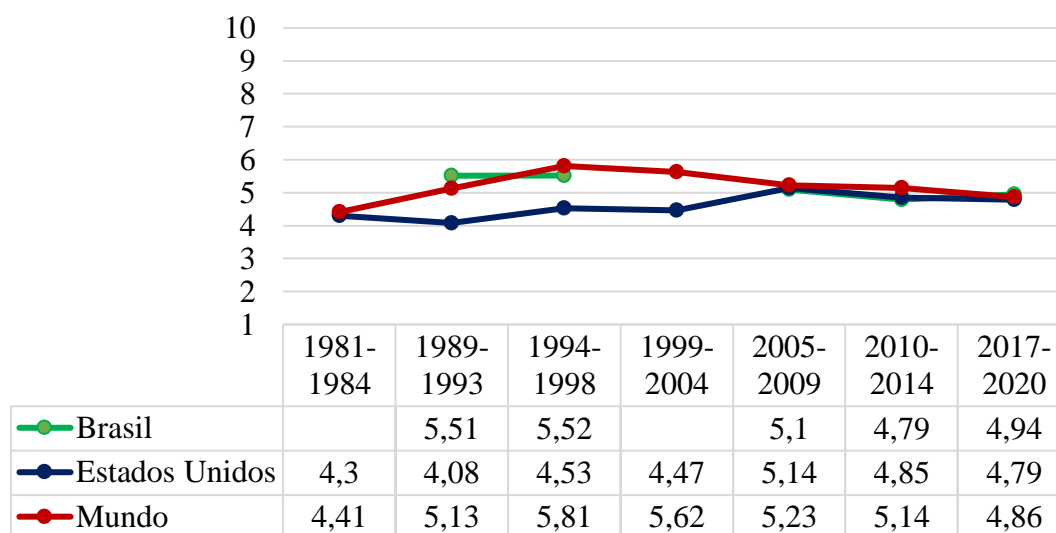
Entrando nos aspectos mais socioeconômicos da percepção da conjuntura, o gráfico 15 diz respeito ao medo de ficar desempregado. Este é um dado interessante para o estudo porque mensura a percepção sobre a instabilidade econômica pessoal; conforme poderemos ver, de forma geral, seus resultados são moderadamente significativos, em especial no caso brasileiro. Novamente os dados brasileiros apresentam um comportamento diferente dos demais: enquanto Estados Unidos e o mundo tiveram redução, o Brasil teve um aumento em sua média. A média americana na escala de 1 a 4 pode ser considerada moderada, já os resultados brasileiros e do mundo são considerados altos porque se concentram em torno de 3. É importante destacar que, a despeito de as médias estarem na mesma faixa para Brasil e o mundo, o aumento brasileiro na sétima onda causou um pequeno distanciamento dessas médias.

Gráfico 15: Medo de ficar desempregado (média):

n 2010-2014: Brasil = 1426; Estados Unidos = 2193; Mundo = 84145; n 2017-2020: Brasil = 1733; Estados Unidos = 2566; Mundo = 68379.

Fonte: World Values Survey.

A média de insatisfação com a situação financeira familiar, exposta no gráfico 16, é relativamente estável ao longo do tempo para todos os casos, variando em torno de 5. Há um aumento nas ondas 3 e 4 e um modesto movimento de redução nas últimas duas ondas. Com isso, na sétima onda, o Brasil é o mais insatisfeito, enquanto os Estados Unidos se mostram o menos insatisfeito ao longo do tempo.

Gráfico 16: Nível de insatisfação com a situação financeira familiar (média):

n 1981-1984: Estados Unidos = 2309; Mundo = 14520; n 1989-1993: Brasil = 1772; Estados Unidos = 1832; Mundo = 27744; n 1994-1998: Brasil = 1137; Estados Unidos = 1534; Mundo = 72852; n 1999-2004: Estados Unidos = 1197; Mundo = 57024; n 2005-2009: Brasil = 1499; Estados Unidos = 1230; Mundo = 79887; n 2010-2014: Brasil = 1485; Estados Unidos = 2217; Mundo = 88911; n 2017-2020: Brasil = 1748; Estados Unidos = 2566; Mundo = 70515.

Fonte: World Values Survey.

Uma vez que os dados do gráfico 16 não se mostraram tão interessantes dos pontos de vista comparativo e longitudinal, na tabela 5 nos aprofundamos mais nas percepções sobre as condições de vida dos indivíduos, analisando de que maneira eles avaliam aspectos específicos nesse contexto. De um modo geral, os americanos foram os que menos afirmaram ter dificuldades de atender suas necessidades básicas, enquanto os brasileiros podem ser apontados como os mais carentes. Em dissonância com os demais indicadores, o Brasil obteve as menores porcentagens de dificuldade em conseguir se alimentar adequadamente. Quanto ao indicador de insegurança, os Estados Unidos obtiveram as menores marcas. No Brasil, mesmo com redução, os valores se mantêm muito superiores aos demais. Apesar de ter um sistema de saúde público que cobre toda a população, os brasileiros tiveram a maior percepção de ausência de assistência médica. Nos Estados Unidos e no mundo houve uma pequena redução na quantidade de pessoas que disse ter ficado sem renda. Em contrapartida, no Brasil esse número aumentou consideravelmente entre as duas últimas ondas.

Tabela 5: Dificuldade em ter suas necessidades básicas atendidas (% de respostas “às vezes” e “frequentemente”):

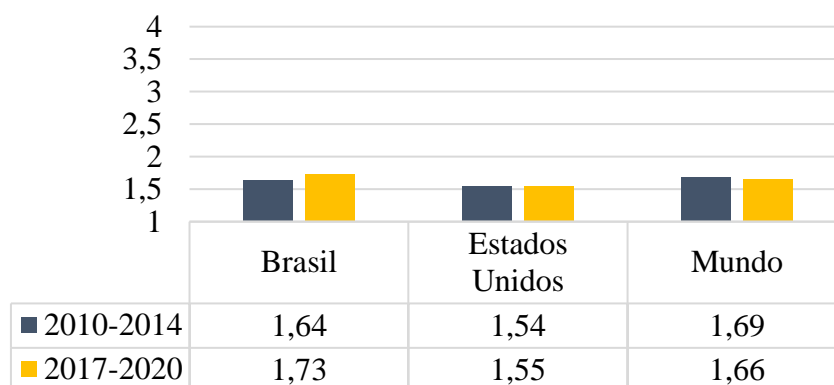
		2010-2014	2017-2020
Ficou sem comida suficiente	Brasil	10,3	11,2
	Estados Unidos	11,5	12,3
	Mundo	17,3	15,7
Sentir-se inseguro dentro da própria casa	Brasil	38,4	37,7
	Estados Unidos	11,4	12,9
	Mundo	17,9	17,7
Ficar sem assistência médica	Brasil	25,6	24,6
	Estados Unidos	21,1	18,9
	Mundo	20,7	21,1
Ficar sem renda	Brasil	19,4	30,9
	Estados Unidos	22	20,9
	Mundo	30,9	28,9

Sem comida n 2010-2014: Brasil = 1482; Estados Unidos = 2200; Mundo = 88245; n 2017-2020: Brasil = 1752; Estados Unidos = 2585; Mundo = 70591; Insegurança n 2010-2014: Brasil = 1481; Estados Unidos = 2196; Mundo = 87817; n 2017-2020: Brasil = 1755; Estados Unidos = 2582; Mundo = 70508; Sem assistência médica n 2010-2014: Brasil = 1483; Estados Unidos = 2202; Mundo = 87903; n 2017-2020: Brasil = 1758; Estados Unidos = 2588; Mundo = 70472; Renda n 2010-2014: Brasil = 1478; Estados Unidos = 2197; Mundo = 87928; n 2017-2020: Brasil = 1750; Estados Unidos = 2583; Mundo = 70479.

Fonte: World Values Survey.

Olhando os dados de forma resumida no gráfico 17, observamos a confirmação de padrões: 1) o Brasil apresenta os piores resultados na última onda, os Estados Unidos possuem a menor dificuldade em acessar a recursos básicos; 2) o mundo apresentou um quadro modesto de melhora na percepção a respeito do acesso a necessidades básicas. Por fim, as médias podem ser consideradas baixas para todas as unidades de análise por não alcançar o ponto mediano 2. Com efeito, o conjunto de dados de percepção da conjuntura socioeconômica revelam receios e carências dos indivíduos. Contudo, comparativamente com os resultados sobre insegurança, não se mostraram tão significativos ou coesos na identificação da conjuntura de crise e instabilidade.

Gráfico 17: Dificuldade em ter suas necessidades básicas atendidas (média):



n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2203; Mundo = 88608; n 2017-2020: Brasil = 1764; Estados Unidos = 2590; Mundo = 70764.
Fonte: World Values Survey.

De um modo geral, é possível identificar uma conjuntura que favorece a percepção de crise e de instabilidade, especialmente no que diz respeito à sensação de insegurança. Iniciando por esse tema, a percepção sobre a ocorrência de violência refletiu o aumento observado entre os indicadores, especialmente no que se refere a roubos. Neste contexto, outro indicador de crise que teve aumento claro é o desemprego, chegando a mais 13% no caso brasileiro e pouco menos de 9% nos Estados Unidos. Sobre esse dado, há uma peculiaridade a ser observada no caso norte-americano, a despeito do aumento da proporção de pessoas sem emprego, a preocupação com o desemprego no país diminuiu ao invés de crescer; isso sugere que a mudança de conjuntura nesse ponto pareceu não se refletir na percepção da população.

Concomitante ao aumento do desemprego, o crescimento da pobreza no Brasil é um dos dados mais expressivos da conjuntura de crise analisada. Ainda comparando os resultados dos

indicadores de instabilidade com a percepção dos indivíduos, a posição de ranking de paz global dos dois países piorou enquanto a preocupação dos norte-americanos com a ocorrência de guerras aumentou. Ainda sobre esse aspecto, há uma diferença da preocupação dos indivíduos dos dois países, enquanto no Brasil a maior apreensão é em relação a uma guerra civil, nos Estados Unidos o temor maior é da ocorrência de uma guerra com outros países. Este último dado é muito sintomático da dinâmica política dos dois casos: no brasileiro o cenário é de polarização e conflito político, no norte-americano a política externa é historicamente caracterizada pela presença e intervenção em conflitos internacionais.

Dentro da conjuntura política, no Brasil a insatisfação com o regime político aumentou notadamente no período recente. Em congruência, a percepção sobre corrupção apresenta altos índices entre os brasileiros, especialmente em relação às autoridades do Estado. Nos Estados Unidos, por outro lado, o grupo reconhecido como mais corrupto é o de executivos. Isso indica que no Brasil a classe política é avaliada de forma mais negativa do que nos Estados Unidos.

Em sua maioria, esses resultados dialogam diretamente com a contextualização dos países apresentadas nos capítulos anteriores. Enquanto Bolsonaro, em sua plataforma conservadora, deu destaque para assuntos como a corrupção e o combate à violência, Donald Trump se preocupava em assegurar aos cidadãos de seu país segurança contra inimigos estrangeiros e combate ao desemprego garantindo uma “américa para os americanos”. A seguir, entraremos na seção referente aos resultados para os dados sobre crenças.

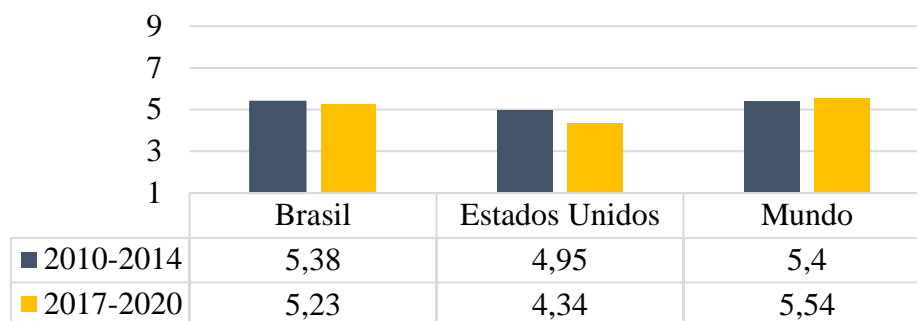
6.1.2 CRENÇAS

Nesta seção serão apresentados os resultados descritivos para as variáveis correspondente às crenças dos indivíduos associadas ao pensamento conservador. É importante retomar que se compreende como crenças: os pressupostos gerais que definem a percepção que as pessoas possuem de si mesmas, das demais pessoas e do mundo. Neste estudo, a dimensão faz parte da estrutura latente que pode potencializar o surgimento do conservadorismo manifesto (atitudes e comportamentos).

Iniciando pelas crenças morais, o gráfico 18 traz a média das respostas sobre a possibilidade de a ciência ter um efeito negativo na capacidade de julgamento dos indivíduos. De um modo geral, as médias não mostram grande variação entre as duas últimas ondas, com

pequena diminuição para Brasil e Estados Unidos e aumento para os dados mundiais. As médias para todas as unidades ficaram estabelecidas em torno de 5, que é o ponto mediano da escala. Os resultados mais baixos foram os americanos e os mais altos foram os mundiais.

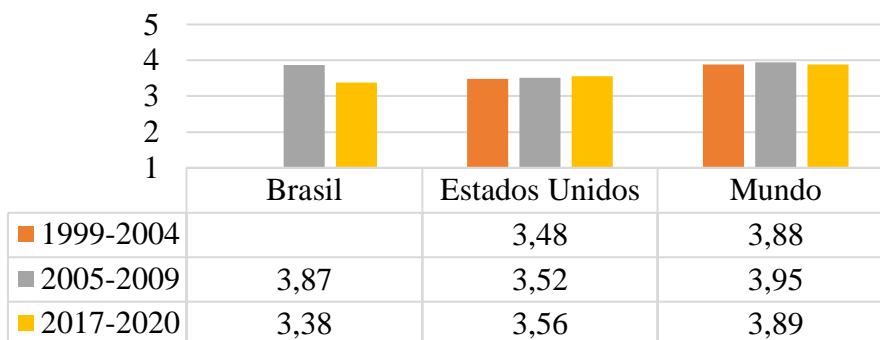
Gráfico 18: Nível de concordância com a afirmação: “um dos maus efeitos da ciência é que ela acaba com as ideias das pessoas sobre o que é certo e errado” (média):



n 2010-2014: Brasil = 1354; Estados Unidos = 2146; Mundo = 83101; n 2017-2020: Brasil = 1590; Estados Unidos = 2564; Mundo = 68136.
Fonte: World Values Survey.

No gráfico 19 observamos os dados sobre a crença de que trabalhar é um dever. Essa é uma variável que está associada à ideia conservadora de que as pessoas têm papéis e funções sociais definidas e responsabilidades coletivas para com a sociedade. Em uma escala de 1 a 5, a média de indivíduos que acredita que trabalhar é um dever para com a sociedade varia entre 3 e 4 ao longo do tempo. Apesar de apresentar relativa estabilidade, há uma redução da média brasileira, um aumento da média americana e pequena oscilação nos dados mundiais.

Gráfico 19: Nível de concordância com a afirmação “trabalhar é um dever para com a sociedade” (média):



n 1999-2004: Estados Unidos = 1194; Mundo = 37443; n 2005-2009: Brasil = 1492; Estados Unidos = 1234; Mundo = 66448; n 2017-2020: Brasil = 1740; Estados Unidos = 2573; Mundo = 71457.
Fonte: World Values Survey.

A tabela 6 traz um conjunto de informações acerca das crenças dos indivíduos sobre a existência de papéis sociais específicos tradicionais para homens e mulheres. O primeiro padrão importante a se destacar é um movimento generalizado de redução na proporção de pessoas que dizem acreditar em definições tradicionais de funções femininas e masculinas. As porcentagens mundiais ao longo do tempo foram expressivamente mais conservadoras do que as de Brasil e Estados Unidos. Para as questões de comparação entre as capacidades de homens e mulheres serem líderes políticos e da importância da universidade para os diferentes gêneros, os valores ficam próximos nos dois países. Contudo, quando considerados os temas relacionados à sobrevivência e à autoridade, o Brasil se mostra consideravelmente mais dado às tradições do que os Estados Unidos.

Tabela 6: Comparação entre as crenças sobre papéis sociais de gênero por tema (% de respostas “concorda” e “concorda fortemente”):

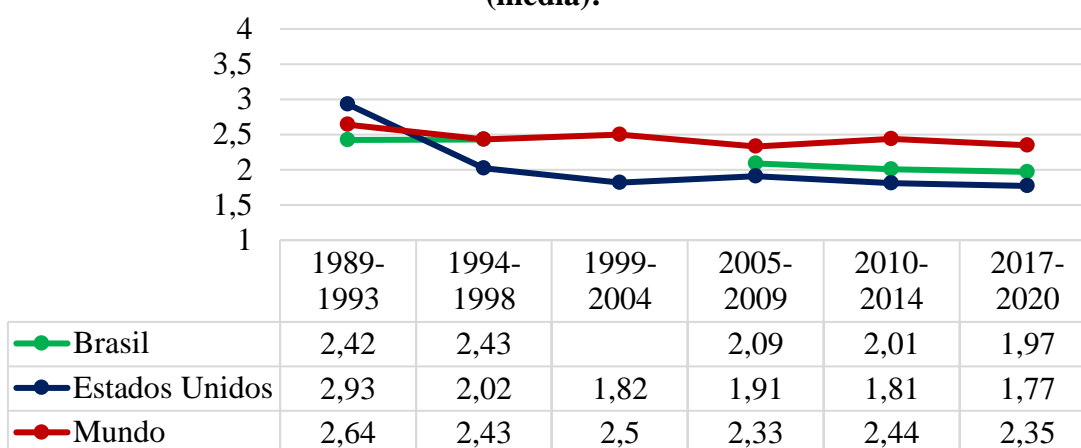
		1989-1993	1994-1998	1999-2004	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Em situações de escassez de postos de trabalho, os homens têm mais direito a emprego	Brasil	38,1	35,6		22,3	16,9	18,8
	Estados Unidos	24,4	18,8	9,9	6,8	5,7	5,2
	Mundo	38,4	38,1	48	35,9	39,5	42,2
Homens são melhores líderes políticos do que as mulheres	Brasil		47,3		31,7	29,5	18,6
	Estados Unidos		30,8	23,1	24,7	19,7	16,5
	Mundo		50,9	54,4	46	50,8	42
Universidade é mais importante para os meninos	Brasil		24,1		11,8	9,4	9,7
	Estados Unidos		14,7	7,4	7,8	6,6	9,6
	Mundo		25,9	27,2	21,6	25,9	24,9
Homens são melhores executivos do que as mulheres	Brasil				30,1	29,3	22,1
	Estados Unidos				16,4	11,9	12,7
	Mundo				39,1	45	36,6

Emprego n 1989-1993: Brasil = 1777; Estados Unidos = 1800; Mundo = 26117; n 1994-1998: Brasil = 1139 ; Estados Unidos = 1523; Mundo = 3031; n 1999-2004: Estados Unidos = 1192; Mundo = 57582; n 2005-2009: Brasil = 1495; Estados Unidos = 1238; Mundo = 79459; n 2010-2014: Brasil = 1475; Estados Unidos = 2211; Mundo = 87964; n 2017-2020: Brasil = 1737; Estados Unidos = 2592; Mundo = 71531; Líderes políticos n 1994-1998: Brasil = 1117; Estados Unidos = 1437; Mundo = 66906; n 1999-2004: Estados Unidos = 1135; Mundo = 55305; n 2005-2009: Brasil = 1485; Estados Unidos = 1224; Mundo = 79943; n 2010-2014: Brasil = 1429; Estados Unidos = 2206; Mundo = 85483; n 2017-2020: Brasil = 1651; Estados Unidos = 2583; Mundo = 70052; Universidade n 1994-1998: Brasil = 1135; Estados Unidos = 1500; Mundo = 68860; n 1999-2004: Estados Unidos = 1181; Mundo = 56662; n 2005-2009: Brasil = 1494; Estados Unidos = 1231; Mundo = 81276; n 2010-2014: Brasil = 1466; Estados Unidos = 2209; Mundo = 86948; n 2017-2020: Brasil = 1734; Estados Unidos = 2585; Mundo = 70940; Executivos n 2005-2009: Brasil = 1489; Estados Unidos = 1226; Mundo = 74192; n 2010-2014: Brasil = 1454; Estados Unidos = 2193; Mundo = 85678; n 2017-2020: Brasil = 1725; Estados Unidos = 2571; Mundo = 70495;

Fonte: World Values Survey.

No gráfico 20 vemos os dados da tabela anterior de forma resumida em médias. Com efeito, observamos a repetição de alguns padrões: 1) redução da média ao longo do tempo, 2) o mundo com resultados mais conservadores e os Estados Unidos com as menores médias. Além disso, considerando que a escala varia de 1 a 4, as três unidades iniciam a medição com resultados que podem ser considerados de moderados a altos (ou seja, acima do ponto mediano). Na última onda, o Brasil alcança um resultado moderado, a marca americana pode ser considerada moderada baixa, enquanto os valores mundiais permanecem como moderados a altos.

Gráfico 20: Crença na existência de papéis sociais definidos para homens e mulheres (média):

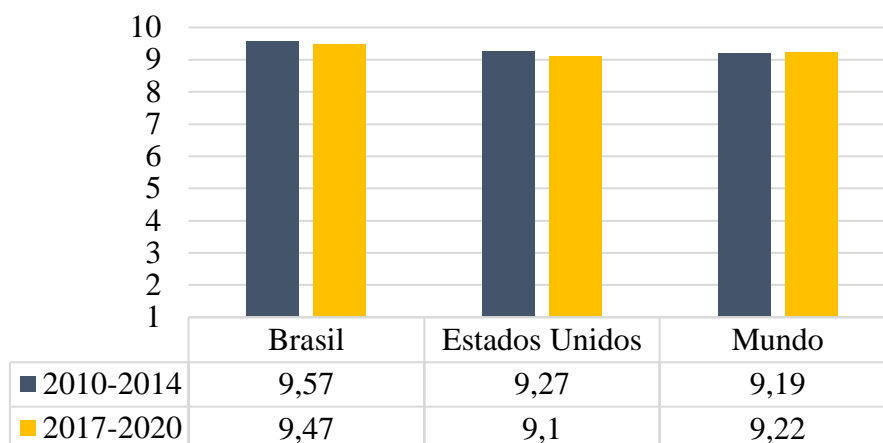


1989-1993: Brasil = 1777; Estados Unidos = 1800; Mundo = 26117; n 1994-1998: Brasil = 1142; Estados Unidos = 1539; Mundo = 74328; n 1999-2004: Estados Unidos = 1198; Mundo = 58569; n 2005-2009: Brasil = 1501; Estados Unidos = 1243; Mundo = 83666; n 2010-2014: Brasil = 1485; Estados Unidos = 2220; Mundo = 89049; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2594; Mundo = 71940.

Fonte: World Values Survey.

No gráfico 21 temos uma forma de mensurar as crenças que dizem respeito à defesa da propriedade privada. Este posicionamento está diretamente relacionado aos princípios do conservadorismo econômico, no qual não há dissociação entre propriedade e liberdade. É possível notar que, de um modo geral, a média de repostas para a proteção da propriedade privada é muito alta em todas as unidades de análise; ficando em torno de 9 e 10. As maiores médias foram atingidas pelo Brasil. Os resultados brasileiros e americanos sofreram pequena redução entre a sexta e sétima onda, enquanto no mundo há um modesto aumento.

Gráfico 21: Nível de concordância com a afirmação “nunca se justifica roubar propriedade privada de outros” (média):

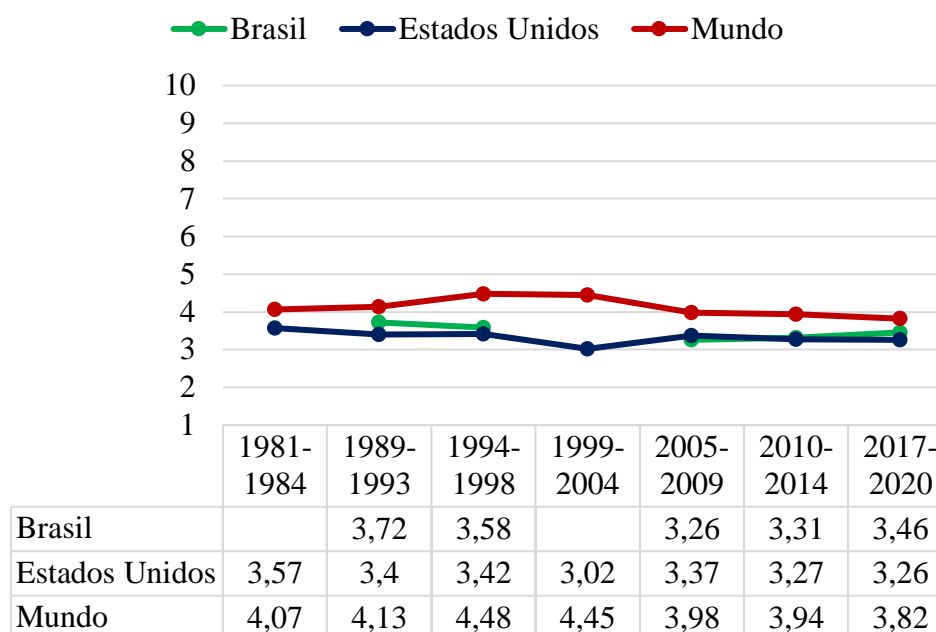


n 2010-2014: Brasil = 1482; Estados Unidos = 2178; Mundo = 88185; n 2017-2020: Brasil = 1734; Estados Unidos = 2565; Mundo = 70303.

Fonte: World Values Survey.

O último dado nessa série diz respeito à descrença das pessoas acerca da capacidade individual de escolha e de controle. Com efeito, as respostas foram distribuídas em uma escala de 1 (muita) a 10 (nenhuma) para a quantidade de liberdade de escolha e de controle os entrevistados acreditam possuir. De um modo geral não há grandes oscilações nas unidades de análise ao longo do tempo e os valores variam entre médias que vão de 3 a 4,5 em uma escala de 1 a 10. Os americanos demonstram menor descrença em sua própria autonomia, enquanto os dados mundiais atingem as maiores médias. No Brasil há uma redução das médias de descrença até a quinta onda; no entanto, na sexta e sétima onda volta a crescer. Nos Estados Unidos há uma oscilação tendendo à queda até a quarta onda, volta a crescer na onda 5 e tem leve redução e estabilização nas ondas 6 e 7. Ocorre um acréscimo nas médias mundiais até a quarta onda, e a partir da onda 5 é iniciado um processo de queda nesses valores.

Gráfico 22: Descrença na capacidade individual para liberdade de escolha e controle sobre sua própria vida (média):



n 1981-1984: Estados Unidos = 2291; Mundo = 14150; n 1989-1993: Brasil = 1753; Estados Unidos = 1824; Mundo = 25387; n 1994-1998: Brasil = 1136; Estados Unidos = 1531; Mundo = 67816; n 1999-2004: Estados Unidos = 1198; Mundo = 56530; n 2005-2009: Brasil = 1489; Estados Unidos = 1226; Mundo = 81859; n 2010-2014: Brasil = 170; Estados Unidos = 2199; Mundo = 88146; n 2017-2020: Brasil = 1717; Estados Unidos = 2580; Mundo = 71443.

Fonte: World Values Survey.

Como as médias de descrença em sua própria autonomia não chegam a 5 (ponto mediano) em nenhum momento, é possível afirmar que há uma maior crença dos indivíduos em sua própria capacidade de agência. Isso dialoga ou se contrapõe ao pensamento conservador de que há uma ordem superior que regula a sociedade e impede os seres humanos de interferirem no processo natural. Contudo, obviamente a variável não é capaz de mensurar a crença em ordenamentos divinos e autorregulação de modo completo e aprofundado. É importante pontuar, porém, o movimento suave de crescimento nas últimas ondas que coincide com o período de instabilidade no âmbito conjuntural dos países. Neste sentido, teremos a oportunidade de aprofundar esse aspecto nas seções a seguir que contemplam melhor as questões ligadas à religiosidade e que dizem respeito à reprovação de interferências humanas.

A análise do conjunto de dados desta seção indica um movimento de estabilidade ou redução gradual das crenças conservadoras. Isso posto, o principal fator a ser destacado no contexto dessa pesquisa é: a despeito da queda de algumas dessas crenças, elas ainda figuram

de maneira significativa nas médias e proporções das variáveis – vide os gráficos 18, 19, 21 e a tabela 6.

A existência de pequenas diferenças de tendências das crenças conservadoras — entre aumento (gráfico 19), estabilidade (gráfico 21) ou redução (tabela 6) — não é totalmente inesperada, uma vez que a bibliografia já prevê a possibilidade de ambivalências entre as crenças (BAUMEISTER, FINKEL, 2010). Salientando que tais dissonâncias tendem a ser corrigidas e alinhadas pelos próprios indivíduos; o que, por sua vez, talvez favoreça uma estabilidade ou centralidade em torno de algum ponto médio (FESTINGER, 1957).

A despeito dessas pequenas contradições, é possível identificar uma tendência semelhante em todos os dados. Com isso, é fomentada a teoria de que as crenças tendem a ser interconectadas e atuar de maneira organizada (GOOD, 2001). Além disso, uma possível explicação para a preponderância de relativa estabilidade e enraizamento das crenças conservadoras é a ideia de que crenças fortes e centrais tendem a ser mantidas (OSKAMP e SCHULTZ, 2005).

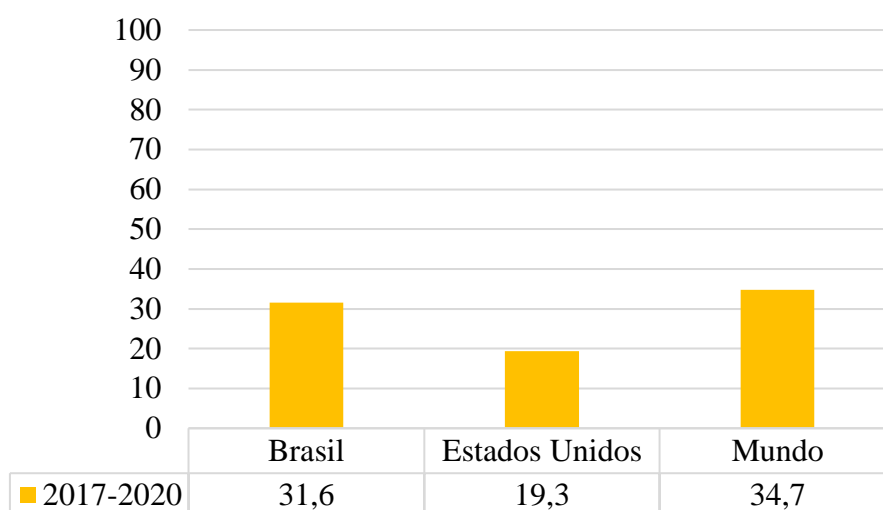
Neste sentido, as crenças mais primitivas, isto é, aquelas “verdades básicas” que as pessoas estabelecem sobre si mesmas e o mundo, tendem a ser mais enraizadas (ROKEACH, 1968). Nesse aspecto, é válido destacar alguns resultados obtidos para crenças ligadas ao papel de cada um na sociedade e ao que deve ser mantido ou protegido prioritariamente pela sociedade. Iniciando pela importância do trabalho enquanto um dever de cada ser humano, os indicadores não apenas são altos como aumentam entre as ondas para os Estados Unidos e na média mundial. Outrossim, entre as variáveis sobre os papéis sociais de gênero, algumas variáveis passam a ter redução menos intensa a partir da quinta onda, é o caso da prioridade de postos de trabalho entre homens e mulheres e da diferença da importância da universidade para os dois gêneros. Nessa última, há um aumento da visão conservadora (ou seja, da preferência aos meninos) no Brasil e nos Estados Unidos entre as ondas 6 e 7. Nesta mesma esteira, podemos salienta a consolidação quase unânime da propriedade privada como algo a ser absolutamente protegido e defendido.

Apresentados os resultados descritivos para a dimensão de crenças, partimos agora para os dados referentes à dimensão de valores.

6.1.3 VALORES

Nesta subseção serão apresentados os dados para cada uma das variáveis correspondentes à dimensão de valores relacionados ao conservadorismo. É importante lembrar que, nesse estudo, valores são padrões ideais generalizados sobre fins ou modos de conduta desejável que determinam o que é certo ou importante. Iniciamos pela validade de um sistema político religioso e não democrático:

Gráfico 23: Aprovação a um sistema político governado por leis religiosas, não há partidos ou eleições (% de respostas “bom” ou “muito bom”):



n 2017-2020: Brasil = 1416; Estados Unidos = 2519; Mundo = 65609.

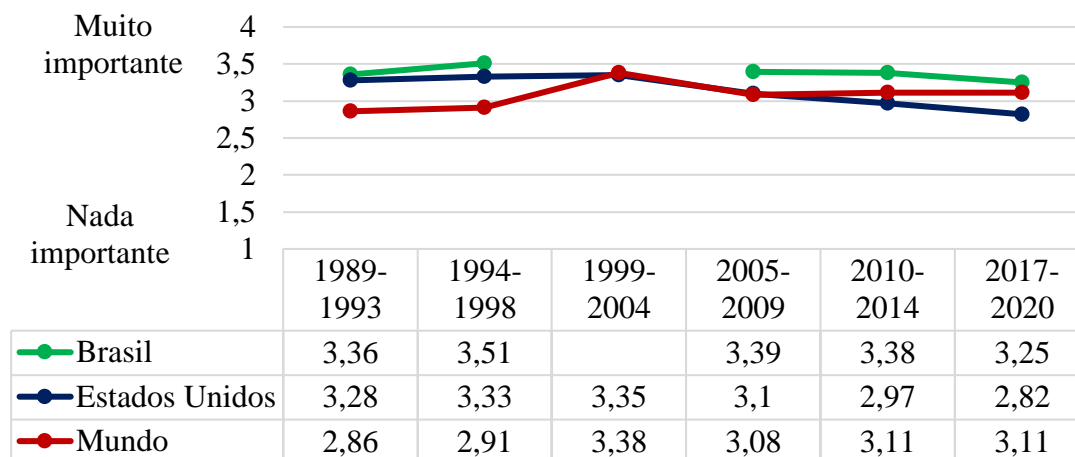
Fonte: World Values Survey.

Nesta variável retornamos a investigar a presença do princípio conservador de que há uma ordem natural que regula a sociedade, na qual o mais adequado é que a ordem, as leis e as estruturas partam de uma normativa superior/divina. Conforme podemos observar no gráfico 23, quase um terço dos brasileiros sinalizam como bom ou muito bom um sistema político governado por leis religiosas em que não haja partidos ou eleições. Os Estados Unidos apresentam a menor simpatia a este modelo político, porém ainda assim há quase 20% de aprovação. Os dados mundiais são superiores aos americanos e brasileiros, ficando estabelecidos em 34,7%. Destarte, comparando com o gráfico 22 da seção anterior, a despeito de os indivíduos terem alguma crença em sua capacidade de agência e autonomia, há uma

parcela significativa da sociedade que avalia positivamente a aplicação de um sistema de ordenamento religioso.

Para melhor compreender esses valores em relação ao sistema político, analisamos a seguir a importância da religião e de deus.

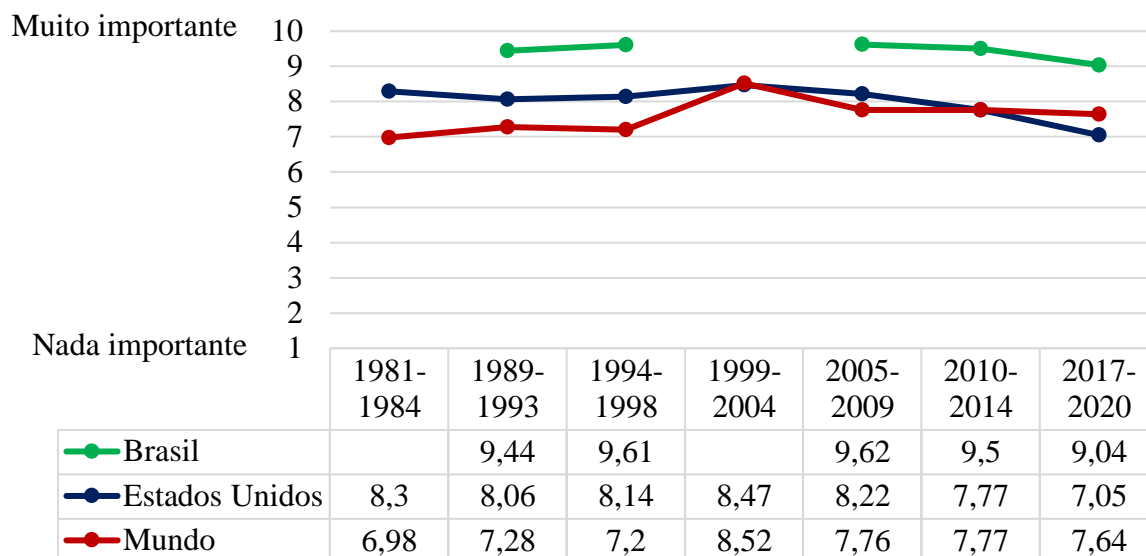
Gráfico 24: Importância da religião (média):



n 1989-1993: Brasil = 1778; Estados Unidos = 1823; Mundo = 27219; n 1994-1998: Brasil = 1141; Estados Unidos = 1535; Mundo = 75037; n 1999-2004: Estados Unidos = 1195; Mundo = 58161; n 2005-2009: Brasil = 1498; Estados Unidos = 1240; Mundo = 7949; n 2010-2014: Brasil = 1485; Estados Unidos = 2216; Mundo = 88218; n 2017-2020: Brasil = 1756; Estados Unidos = 2573; Mundo = 71434.
Fonte: World Values Survey.

No gráfico 24 é importante notar que a média da importância da religião pode ser considerada alta ou muito alta em todas as unidades de análise ao longo do tempo. No Brasil há uma estabilidade até a sexta e queda na última onda. Nos Estados Unidos não ocorrem oscilações significativas até a onda 3 e, a partir desse momento, começa a ocorrer redução na média. Contudo, mesmo na última onda o país atinge uma média de 2,8 em uma escala que vai de 1 a 4. Os dados mundiais apresentam um movimento de crescimento das médias.

Os resultados expostos nos gráficos 24 e 25 (a seguir) mensuram aspectos importantes do conservadorismo: a valorização da religiosidade e a importância da normativa divina na vida dos indivíduos. Deste modo, percebemos que, de fato, a fé religiosa é um valor enraizado tanto na sociedade brasileira quanto norte-americana. De forma complementar a isso, no gráfico a seguir é mensurada em média a importância de deus para as pessoas.

Gráfico 25: Importância de deus (média):

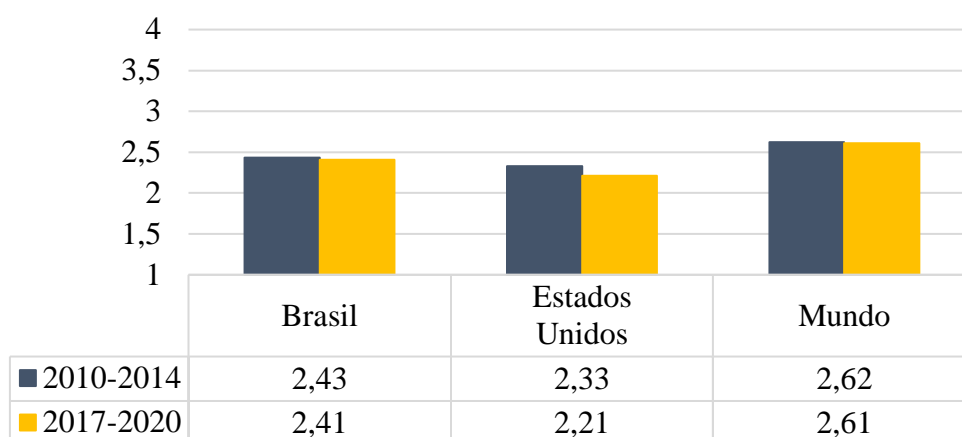
n 1981-1984: Estados Unidos = 2303; Mundo = 13225; n 1989-1993: Brasil = 1770; Estados Unidos = 1831; Mundo = 24904; n 1994-1998: Brasil = 1142; Estados Unidos = 1523; Mundo = 69019; n 1999-2004: Estados Unidos = 1197; Mundo = 58209; n 2005-2009: Brasil = 1498; Estados Unidos = 1196; Mundo = 81991; n 2010-2014: Brasil = 1483; Estados Unidos = 2202; Mundo = 84646; n 2017-2020: Brasil = 1745; Estados Unidos = 2580; Mundo = 70156.

Fonte: World Values Survey.

Nesta variável vemos uma diferença significativa entre os resultados brasileiros em relação aos Estados Unidos e o mundo. No Brasil há um movimento de oscilação e redução ao longo do tempo, ainda que os valores se mantenham muito altos. Nos Estados Unidos há uma diminuição de 1 ponto entre a primeira e a última onda. Em uma escala que vai de 1 a 10 é possível afirmar que as médias permaneceram altas para a importância de deus. Os resultados mundiais seguem um sentido contrário ao de Brasil e Estados Unidos, resultando em tendência de alta no período analisado.

De maneira complementar, a adoção de uma visão normativa divina da sociedade dialoga ou se alimenta da ideia de que os homens são naturalmente falhos (pessimismo antropológico). Reforçando a oposição à confiança e valorização da racionalidade humana. Culminando no diagnóstico de que os homens são dominados pela emoção e não possuem a sabedoria necessária para compreender todas as questões que permeiam o mundo. Por isso, no gráfico a seguir iremos avaliar como brasileiros e norte-americanos se posicionam em relação à sua preferência entre religião e ciência.

Gráfico 26: Nível de concordância com a afirmação “em conflitos entre a ciência e a religião, a religião deve prevalecer” (média):

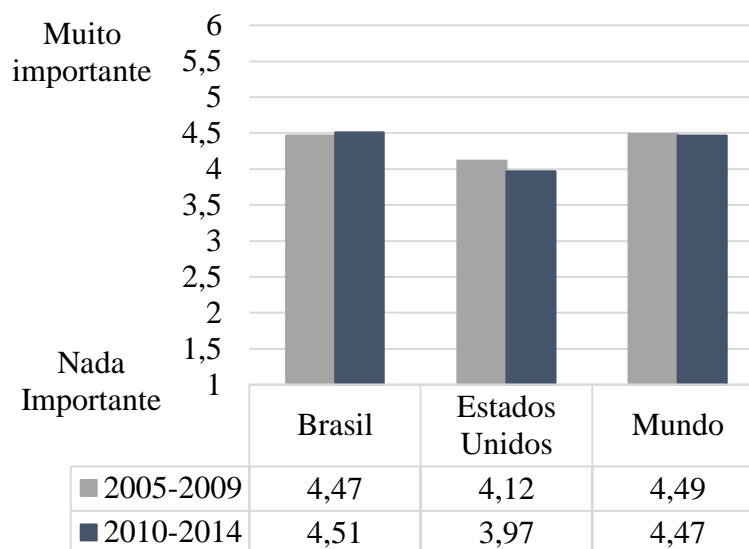


n 2010-2014: Brasil = 1353; Estados Unidos = 2181; Mundo = 80787; n 2017-2020: Brasil = 1568; Estados Unidos = 2546; Mundo = 66938.

Fonte: World Values Survey.

Em uma escala de 1 a 4 entre a prevalência da religião sobre a ciência em caso de conflitos, o gráfico 26 é composto por médias de concordância que vão de moderadas a ligeiramente altas. Os maiores resultados foram obtidos pelo recorte mundial, seguido por Brasil e, por último, por Estados Unidos. As médias tiveram redução, especialmente nos Estados Unidos entre a sexta e sétima onda. No Brasil e no Mundo, devido à variação ter sido de 0,02 e 0,01, respectivamente, é razoável afirmar que houve estabilidade.

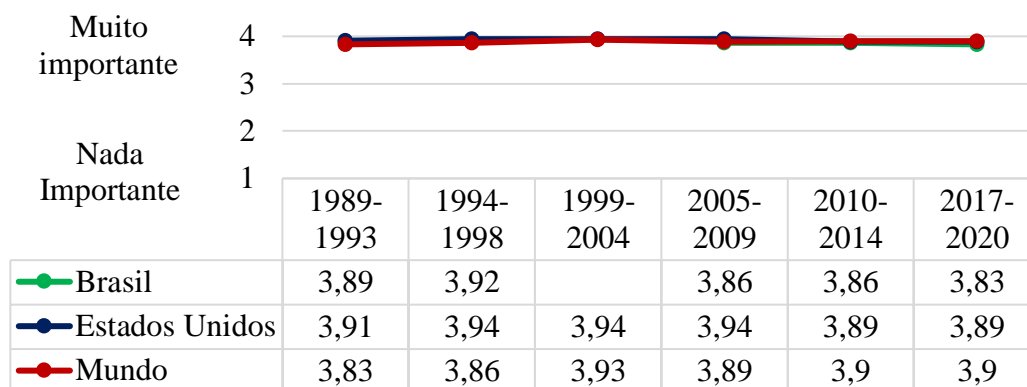
Além da religiosidade, outro aspecto fundamental do conservadorismo é a valorização da tradição. Conforme o argumento desta pesquisa o avanço de atitudes e comportamentos conservadores deve encontrar respaldo em valores tradicionalistas, que busquem proteger as estruturas e instituições vigentes. Para os conservadores manter o status quo não é uma forma de comodismo, mas sim de aproveitar o presente e garantir o futuro. Destarte, vamos ver como se comportam os dados sobre a importância da tradição e de instituições como a família para Brasil e Estados Unidos.

Gráfico 27: Importância da tradição (média):

n 2005-2009: Brasil = 1499; Estados Unidos = 1215; Mundo = 72418; n 2010-2014: Brasil = 1482; Estados Unidos = 2194; Mundo = 87478.
 Fonte: World Values Survey.

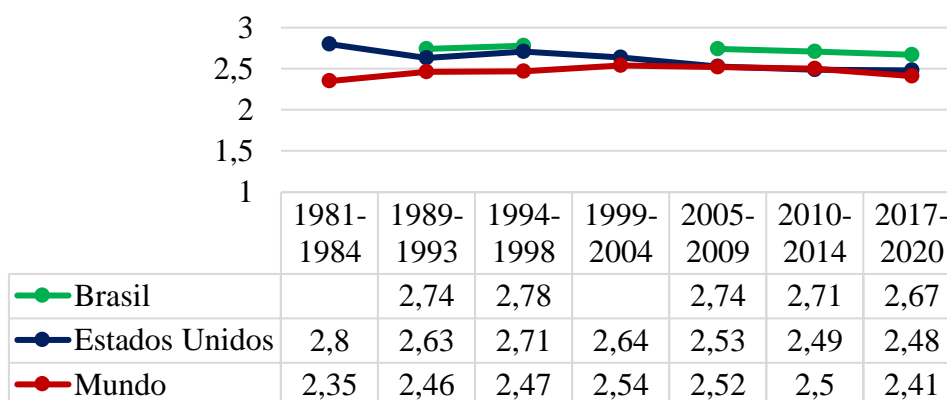
No gráfico 27 vemos as médias sobre a importância da tradição para os indivíduos. No Brasil há um pequeno aumento entre as ondas 5 e 7, nos Estados Unidos há uma redução, e no mundo o movimento de diminuição é tão incipiente que os resultados podem ser considerados estáveis. Apesar dos movimentos ocorridos entre as ondas, as médias de importância da tradição para as três unidades analisadas podem ser classificadas como altas.

A importância da família, retratada no gráfico 28, é a variável dessa sequência com maiores médias e estabilidade ao longo do tempo. Com efeito, os valores ficaram estabelecidos em torno do valor máximo da escala. É possível detectar uma redução muito modesta nas últimas ondas nos dois casos de estudo. Já os dados mundiais apresentaram uma pequena tendência ao acréscimo da média. É possível afirmar que a família é uma instituição considerada importante ou muito importante de maneira unânime. Por fim, é interessante destacar que os resultados mais expressivos se concentraram entre a terceira e a quinta onda.

Gráfico 28: Importância da família (média):

n 1989-1993: Brasil = 1780; Estados Unidos = 1832; Mundo = 27960; n 1994-1998: Brasil = 1142; Estados Unidos = 1541; Mundo = 76495; n 1999-2004: Estados Unidos = 1199; Mundo = 58701; n 2005-2009: Brasil = 1500; Estados Unidos = 1244; Mundo = 80662; n 2010-2014: Brasil = 1485; Estados Unidos = 2224; Mundo = 89232; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2594; Mundo = 71964.
Fonte: World Values Survey.

O gráfico 29 trata de um outro aspecto dentro da temática de tradições, que é a hierarquia. Ao longo de toda a série, a média de respostas favoráveis ao aumento do respeito pelas autoridades é muito alto, ficando em torno de 2,4 e 3 em uma escala de 1 a 3. No Brasil é possível dizer que há relativa estabilidade dos resultados com pequena redução na última onda. Nos Estados Unidos os valores, apesar de se manterem perto do limite máximo, iniciam um processo de queda a partir da quarta onda. Os dados mundiais, em contrapartida, demonstram um processo geral de aumento, seguido de pequena redução na última onda.

Gráfico 29: Desejo de que no futuro haja maior respeito pelas autoridades (média):

n 1981-1984: Estados Unidos = 2306; Mundo = 14413; n 1989-1993: Brasil = 1779; Estados Unidos = 1814; Mundo = 27598; n 1994-1998: Brasil = 1141; Estados Unidos = 1543; Mundo = 71923; n 1999-2004: Estados Unidos = 1196; Mundo = 55758; n 2005-2009: Brasil = 1492; Estados Unidos = 1223; Mundo = 78653; n 2010-2014: Brasil = 1461; Estados Unidos = 2187; Mundo = 85767; n 2017-2020: Brasil = 1690; Estados Unidos = 2574; Mundo = 70038.
Fonte: World Values Survey.

A seguir, na tabela 7, revisitamos os dados do gráfico anterior, porém em porcentagens, para avaliarmos a proporção de indivíduos que esboçou o desejo de que no futuro haja mais respeito pelas autoridades. Observa-se, por um lado, uma diferença significativa entre os resultados do Brasil (entre 70% a 80% favorável), e uma aproximação de Estados Unidos e o mundo, por outro lado, com valores variando ao redor de 60%. Além disso, há um movimento relativamente generalizado de redução das porcentagens. No entanto, a proporção de pessoas que concordam com essa mudança em prol da hierarquia é muito alta nas três unidades de análise.

Tabela 7: Desejo de que no futuro haja maior respeito pelas autoridades (% de respostas “seria bom”)

	1981-1984	1989-1993	1994-1998	1999-2004	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Brasil		80,8	82,9		77,8	77,7	73,6
Estados Unidos	85,1	77,8	75,9	70,3	59,4	56,3	59
Mundo	57,8	64,2	58,7	64,9	63,5	61,6	58,5

n 1981-1984: Estados Unidos = 2306; Mundo = 14413; n 1989-1993: Brasil = 1779; Estados Unidos = 1814; Mundo = 27598; n 1994-1998: Brasil = 1141; Estados Unidos = 1543; Mundo = 71923; n 1999-2004: Estados Unidos = 1196; Mundo = 55758; n 2005-2009: Brasil = 1492; Estados Unidos = 1223; Mundo = 78653; n 2010-2014: Brasil = 1461; Estados Unidos = 2187; Mundo = 85767; n 2017-2020: Brasil = 1690; Estados Unidos = 2574; Mundo = 70038.
Fonte: World Values Survey.

Seguindo a lógica de analisar valores alinhados a um funcionamento social mais ligado às tradições, a tabela 8 possui um conjunto de dados acerca de qualidades desejáveis nas crianças. A responsabilidade é um adjetivo citado com bastante frequência: sua oscilação indica crescimento, mas seu auge foi atingido entre a quinta e sexta ondas. No Brasil é onde ela importa mais. No que diz respeito à fé religiosa, há uma tendência de redução para Brasil e Estados Unidos e de aumento no mundo, assim como na variável anterior, seu ápice ocorreu entre a quinta e sexta ondas; neste caso as porcentagens são mais semelhantes entre as três unidades. O comportamento dos dados para obediência segue indefinido entre aumentos e reduções até a última onda, quando apresenta queda nas três unidades de análise. Apesar dessa queda, segue sendo uma característica importante para mais de 40% dos brasileiros, um quinto dos americanos e um terço da amostra mundial.

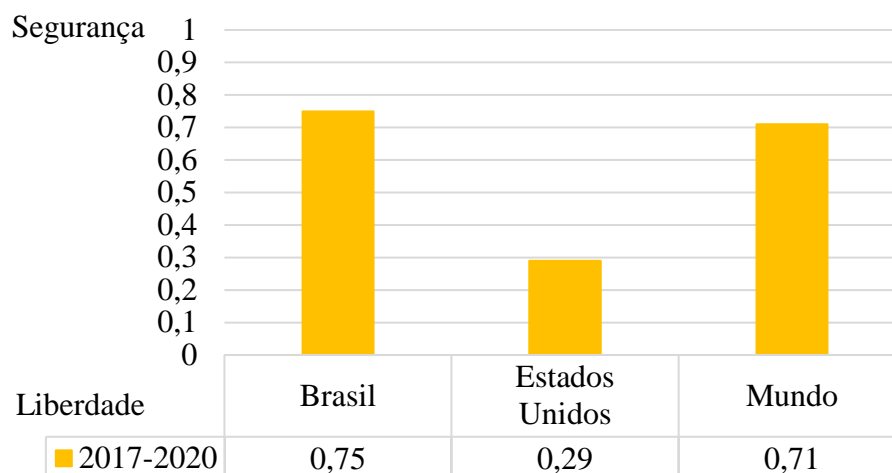
Tabela 8: Qualidades desejadas nas crianças (% de respostas “importante”)

		1981-1984	1989-1993	1994-1998	1999-2004	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Responsabilidade	Brasil		71,8	64,7		77,9	77,9	70,5
	Estados Unidos	43,5	71,9	68,9	71,9	72,1	65,2	59,4
	Mundo	47,4	69,6	68,1	67,6	72,2	70,9	66
Fé religiosa	Brasil		46,4	56,7		55,7	49,8	36,3
	Estados Unidos	39,3	55,1	54	52,1	50,6	43,1	32,2
	Mundo	23,7	32,3	31,7	53,6	40,9	41,1	36,8
Obediência	Brasil		41,3	59,1		56,5	51,5	43
	Estados Unidos	26,1	39,3	37,6	32	28,3	28	20,5
	Mundo	26,8	35,9	35,5	46,2	42,5	41,7	33,2

Responsabilidade/Fé religiosa/Obediência n 1981-1984: Estados Unidos = 2325; Mundo = 13837; n 1989-1993: Brasil = 1782; Estados Unidos = 1839; Mundo = 27189; n 1994-1998: Brasil = 1143; Estados Unidos = 1542; Mundo = 77818; n 1999-2004: Estados Unidos = 1200; Mundo = 60041; n 2005-2009: Brasil = 1500; Estados Unidos = 1249; Mundo = 83976; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2232; Mundo = 89547; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2592; Mundo = 71221.

Fonte: World Values Survey.

Antes de apresentar os dados da variável sobre a preferência por segurança em relação à liberdade, é importante fazer algumas ponderações, uma vez que sua formulação pode suscitar uma ambiguidade entre ideologia e demanda. Isto é, pode parecer pertinente questionar se a medida diz respeito a uma questão ideológica, como se propõe aqui, ou se indica apenas a demanda por um elemento em comparação ao outro. No entanto, sustenta-se que, uma vez que a mensuração está centrada em valores e em conceitos abstratos, a cultura dos países é o fator preponderante da medida. Complementarmente, um indicativo factual disso é o de que, conforme vimos na seção de conjuntura, o Brasil e EUA não estão tão distantes nas variáveis de percepção de insegurança, contudo, como veremos a seguir, há uma diferença grande entre os dois países na preferência entre liberdade e segurança.

Gráfico 30: Prefere segurança à liberdade (média):

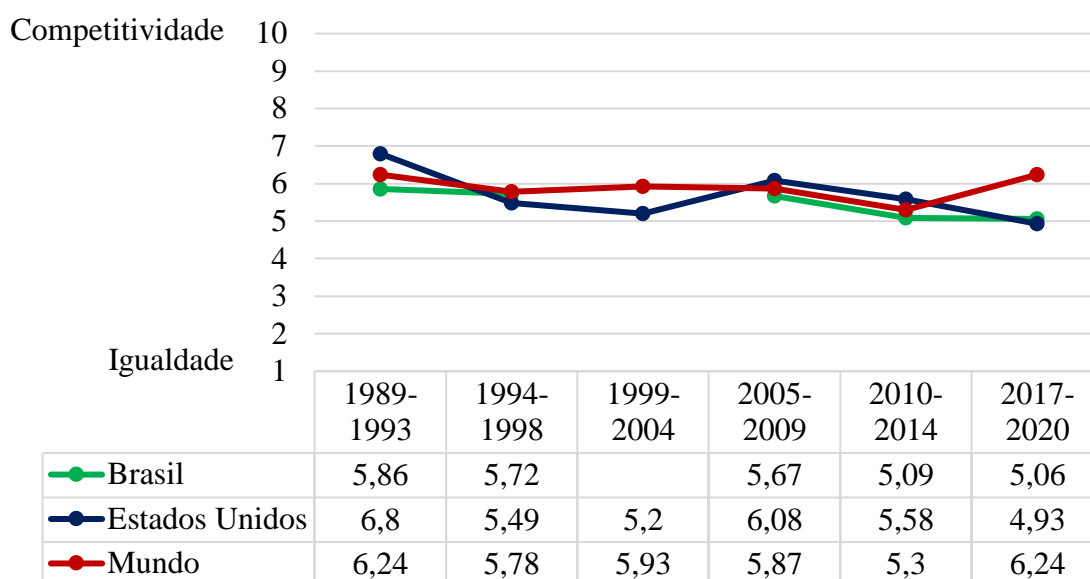
n 2017-2020: Brasil = 1698; Estados Unidos = 2538; Mundo = 69807.

Fonte: World Values Survey.

Os valores de liberdade e segurança são contrapostos no gráfico 30. Com isso, nota-se que a segurança é em média uma prioridade para o Brasil e para o mundo, em comparação à liberdade. Em contrapartida, para Estados Unidos o mais importante parece ser a liberdade; o que se coloca em consonância direta com a identidade nacional construída em um país que se autointitula “*the land of free*”.

No pensamento conservador, a manutenção da diferenciação social em classes e hierarquia tem uma função importante para o bom funcionamento das estruturas política, econômica e social. Partindo para esse outro aspecto do conservadorismo, no gráfico 31 temos médias que indicam uma pequena preferência geral pela competição em relação à igualdade de renda. Em termos de oscilações ao longo do tempo, os dados brasileiros e americanos tiveram movimento de redução, enquanto os dados mundiais tiveram relativa estabilidade até a onda 5, com redução na sexta onda e crescimento na onda 7.

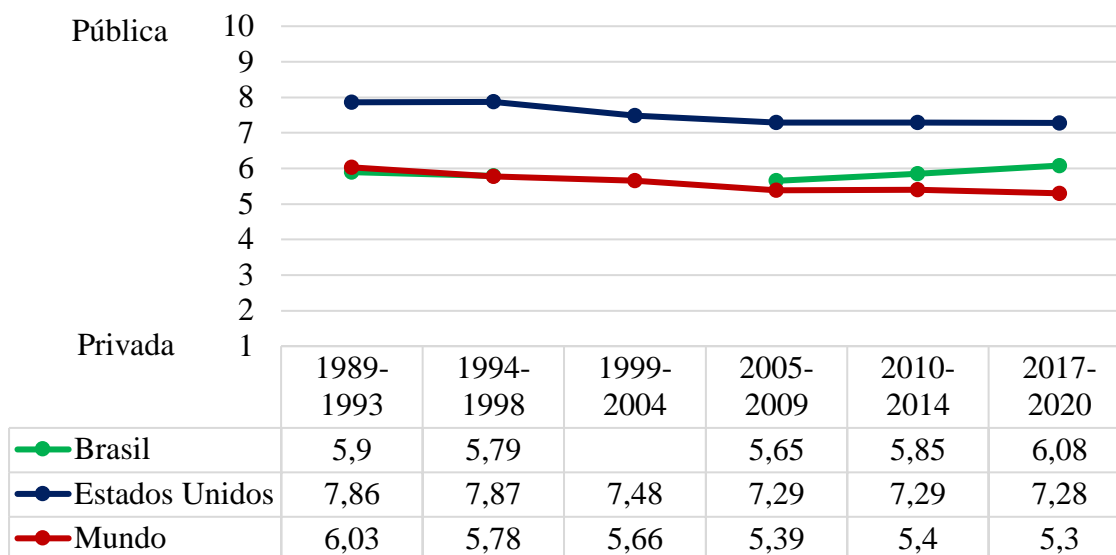
Gráfico 31: Preferência à competitividade em comparação à igualdade de renda (média):



n 1989-1993: Brasil = 1732; Estados Unidos = 1774; Mundo = 25701; n 1994-1998: Brasil = 1131; Estados Unidos = 1491; Mundo = 71402; n 1999-2004: Estados Unidos = 1197; Mundo = 58701; n 2005-2009: Brasil = 1490; Estados Unidos = 1202; Mundo = 80662; n 2010-2014: Brasil = 1460; Estados Unidos = 2192; Mundo = 89232; n 2017-2020: Brasil = 1695; Estados Unidos = 2565; Mundo = 71964.

Fonte: World Values Survey.

No último resultado desta seção sobre valores, gráfico 32, observamos a média de preferência dos indivíduos entre empresas estatais e a iniciativa privada, sendo que essa última pode ser associada à ideia conservadora liberal de estado mínimo. De um modo geral, observamos que as empresas estatais aparecem em vantagem em relação à iniciativa privada, especialmente nos Estados Unidos. Com efeito, no Brasil a preferência média pelo modelo público tem aumentado, enquanto nos Estados Unidos e no mundo tem diminuído ao longo do tempo.

Gráfico 32: Preferência pela iniciativa privada a empresas estatais (média):

n 1989-1993: Brasil = 1687; Estados Unidos = 1756; Mundo = 24657; n 1994-1998: Brasil = 1092; Estados Unidos = 1487; Mundo = 69782; n 1999-2004: Estados Unidos = 1192; Mundo = 51217; n 2005-2009: Brasil = 1471; Estados Unidos = 1208; Mundo = 73208; n 2010-2014: Brasil = 1437; Estados Unidos = 2168; Mundo = 84294; n 2017-2020: Brasil = 1646; Estados Unidos = 2564; Mundo = 69529.

Fonte: World Values Survey.

De maneira similar aos padrões que identificamos na seção anterior, percebemos a presença substancial e o enraizamento de valores associados ao conservadorismo, apesar de alguns desses apresentarem tendências de redução ao longo tempo.

Entre os dados de valores conservadores com resultados mais expressivos é importante destacar aqueles relacionados à religiosidade. A possibilidade de um sistema político religioso é aprovada por um terço dos brasileiros e 20% dos norte-americanos. Tanto a religião quanto Deus são muito importantes para ambos os países, sendo esse último mais importante para os brasileiros do que para as demais unidades em análise. Ambas as variáveis demonstraram um movimento de estabilidade a leve redução, tendo apresentado um pico de crescimento na onda de 1999 a 2004.

Com efeito, analogamente aos dados acerca do impacto da ciência em atrapalhar o entendimento dos indivíduos sobre que é certo ou errado (gráfico 18, com médias em torno do ponto mediano), a preferência pela religião à ciência no caso de conflitos (gráfico 26) resultou em proporções expressivas desvalorização da ciência. Em ambas as variáveis as tendências de redução são quase irrisórias. No caso da última, os dados ficaram em torno do ponto mediano para cima.

Além da religiosidade, outros aspectos fundamentais ao conservadorismo como a família, a tradição e a autoridade também se mostraram muito valorizados nos dois países. Nas variáveis que mensuram a importância para crianças da presença de qualidades admiradas pelo pensamento conservador, há aumentos de proporção se consideramos o início e o final da medição longitudinal. São elas: maior valorização da responsabilidade no caso norte-americano, da fé religiosa nas porcentagens mundiais e da obediência para os brasileiros. Contudo, é importante destacar que nessa última variável há oscilação ao longo do tempo e há ondas anteriores em que essas taxas são maiores.

Relembrando a diferenciação entre conceitos estabelecida por Chaiken (2001) as atitudes se referem a objetos mais específicos do que os valores dentro da mesma temática. Além disso, são as crenças e valores que baseiam os comportamentos. Com efeito, na etapa a seguir iremos analisar as variáveis que buscam mensurar atitudes e comportamentos conservadores.

6.1.4 ATITUDES E COMPORTAMENTOS

Nesta seção serão apresentados os dados descritivos para cada uma das variáveis que compõem as dimensões de atitude e comportamento. Esse conjunto de elementos compõem a variável dependente desse estudo, uma vez que esses seriam influenciados pela conjuntura, pelas crenças e pelos valores. Antes de olhar os dados, é importante retomar as definições adotadas neste estudo: 1) atitudes são compreendidas como as predisposições conscientes interdependentes relativamente gerais e estáveis para adotar avaliações e respostas positivas ou negativas acerca de um tema, situação ou ator social; 2) comportamentos são ações observáveis e conscientes.

Na tabela 9 identificamos um aspecto do comportamento dos indivíduos em relação à religiosidade. Com isso, observamos que a maioria dos indivíduos se consideram religiosos, contudo, há um movimento de redução da parcela que se diz religiosa e de um consequente aumento da faixa de ateus. No Brasil o crescimento maior se deu na categoria “não religioso”; ainda assim o país permanece com três quartos da população se autodefinindo como religiosa, atingindo a maior porcentagem nesta classificação. Nos Estados Unidos, além dos ateus, o acréscimo de indivíduos que se consideram não religiosos aumentou significativamente entre a

primeira e a última onda; com isso, o país teve a maior redução na proporção de religiosos entre as três unidades de análise. Em relação à amostra mundial, houve um movimento de redução na quantidade de não religiosos até a quarta onda, a partir da medição seguinte o número voltou a crescer gradualmente; já o número de religiosos cresceu até a sexta onda seguido de uma redução na última coleta de dados.

Tabela 9: Religiosidade (%):

		1981-1984	1989-1993	1994-1998	1999-2004	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Brasil	Ateu		1,3	0,5		1,2	1	2
	Não religioso		11	14		10,8	17,8	23,3
	Religioso		87,7	85,4		88	81,2	74,7
Estados Unidos	Ateu	1,2	1,1	0,9	1,4	3,5	4,5	8,0
	Não religioso	15,7	14,8	18	16	24,4	27,6	33,6
	Religioso	83,1	84,1	81,1	82,5	72,1	67,9	58,5
Mundo	Ateu	5,4	5,3	3,6	4	5	5,5	8,7
	Não religioso	31	24,9	25,7	18,2	25,3	25,4	26,5
	Religioso	63,7	69,9	70,7	77,8	69,8	69,1	64,8

n 1981-1984: Estados Unidos = 2278; Mundo = 13091; n 1989-1993: Brasil = 1771; Estados Unidos = 1785; Mundo = 24620; n 1994-1998: Brasil = 1139; Estados Unidos = 1503; Mundo = 66471; n 1999-2004: Estados Unidos = 1180; Mundo = 53583; n 2005-2009: Brasil = 1486; Estados Unidos = 1196; Mundo = 81031; n 2010-2014: Brasil = 1459; Estados Unidos = 2203; Mundo = 84899; n 2017-2020: Brasil = 1702; Estados Unidos = 2578; Mundo = 70215.

Fonte: World Values Survey.

Em complementaridade, na tabela 10 são apresentadas as frequências para a atividade em instituição religiosa. Observamos uma redução geral de não membros e da não participação e, em consequência, o aumento da quantidade de membros ativos. O Brasil é o país com maior número de membros ativos, seguido por Estados Unidos e a amostra mundial, respectivamente. Entretanto, em nenhuma das três unidades de análise a porcentagem de atividade chega à metade dos entrevistados; se aproxima disso no caso brasileiro, atinge um terço das respostas dos americanos e apenas um quinto dos resultados mundiais.

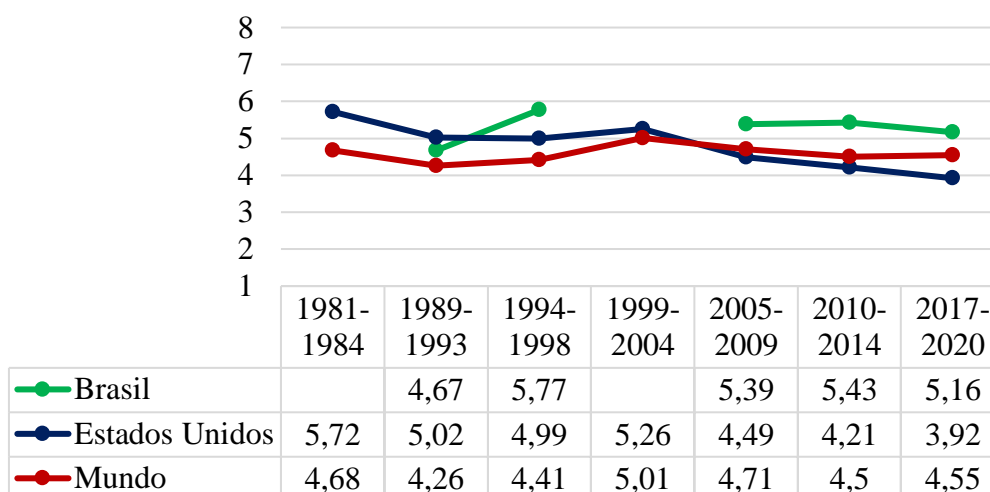
Tabela 10: Atividade em instituição religiosa (%):

		1981-1984	1994-1998	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Brasil	Não membro		38,4	24,2	28,6	33,3
	Membro inativo		30,7	25,3	21,7	22,5
	Membro ativo		30,9	50,6	49,7	44,1
Estados Unidos	Não membro	43,9	22,7	33,7	36,6	39,4
	Membro inativo	33,7	27,5	28,5	28,6	28,1
	Membro ativo	22,4	49,8	37,9	34,8	32,5
Mundo	Não membro	74,2	61,7	59,8	66,7	62,4
	Membro inativo	13,6	20,4	19,8	15,3	17,3
	Membro ativo	12,2	17,9	20,3	18	20,3

n 1981-1984: Estados Unidos = 2325; Mundo = 12122; n 1994-1998: Brasil = 1143; Estados Unidos = 1539; Mundo = 73141; n 2005-2009: Brasil = 1497; Estados Unidos = 1239; Mundo = 78293; n 2010-2014: Brasil = 1481; Estados Unidos = 2211; Mundo = 88755; n 2017-2020: Brasil = 1722; Estados Unidos = 2575; Mundo = 70136.

Fonte: World Values Survey.

No gráfico 33 temos o conjunto das médias para a frequência da participação religiosa. A despeito das oscilações positivas e negativas que se alternaram entre as ondas, os valores se mantiveram em um patamar acima do ponto mediano 4 (à exceção dos Estados Unidos na onda 7). Tanto a amostra mundial quanto o caso americano demonstram uma tendência geral de queda, porém em ambos há um pico de aumento isolado na quarta onda. Em contrapartida, o Brasil encerrou a medição com as maiores médias.

Gráfico 33: Frequência da participação religiosa (média):

n 1981-1984: Estados Unidos = 1954; Mundo = 11554; n 1989-1993: Brasil = 1782; Estados Unidos = 1826; Mundo = 23814; n 1994-1998: Brasil = 1139; Estados Unidos = 1529; Mundo = 73591; n 1999-2004: Estados Unidos = 1197; Mundo = 57645; n 2005-2009: Brasil = 1496; Estados Unidos = 1195; Mundo = 78801; n 2010-2014: Brasil = 1475; Estados Unidos = 2202; Mundo = 84669; n 2017-2020: Brasil = 1745; Estados Unidos = 2587; Mundo = 71329.

Fonte: World Values Survey.

De um modo geral, é possível observar uma congruência nos indicadores relacionados à religião que perpassam as crenças, atitudes e comportamentos. Em todas as dimensões, as variáveis sobre religiosidade tiveram oscilação durante a medição e crescimento entre os anos 1999 e 2004. O Brasil se destacou como mais favorável à religiosidade em boa parte dos resultados. Longitudinalmente, há um movimento que pode ser identificado como de redução gradual da religiosidade.

Contudo, também fica clara a preponderância de respostas associadas a um forte papel da religião na vida dos indivíduos. Isso sugere que, a despeito de um enfraquecimento relativo da importância da religião no funcionamento político e social, o seu enraizamento e influência ainda são fortes. Por fim, é interessante pontuar que, no caso brasileiro, houve aspectos (como na frequência da participação religiosa, gráfico 33) em que os fatores religiosos melhoraram seu desempenho ao longo do tempo.

Retomando as classificações teóricas desenvolvidas no capítulo dois, estabelecemos que a religiosidade é um aspecto importante do conservadorismo moral. Aplicando essa construção teórica, podemos afirmar que, conforme esperado, as sociedades analisadas sofrem uma forte influência do conservadorismo moral ligado à religião.

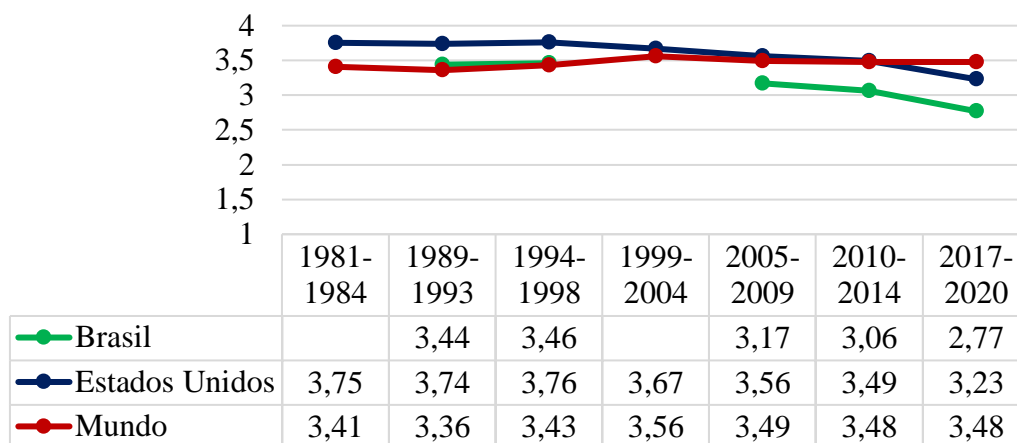
Partindo para outro tema, o nacionalismo integra diretamente o conservadorismo definido aqui como operacional — direcionado ao funcionamento dos processos políticos, econômicos e sociais. No entanto, a valorização do que é nacional, não se restringe apenas à questão operacional, pode dialogar e se manifestar também através das abordagens política, moral e social do conservadorismo, quando, por exemplo: a imigração e a globalização são vistas como ameaças econômicas e/ou culturais.

Com efeito, o nacionalismo é um dos elementos basilares do pensamento conservador. No gráfico 34, avaliamos o indicador de orgulho sobre a nacionalidade para os casos estudados. Os resultados podem ser considerados entre altos e muito altos durante toda a medição. Olhando mais minuciosamente, pode ser visto um movimento de redução para Brasil e Estados Unidos e oscilação relativamente indefinida para a amostra mundial. O país com menor orgulho nacional é o Brasil, enquanto os Estados Unidos mantêm as médias mais altas ao longo tempo à exceção da sétima onda.

Relacionando os dados com o avanço do conservadorismo neste século, identificamos que os resultados se refletem na realidade observada, uma vez que tanto no Brasil (que obteve índices menores), quanto nos Estados Unidos, o nacionalismo teve forte apelo. Jair Bolsonaro

e Donald Trump prometeram retomar o orgulho de seus respectivos países, que, conforme os mesmos, havia sido perdido. Isto é, ambos os candidatos/presidentes eleitos, ao identificar essa característica e observar o movimento de redução nos últimos anos, inseriram de forma estratégica a exaltação ao nacionalismo em seus discursos conservadores.

Gráfico 34: Orgulho sobre a nacionalidade (média):



n 1981-1984: Estados Unidos = 2274; Mundo = 14199; n 1989-1993: Brasil = 1773; Estados Unidos = 1792; Mundo = 27439; n 1994-1998: Brasil = 1137; Estados Unidos = 1514; Mundo = 72228; n 1999-2004: Estados Unidos = 1184; Mundo = 58575; n 2005-2009: Brasil = 1490; Estados Unidos = 1193; Mundo = 80308; n 2010-2014: Brasil = 1473; Estados Unidos = 2119; Mundo = 87018; n 2017-2020: Brasil = 1723; Estados Unidos = 2514; Mundo = 70054.

Fonte: World Values Survey.

Ainda analisando elementos do conservadorismo operacional, na tabela 11 são apresentados os resultados para o questionamento acerca de qual deveria ser o principal objetivo nacional. Buscamos observar a importância da manutenção da ordem para a sociedade, uma vez que esta seria uma preocupação tipicamente conservadora. Com efeito, há bastante oscilação nas respostas ao longo do tempo, contudo é possível afirmar que mesmo em um contexto com quatro alternativas, a maioria dos indivíduos dá prioridade à manutenção da ordem no país. No caso brasileiro, o combate ao aumento de preços teve um movimento de queda, com isso as demais opções cresceram ao longo do tempo; deste modo, na sétima onda foi escolhido dar mais voz às pessoas nas decisões do governo, seguido de perto por manter a ordem. Para Estados Unidos, os dois principais objetivos escolhidos são iguais aos brasileiros, no entanto, manter a ordem aparecem em primeiro lugar. Com uma diferença ainda maior em relação às demais alternativas, na amostra mundial manter a ordem no país é a escolha de mais

de 40% dos entrevistados. Esses dados apoiam tanto a premissa de que há expressividade do conservadorismo nesses países, quanto que ambos estão lidando com crises de representação.

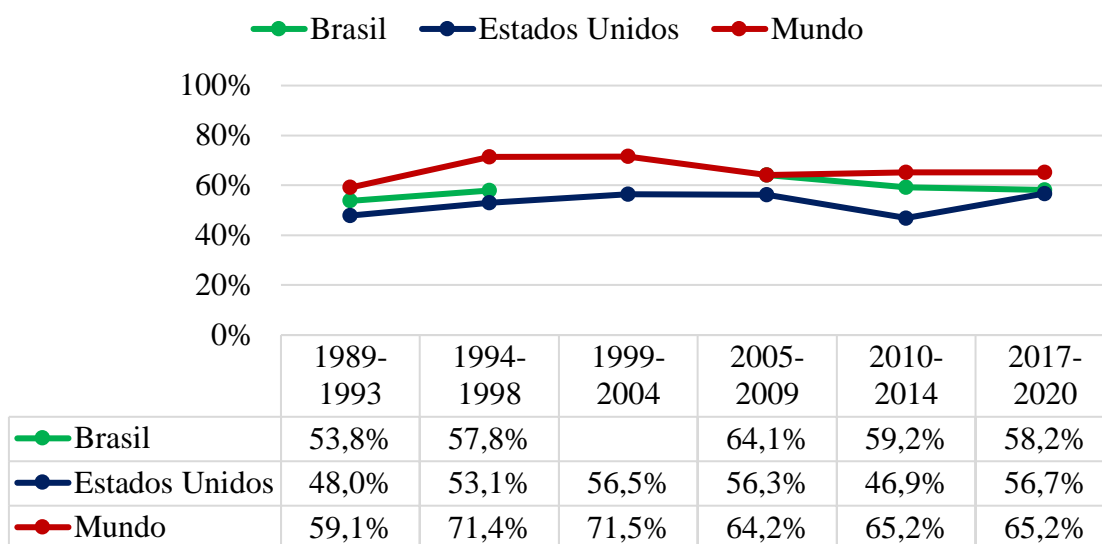
Tabela 11: Principal objetivo nacional (%):

		1989-1993	1994-1998	1999-2004	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Brasil	Manter a ordem no país	30,5	28,7		39,7	33,5	31,4
	Dar mais voz às pessoas nas decisões importantes do governo	22,2	31,6		26,1	26,8	33,3
	Combater o aumento de preços	42,9	32		26	30,5	28,1
	Proteger a liberdade de expressão	4,4	7,7		8,1	9,2	7,1
Estados Unidos	Manter a ordem no país	27,8	32,3	32,6	31,8	21,2	36,5
	Dar mais voz às pessoas nas decisões importantes do governo	31,1	34,1	32,2	28,1	27,1	26,7
	Combater o aumento de preços	18,6	12,3	9,9	22,2	34,6	12,1
	Proteger a liberdade de expressão	22,6	21,2	25,4	17,9	17,1	24,6
Mundo	Manter a ordem no país	37,5	49,3	49,6	40,7	42,1	41,4
	Dar mais voz às pessoas nas decisões importantes do governo	25,7	21,3	19,3	21,3	19,6	22,9
	Combater o aumento de preços	25,9	19,4	20,4	27,0	29,2	24,3
	Proteger a liberdade de expressão	10,9	10	10,7	11,1	9,1	11,3

n 1989-1993: Brasil = 1767; Estados Unidos = 1809; Mundo = 27346; n 1994-1998: Brasil = 1140; Estados Unidos = 1515; Mundo = 74814; n 1999-2004: Estados Unidos = 1194; Mundo = 58191; n 2005-2009: Brasil = 1463; Estados Unidos = 1225; Mundo = 80694; n 2010-2014: Brasil = 1459; Estados Unidos = 2196; Mundo = 86644; n 2017-2020: Brasil = 1699; Estados Unidos = 2561; Mundo = 70629.

Fonte: World Values Survey.

Quando somadas as respostas dos indivíduos sobre qual deveria ser o principal objetivo nacional em primeiro e em segundo lugar, gráfico 35, obtemos que mais da metade dos indivíduos, na maior parte do tempo, cita a manutenção da ordem no país. Outro fator interessante a se observar é o movimento de crescimento que segue até a quarta onda para os dados mundiais e quinta onda para Brasil e Estados Unidos. Após isso: no caso americano há uma queda na onda 6 seguida de novo aumento na onda 7, no caso brasileiro segue o movimento de decréscimo gradual até o final da medição, e na amostra mundial os resultados voltam a crescer de forma estável.

Gráfico 35: Objetivo nacional em primeiro ou segundo lugar: manter a ordem:

Primeiro lugar n 1989-1993: Brasil = 1767; Estados Unidos = 1809; Mundo = 27346; n 1994-1998: Brasil = 1140; Estados Unidos = 1515; Mundo = 74814; n 1999-2004: Estados Unidos = 1194; Mundo = 58191; n 2005-2009: Brasil = 1463; Estados Unidos = 1225; Mundo = 80694; n 2010-2014: Brasil = 1459; Estados Unidos = 2196; Mundo = 86644; n 2017-2020: Brasil = 1699; Estados Unidos = 2561; Mundo = 70629; Segundo lugar n 1989-1993: Brasil = 1743; Estados Unidos = 1780; Mundo = 26509; n 1994-1998: Brasil = 1135; Estados Unidos = 1493; Mundo = 72488; n 1999-2004: Estados Unidos = 1179; Mundo = 57301; n 2005-2009: Brasil = 1428; Estados Unidos = 1222; Mundo = 78536; n 2010-2014: Brasil = 1378; Estados Unidos = 2178; Mundo = 84729; n 2017-2020: Brasil = 1563; Estados Unidos = 2486; Mundo = 68957.

Fonte: World Values Survey.

O nacionalismo e a priorização da manutenção da ordem vigente, medidos nos gráficos 34 e 35 e na tabela 11, são princípios notadamente conservadores e voltados para os processos e dinâmicas políticas, sociais e econômicas. Mais profundamente, esses posicionamentos estão relacionados à proteção do que é conhecido como um mecanismo de defesa desencadeado pelo temor ao que é incerto. Para os conservadores, mudanças e incorporação de organismos externos podem ameaçar as estruturas moral, política, econômica e social estabelecidas. Com efeito, confirmando o esperado neste estudo, a preferência por manter a ordem em detrimento de outras demandas não só se mostrou como uma pauta importante para os indivíduos ao longo do tempo, como também, no caso americano, aumentou sua proporção. Brasileiros e americanos se mostraram também nacionalistas de um modo geral.

Seguindo neste tema, a desconfiança em indivíduos de outras religiões ou de outros países são ilustradas na tabela 12 e no gráfico 36. Na tabela, notamos: 1) as pessoas tendem a confiar mais em indivíduos de outras religiões do que de outras nacionalidades; 2) a amostra mundial é a unidade que tem menos confiança, seguida por Brasil e, por último, Estados Unidos.

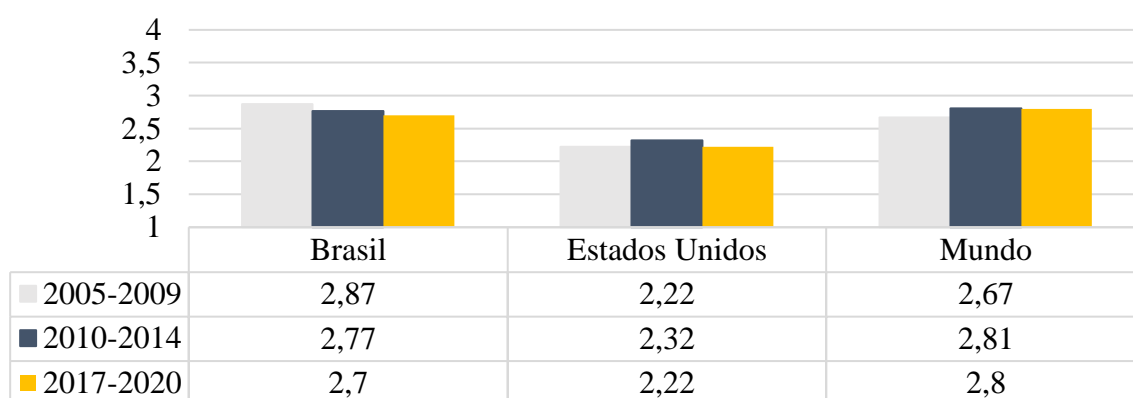
Tabela 12: Desconfiança interpessoal por característica (%):

		2005- 2009	2010- 2014	2017- 2020
Pessoas de outra religião	Brasil	49,7	41	43,6
	Estados Unidos	20,5	29,9	25,1
	Mundo	51,5	59,2	57,8
Pessoas de outra nacionalidade	Brasil	73,1	65,9	60,4
	Estados Unidos	24,8	33	25,9
	Mundo	57,2	63,2	64

Religião n 2005-2009: Brasil = 1487; Estados Unidos = 1198; Mundo = 69190; n 2010-2014: Brasil = 1449; Estados Unidos = 2198; Mundo = 82626; n 2017-2020: Brasil = 1602; Estados Unidos = 2572; Mundo = 69147; Nacionalidade n 2005-2009: Brasil = 1479; Estados Unidos = 1204; Mundo = 68595; n 2010-2014: Brasil = 1403; Estados Unidos = 2190; Mundo = 82388; n 2017-2020: Brasil = 1531; Estados Unidos = 2565; Mundo = 69103.

Fonte: World Values Survey.

No gráfico 37, de uma forma geral observa-se relativa estabilidade das médias. Olhando detalhadamente, pode-se identificar três tendências distintas para cada unidade em análise: no Brasil há uma pequena queda das médias, nos Estados Unidos há uma alternância entre três ondas e no mundo os dados crescem. Além disso, as médias de desconfiança se mantêm de moderadas a altas por serem superiores a 2 em uma escala que vai de 1 a 4.

Gráfico 36: Desconfiança em pessoas de outras religiões e de outros países (média):

n 2005-2009: Brasil = 1495; Estados Unidos = 1206; Mundo = 70249; n 2010-2014: Brasil = 1464; Estados Unidos = 2205; Mundo = 83931; n 2017-2020: Brasil = 1677; Estados Unidos = 2574; Mundo = 69947.

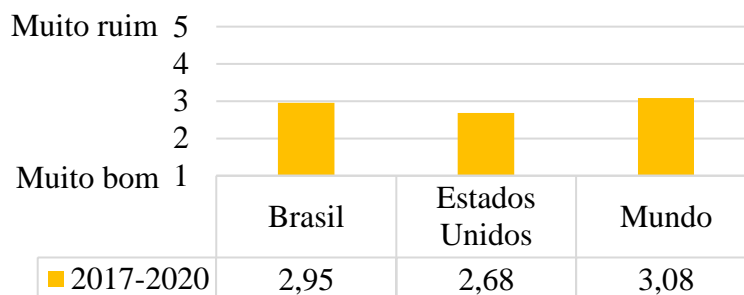
Fonte: World Values Survey.

A partir do significado que esse dado tem para o estudo — mensurar atitudes negativas em relação ao que é externo ou diferente do tradicional, é lógico destacar duas informações

obtidas: a) os indivíduos parecem ser mais “nacionalistas desconfiados” do que “intolerantes religiosos”, b) brasileiros e norte-americanos desconfiam moderadamente de pessoas de outros países e/ou religiões. Por fim, é importante pontuar que, apesar da importância da variável para o conjunto analítico desta pesquisa, o conceito de confiança interpessoal tradicionalmente é compreendido na Ciência Política como um bloco mais amplo e coeso (RENNÓ, 2001). Além disso, a desconfiança interpessoal é um fator generalizado e preponderante da cultura política dos brasileiros (BAQUERO, 2001).

Complementando os dados anteriores e aprofundando a compreensão sobre a importância da nacionalidade nos países estudados, no gráfico 37 temos os resultados para a percepção do impacto da presença de imigrantes no país. A avaliação é preponderantemente negativa, uma vez que as médias obtidas ficam acima de 2,5. O pior julgamento foi a da amostra mundial, seguido por Brasil e, por fim, pelos Estados Unidos. Esse último ficando mais próximo de um ponto de vista moderado, que seria o valor mediano 2,5.

Gráfico 37: Percepção sobre o impacto da presença de imigrantes no país (média):



n 2017-2020: Brasil = 1633; Estados Unidos = 2578; Mundo = 70222.
Fonte: World Values Survey.

Seguindo o mapeamento da perspectiva conservadora no Brasil e Estados Unidos, na tabela 13 foram medidas algumas atitudes de intolerância a vizinhos com características diferentes das nacionais ou daquelas reconhecidas como “naturais” religiosa e socialmente. Agregando, assim, aspectos do conservadorismo moral e social à análise do perfil nacionalista dos indivíduos. Além de pessoas de outros países, conservadores tendem a interpretar como ameaça à estrutura social a presença ou a representatividade de indivíduos que possuam condutas, hábitos, julgamentos e religiões diferentes dos que estão estabelecidos de modo preponderante na sociedade.

Entre os resultados, é possível notar redução no Brasil e nos Estados Unidos, enquanto na amostra mundial há uma oscilação direcionada ao aumento dessa atitude. O único indicador em que há queda em todas as unidades de análise é o de homossexualidade. Porém, entre todas, essa é ainda a característica mais intolerada pelos indivíduos. As características mais toleradas dizem respeito à identidade. São elas: raça e religião.

Tabela 13: Intolerância a vizinhos por característica (% de pessoas que mencionaram):

		1981-1984	1989-1993	1994-1998	1999-2004	2005-2009	2010-2014	2017-2020
Pessoas de raças diferentes	Brasil		4,6	2,8		4,4	2	1,4
	Estados Unidos	8,6	8,7	6,6	8	4	5,6	3,2
	Mundo	9,1	16,7	13,4	21,5	16,1	18,7	17,9
Imigrantes/ trabalhadores estrangeiros	Brasil		3,8	3,6		6,7	2,6	2,6
	Estados Unidos	8,9	9,8	9,7	10,2	12,7	13,7	8,5
	Mundo	4,2	17,3	17,7	24,9	21,6	25,3	23,2
Homossexuais	Brasil		30,2	26,1		21,6	11,2	6,8
	Estados Unidos		38,6	29,4	23,3	25,1	20,4	13,5
	Mundo		61,3	52,2	51,7	47,1	52,1	46,6
Pessoas de religiões diferentes	Brasil			13,2		5,9	3,4	2,6
	Estados Unidos					2,5	3,4	2,8
	Mundo			19,3	32,2	17,0	19,3	18,7
Casais não casados vivendo juntos	Brasil					5,9	1,1	1,2
	Estados Unidos					8,1	6,6	5,4
	Mundo					22,1	27,2	27,2
Pessoas que falam uma língua diferente	Brasil					7,6	4,6	6,5
	Estados Unidos					10,7	12,9	9,3
	Mundo					14,9	17,0	17,4

Raça n 1981-1984: Estados Unidos = 2325; Mundo = 13376; n 1989-1993: Brasil = 1782; Estados Unidos = 1839; Mundo = 24453; n 1994-1998: Brasil = 1143; Estados Unidos = 1542; Mundo = 69406; n 1999-2004: Estados Unidos = 1200; Mundo = 55155; n 2005-2009: Brasil = 1500; Estados Unidos = 1242; Mundo = 77028; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2232; Mundo = 88025; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2436; Mundo = 71147. Estrangeiros n 1981-1984: Estados Unidos = 2325; Mundo = 14840; n 1989-1993: Brasil = 1782; Estados Unidos = 1839; Mundo = 24453; n 1994-1998: Brasil = 1143; Estados Unidos = 1542; Mundo = 68752; n 1999-2004: Estados Unidos = 1200; Mundo = 55155; n 2005-2009: Brasil = 1500; Estados Unidos = 1241; Mundo = 73915; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2233; Mundo = 88015; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2436; Mundo = 71083. Homossexuais n 1989-1993: Brasil = 1782; Estados Unidos = 1839; Mundo = 23053; n 1994-1998: Brasil = 1143; Estados Unidos = 1542; Mundo = 71753; n 1999-2004: Estados Unidos = 1200; Mundo = 53654; n 2005-2009: Brasil = 1500; Estados Unidos = 1241; Mundo = 75756; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2232; Mundo = 84285; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2436; Mundo = 68378. Religião 1994-1998: Brasil = 1143; Mundo = 20685; n 1999-2004: Estados Unidos = 1200; Mundo = 21990; n 2005-2009: Brasil = 1500; Estados Unidos = 1241; Mundo = 76097; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2232; Mundo = 86725; n 2017-2020: Brasil =

1762; Estados Unidos = 2435; Mundo = 69942. Casais n 2005-2009: Brasil = 1485; Estados Unidos = 1241; Mundo = 73066; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2232; Mundo = 86724; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2435; Mundo = 68747. Língua diferente n 2005-2009: Brasil = 1485; Estados Unidos = 1242; Mundo = 67337; n 2010-2014: Brasil = 1486; Estados Unidos = 2232; Mundo = 89546; n 2017-2020: Brasil = 1762; Estados Unidos = 2435; Mundo = 69946.

Fonte: World Values Survey.

Seguindo a mesma lógica, na tabela 14 foi mensurado um conjunto de atitudes relacionadas diretamente ao conservadorismo moral. Podemos observar que quando as pessoas avaliam as ações de forma menos pessoal, como no caso de vizinhos, parece haver uma reprovação maior. O movimento geral observado tem sido de redução ao longo do tempo. Contudo, há crescimento da reprovação ao aborto, no Brasil; e, além desse, à eutanásia e ao sexo antes do casamento, para os dados mundiais. O caso brasileiro apresenta as maiores proporções de conservadorismo moral para: prostituição, aborto e eutanásia; dois desses três estão relacionados a questões religiosas sobre a vida. Os Estados Unidos obtiveram os menores indicadores. É fundamental notar que a proporção de indivíduos identificados com uma avaliação conservadora é significativa: um quinto dos entrevistados ou mais em quase toda a série histórica

Tabela 14: Conservadorismo moral por tema (% das respostas “nunca se justifica”):

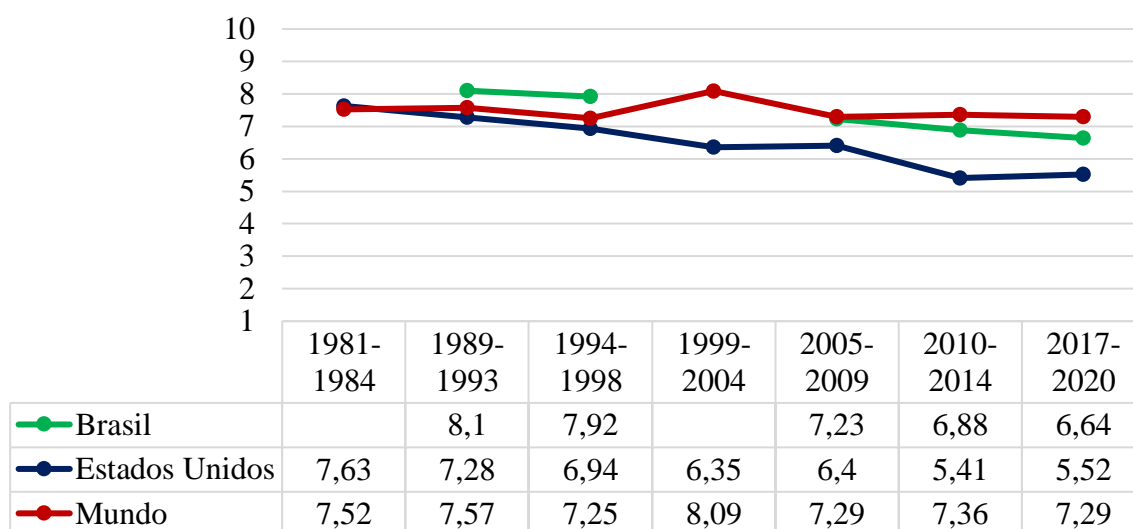
		1981- 1984	1989- 1993	1994- 1998	1999- 2004	2005- 2009	2010- 2014	2017- 2020
Homossexualidade	Brasil		69,6	55,6		31,8	36,3	34,2
	Estados Unidos	64,9	54,2	45,2	31,6	32,5	24,9	19,3
	Mundo	61,4	67,3	56,1	67,8	47,5	52,5	47,2
Prostituição	Brasil		73,6	68,0		47,5	56,1	55,1
	Estados Unidos	64,2	59,7	56,7	47,2	43,2		37,3
	Mundo	62,0	66,9	57,4	73,0	53,6	54,2	54,2
Aborto	Brasil		64,3	75,1		63,1	70,7	67,2
	Estados Unidos	42,1	33,2	34,1	29,7	25,6	23,1	22,0
	Mundo	39,3	39,3	39,1	57,8	46,1	47,7	49,3
Divórcio	Brasil		31,3	30,5		19,4	19,4	19,4
	Estados Unidos	22,2	18,4	10,9	7,5	5,9	5,2	4,7
	Mundo	25,6	28,7	23,4	36,5	28,6	29,3	27,7
Eutanásia	Brasil		65,7	60,9		49,1	70	60,4
	Estados Unidos	41,7	31,8	29,4	23,7	22,3		19,2
	Mundo	40,9	44,6	39,7	58,5	41,4	49,6	45,6
Sexo antes do casamento	Brasil						23,4	22,3
	Estados Unidos						13,9	11,3
	Mundo						34,7	36,4

Homossexualidade n 1981-1984: Estados Unidos = 2235; Mundo = 13874; n 1989-1993: Brasil = 1765; Estados Unidos = 1785; Mundo = 26949; n 1994-1998: Brasil = 1127; Estados Unidos = 1430; Mundo = 69233; n 1999-2004: Estados Unidos = 1177; Mundo = 50745; n 2005-2009: Brasil = 1445; Estados Unidos = 1163; Mundo = 71187; n 2010-2014: Brasil = 1403; Estados Unidos = 2159; Mundo = 82224; n 2017-2020: Brasil = 1506; Estados Unidos = 2551; Mundo = 66743; Prostituição n 1981-1984: Estados Unidos = 2278; Mundo = 14159; n 1989-1993: Brasil = 1774; Estados Unidos = 1807; Mundo = 27467; n 1994-1998: Brasil = 1133; Estados Unidos = 1493; Mundo = 68178; n 1999-2004: Estados Unidos = 1190; Mundo = 50119; n 2005-2009: Brasil = 1471; Estados Unidos = 1170; Mundo = 72372; n 2010-2014: Brasil = 1441; Mundo = 64360; n 2017-2020: Brasil = 1607; Estados Unidos = 2568; Mundo = 64080; Aborto n 1981-1984: Estados Unidos = 2277; Mundo = 14109; n 1989-1993: Brasil = 1777; Estados Unidos = 1802; Mundo = 27428; n 1994-1998: Brasil = 1136; Estados Unidos = 1485; Mundo = 70681; n 1999-2004: Estados Unidos = 1192; Mundo = 55121; n 2005-2009: Brasil = 1480; Estados Unidos = 1166; Mundo = 76094; n 2010-2014: Brasil = 1469; Estados Unidos = 2168; Mundo = 84930; n 2017-2020: Brasil = 1679; Estados Unidos = 2567; Mundo = 70477; Divórcio n 1981-1984: Estados Unidos = 2278; Mundo = 14139; n 1989-1993: Brasil = 1761; Estados Unidos = 1807; Mundo = 27417; n 1994-1998: Brasil = 1137; Estados Unidos = 1510; Mundo = 69653; n 1999-2004: Estados Unidos = 1196; Mundo = 55249; n 2005-2009: Brasil = 1472; Estados Unidos = 1162; Mundo = 79483; n 2010-2014: Brasil = 1456; Estados Unidos = 2172; Mundo = 86989; n 2017-2020: Brasil = 1679; Estados Unidos = 2573; Mundo = 70689; Eutanásia n 1981-1984: Estados Unidos = 2218; Mundo = 13914; n 1989-1993: Brasil = 1748; Estados Unidos = 1772; Mundo = 24051; n 1994-1998: Brasil = 1129; Estados Unidos = 1465; Mundo = 63702; n 1999-2004: Estados Unidos = 1190; Mundo = 49130; n 2005-2009: Brasil = 1467; Estados Unidos = 1168; Mundo = 73859; n 2010-2014: Brasil = 1446; Mundo = 41276; n 2017-2020: Brasil = 1616; Estados Unidos = 2557; Mundo = 69005; Sexo antes do casamento n 2010-2014: Brasil = 1436; Estados Unidos = 2162; Mundo = 77097; n 2017-2020: Brasil = 1634; Estados Unidos = 2564; Mundo = 66681.

Fonte: World Values Survey.

No gráfico 38 vemos novamente os dados sobre conservadorismo moral, porém agora condensados nas médias das respostas para cada uma das categorias da tabela 14. Há alguns padrões principais a destacar: 1) o movimento de queda gradual dos valores ao longo do tempo (com pico para a amostra mundial na quarta onda), 2) a maior média é a mundial e a menor a americana, 3) mesmo com redução, os valores se mantêm em um patamar de moderado a alto.

Gráfico 38: Conservadorismo moral (média):



n 1981-1984: Estados Unidos = 2295; Mundo = 14465; n 1989-1993: Brasil = 1783; Estados Unidos = 1831; Mundo = 27931; n 1994-1998: Brasil = 1142; Estados Unidos = 1536; Mundo = 74591; n 1999-2004: Estados Unidos = 1200; Mundo = 56224; n 2005-2009: Brasil = 1492; Estados Unidos = 1173; Mundo = 81056; n 2010-2014: Brasil = 1476; Estados Unidos = 2179; Mundo = 88138; n 2017-2020: Brasil = 1745; Estados Unidos = 2580; Mundo = 71596.

Fonte: World Values Survey.

Com efeito, diferentemente do que esperávamos identificar com base nos desdobramentos políticos contextuais e no desenho da pesquisa, a resistência a mudanças nos papéis sociais e nas relações humanas não parece ter se intensificado no período mais recente. Pelo contrário, conforme observamos em variados resultados descritivos (notadamente, tabelas: 6, 13 e 14, e gráficos: 20 e 38), os posicionamentos de rejeição ou reprovação de concepções e condutas estão enfraquecendo gradualmente ao longo do tempo. No entanto, esses resultados evidenciam também que, a despeito de maiores ou menores reduções nos diferentes aspectos que compõem o conservadorismo moral, o mesmo segue presente em uma fatia considerável da sociedade.

A seguir, apresentamos dados para a relação entre religiosidade e intolerância. Na tabela 15, temos as frequências para a variável “intolerância religiosa”. Mais uma vez, observamos uma tendência à redução e um ordenamento que coloca a amostra mundial como significativamente mais intolerante, seguida por Estados Unidos e Brasil.

Tabela 15: A única religião aceitável é a minha (% de respostas “concordo” e “concordo fortemente”):

	2010-2014	2017-2020
Brasil	17,4	15,2
Estados Unidos	21,7	18,2
Mundo	48,5	46,9

n 2010-2014: Brasil = 1440; Estados Unidos = 2173; Mundo = 79847; n

2017-2020: Brasil = 1663; Estados Unidos = 2539; Mundo = 66578.

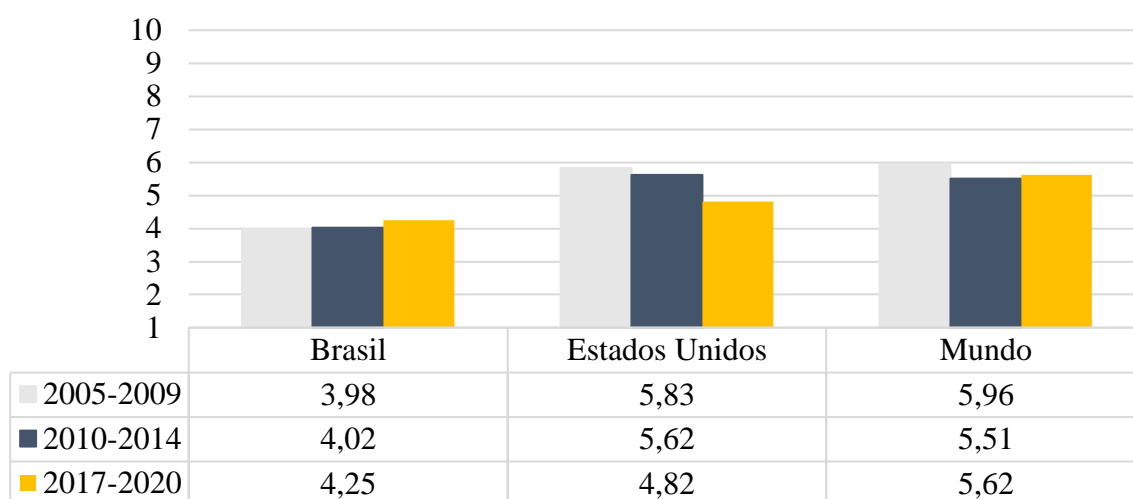
Fonte: World Values Survey.

Após analisarmos os dados sobre a rejeição ao diferente no âmbito religioso, partimos para outro aspecto do conservadorismo que envolve a religiosidade em oposição a algo, dessa vez em relação ao pensamento racional humano e a ciência. Conforme já foi argumentado neste estudo, na esteira do conservadorismo filosófico/moral o ser humano é preponderantemente emocional e falho, por isso a racionalidade humana não possui legitimidade. Com isso, a

religiosidade e a fé são mais confiáveis e a sociedade deve ser regida por um ordenamento superior, divino.

Destarte, no gráfico 40 temos uma comparação entre a importância da ciência e da fé na sociedade. Nas três últimas ondas, observamos diferentes tendências entre as unidades de análise: no Brasil há um aumento da prevalência da fé, nos Estados Unidos redução e na amostra mundial os resultados se alternam. De um modo geral, as médias brasileiras podem ser consideradas moderadas/baixas, já as mundiais e americanas (com exceção da última onda) por ficarem acima de 5 são classificadas como moderadas/altas.

Gráfico 39: Nível de concordância com a frase: “depende-se muito da ciência e não o suficiente da fé” (média):

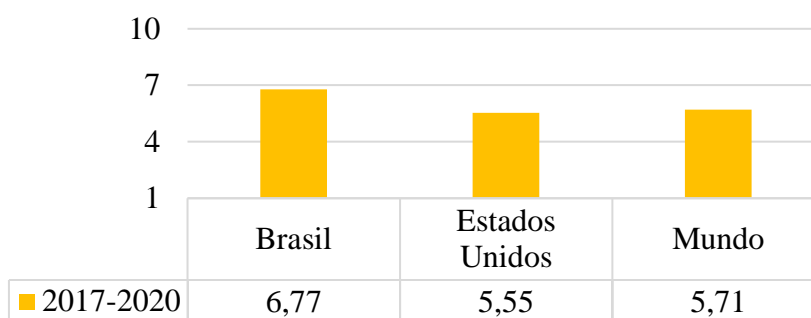


n 2005-2009: Brasil = 1484; Estados Unidos = 1218; Mundo = 62660; n 2010-2014: Brasil = 1424; Estados Unidos = 2158; Mundo = 84905; n 2017-2020: Brasil = 1702; Estados Unidos = 2565; Mundo = 69152.

Fonte: World Values Survey.

Segundo a mesma lógica do conservadorismo filosófico, os problemas humanos são entendidos como problemas fundamentalmente morais. Com efeito, no gráfico 41 temos as médias para a avaliação dos indivíduos sobre a incapacidade da sociedade em seguir um código de conduta moral. As médias resultantes de todas as respostas podem ser consideradas moderadas a altas para os Estados Unidos e para a amostra mundial e altas no caso brasileiro.

Gráfico 40: Nível de concordância com a frase: “As pessoas têm dificuldade de decidir quais regras morais seguir” (média):

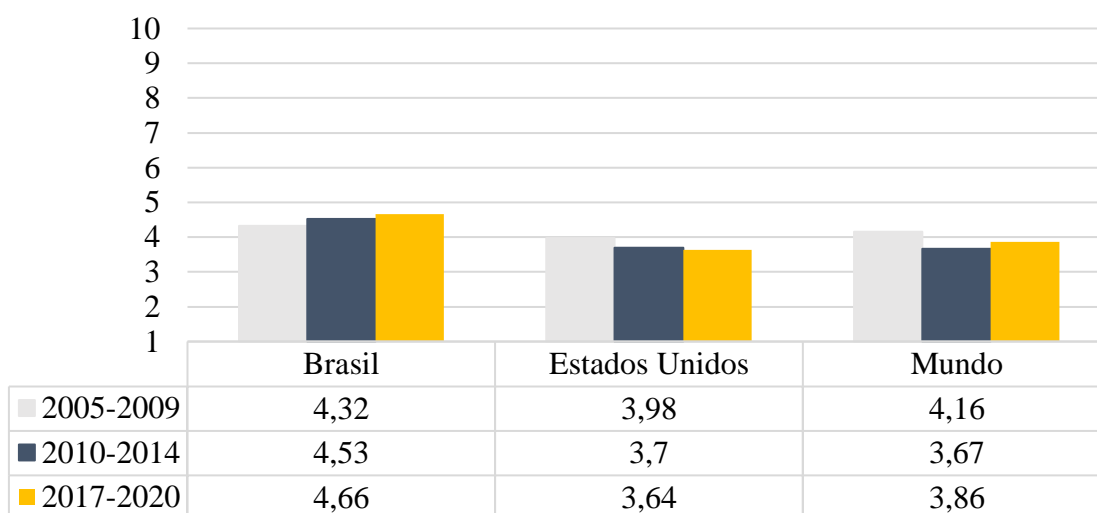


n 2017-2020: Brasil = 1593; Estados Unidos = 2574; Mundo = 68588.

Fonte: World Values Survey.

No gráfico 42 são apresentadas as médias das respostas para duas variáveis que mensuram a avaliação sobre a contribuição da ciência e da tecnologia: 1) se o mundo está pior por causa da ciência e da tecnologia e 2) se a ciência e a tecnologia conseguem promover uma vida mais saudável, confortável e fácil. Ambas as variáveis possuem uma escala de 1 a 10, em que 1 é a percepção mais positiva e 10 a mais negativa. Observamos que há uma piora na avaliação dos brasileiros ao longo do tempo, e, em contrapartida, uma tendência de melhora na análise dos norte-americanos e dos entrevistados da amostra mundial. Mesmo com essa diferenciação, os resultados são relativamente próximos sem nenhuma grande discrepância. O ceticismo da contribuição da ciência e da tecnologia pode ser considerado de moderado a baixo.

Gráfico 41: Ceticismo em relação à contribuição da ciência e da tecnologia (média):



n 2005-2009: Brasil = 1499; Estados Unidos = 1227; Mundo = 68708; n 2010-2014: Brasil = 1471; Estados Unidos = 2208; Mundo = 87880; n 2017-2020: Brasil = 1735; Estados Unidos = 2577; Mundo = 70430.
Fonte: World Values Survey.

Neste ponto é interessante colocar na mesma tela os dados expostos nos gráficos 40 a 42 e a conjuntura de ascensão de movimentos sociais e grupos políticos conservadores religiosos (descritos no capítulo de contextualização). Ao que parece, mesmo com o aumento da representatividade de ideias religiosas conservadoras, quando questionados sobre a importância ou papel da ciência e da racionalidade humana, boa parte dos indivíduos continuam tendo uma visão positiva das mesmas. Contudo, é importante ressaltar que, exclusivamente para o caso brasileiro, os mesmos dados tiveram aumento da visão negativa da ciência e preferência pela fé. Esses resultados são relativamente congruentes ao cenário atual de negacionismo de grupos conservadores brasileiros em relação a evidências científicas no âmbito da Covid-19², mas se contrapõem igualmente quando analisados em relação ao contexto norte-americano.

Um aspecto que não é possível mensurar a partir dos dados disponíveis e que poderia incrementar ou esclarecer essa discussão é a natureza do apoio à ciência. Dito de outro modo, uma possível explicação que não poderemos testar aqui pelas limitações da pesquisa é a de que: o apoio ao desenvolvimento científico se dê de maneira mais abstrata e difusa do que prática. Outrossim, as pessoas, quando questionadas, respondem de maneira positiva, porém desconfiam de seu papel em dados momentos específicos. Com efeito, podemos afirmar, com base no conjunto de evidências coletadas aqui, que a religião de fato é um forte elemento dentro do contexto político, cultural e social brasileiro e norte-americano. No entanto, a religião não parece ser diretamente entendida ou utilizada como um contraponto à ciência e à racionalidade humana (como seria característico de sociedades idealmente conservadoras).

A tabela 16 nos traz dados relevantes para esse estudo, por se tratar de uma medida do conservadorismo em relação ao seu principal objeto de resistência: as mudanças. Neste contexto, consideramos a primeira opção como oposta ao conservadorismo, isto é, favorável a mudanças, a segunda como classicamente conservadora por aceitar mudanças que ocorram se rupturas de forma gradual e, por fim, uma terceira opção mais radicalmente associada à negação de possíveis mudanças.

Começando pelos padrões mais generalizados, há aumento na quantidade de pessoas que se colocam de maneira favorável a mudanças radicais, movimento que vem acompanhado

² Para dados mais detalhados e panorama completo, consultar Renno (2021).

de uma redução nas respostas associadas à preferência por reformas. A opção relacionada à preocupação em proteger a sociedade de uma revolução apresenta tendência de queda. No entanto, mesmo com redução observamos uma preponderância muito consolidada da escolha por processar mudanças a partir de reformas lentas e moderadas. Se somarmos as frequências das duas opções que podem ser associadas ao conservadorismo, os resultados ficam estabelecidos acima de 80% das respostas.

Tabela 16: Como a sociedade deve lidar com possíveis mudanças (%):

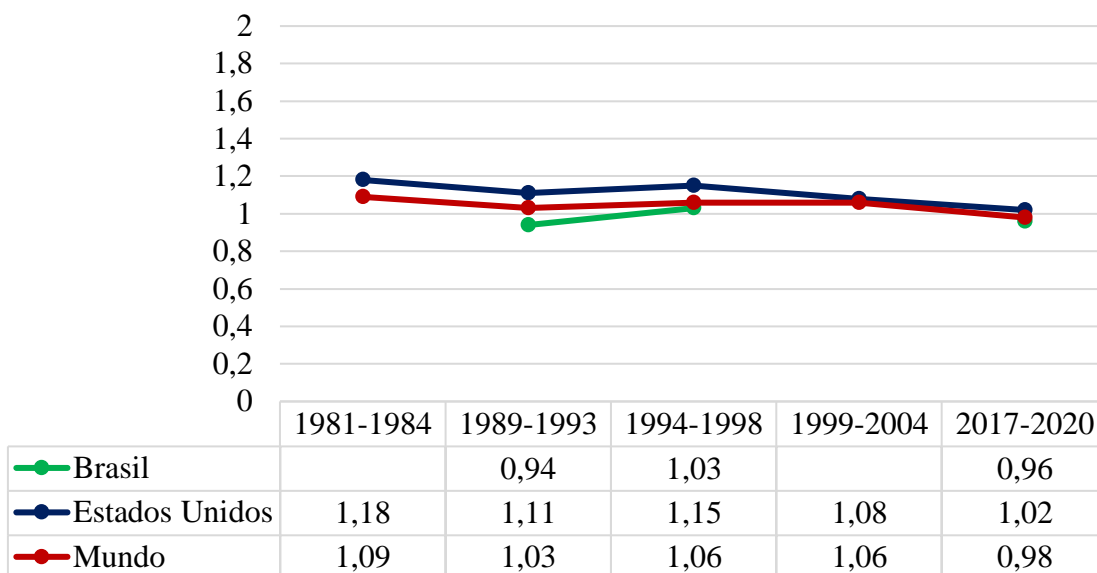
		1981-1984	1989-1993	1994-1998	1999-2004	2017-2020
Brasil	Devem ser feitas mudanças radicais		16,3	18,2		19,5
	Nossa sociedade deve ser melhorada aos poucos por meio de reformas		73,6	60,7		64,9
	Nossa sociedade deve ser defendida de uma revolução.		10,1	21,1		15,6
Estados Unidos	Devem ser feitas mudanças radicais	4,4	6,8	5	8,6	13,7
	Nossa sociedade deve ser melhorada aos poucos por meio de reformas	73,1	75,4	75,1	75	70,3
	Nossa sociedade deve ser defendida de uma revolução.	22,5	17,7	19,8	16,4	15,9
Mundo	Devem ser feitas mudanças radicais	9	14,6	10,2	14,3	18,7
	Nossa sociedade deve ser melhorada aos poucos por meio de reformas	73,1	67,7	73,6	65,7	64,7
	Nossa sociedade deve ser defendida de uma revolução.	18	17,7	16,2	20	16,6

n 1981-1984: Estados Unidos = 2116; Mundo = 10490; n 1989-1993: Brasil = 1713; Estados Unidos = 1641; Mundo = 24320; n 1994-1998: Brasil = 1131; Estados Unidos = 1412; Mundo = 66290; n 1999-2004: Estados Unidos = 1134; Mundo = 46273; n 2017-2020: Brasil = 1646; Estados Unidos = 2529; Mundo = 68685.
Fonte: World Values Survey.

Por fim, no gráfico 43 observamos as médias de todas as respostas para a variável de conservadorismo mediante possíveis mudanças, considerando como 0 a opção de resposta associada à preferência por mudanças radicais, e os valores 1 e 2 para as respostas relacionadas ao conservadorismo. O que se pode observar é uma tendência relativamente estável ao redor da opção: nossa sociedade deve ser melhorada aos poucos por meio de reformas. Apesar das

pequenas alternâncias dos dados ao longo do tempo e de uma pequena tendência de queda, identificamos uma estabilidade da “média classicamente conservadora”.

Gráfico 42: Nível de conservadorismo em relação a possíveis mudanças (média):



n 1981-1984: Estados Unidos = 2116; Mundo = 10490; n 1989-1993: Brasil = 1713; Estados Unidos = 1641; Mundo = 24320; n 1994-1998: Brasil = 1131; Estados Unidos = 1412; Mundo = 66290; n 1999-2004: Estados Unidos = 1134; Mundo = 46273; n 2017-2020: Brasil = 1646; Estados Unidos = 2529; Mundo = 68685.

Fonte: World Values Survey.

Deste modo, encerramos esta sessão tendo como panorama geral uma conjuntura de piora em alguns indicadores socioeconômicos e de violência, especialmente no caso brasileiro. Além de aumento da percepção de insegurança/violência e preocupação com guerras, percebe-se a preocupação significativa com questões como o desemprego. No que diz respeito às crenças e aos valores, encontramos resultados que corroboram o que o estudo pressupunha: enraizamento e estabilidade de aspectos conservadores. É possível destacar nestas sessões: 1) discrepância entre os dados do Brasil em relação aos Estados Unidos, 2) a não diferenciação significativa entre os resultados da amostra mundial e dos dois países palco de avanços conservadores; na verdade, a proximidade maior se dá com o caso brasileiro e, além disso, em muitos aspectos mensurados a amostra mundial supera ambos.

Conforme a contextualização dos processos políticos e sociais atuais e o arcabouço teórico, esperava-se encontrar maior crescimento de atitudes e comportamentos conservadores

do que os apresentados. Com efeito, em diversas variáveis do modelo foi possível observar tendência à redução das médias e proporções relacionadas ao pensamento conservador.

Não obstante, é necessário destacar e interpretar algumas informações que a análise conjunta dos dados nos fornece. Primeiramente, a partir da inferência obtida no início da sessão sobre a importância da religiosidade e dos resultados exibidos nas tabelas 13 e 14, observa-se que o que parece importar para os indivíduos não é qual religião as outras pessoas seguem, mas sim que haja uma religião e que não se descumpram princípios do dogma cristão. Isso porque, é preponderante o grupo de indivíduos que se dizem religiosos e participativos religiosamente, enquanto as variáveis de intolerância religiosa não obtiveram margens muito expressivas. Nessa mesma combinação, temas que envolvem questões religiosas como eutanásia, aborto e sexualidade estão entre os mais rejeitados e intolerados.

Além disso, a despeito da tendência geral de estabilidade a redução dos indicadores de atitudes e comportamentos conservadores, variáveis importantes apresentaram aumento de proporções. No caso norte-americano e na amostra para o conjunto total de países do WVS, há um crescimento da preferência por manter a ordem enquanto um objetivo nacional prioritário (gráfico 35). No caso brasileiro, a proporção de pessoas que desacreditam dos benefícios da ciência cresceu no período mais recente.

É preciso considerar também que as atitudes e comportamentos associados ao conservadorismo ainda são preponderantes. Deste modo, talvez os dados descritivos não tenham refletido o mesmo nível de avanço que vemos a partir do fortalecimento de movimentos, discursos e atores políticos conservadores. No entanto é factual assumir que há uma estrutura conservadora estabelecida e inserida em um ambiente adverso.

6.2 INSTRUMENTOS DE MENSURAÇÃO

Na presente subseção serão apresentados os resultados para os processamentos estatísticos dos dados: análise fatorial, modelagem estrutural e análise de redes. O primeiro, ao comparar a variabilidade dos dados, oferece refinamento aos instrumentos de mensuração das dimensões do estudo. Por sua vez, a modelagem estrutural será utilizada na tentativa de mensurar a capacidade de predição das variáveis independentes sobre a variável dependente. Por fim, a análise de redes é executada com o objetivo de complementar e aprofundar os

resultados obtidos anteriormente. Nessa análise será explorado um panorama de cada uma das relações entre as dimensões do estudo, isto é, finalmente poderemos mensurar a relação entre as dimensões conjunturais e estruturais com o fenômeno do avanço do conservadorismo. Além disso, isso será feito com a maior adequação possível à complexidade do evento, pois leva em consideração todas as demais variáveis de forma concomitante, reduzindo ruídos.

6.2.1 ANÁLISE FATORIAL

Nesta etapa foram analisados os instrumentos empíricos de mensuração com o objetivo de dar mais coesão a eles. Para tanto efetuamos a análise fatorial no software estatístico JASP³ para verificar a evidência de validade relacionada à estrutura interna do instrumento, ou seja, verificar a adequação de cada variável dentro do modelo e avaliar a possível exclusão daquelas que forem excedentes. Consideraremos como adequados os modelos com resultado do teste de Kaiser-Meyer-Olkin $\geq 0,6$ e parâmetros para os Bartlett's Test of Sphericity = $p < 0,05$, RMSEA = $< 0,08$ [IC 90% $< 0,10$] e TLI $> 0,90$. Não foram feitas limitações à quantidade de fatores, devido ao objetivo exploratório da execução da análise fatorial neste estudo e porque algumas dimensões já foram previamente divididas conforme a teoria. Seguindo a definição de Hair (2009)⁴, as cargas fatoriais serão consideradas satisfatórias neste estudo quando forem $\geq 0,3$.

³ JASP (Version 0.14.1)[Computer software] (JASP TEAM, 2020).

⁴ conforme o autor: cargas fatoriais na faixa de $\pm 0,30$ a $\pm 0,40$ são consideradas como atendendo ao nível mínimo para interpretação. Cargas de $\pm 0,50$ são tidas como praticamente significantes. Cargas excedendo $+ 0,70$ são consideradas indicativas de estrutura bem definida (página 119).

Tabela 17: Análise fatorial – Conjuntura Brasil

Variáveis	Fatores					
	Corrupção	Segurança no Bairro	Condição de vida	Guerra	Vítima de Crimes	Política
Corrupção: executivos	,547					
Corrupção: autoridades locais	,752					
Corrupção: prestadores de serviços públicos ⁵	,721					
Corrupção: jornalistas e mídia	,612					
Corrupção: autoridades do Estado	,566					
Frequência: violência e brigas no bairro		,838				
Frequência: venda de drogas no bairro		,684				
Frequência: assédio sexual no bairro		,712				
Frequência: roubos		,530				
Frequência: intervenção policial/militar na vida particular das pessoas		,459				
Frequência: você e sua família ficaram sem renda (últimos 12 meses)			,722			
Frequência: você e sua família ficaram sem assistência médica (últimos 12 meses)			,627			
Frequência: você e sua família se sentiram inseguros dentro de casa (últimos 12 meses)			,310			
Insatisfação com a situação financeira familiar			,440			
Frequência: você e sua família ficaram sem comida suficiente (últimos 12 meses)			,549			
Preocupação com a ocorrência de uma guerra no país				,936		
Preocupação com a ocorrência de uma guerra civil no país				,845		
Se o entrevistado foi vítima de crimes no último ano					,680	
Se alguém da família foi vítima de crimes no último ano					,680	
Insatisfação com o sistema político do país atualmente						,438
Percepção sobre insegurança no bairro						,313

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.
 KMO = ,675. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,040. TLI = ,901.

⁵ (polícia, judiciário, funcionários públicos, médicos, professores)

A análise fatorial apresentada na tabela 17 resultou em seis fatores com cargas significativas que identificamos como: corrupção, segurança no bairro, condição de vida, guerra, vítima de crimes e política. O primeiro fator foi composto por variáveis referentes à percepção da quantidade de corrupção praticada por diferentes grupos. No segundo, ficaram agrupadas as variáveis referentes à frequência com que crimes e irregularidades ocorreram no bairro. O terceiro reuniu as variáveis referentes à renda e a necessidades básicas do entrevistado e de sua família. No quarto fator observamos as variáveis de preocupação com a possibilidade de guerras no país. O quinto fator associou as variáveis sobre a ocorrência de crimes que tiveram o próprio entrevistado ou um familiar como vítima. No sexto fator, aparecem relacionadas as variáveis referentes à satisfação com o sistema político e a percepção de insegurança no bairro, o que sugere que os brasileiros associam diretamente a sensação de insegurança com a avaliação que fazem do sistema político do país.

Tabela 18: Análise fatorial – Conjuntura Estados Unidos

Variáveis	Fatores				
	Segurança no bairro	Corrupção	Condições de vida	Vítima de Crimes	Política
Frequência: violência e brigas no bairro	,942				
Frequência: venda de drogas no bairro	,945				
Frequência: assédio sexual no bairro	,819				
Frequência: roubos no bairro	,699				
Frequência: policiais e militares interferem na vida de pessoas no bairro	,652				
Corrupção: autoridades locais		,797			
Corrupção: autoridades do Estado		,778			
Corrupção: executivos		,620			
Corrupção: prestadores de serviços públicos ⁶		,658			
Corrupção: jornalistas e mídia		,536			
Frequência: você e sua família ficaram sem renda (últimos 12 meses)			,866		
Frequência: você e sua família ficaram sem assistência médica (últimos 12 meses)			,808		
Insatisfação com a situação financeira familiar			,601		
Frequência: você e sua família ficaram sem comida suficiente (últimos 12 meses)			,745		
Frequência: você e sua família se sentiram inseguros dentro de casa (últimos 12 meses)			,371		
Preocupação com perder o emprego ou não encontrar um novo emprego			,402		

⁶ (polícia, judiciário, funcionários públicos, médicos, professores)

Preocupação com a ocorrência de uma guerra em seu país				
Preocupação com a ocorrência de uma guerra civil em seu país				
Se o entrevistado foi vítima de crimes no último ano			,620	
Se alguém da família foi vítima de crimes no último ano			,656	
Insatisfação com o sistema político do país atualmente				,509

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.

KMO = ,876. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,050. TLI = ,926.

Os dados da análise fatorial (tabela 18) resultaram em cinco fatores: segurança no bairro, corrupção, condição de vida, vítima de crimes e política. O primeiro fator engloba as variáveis referentes à frequência com que crimes e irregularidades ocorreram no bairro. No segundo, temos as variáveis referentes à percepção da quantidade de corrupção praticada por diferentes grupos profissionais. O terceiro reuniu as variáveis referentes à renda e a necessidades básicas. O quarto fator uniu as duas variáveis que mensuram a incidência de crimes que vitimaram ao entrevistado ou a algum familiar. No quinto, e último fator, está a variável de satisfação com o sistema político. No caso americano as variáveis sobre preocupação com ocorrência de guerras não obtiveram carga significativa, contudo essas variáveis serão transformadas em uma única variável (a partir de sua média) e mantidas no estudo devido à importância teórica e contextual do tema para os Estados Unidos.

Tabela 19: Análise fatorial – Crenças Brasil

Variáveis	Fatores	
	Papéis sociais de gênero	Defesa propriedade privada
Homens são melhores executivos do que as mulheres	,762	
Homens são melhores líderes políticos do que as mulheres	,686	
Universidade é mais importante para os meninos do que para as meninas	,569	
Em situações de escassez de postos de trabalho, homens têm mais direito a emprego do que as mulheres	,418	
Nunca se justifica roubar propriedade privada de outros		,618

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.

KMO = ,709. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,043. TLI = ,935.

Nos dados do Brasil, a análise fatorial para a dimensão de crenças resultou em dois fatores com cargas fatoriais significativas. O primeiro foi classificado como papéis sociais de gênero, por abranger questões referentes à percepção sobre função e desempenho de homens e

mulheres comparativamente. O segundo fator, contém a variável de defesa da propriedade privada, que é um princípio diretamente associado à parte da ideologia liberal que está presente no conservadorismo. As seguintes variáveis não atingiram carga significativa: a) avaliação do papel da ciência na desconstrução das ideias sobre o que é certo e é errado, b) “trabalhar é um dever que temos para com a sociedade” e c) percepção acerca da própria capacidade de escolha.

Tabela 20: Análise fatorial – Crenças Estados Unidos

Variáveis	Fatores	
	Papéis sociais de gênero	Defesa propriedade privada
Homens são melhores executivos do que as mulheres	,970	
Homens são melhores líderes políticos do que as mulheres	,825	
Universidade é mais importante para os meninos do que para as meninas	,728	
Em situações de escassez de postos de trabalho, homens têm mais direito a emprego do que as mulheres	,409	
Nunca se justifica roubar propriedade privada de outros		,465

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.
KMO = ,765. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,051. TLI = ,956.

Assim como no caso brasileiro, a análise fatorial das variáveis referentes à dimensão de crenças no caso norte-americano resultou em dois fatores que apresentaram cargas fatoriais significativas. Igualmente, os dois fatores são: papéis sociais de gênero e defesa da propriedade privada. Também de forma semelhante, ambos são compostos pelas mesmas variáveis nos dois países.

Tabela 21: Análise fatorial – Valores Brasil

Variáveis	Fatores			
	Religiosidade	Segurança	Organização política/social	Senso de dever
Importância da religião na vida	,732			
Qualidade importante nas crianças: fé religiosa	,439			
Importância de Deus na vida	,336			
Prefere segurança à liberdade		,429		
Ter um sistema regido pela lei religiosa no qual não há partidos políticos ou eleições			,554	
Em conflitos entre a ciência e a religião, a religião deve prevalecer.			,478	
Qualidade importante nas crianças: responsabilidade				,761

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.
KMO = ,683. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,022. TLI = ,944.

O conjunto de variáveis selecionadas para corresponder à dimensão de valores, para o caso brasileiro, resultou em uma análise fatorial de três fatores diferentes. No primeiro fator, as cargas significativas ocorreram para variáveis relacionadas à religião. Em contrapartida, as variáveis sobre ter um sistema político religioso e a preferência da religião em contraposição à ciência apresentam carga significativa no terceiro fator, com isso, interpretamos que o conteúdo principal em comum que caracteriza esse fator são os aspectos da organização política/econômica social. No segundo fator, a variável que mensura a preferência da segurança à liberdade ficou isolada.

Tabela 22: Análise fatorial – Valores Estados Unidos

Variáveis	Fatores		
	Religiosidade	Organização política/social	Preferência empresa privada
Importância da religião na vida	,955		
Importância de Deus na vida	,799		
Qualidade importante nas crianças: fé religiosa	,738		
Em conflitos entre a ciência e a religião, a religião deve prevalecer.	,663		
Ter um sistema regido pela lei religiosa no qual não há partidos políticos ou eleições		,396	
Prefere segurança à liberdade.		,343	
Uma mudança desejada para o futuro: ter maior respeito pelas autoridades		,519	
Preferência por empresas privadas ou públicas			-,308

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.
KMO = ,809. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,050. TLI = ,932.

A análise fatorial das variáveis que compõem a dimensão de valores para o caso norte-americano gerou três fatores. No primeiro fator as variáveis relativas à religiosidade obtiveram carga fatorial alta. No segundo fator, sobre organização política/social, as variáveis referentes à preferência por um sistema regido pela lei religiosa, à preferência pela segurança em relação à liberdade e ao desejo de que no futuro haja mais respeito pelas autoridades obtiveram cargas fatoriais significativas. No terceiro fator, a variável que mede a preferência por empresas privadas a publicas apareceu isolada, podendo ser interpretada como um valor associado ao aspecto econômico do funcionamento do país.

Tabela 23: Análise fatorial – Atitudes e Comportamentos Brasil

Fatores

Variáveis	Temas sensíveis	Desconfiança: pessoas diferentes	Ordem	Ciência/tecnologia	Religião	Intolerância:	Nacionalismo
Atitude: prostituição	,716						
Atitude: eutanásia	,465						
Atitude: divórcio	,484						
Atitude: aborto	,702						
Desconfiança: pessoas de outra nacionalidade		,890					
Desconfiança: pessoas de outra religião		,649					
Objetivo nacional: manter a ordem (1º lugar)			,990				
Objetivo nacional: manter a ordem (2º lugar)			-,429				
A ciência e a tecnologia estão tornando nossa vida mais fácil, confortável e saudável				,767			
O mundo está melhor ou pior por causa da ciência e da tecnologia				,427			
Participação em organização religiosa					,866		
Participação religiosa frequente.					,765		
Se considera alguém religioso					,413		
Vizinhos: imigrantes						,588	
Vizinhos: casais não casados vivendo juntos						,654	
Vizinhos: homossexuais						,302	
Vizinhos: pessoas de raça diferente						,650	
Vizinhos: pessoas que falam outro idioma						,477	
Quão orgulhoso você se sente de sua nacionalidade							,464

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.
 KMO = ,697. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,027. TLI = ,924.

Para o caso brasileiro, a análise fatorial das variáveis selecionadas para compor a variável dependente de atitudes e comportamentos conservadores resultou em sete diferentes fatores, classificados como: temas sensíveis, desconfiança com pessoas diferentes, ordem, ciência e tecnologia, religião, intolerância e nacionalismo. No primeiro fator ficaram agrupadas as variáveis referentes às atitudes dos indivíduos em relação ao aborto, eutanásia, prostituição e divórcio; temas que são considerados tabu, estão presentes em dogmas religiosos e podem ser entendidos como basilares: a vida e a família. No segundo fator, aparecem as duas variáveis que mensuram desconfiança interpessoal. No terceiro, encontram-se as duas variáveis que questionam a importância de manter a ordem nacional. No quarto fator, se relacionam as variáveis que medem a percepção das pessoas sobre o papel da ciência e tecnologia na vida pessoal e coletiva. No fator referente à religião ficaram as variáveis que estimam o nível de participação e religiosidade dos indivíduos. No sexto fator, ficaram todas as variáveis que medem o nível de intolerância dos indivíduos a vizinhos com características, hábitos e identidades diferentes dos seus. No último fator ficou isolada a variável nacionalismo.

No Brasil seis variáveis não atingiram carga fatorial $\geq 0,3$ em nenhum fator: 1) percepção de corrupção; 2) impacto de imigrantes; 3) atitudes em relação à mudança ou conservação; 4) depende-se muito da ciência e não o suficiente da fé; 5) as pessoas têm dificuldade de decidir quais regras morais seguir; 6) a única religião aceitável é a minha. É interessante observar que no fator de objetivo nacional as duas variáveis associadas com cargas significativas são a mensuração em primeiro e em segundo lugar da preferência por manter a ordem; com isso, ambas mensuram o mesmo aspecto a partir de classificações diferentes.

De um modo geral, os fatores se mostram bastante coesos, agrupando variáveis semelhantes e com temas bem definidos.

Tabela 24: Análise fatorial – Atitudes e Comportamentos Estados Unidos

Variáveis	Fatores				
	Temas sensíveis	Intolerância	Ciência vs. Fé	Funcionamento social	Nacionalismo
Atitude: divórcio	,820				
Atitude: sexo antes do casamento	,814				
Atitude: aborto	,786				
Atitude: homossexualidade	,744				
Atitude: eutanásia	,681				
Atitude: prostituição	,559				
A única religião aceitável é a minha	,355				
Vizinhos: pessoas que falam outro idioma		,585			
Vizinhos: pessoas de raça diferente		,600			
Vizinhos: casais não casados vivendo junto		,331			
Vizinhos: homossexuais		,414			
Vizinhos: imigrantes		,666			
Depende-se muito da ciência e não o suficiente da fé			,325		
A ciência e a tecnologia estão tornando nossa vida mais fácil, confortável e saudável				,637	
O mundo está melhor/pior por causa da ciência e tecnologia				,759	
As pessoas têm dificuldade de decidir quais regras morais seguir				,325	
Pessimismo: impacto de imigrantes no país				,325	
Quão orgulhoso você se sente de sua nacionalidade					,574

Estimador: Diagonally weighted least squares. Método de rotação: promax.
 KMO = ,869. Bartlett's Test of Sphericity Sig. ,001. RMSEA = ,050. TLI = ,896.

Por fim, as cargas fatoriais referentes a atitudes e comportamentos conservadores no caso americano ficaram divididas em cinco diferentes fatores: temas sensíveis, intolerância, ciência versus fé, preferência pelo conhecido e religião. No primeiro fator ficaram agrupadas as variáveis de atitudes em relação aos temas: divórcio, sexo antes do casamento, aborto, prostituição, eutanásia e homossexualidade, juntamente com a variável de intolerância religiosa. Assim como no caso brasileiro, esse fator parece estar associado fortemente a dogmas religiosos e aos temas que são considerados pelo conservadorismo como ameaças à família e à vida.

No segundo fator, estão presentes o conjunto de variáveis que dizem respeito à intolerância com vizinhos que possuam características, hábitos ou identidades diferentes daquelas dos entrevistados. No terceiro fator, ficou isolada a pergunta sobre a sociedade depender mais da ciência e não o suficiente da fé. No quarto fator temos um conjunto de variáveis que dizem respeito ao funcionamento social: o papel da ciência e da tecnologia, regras e o impacto de imigrantes no país. No último fator, ficou isolada a variável de nacionalidade.

Algumas variáveis não atingiram carga fatorial $\geq 0,3$ em nenhum fator: desconfiança com pessoas diferentes, atitudes em relação à mudança ou conservação e as variáveis que dizem respeito à religiosidade e à manutenção da ordem. Em parte, esse resultado é contraintuitivo uma vez que, devido ao seu histórico e perfil de conservadorismo, esperava-se encontrar: 1) forte apelo das variáveis de desconfiança a estrangeiros e 2) relação entre o nacionalismo e as variáveis sobre imigrantes e estrangeiros.

Os fatores resultantes da análise fatorial para os dois países se diferenciaram em alguns aspectos. Dentre esses, podemos destacar a relação entre tecnologia, ciência e moralidade: no Brasil, as variáveis referentes à ciência e tecnologia ficaram agrupadas em um sentido mais analítico do papel e dos benefícios dos mesmos, enquanto nos Estados Unidos todas essas variáveis ficaram associadas às variáveis sobre regras morais e ao impacto de imigrantes, sugerindo que, para os americanos, estas questões fazem parte de um conjunto mais amplo que define o funcionamento da sociedade. Outro fator discrepante é a ausência das variáveis sobre religiosidade no caso americano, aparecendo apenas na forma de intolerância, sugerindo que a diferença de matriz religiosa

preponderante no Brasil e nos Estados Unidos (isto é, catolicismo e protestantismo), pode influenciar no modelo conservador dos mesmos.

De um modo geral, as análises fatoriais para cada uma das dimensões e casos do estudo indicam relativa coesão e robustez da instrumentalização empírica construída. A maioria das variáveis selecionadas apresentaram cargas fatoriais significativas divididas entre os fatores. Além disso, boa parte das definições teóricas preestabelecidas a partir da revisão de literatura se refletiram nos resultados numéricos obtidos.

Nos testes sobre a dimensão de conjuntura, as variáveis ficaram organizadas em torno de temas como: segurança, condições de vida, situação política, instabilidade e sobrevivência. As crenças também apresentaram confluência com a teoria, trazendo aspectos como papéis sociais de gênero e ideologia liberal econômica; no entanto, diferente do que se esperava, as variáveis referentes à moral não demonstraram significância no modelo. Os valores se mostraram divididos entre: religiosidade, organização social, hierarquia, senso de comunidade e normas de conduta. Por fim, as atitudes e comportamentos ficaram focados nos seguintes aspectos: religiosidade (caso brasileiro), nacionalismo, moralidade, intolerância ao “diferente” e atitudes em relação a temas considerados tabu, à ciência e tecnologia.

Além disso, enquanto ferramenta de refinamento da mensuração, após a execução da análise fatorial foi possível identificar variáveis que não se mostraram significativas e, portanto, foram excluídas da análise. No Anexo II é possível consultar a relação completa das variáveis incluídas no modelo. A seguir, a partir dessas definições, serão apresentados os resultados para a modelagem de equações estruturais e para as análises de redes.

6.2.2 CONSERVADORISMO NO SÉCULO XXI: MODELAGEM ESTATÍSTICA E ANÁLISE DE REDES

Nesta seção, buscamos avaliar estatisticamente a relação entre as dimensões do desenho de pesquisa, isto é, conjuntura, crenças, valores e atitudes/comportamentos. Os métodos escolhidos foram: modelagem por equações estruturais e análise de redes. Por meio da primeira análise poderemos conferir a plausibilidade estatística do modelo teórico proposto, isto é, a adequação da lógica do estudo à realidade dos dados; este

modelo foi escolhido por possibilitar avaliar as relações hipotetizadas, e por comportar a construção de variáveis latentes. Por sua vez, a análise de redes permite conferir a correlação de todas as dimensões dentro de um mesmo sistema. Com efeito, considerando os resultados da análise fatorial, foram testados diferentes modelos para a estimação de parâmetros na modelagem por equações estruturais para os dados do Brasil e Estados Unidos de 2017 até 2020. Em seguida, foi realizada a análise de redes para Brasil e Estados Unidos separadamente, utilizando o ano de aplicação do questionário e os escores de média dos itens para os fatores de conjuntura, valores, crenças e atitudes/comportamentos (para os Estados Unidos, foi adicionado o escore de preocupação com guerras). Todas as análises foram realizadas no software R (R CORE TEAM, 2021), usando os pacotes *lavaan* para a modelagem por equações estruturais (ROSSEEL, 2012) e *qgraph* para a análise de redes (EPSKAMP, 2012).

a) MODELAGEM POR EQUAÇÕES ESTRUTURAIS

Para realizar a modelagem, utilizou-se o método de estimação *Diagonally Weighted Least Squares* (DWLS); dado que, quando comparado com o estimador *Maximum Likelihood*, o mesmo é mais robusto para estimar os parâmetros e os índices de ajuste do modelo quando há variáveis ordinais com poucas categorias (MÍNDRILÃ, 2010). O ajuste dos modelos aos dados foi avaliado por meio de 4 indicadores e respectivos valores de referência: 1) *Comparative Fit Index* (CFI) > 0,95; 2) *Tucker-Lewis Index* (TLI) > 0,95; 3) *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) < 0,05 [Intervalo de Confiança de 90% < 0,10]; 4) *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) < 0,09⁷. Foram testados modelos com diferentes números de fatores. Nesses modelos foram considerados apenas os itens com cargas maiores que 0,30 na análise fatorial exploratória, seguindo os parâmetros de significância de Hair (2009).

⁷ Outro indicador que poderia ser utilizado é o qui-quadrado (χ^2), tendo como referência $p > 0,05$ para considerar H_0 verdadeira, ou seja: para considerar equivalentes o modelo da amostra e o modelo teórico testado estatisticamente. Contudo, optamos por não o levar em consideração, pois com amostras maiores o χ^2 possui fortes chances de apresentar resultados significativos (BENTLER & BONETT, 1980).

Iniciando pelas análises para o Brasil, testou-se o Modelo 1, em que todos os itens com cargas maiores que 0,30 foram agrupados em fatores de primeira ordem, formando o fator de conjuntura, o fator de crenças, o fator de valores e o fator de atitudes/comportamentos. Em consonância com o modelo teórico, os fatores gerais de primeira ordem (conjuntura, crenças e valores) regrediam em direção ao fator de primeira ordem de Atitudes/Comportamentos.

No Modelo 2, o objetivo principal foi seguir mais fielmente a estrutura indicada pela análise fatorial, separando as dimensões a partir dos fatores resultantes em cada uma. Deste modo, efetuamos a separação dos agrupamentos de variáveis que compõem a conjuntura, mantendo inalterados os fatores gerais de primeira ordem: crenças, valores e atitudes/comportamentos. Compartimentamos apenas conjuntura pois essa foi a única dimensão com mais de um fator com número de itens suficientes para sua identificação; ou seja, agrupando ao menos 3 itens por fator (BOLLEN, 1989). Deste modo, nesse modelo, a regressão foi dos fatores corrupção, segurança no bairro, condições de vida, crenças e valores para o fator atitudes/comportamentos.

Por fim, buscamos testar um modelo que se aproximasse ainda mais do resultado das análises fatoriais, maximizando as possíveis vantagens dos anteriores. Isto é, um modelo que ao mesmo tempo não excluísse as variáveis de conjuntura que não ficaram agrupadas em fatores com ao menos 3 itens e mensurasse os aspectos de maneira separada conforme indicado na análise fatorial. Com efeito, o Modelo 3 possui as mesmas variáveis reflexivas do Modelo 2, adicionando itens separados para a regressão. Sendo assim, a regressão foi novamente de corrupção, segurança no bairro, condições de vida, crenças e valores, com adição dos seguintes fatores: 1) vítima de crimes (o entrevistado ou alguém próximo); 2) preocupação com a ocorrência de guerras envolvendo seu país (com outros países ou guerra civil), 3) insatisfação com o sistema político; 4) percepção de insegurança no bairro; 5) defesa da propriedade privada; 6) papéis sociais de gênero; 7) organização política/social associada à religiosidade; 8) preferência pela segurança à liberdade, 9) qualidade importante nas crianças: responsabilidade; 10) religiosidade, para atitudes/comportamentos.

Sobre a modelagem por equações estruturais dos Estados Unidos, no Modelo 1 testou-se o agrupamento dos itens com cargas maiores que 0,30 nos seguintes fatores de

primeira ordem: conjuntura, valores, crenças e atitudes/comportamentos. No esquema montado, conjuntura, valores e crenças regrediam para atitudes/comportamentos.

Já no Modelo 2, testou-se usar os fatores de conjuntura como fatores separados, sendo incluídos apenas fatores que possuíam itens suficientes para serem identificados; isto é, 3 itens por fator (BOLLEN, 1989). Sendo assim, a regressão desse modelo foi dos fatores identificáveis de conjuntura (corrupção, segurança no bairro e condições de vida), crenças e valores para o fator atitudes/comportamentos.

O Modelo 3 é similar ao Modelo 2, sendo que a dimensão de valores foi separada em dois fatores com itens suficientes para serem identificados. Sendo assim, a regressão ia de corrupção, segurança no bairro, condições de vida, crenças, religiosidade, organização política e social para atitudes/comportamentos.

Por fim, o Modelo 4 possuía as mesmas variáveis reflexivas do Modelo 2, porém foram adicionadas as variáveis que haviam sido excluídas por não estarem agrupadas a duas ou mais variáveis na análise fatorial de valores e de conjuntura. Com isso, a regressão para atitudes/comportamentos possuía corrupção, segurança no bairro, condições de vida, crenças religiosidade, organização política e social, papéis sociais de gênero, ter sido vítima de crimes no passado (o indivíduo diretamente ou alguém próximo), preocupação com guerras, nível de insatisfação com o sistema político do país em que vive, defesa da propriedade privada e preferência por empresas privadas a empresas públicas.

Inicialmente, testou-se a estruturação dos modelos. Os indicadores de ajuste são apresentados nas tabelas 25 e 26. Baseado nesses resultados, nenhum dos modelos apresentou índices de ajuste adequados; ou seja, os modelos teóricos propostos não encontraram plausibilidade na realidade dos dados.

Tabela 25 – Indicadores de Ajuste da Modelagem por Equações Estruturais Brasil

Modelo	χ^2	CFI	TLI	RMSEA	SRMR
Modelo 1	4600,8; gl = 1371; p < 0,001	0,60	0,58	0,061 [IC 90% 0,059 – 0,063]	0,074
Modelo 2	2606,8; gl = 887; p < 0,001	0,77	0,75	0,050 [IC 90% 0,048 – 0,053]	0,061
Modelo 3	3600; gl = 1145; p < 0,001	0,70	0,68	0,054 [IC 90% 0,052 – 0,056]	0,064

n Modelo 1 = 638, Modelo 2 = 726, Modelo 3 = 739.

Nota. Estimador = DWLS; χ^2 : qui-quadrado; gl = Graus de Liberdade; CFI: ComparativeFix Index; TLI: Tucker Lewis Index; RMSEA: Root Mean Square Error of Approximation; IC = Intervalo de Confiança; SRMR: Standardized Root Mean Square Residual.

Tabela 26 – Indicadores de Ajuste da Modelagem por Equações Estruturais Estados Unidos

Modelo	χ^2	CFI	TLI	RMSEA	SRMR
Modelo 1	O otimizador NLMINB não encontrou a solução local para o modelo				
Modelo 2	12.133,1; gl = 1160; p < 0,001	0,89	0,88	0,068 [IC 90% 0,067 – 0,069]	0,075
Modelo 3	11.462,6; gl = 1106; p < 0,001	0,90	0,89	0,068 [IC 90% 0,067 – 0,069]	0,074
Modelo 4	14.112,0; gl = 1307; p < 0,001	0,87	0,87	0,070 [IC 90% 0,069 – 0,071]	0,077

n Modelo 2 = 2034, Modelo 3 = 2037, Modelo 4 = 2008.

Nota. Estimador = DWLS; χ^2 : qui-quadrado; gl = Graus de Liberdade; CFI: ComparativeFix Index; TLI: Tucker Lewis Index; RMSEA: Root Mean Square Error of Approximation; IC = Intervalo de Confiança; SRMR: Standardized Root Mean Square Residual.

b) ANÁLISE DE REDES:

Com o objetivo de complementar os resultados obtidos anteriormente e explorar a possibilidade indicada nos testes para MEE de que o fenômeno seja mais interativo do que linear, optamos por executar análise de redes. Para realizar tal análise, este estudo aplicou o *graphical least absolute shrinkage and selection operator* (GLASSO) que estima um modelo gráfico gaussiano (GGM)⁸. Nesse método, os nós (círculos) representam variáveis e as arestas (linhas) representam a dependência condicional (ou correlações parciais) entre os nós, considerando todos os outros nós da rede. Foi utilizada a técnica *least absolute shrinkage and selection operator* (LASSO) do GLASSO para controlar a dispersão da rede (a quantidade de relações) e efetuar uma regularização que reduz as estimativas dos parâmetros, com algumas dessas estimativas se tornando exatamente zero; reduzindo ruídos e correlações espúrias (TIBSHIRANI, 1996).

A interpretação do efeito das correlações relativas na análise de redes seguirá os mesmos parâmetros definidos por Cohen (1992): - 0,1 a -0,3 ou 0,1 a 0,3 = fraca, -0,31 a -0,5 ou 0,31 a 0,5 = moderada, -0,51 a -1 ou 0,51 a 1 = forte.

A centralidade do nó foi avaliada por quatro estimadores (FREEMAN, 1978; OPSAHL et al., 2010). O *strength/degree* é o nível total de envolvimento em uma rede, em outras palavras: é a soma em módulo os valores das correlações obtidas. O *closeness* é a soma das distâncias de um nó a todos os outros nós, considerando se a variável se relaciona diretamente com as outras ou se necessita de outras variáveis intermediários. O terceiro parâmetro é o *betweenness*, que corresponde ao grau em que um nó se encontra o caminho mais curto entre dois outros nós, isto é, avalia se a variável é intermediária para as demais. Por fim, o *expected Influence* é a soma das conexões de um nó (assim como o *strength/degree*), porém sem colocá-las em módulo, ou seja, pondera o peso do sinal das correlações, descontando quando a mesma é negativa. Além disso, esse último parâmetro considera quantas correlações a variável possui com as outras; por esses motivos, essa medida representa a importância relativa de um nó em uma rede (ROBINAUGH et al., 2016).

A partir dos resultados da tabela 27, sobre o caso brasileiro, vemos relações positivas fracas de valores e crenças com atitudes/comportamentos (quanto maior os escores de valores

⁸ Para conferir mais detalhes sobre o método, ver: Friedman, Hastie, Tibshirani (2008; 2014) e Lauritzen (1996).

e crenças, maior são os escores de atitudes/comportamentos) e negativa moderada da onda com atitudes/comportamentos (ou seja, quanto mais anos se passam, menor são as atitudes/comportamentos). Ainda, ressalta-se que atitudes/comportamentos não se correlacionou diretamente com conjuntura no modelo de redes, mas conjuntura possuiu relações diretas com a onda e crenças. Por fim, é importante destacar que, diferentemente de conjuntura e valores, crenças apresentou uma correlação relativa forte com a onda; ou seja, conforme o passar do tempo parece haver um aumento das crenças conservadoras.

Tabela 27: Matriz de Pesos das Relações entre Variáveis do Brasil

Variável	Rede				
	Onda	Conjuntura	Crenças	Valores	Atitudes/ Comportamentos
Onda	0	-0,23	0,60	-0,35	-0,35
Conjuntura	-0,23	0	-0,13	0	0
Crenças	0,60	-0,13	0	0,05	0,17
Valores	-0,35	0	0,05	0	0,09
Atitudes/ Comportamentos	-0,35	0	0,17	0,09	0

Olhando o modelo de redes (Figura 2), também podemos pensar na possível relação mediadora da onda de coleta e das crenças na relação entre as variáveis conjuntura e atitudes/comportamentos. Na Figura 2 e na Figura 3, vemos a grande influência do ano de coleta para a rede como um todo, visto que: se relaciona fortemente com as outras, possui a menor distância para todas as outras variáveis (indicando que ela possui mais relações diretas com as outras variáveis). Além disso, a onda também foi o caminho mais curto entre duas outras variáveis, o que pode indicar que ela é uma possível variável mediadora da relação entre às outras. Somado a isso, vemos também que crenças apresentou maior importância relativa na rede: é uma variável que, em geral, possui mais relações e é a segunda com a menor distância para todas as outras variáveis. Assim como a onda, crenças foi o caminho mais curto entre duas outras variáveis; ou seja, temos evidências sobre o seu poder mediador da relação entre atitudes/comportamentos e outras variáveis.

Figura 2: Representação gráfica da rede brasileira

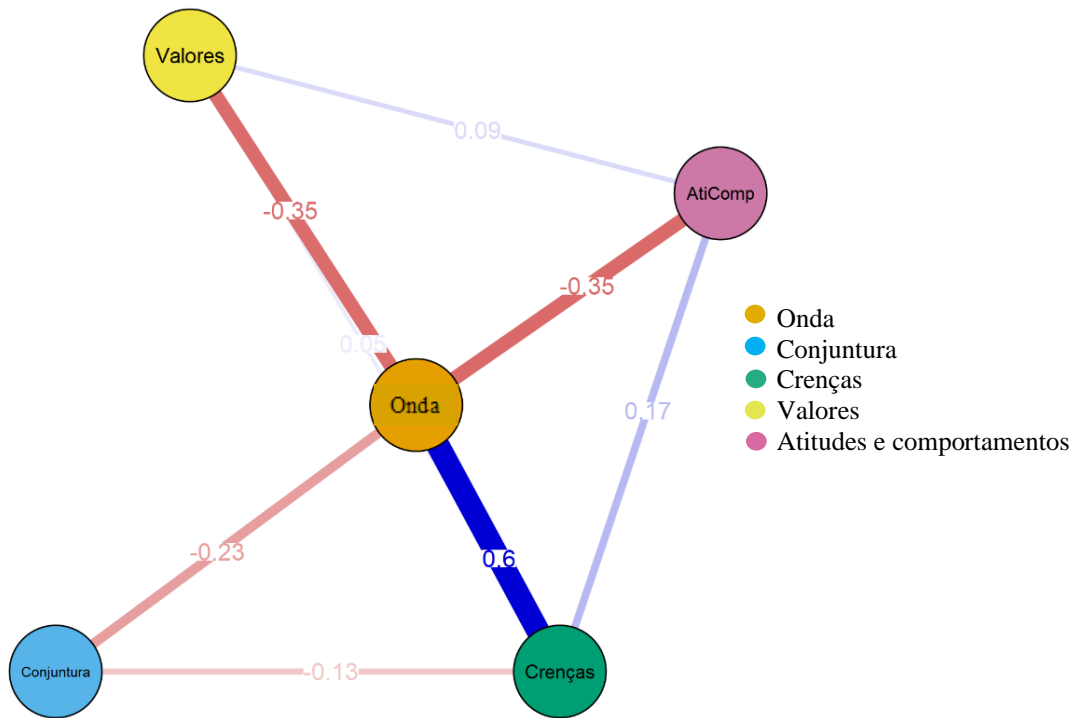
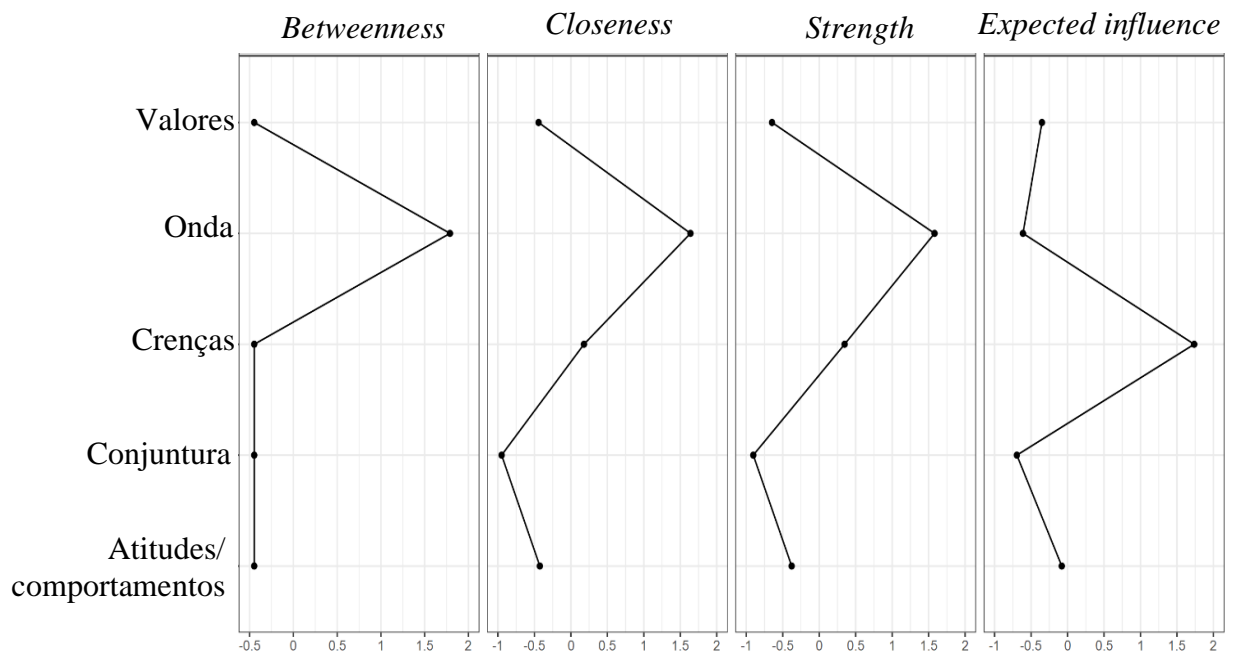


Figura 3: Medidas de centralidade padronizadas para cada variável do Brasil



Para ver a tabela com os valores específicos, consultar anexo IV.

Já a análise de redes para os Estados Unidos gerou uma rede muito mais densa, ou seja, com mais relações entre variáveis. Vemos na tabela 29 a correlação negativa forte entre ano de coleta e atitudes/comportamentos (ou seja, quanto mais anos se passam, menor os escores de atitudes/comportamentos). Além disso, vemos uma correlação positiva moderada de crenças (quanto maior as crenças, maior são os escores de atitudes/comportamentos). A correlação é moderada entre valores e atitudes/comportamentos (quanto maior os escores de valores, maior o de atitudes/comportamentos). Podemos observar, ainda, uma correlação positiva fraca de preocupação com guerra e atitudes/comportamentos (ou seja, quanto maior a preocupação dos indivíduos com guerra, maior são as atitudes/comportamentos).

Tabela 28: Matriz de Pesos das Relações entre Variáveis dos Estados Unidos

Variável	Rede					
	Onda	Conjuntura	Guerra	Crenças	Valores	Atitudes/ Comportamentos
Onda	0	-0,14	0,25	0,56	0,09	-0,57
Conjuntura	-0,14	0	0,40	-0,31	0,02	0,004
Guerra	0,25	0,40	0	-0,03	-0,11	0,20
Crenças	0,56	-0,31	-0,03	0	-0,24	0,39
Valores	0,09	0,02	-0,11	-0,24	0	0,44
Atitudes/ comportamentos	-0,57	0,004	0,20	0,39	0,44	0

Vemos na Figura 4 a possível relação mediadora da preocupação com guerra e das crenças para a relação entre conjuntura e atitudes/comportamentos. A partir da Figura 5, vê-se a importância das atitudes/comportamentos para a rede, sendo a segunda variável como menor caminho entre outras duas (sendo uma possível mediadora da relação entre outras variáveis). Segunda a possuir mais relações diretas com as outras variáveis do modelo. A dimensão de atitudes e comportamentos possui ainda maior envolvimento na rede, isto é, possui relações mais fortes com as outras variáveis.

Já em relação às possíveis variáveis predictoras de atitudes/comportamentos, destaca-se a importância das crenças para a rede, pois ela é o menor caminho entre duas outras variáveis (sendo uma possível mediadora das relações entre variáveis). Além disso, essa variável é a terceira mais envolvida na rede e possui maior importância relativa ao apresentar mais relações e relações mais fortes na rede como um todo. É importante salientar também o papel da onda de coleta para a rede, pois ela foi o menor caminho entre todas as variáveis, ou seja, possui mais

relações diretas com as outras variáveis; além de ser a segunda variável com mais relações na rede. Por fim, destaca-se a menor importância para a rede americana das variáveis de valores e preocupação com guerra (Figura 4; Figura5).

Figura 4: Representação gráfica da rede dos Estados Unidos

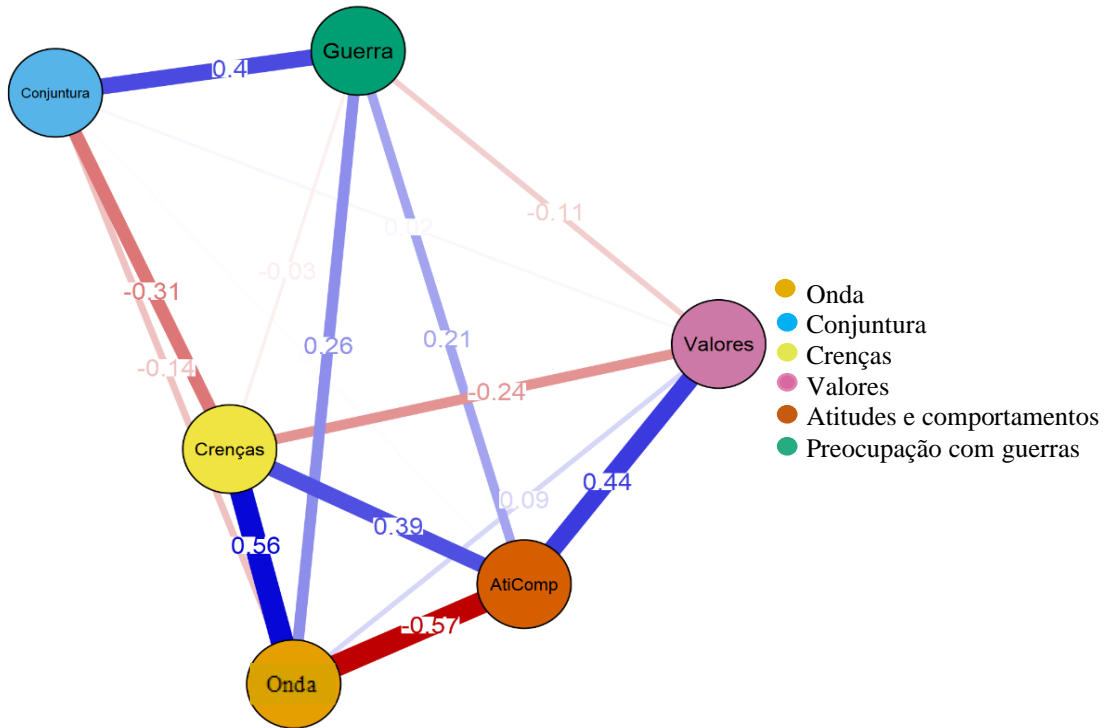
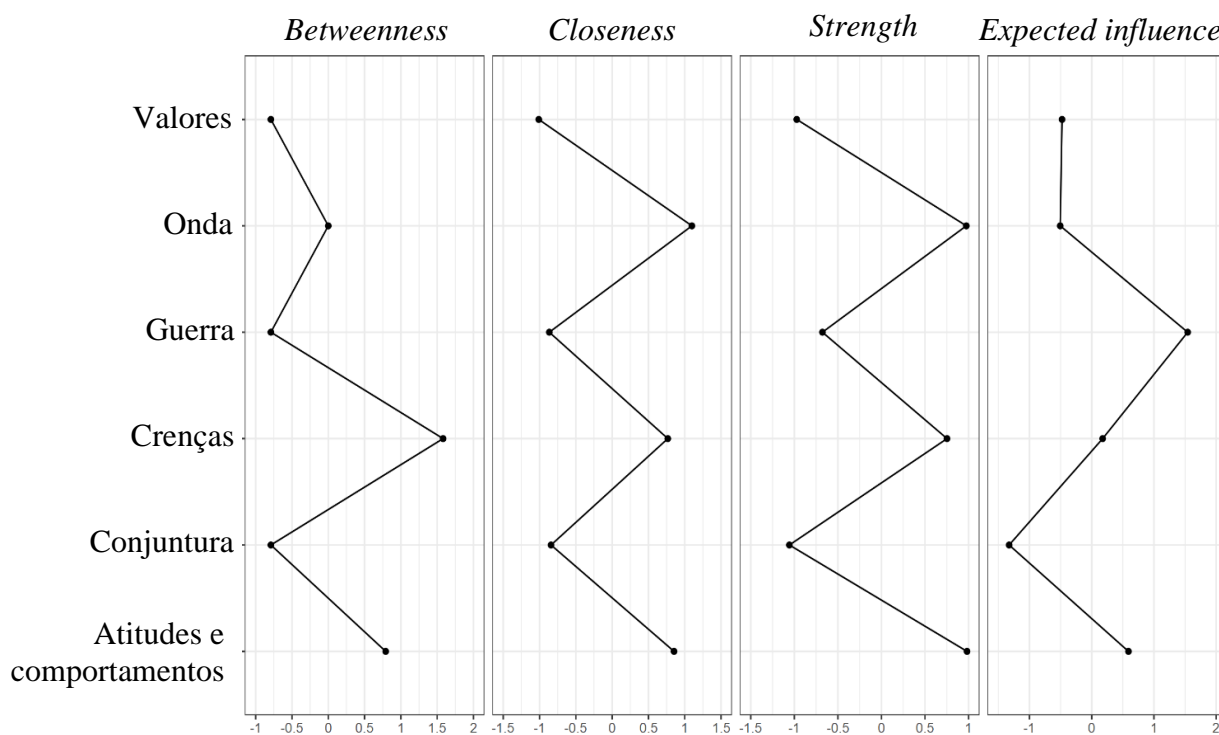


Figura 5: Medidas de centralidade padronizadas para cada variável dos Estados Unidos



Para ver a tabela com os valores específicos, consultar anexo IV.

A partir da análise dos resultados da pesquisa, partimos para a sessão de discussão dos mesmos. Nessa etapa do estudo, iremos avaliar os dados de forma global e relacionada, bem como buscaremos identificar quais inferências é possível fazer. Com efeito, o foco principal de reflexão serão as questões e hipóteses propostas.

7. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS À LUZ DA DISCUSSÃO SOBRE CONSERVADORISMO

Para nortear a seção de discussão dos resultados, iremos começar apresentando as questões centrais que permeiam a pesquisa: 1) há uma conjuntura de instabilidade que favorece à percepção de crises e mudanças; 2) Brasil e Estados Unidos apresentam forte presença e enraizamento de crenças e valores conservadores; 3) há um crescimento da manifestação de atitudes e comportamentos conservadores ao longo do tempo; 4) conjuntura, crenças e valores predizem atitudes e comportamentos. Além desses, outro objetivo importante do estudo é contribuir para o esforço de instrumentalização dos conceitos e modelos teóricos sobre o tema; portanto, avaliaremos também o modelo empírico proposto a partir do desempenho de mensuração demonstrado pelos resultados.

No que diz respeito à conjuntura, de acordo com a seção contextual apresentada no início do trabalho, é possível afirmar que há um contexto de instabilidade no mundo de uma forma geral, o que inclui os dois casos de estudo. Olhando mais especificamente os resultados descritivos, podemos afirmar que há uma confirmação dessa prerrogativa, principalmente quanto aos tópicos de insegurança, insatisfação política e, no caso brasileiro, preocupações socioeconômicas.

No caso norte-americano há crescimento do desemprego em dois momentos: durante a crise de 2008 e no período mais recente (possivelmente afetado pela crise da Covid-19); além disso, a posição do país no índice global de paz tem caído ao longo do tempo. Em consonância com esses fatos, a percepção de insegurança e da ocorrência de crimes aumentou, bem como a preocupação com guerras e a insatisfação com o sistema político.

No Brasil, a situação é mais crítica: a partir de 2014 ocorre aumento do desemprego, da desigualdade, da taxa de roubo e de homicídios. Complementarmente houve aumento da insatisfação com o sistema político e da percepção de insegurança. Os brasileiros se mostraram um pouco menos preocupados com a possibilidade de guerras, no entanto essas proporções também foram altas. Cresceu no país a quantidade de indivíduos que afirmam não conseguir ter suas necessidades básicas atendidas e se dizem preocupados em ficar desempregados.

No cenário estrutural, referente ao conjunto de crenças e de valores, esperava-se encontrar o enraizamento do conservadorismo em sua forma latente. Primeiramente notamos

que há, na verdade, uma redução gradual das crenças conservadoras. No entanto, a despeito disso, elas ainda figuram de maneira muito significativa nas médias e proporções das variáveis. De maneira análoga, é possível afirmar que há presença substancial de valores associados ao conservadorismo nos resultados descritivos dos dois países (no Brasil mais do que nos Estados Unidos), apesar da tendência de redução ao longo do tempo.

Para os resultados descritivos para atitudes e comportamentos, a expectativa era de que encontraríamos aumento nas atitudes e comportamentos conservadores. Essa suposição presente no desenho explicativo do estudo foi estabelecida a partir do contexto político e social atual. O prognóstico também teve como base a premissa teórica de que quando papéis e padrões sociais são confrontados, a moral conservadora se expressa em atitudes e comportamentos que se direcionam à restauração da ordem tradicional (BARROCO, 2009).

Contudo, observamos uma tendência de redução das médias e proporções de atitudes e comportamentos associados ao conservadorismo. Porém, é importante salientar que essas formas de manifestação ainda são preponderantes para boa parte das variáveis. Por isso, é factual assumir que há uma estrutura conservadora estabelecida concomitante a um contexto relativamente instável. Bem como, podemos afirmar, com base na contextualização e nos resultados, que manifestações conservadoras – em forma de atitudes e comportamentos – têm ocorrido de maneira significativa.

A ambiguidade entre redução e enraizamento encontra respaldo na teoria que afirma que os indivíduos podem muitas vezes possuir avaliações ambivalentes sobre as mesmas questões. Com isso, a capacidade de predição ou padronização de comportamentos ficaria mais difícil (BAUMEISTER, FINKEL, 2010). A discussão teórica também pontua que a escolha de ação dos indivíduos é afetada pelo que é socialmente esperado ou normatizado. Esse balizamento que ocorre mediante interpretações de outros membros da sociedade, com isso os indivíduos podem se comportar ou afirmar se comportar de maneira diferente do que genuinamente fariam.

Ainda nesse contexto, conforme afirma parte da literatura apresentada no segundo capítulo teórico, o esforço proposto nesta pesquisa de mensurar atitudes e comportamentos da maneira mais eficiente possível é um desafio inegável. Com efeito, os dados descritivos talvez não tenham refletido de maneira clara todo o avanço conservador que vemos a partir do fortalecimento de movimentos, discursos e figuras tipicamente conservadores.

De forma complementar, os resultados das análises fatoriais nos permitiram observar quatro informações importantes para avaliar o modelo empírico construído e o desempenho das

variáveis. Primeiramente, todos os indicadores de adequação e qualidade dos modelos atingiram os valores necessários para considerarmos válidas as inferências a partir deles. Em segundo lugar, se mostraram coesas e significativas para ambos os casos as variáveis inseridas nas temáticas de: religião, condições de vida, segurança, estrutura social, papéis sociais de gênero. Além disso, é importante notar que poucas variáveis escolhidas não resultaram em cargas minimamente significativas em nenhum fator, reforçando a pertinência do modelo proposto. Por fim, há pequenas diferenças entre os casos na forma como as variáveis ficaram agrupadas que sugerem que há pequenas discrepâncias conjunturais e culturais entre os dois países.

Utilizando as análises fatoriais como parâmetros para construção de modelos, foram realizados os testes de modelagem para equações estruturais com o objetivo de avaliar a plausibilidade do desenho teórico em relação à realidade dos dados. Foram testados três modelos para o caso brasileiro e quatro para o americano. Nenhum dos modelos atingiu todos os indicadores de ajuste necessários para efetuar a análise dos resultados. Dito de outro modo, não foi possível confirmar empiricamente a reprodução dos pressupostos teóricos.

Esse resultado sugere que o desenho teórico e a tese propostos nesse estudo não encontram respaldo na realidade dos dados; sendo assim, as atitudes e comportamentos conservadores não seriam determinados por uma relação direta das variáveis conjuntura, crenças e valores. Neste contexto, é interessante salientar que esse resultado diz respeito aos dados utilizados e à forma como foram mensurados. Com efeito, podemos refletir sobre as possíveis razões para a não obtenção dos indicadores de ajuste: 1) a primeira, e mais óbvia talvez, é a explicação teórica proposta para o fenômeno não ser totalmente adequada; 2) a segunda possibilidade é o erro de mensuração, seja através do survey em si ou da *proxy* e tratamento adotados para construir as dimensões e variáveis.

De fato, a ascensão conservadora é um fenômeno complexo que pode estar relacionado a muitos fatores. Com isso, mesmo dentro do recorte feito, foram inseridas um conjunto grande de variáveis para análise, gerando modelos teóricos e empíricos densos. Outro fator importante a se considerar é a inexistência de questões com esse enfoque no escopo das maiores pesquisas tipo survey (no sentido de abrangência e longitudinalidade). Para avaliar melhor esses possíveis desafios e desvios, seria necessário um novo estudo mais específico sobre metodologia e mensuração aplicados ao conceito.

A despeito disso, há uma terceira possibilidade para a não plausibilidade resultante da modelagem: o fato de o sistema social e político que propicia o avanço conservador ser um todo interconectado que não se configura como um esquema de causalidades hierárquicas, mas sim como uma rede de correlações que se retroalimenta.

Para explorar essa terceira possibilidade e avançar na compreensão do fenômeno, efetuamos a análise de redes para estimar se há relação entre as variáveis e como é essa relação; considerando concomitantemente todo o sistema e demais dimensões. Os resultados para esse teste obtiveram estimadores de ajuste válidos e estabeleceram várias correlações parciais de diferentes níveis entre as dimensões.

Tratando dos casos especificamente, no Brasil parece haver uma importância maior na rede de crenças e da onda do que valores e conjuntura. Apesar da correlação entre crenças e atitudes e comportamentos ser fracamente positiva, assim como no caso de valores, essa variável parece aumentar com o tempo e apresenta muitas relações, servindo como mediadora no sistema. Aplicando sob uma nova perspectiva a teoria sobre crenças que afirma que a centralidade das mesmas é determinada pelo seu grau de interação (ROKEACH, 1968), podemos inferir que as crenças possuem centralidade no modelo explicativo, devido ao seu alto grau de interação com as outras variáveis do esquema.

É interessante notar que a percepção sobre conjuntura é intermediada pela onda, ou seja, pelo tempo (o que é bem intuitivo), mas também é intermediada por crenças, o que significa que, para se relacionar com atitudes e comportamentos, a percepção de conjuntura passa pelas crenças dos indivíduos. Outro apontamento interessante é o de que a onda é a variável que apresenta relações mais fortes e diretas, sugerindo que algo está mudando nas demais variáveis conforme o tempo passa. Conforme as análises multivariadas, essa transformação tem sido na direção de gradual redução de crenças, valores, atitudes e comportamentos conservadores.

Em comparação, no caso americano a rede de correlações parciais foi mais densa do que no caso brasileiro; isto é, a análise dos dados sugere que para os Estados Unidos as dimensões do estudo estão mais relacionadas do que para o Brasil. Além disso, a partir dos dados americanos, encontramos uma correlação parcial negativa forte entre a onda (ano) e as atitudes e comportamentos conservadores. Deste modo, em conformidade com o que vemos nos dados descritivos, mas diferentemente do que observamos no contexto político e social: conforme o tempo passa (aumenta) menores são os índices de atitudes e comportamentos conservadores. Dando mais um sinal de que o modelo empírico americano está em maior ajuste com o modelo

teórico proposto, as correlações entre crenças e valores com atitudes e comportamentos foram moderadas e positivas, enquanto no Brasil elas foram fracas.

As principais variáveis dentro do sistema de correlações parciais americano foram onda e crenças: a primeira obteve mais relações diretas e a segunda mais relações fortes, sendo que ambas foram mediadoras entre outras duas variáveis. Essas também foram as variáveis mais significativas na análise de redes do caso brasileiro, o que sugere que o enraizamento das crenças conservadoras e a passagem do tempo podem de fato ser dimensões importantes para determinar o fenômeno, independentemente desse efeito ser positivo, como no caso das crenças, ou negativo, como no caso do ano da pesquisa. Ratificando a centralidade das crenças.

Com efeito, outro achado que reforça essa inferência é o fato de a conjuntura precisar passar por crenças para chegar ao ano e às atitudes e comportamentos. Esse dado é muito interessante, pois sugere que a percepção de conjunturas instáveis é intermediada pelas crenças dos indivíduos. Por fim, outro elemento que merece destaque é a intermediação entre as variáveis de conjuntura e atitudes e comportamentos pela variável de preocupação com guerras; ou seja, mesmo que essa variável não tenha ganhado grande destaque dentro da rede, ela parece realmente ser importante para relação entre a percepção da conjuntura e as atitudes e comportamentos conservadores nos Estados Unidos.

Doravante, avaliando os resultados de forma conjunta, parece ser possível identificar alguns padrões importantes para a compreensão do fenômeno e para o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema. Iniciando por um resultado consistente na análise descritiva, mas que parece desafiar a análise do contexto político e social atual no ocidente: a redução ao longo do tempo dos indicadores de crenças, valores, atitudes e comportamentos conservadores.

Como uma primeira possibilidade explicativa para esse resultado, a mensuração dessas dimensões no âmbito do conservadorismo envolve muitos desafios. Contudo, com o objetivo de lidar com isso, foram empregados diversos esforços para refinar e dar coesão ao modelo desde a decupagem de variáveis até a execução de análises fatoriais. Sendo que nesse último método, os resultados obtidos podem ser considerados consistentes. Não obstante, a bibliografia analisada, argumenta que encontrar relação entre as variáveis pode depender mais das condições da mensuração do que da questão teórica em si (TRAFIMOW, 2004).

Ainda sobre esse aspecto e já mencionando outro achado importante, o modelo explicativo empírico-teórico pareceu se adequar melhor à realidade norte-americana. De fato, apesar de o fenômeno atual ser semelhante nos dois países, conforme visto no capítulo cinco,

os dois casos possuem diferentes características em sua formação, estrutura política e natureza do conservadorismo. Contudo, outra possibilidade é a de que os resultados para os Estados Unidos tenham obtido maior coesão empírico-teórica devido à origem do questionário utilizado; visto que, a captação de informações pode ter maior adequação e acurácia para a realidade local.

Explorando explicações que não envolvem questões estritamente empíricas, podemos levantar duas reflexões. A primeira é o fato de que, concomitantemente ao movimento de avanço conservador, ascenderam na sociedade debates progressistas acerca de pautas identitárias e de direitos humanos, entre outros. Estes movimentos equilibrariam a balança, isto é, no momento do levantamento de dados, ambas as orientações políticas seriam captadas; gerando resultados menos concentrados ou focados no avanço conservador. Uma nova alternativa diz respeito ao caráter mais ambivalente e contraditório da cultura política brasileira (BAQUERO, 2001), o que teria provocado maior dificuldade de mensuração e menor aderência do modelo explicativo para o caso do Brasil.

Destarte, a análise empírica permitiu inferir que fenômeno parece ser muito mais um sistema de elementos específicos que interagem entre si e se retroalimentam do que um processo causal entre aspectos políticos e sociais. Outrossim, a passagem do tempo e as crenças compartilhadas pela sociedade parecem ter uma relação significativa com atitudes e comportamentos conservadores. Por fim, diferentemente do se esperava teoricamente, a preocupação com guerras nos Estados Unidos não parece estar muito correlacionada com crenças e valores conservadores.

Conforme mencionado anteriormente, foi feito neste estudo o esforço de oferecer ferramentas empíricas para mensurar dimensões já conhecidas, porém nem sempre consolidadas, nas pesquisas de Ciência Política. Além disso, tivemos intenção de construir o modelo a partir de um enfoque não tão explorado no campo de estudo: a perspectiva conservadora. Deste modo, o objetivo central foi analisar o fenômeno nos países selecionados dentro do recorte temporal atual, mas também obter um molde que tenha fôlego empírico e teórico para ser replicado. Por fim, no que se refere aos resultados mais diretamente, as questões centrais que norteiam a pesquisa foram exploradas a partir de diversas formas: estatística descritiva longitudinal, avaliação do modelo e mensuração das relações estatísticas entre as variáveis.

CONCLUSÃO

O cenário social e político do início do século XXI, até o momento em que essa tese foi escrita, foi permeado por transformações, crises e conflitos; o que por si só não confere ineditismo nenhum, nem justificaria a novidade ou a contribuição científica em estudar esse período. Períodos conturbados e de transformações acontecem em todos os séculos desde que temos registros. Com efeito, esse mesmo período é palco de um crescente protagonismo dos princípios conservadores nos debates e disputas políticas ao redor do mundo. Contudo, o avanço do conservadorismo, ou a chamada “onda conservadora”, em conjunturas instáveis também não é um fenômeno absolutamente novo por si.

No Ocidente, periodicamente movimentos conservadores ganham destaque dentro das dinâmicas política, econômica e social. É possível definir ao menos quatro momentos na história contemporânea em que o conservadorismo foi um elemento político e social muito relevante: 1) Revolução Francesa; 2) lutas e conquistas políticas e sociais pelo sufrágio universal; 3) transformações sociais e econômicas impostas pelas políticas de bem-estar social; 4) emergência, na segunda metade do século XX, de modelos políticos, econômicos e morais alternativos ao *status quo* (HIRSCHMAN, 1992; VIDAL, 2013). Atualmente, a agenda conservadora se opõe, principalmente, a movimentos de reformulação de instituições tradicionais e morais (como a família), a questões relacionadas à globalização e a demandas identitárias direcionadas a temas como: sexualidade, raça, religião e papéis de gênero.

A despeito da recorrência de instabilidades políticas, econômicas e sociais concomitantes a ondas conservadoras, a bibliografia tradicional ainda é incipiente em capacidade analítica teórica e aplicada. Efetivamente, a teoria é composta, fundamentalmente, pelos próprios pensadores conservadores ou por autores que estudaram o tema a partir de uma perspectiva mais abstrata, reflexiva e normativa. Destarte, o esforço para olhar o fenômeno por uma perspectiva mais pragmática é relativamente atual e ainda é um debate em construção nas ciências humanas, especialmente na Ciência Política.

Inserido nessa busca por analisar o conservadorismo a partir de uma abordagem que seja ao mesmo tempo analítica/teórica e empírica, este estudo teve por objetivo contribuir para a construção do conhecimento acerca das características e condições propícias à emergência do conservadorismo. Espera-se que as ferramentas desenvolvidas aqui permitam refletir sobre os

eventos passados, mas que contribuam, principalmente, para compreender acontecimentos atuais e futuros de maneira mais complexa, aprofundada e atemporal.

A novidade ou a ousadia dessa pesquisa é justamente a busca por oferecer instrumentos para compreender o evento durante a sua ocorrência. Portanto, cabe lembrarmos que a pergunta central que permeou essa investigação é: Como fatores conjunturais e culturais se relacionam com o avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no início do século XXI?

Dado que a perspectiva histórica nos sugere que regularmente contextos de instabilidade e avanços conservadores coincidem, essa foi uma das possíveis explicações selecionadas para serem exploradas nesse estudo. No entanto, é importante considerar que nem todas as sociedades respondem a cenários específicos de mudanças da mesma maneira ou com a mesma intensidade. Para lidar com essa questão foi adotada também a premissa clássica da cultura política de que os arranjos políticos são impactados fortemente pela cultura política dos cidadãos (ALMOND e VERBA, 1965). Para instrumentalização da associação dessas duas perspectivas, foram adotados os conceitos de conjuntura e estrutura, no sentido de explicar a dinâmica do fenômeno, considerando o caráter mais volátil de crises em relação à cultura.

Deste modo, o argumento que se pretendeu verificar é o de que o avanço de manifestações conservadoras no século XXI ocorre mediante uma conjuntura econômica, política e social instável, devido a transformações e crises, e tem sua proporção determinada pelo seu nível de conformidade com a cultura política dos indivíduos.

Para explorar esse panorama de forma mais aprofundada e detalhada, optamos por fazer um estudo de poucos casos e maior densidade de variáveis (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970), utilizando como parâmetro o método da semelhança de John Stuart Mill (1886). Os países selecionados foram Brasil e Estados Unidos, dois exemplos emblemáticos do avanço conservador do século XXI no Ocidente.

O critério de seleção de casos utilizado foi a semelhança na ocorrência do fenômeno em si e dos pressupostos assumidos aqui como condições explicativas. Da mesma forma, era fundamental que os mesmos fossem discrepantes quanto à sua localização, formação e ao desenvolvimento político, econômico e social. Além disso, outro critério fundamental utilizado é a representatividade dos casos para o evento analisado. Devido a esses fatores, consideramos que Brasil e Estados Unidos são casos perfeitamente satisfatórios para estudar a relação de fatores conjunturais e culturais com o avanço do conservadorismo.

Destarte, a pergunta e a análise principal se ativeram a um recorte temporal e geográfico específico, mas se espera que as ferramentas teóricas e estatísticas desenvolvidas sirvam como modelo ou como inspiração para investigações que transcendam a essas limitações.

Almejando cumprir com os objetivos propostos, a pesquisa foi dividida em duas partes principais (teórica e aplicada), totalizando sete capítulos. Na primeira imersão sobre o tema, a contextualização, já foi possível observar padrões importantes que contribuem para a compreensão do fenômeno. O avanço da concepção socialmente conservadora pelo Ocidente tem se mostrado capaz de aglutinar diferentes países em prol de uma agenda comum e de uma forma de ação semelhante. Independente do período ou da localização geográfica, o avanço do conservadorismo ocorre sempre acompanhando de conjunturas instáveis e, apesar de adaptar seu discurso conforme o alvo ao qual se direciona, mantém seus princípios e mecanismos argumentativos essenciais.

No cenário atual, esse achado é corroborado ao compararmos o discurso conservador em relação à sua própria lógica argumentativa. Os temas mais recentes abordados pelo conservadorismo são: a defesa da família e da ordem, temáticas morais e religiosas, medo e negação do estrangeiro ou culturalmente diferente. Efetivamente, mesmo sendo diversificadas, todas essas pautas compartilham normativas típicas da essência conservadora, tais como: a crença na existência de uma natureza humana errática e que possui sua própria lógica, a sobreposição do coletivo ao individual, a valorização de aspectos tradicionais e religiosos.

A partir da discussão teórica da bibliografia sobre o conservadorismo, oferecemos classificações do mesmo conforme seu conteúdo, propósitos, fundamentos e abordagens. O estudo da bibliografia permitiu o desenvolvimento de um conceito próprio de conservadorismo: conjunto de pressupostos que orientam os indivíduos à preferência de tudo que for tradicional e conhecido em detrimento da inovação ou transformações. Além disso, associados ao conceito construído, definimos também o conjunto de princípios fundamentais do pensamento conservador.

De forma complementar, seguindo no desenvolvimento teórico do estudo e buscando contribuir com a construção de conhecimento no campo de estudo da Ciência Política, foi realizado o aprofundamento teórico dos conceitos referentes à cultura política. Nessa etapa do estudo, foram apresentadas diferentes definições de crenças, valores, atitudes e comportamentos. Foi fornecido para cada um deles uma discussão teórica e categorizações que facilitam a compreensão do panorama paradigmático dos mesmos.

A partir da reflexão aprofundada da teoria, foi possível finalmente desenvolver e apresentar nossas contribuições teóricas para o tema. Iniciando pelos argumentos que sustentam as decisões tomadas na pesquisa e o desenho de pesquisa proposto. Outrossim, apresentamos as definições das dimensões que fazem parte do estudo. Foram elaboradas as concepções instrumentais de latente, manifesto, conjuntura e estrutura. Com isso, as abordagens teóricas, que antes pareciam fragmentadas, passam a ter um sentido aplicado mais amplo e inter-relacionado.

Resumidamente, o conservadorismo possui dois formatos principais: latente, por meio do compartilhamento de crenças e valores; e manifesto, a partir de sua expressão em atitudes e comportamentos. A transição do estado de latência para manifestação seria facilitada ou oportunizada a partir da percepção de instabilidades; que são compreendidas como ameaças, especialmente quando estão sob revisão os aspectos políticos, sociais e econômicos já conhecidos e tradicionais.

Para investigar o potencial explicativo desse desenho de pesquisa, adotamos um conjunto de estratégias metodológicas. Começando por uma análise longitudinal descritiva para explorar o comportamento das variáveis relacionadas ao conservadorismo ao longo do tempo.

Conforme esperado, o contexto de crise parece ser percebido por brasileiros e americanos. Os resultados sugerem que as questões que envolvem economia e conflitos sejam as mais relevantes; tais como: sensação de insegurança e preocupação com desemprego e com guerras. Não é surpresa que a percepção de um ambiente adverso é mais destacada para o Brasil do que para os Estados Unidos, uma vez que esses países apresentam níveis diferentes de desenvolvimento econômico e humano.

Outro pressuposto assumido neste estudo, é a existência, no Brasil e nos Estados Unidos, do enraizamento de crenças e de valores congruentes ao conservadorismo. O resultado identificado a partir da análise descritiva confirma essa suposição, mas não foi o que se esperava idealmente. Com efeito, as variáveis correspondentes a essas duas dimensões estão em processo de redução conforme o passar do tempo.

A despeito dessa tendência, as crenças e valores conservadores ainda figuram de maneira significativa nas médias e proporções das variáveis; vide os gráficos 18, 19, 21, 24 a 27 e tabelas 6 e 7. Por certo, é importante considerar o movimento de redução, mas também é possível afirmar que os resultados ainda corroboram o prognóstico de que valores e crenças conservadores estão de fato enraizados nas sociedades.

De forma semelhante, porém desta vez com um impacto maior sobre a lógica da pesquisa, o desempenho das variáveis de atitudes e comportamentos conservadores não foi de aumento, mas sim de queda gradual ao longo do tempo. Mesmo considerando que, a despeito do movimento de redução, as atitudes e comportamentos associados ao conservadorismo ainda são preponderantes em boa parte dos indicadores; o ponto central é que os dados para essa dimensão não refletiram a observação inferencial da ocorrência de um fortalecimento de movimentos, discursos e atores políticos conservadores.

Em alguma medida, a realidade dos dados divergiu da realidade observada no contexto político e social atual. De todo modo, consideramos que, mesmo sem a intensidade ou direção esperada do desempenho de algumas variáveis, elas se mostraram relevantes para buscar compreender o avanço do conservadorismo. Isto porque, conforme esperado: 1) identificamos a percepção negativa sobre a conjuntura; 2) crenças e valores se mostraram enraizados; 3) comportamentos e atitudes foram preponderantes em boa parte das médias e proporções obtidas com a estatística descritiva; 4) houve coesão do modelo identificada pelas análises fatoriais; 5) na análise de redes, foi possível identificar que conjuntura e crenças possuem um papel de moderado a importante para atitudes e comportamentos; sendo, como se esperava, a percepção da conjuntura intermediada pelas crenças.

Neste contexto, a realização da análise fatorial foi fundamental para filtrar e refinar essas variáveis. Efetivamente, a análise fatorial permitiu que as dimensões construídas de maneira abstrata, a partir de inferências e da literatura, fossem testadas para a realidade dos dados e reformuladas de modo a adquirir maior robustez e coesão.

O resultado corroborou a instrumentalização elaborada, pois a maioria das variáveis selecionadas apresentaram cargas fatoriais significativas. Complementarmente, os fatores formados corresponderam a temas que já haviam sido identificados teoricamente como princípios conservadores.

Na comparação entre os casos, a análise fatorial resultante teve alguns elementos diferentes (presença ou ausência de variáveis e composição dos fatores); tais como a interpretação sobre a ciência ou o desempenho das variáveis relativas à religiosidade. Destarte, essa análise indica que mesmo que Brasil e Estados Unidos compartilhem de conjunturas instáveis e de estruturas conservadoras, os indivíduos desses países têm percepções ligeiramente díspares do contexto em que se inserem e apresentam diferentes modelos ou tipos de conservadorismo.

Assim sendo, outro achado importante da análise fatorial exploratória foi a identificação de quais questões conjunturais e princípios conservadores têm coesão teórica-empírica no atual avanço do conservadorismo no Brasil e Estados Unidos. Para conjuntura instável, foram destacados: segurança, condições de vida, situação política e questões relacionadas à sobrevivência. Avaliando as questões culturais latentes e manifestas, tiveram coerência os seguintes aspectos: papéis sociais de gênero, ideologia liberal econômica, religiosidade, formas de organização social, hierarquia, nacionalismo, moralidade, intolerância, senso de comunidade e normas de conduta. Além dessas classificações terem sido fundamentais para a pesquisa, esperamos que elas possam servir de referência a outros estudos sobre o avanço do conservadorismo no século XXI no Ocidente.

Doravante, a seguir da estatística de cunho mais exploratório, realizamos dois diferentes testes estatísticos com o objetivo de tentar oferecer respostas e explicações para a pergunta que norteia a pesquisa. Isto é, compreender como conjuntura e cultura se relacionam com o avanço do conservadorismo no século XXI no Brasil e Estados Unidos. Por isso, foram feitos esforços para avaliar de forma complementar os seguintes aspectos: a) a possibilidade de prever atitudes e comportamentos conservadores a partir da percepção de conjuntura, crenças e valores, b) se há relação entre as variáveis e dimensões selecionadas na pesquisa, c) qual a direção e força dessas relações.

Na modelagem por equações estruturais, o objetivo era conferir a plausibilidade estatística do modelo teórico proposto, ou seja, ver se a lógica do estudo e as regressões das variáveis são compatíveis. Foram elaborados diferentes modelos para ambos os casos com o propósito de se aproximar simultaneamente do desenho de pesquisa e dos resultados da análise fatorial.

Contudo, ainda na fase de testes sobre a estruturação do modelo, os indicadores de ajuste não atingiram os parâmetros necessários para obter significância estatística (tabelas 25 e 26). Logo, a conclusão sugerida é a de que a proposta explicativa da pesquisa não encontra respaldo na realidade dos dados. Alternativamente, esse pode ser mais um indicativo de que a mensuração necessita de ajustes. Pode ainda significar que o crescimento do conservadorismo manifesto é resultado de um processo mais denso, complexo e inter-relacionado.

Para averiguar essa possibilidade e buscar analisar as relações entre as dimensões de estudo, foi efetuada a análise de redes. Nesse teste são mensuradas as correlações parciais entre as variáveis, considerando o modelo como um sistema único interconectado e multidirecional.

Foram obtidos resultados de todos os níveis: correlações fracas, moderadas e fortes. Com isso, foi possível inferir informações relevantes.

De fato, existem relações positivas entre crenças e valores com atitudes e comportamentos. No entanto, elas não chegaram a ser fortes, os resultados foram fracos para o Brasil e moderados para os Estados Unidos. As dimensões que parecem ter maior protagonismo são onda (o tempo) e crenças devido à sua centralidade no modelo explicativo. Dito de outro modo, ano e crenças estão relacionadas diretamente com o desempenho das demais dimensões, enquanto há outras variáveis que só se correlacionam se passarem antes por uma delas.

Nessa mesma esteira, um exemplo interessante de intermediação ocorreu no caso norte-americano, em que conjuntura se relaciona com as atitudes e comportamentos por meio da variável de preocupação com a guerra, apesar dessa variável em si ter uma correlação direta positiva fraca com atitudes e comportamentos. A variável de preocupação com a guerra foi inserida nas análises do caso norte-americano, a despeito de seu tratamento estatístico, devido ao seu significado político histórico no país. Mesmo que sua atuação na dinâmica do avanço do conservadorismo não seja clara ou direta, é factual assumir que a variável interfere no processo.

Outra peculiaridade do modelo americano foi a obtenção de uma rede mais densamente interconectada do que a brasileira. Isso indica que as variáveis selecionadas nessa pesquisa tiveram melhor desempenho para os Estados Unidos do que para o Brasil. Na avaliação da pertinência do modelo explicativo, é importante destacar que a dimensão de atitudes e comportamentos demonstrou, conforme esperado, forte envolvimento com as demais variáveis (quantidade e força das correlações parciais).

Neste ponto é importante retomar as questões centrais que permearam a pesquisa, iniciando pela confirmação, por meio dos resultados descritivos, da premissa de que há uma conjuntura de instabilidade associada à percepção de crises e conflitos. Outro fator corroborado pelos dados é o de que tanto Brasil quanto Estados Unidos apresentam enraizamento de crenças e de valores conservadores.

Em contrapartida, não foi possível identificar por meio dos dados o prognóstico de que haveria um aumento do conservadorismo manifesto ao longo do tempo. Pelo contrário, a tendência apresentada tanto na análise descritiva quanto pela análise de redes é a redução de atitudes e comportamentos conservadores. Por fim, a capacidade de predição das atitudes e comportamentos pelas dimensões de conjuntura, crenças e valores não foi confirmada; na

verdade não foi nem mensurada, pois a modelagem por equações estruturais não atingiu os parâmetros mínimos de significância.

Contudo, de maneira complementar, identificamos por meio da análise de redes que as variáveis independentes do modelo explicativo realmente se relacionam com a variação de atitudes e comportamentos. Logo, é plausível concluir que os elementos explicativos – crenças, valores e conjuntura – são importantes para a ocorrência e a compreensão do fenômeno.

Mesmo tendo construído ferramentas teóricas e empíricas robustas para explicar o avanço do conservadorismo e alcançado resultados que contribuem para a compreensão do evento nos casos estudados, não foi possível identificar diretamente por meio delas o que particularmente explica ou prediz esse avanço; ainda que a análise dos dados tenha indicado a importância das variáveis de conjuntura, crenças e valores.

Com efeito, é indispensável o questionamento e a reflexão sobre as razões pelas quais os resultados não foram os esperados. Iniciando pela questão metodológica, conforme mencionado anteriormente, o avanço conservador enquanto fenômeno a ser estudado envolve muitos desafios de mensuração. Primeiramente, é um objeto de estudo complexo e ainda pouco explorado, o que configura uma vasta gama de possíveis fatores e causas explicativas. Em consequência disso, mesmo a partir de um recorte, como o que foi feito nessa pesquisa, os modelos explicativos acabam sendo densos. Outra dificuldade, para quem trabalha sob a perspectiva quantitativa, é a inexistência de questões com esse enquadramento temático em pesquisas tipo survey já consolidadas com dados longitudinais. Portanto, tivemos que enfrentar dois obstáculos importantes e recorrentes nesse tipo de pesquisa: a mensuração indireta (via *proxy*) de dimensões e a condensação de um conjunto grande de variáveis.

Combinando a interpretação dos achados empíricos com aspectos teóricos, chama a atenção o fato de que o modelo parece ter se adequado mais à realidade norte-americana do que a brasileira. Por um lado, é possível que a explicação realmente faça mais sentido dentro das estruturas políticas e culturais dos Estados Unidos, em que a tradição conservadora enquanto ideologia e grupo político é mais consolidada, as conjunturas de crise são mais discrepantes em relação ao contexto geral da história do país. Contudo, é importante salientar que, mesmo avaliando a cultura política brasileira como mais híbrida ou ambivalente do que a norte-americana, incluindo nisso o aspecto conservador, nesta pesquisa seguimos o entendimento de Soares (1965) de que a política brasileira possui conteúdo e coesão ideológica.

Mas também é possível que os instrumentos de aferição do *World Values Survey* sejam mais apropriados à realidade norte-americana devido ao país ser o local onde a pesquisa teve origem. Esta última prognose aponta para a necessidade de se desenvolver mais pesquisas culturalmente diversificadas, com origens ou base em países fora do eixo dos países mais desenvolvidos.

Além da possibilidade de ambivalências de crenças, valores, atitudes e comportamentos, outro fator apontado pela literatura e reafirmado nessa conclusão sobre os resultados da pesquisa, é o potencial das expectativas sociais enquanto um balizador da cultura política dos indivíduos. Especialmente no caso brasileiro, a onda foi aplicada um pouco antes da eleição de Jair Bolsonaro, quando o posicionamento mais conservador ainda não estava tão socialmente legitimado na figura e discurso do Presidente da República e seus aliados eleitos ou nomeados. Tratando mais especificamente da cultura política, outra suposição admissível é a de que o apoio ao conservadorismo é mais específico do que difuso, o que faz com que as pessoas se declarem menos conservadoras do que realmente são na prática.

Contudo, mesmo considerando as questões supracitadas, assumimos a seguinte explicação teórica para os achados da pesquisa: não foi possível identificar empiricamente o aumento do conservadorismo, nem apontar fatores específicos para explicar esse avanço porque 1) o fenômeno é composto pela disputa entre forças conservadoras e progressistas, o que faz com a atuação do conservadorismo se dê menos por quantidade de indivíduos, e sim pelo aumento da expressividade ou intensidade das atitudes e comportamentos; 2) o fenômeno é mais interconectado do que linearmente causal.

Esse conjunto de inferências analíticas, não contradiz necessariamente os pressupostos assumidos inicialmente na pesquisa. Na verdade, considerando a tese proposta, o desenho da pesquisa e as construções teóricas, avaliamos que essas conclusões, ao mesmo passo que relativizam alguns aspectos, os complementam e aprofundam.

Apesar de ressignificar parte do seu entendimento, os achados empíricos não negam o avanço do conservadorismo. A suposição se sustenta ao considerar que esse aumento parece não ocorrer em quantidade, mas sim, tenha ganhado mais espaço, impacto e frequência por parte do grupo mais alinhado a essa concepção de mundo. Isto é, o avanço conservador não significa um aumento em número, mas sim, em força.

De forma conexa, a disputa entre forças progressistas e conservadoras, já identificada na contextualização, explica o movimento de redução gradual dos indicadores de

conservadorismo manifesto ou latente. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos ponderar também que o conservadorismo avança paralelamente ao crescimento e atuação de grupos progressistas e pautas controversas ao ideário conservador. O discurso conservador não é o único disputando e ocupando lugar nos cenários social e político.

Em congruência, conforme definido teoricamente ao longo da tese, a contestação das instituições e normativas tradicionais da sociedade, tende a gerar uma reação de grupos conservadores; aumentando sua atuação política na tentativa de influenciar a sociedade e “conter os danos”. Essas elucidações são corroboradas pela confirmação da existência de enraizamento de crenças e valores congruentes ao conservadorismo nos dois países analisados.

Nestes termos, mantém-se o prognóstico de que o crescimento do poder conservador está associado a conjunturas e específicas e sua adesão baseada na congruência de seus princípios com a cultura política da sociedade. Além disso, os resultados da pesquisa por si só também já indicam uma das respostas para a divergência entre a expectativa teórica e a realidade dos dados: diferentemente do que foi testado na modelagem, a análise de redes demonstrou que o processo que propicia o avanço conservador não é um processo linearmente causal, mas sim, um sistema de fatores que se relacionam e se retroalimentam; com destaque para o papel das dimensões de crenças e conjuntura. Com base nesses achados, sustentamos que assim, como a medida do avanço do conservadorismo, a força da proposta explicativa se concentra mais no potencial conjunto e interconectado das variáveis. Esse argumento lógico é reforçado pela inadequação de métodos mais hierárquicos e causais, como os resultados que obtivemos para a modelagem por equações estruturais.

Para avaliar de forma aplicada os possíveis desvios metodológicos e as explicações alternativas, seria necessário desenvolver novos estudos incluindo as questões teórico analíticas e de mensuração levantadas nessa conclusão. O esforço para compreender um fenômeno complexo, não profusamente explorado e ainda durante o seu desenrolar é desafiador, mas sem dúvidas é de fundamental importância para o campo de conhecimento e é muito estimulante à curiosidade do pesquisador. Com isso esperamos, ter contribuído com resultados, *insights* e ferramentas teóricas e empíricas que contribuam para a execução de novas pesquisas e a construção de conhecimento sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. The influence of attitudes on behavior. The handbook of attitudes. Albarracín D, Johnson BT, Zanna MP (Ed.). ed: Mahwah, NJ: Erlbaum, 2005.
- ALLITT, Patrick. The conservatives: Ideas and personalities throughout American history. Yale University Press, 2009.
- ALLPORT, Gordon W. Attitudes: a handbook of social psychology. Clark University Press, Worcester, 1935.
- ARDILA, Ruben. Behavior Analysis applied. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). International encyclopedia of the social & behavioral sciences. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- ALMOND, Gabriel A; COLEMAN, James S. A política das áreas em desenvolvimento. Programa de Publicações Didáticas, Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, USAID, 1969.
- ALMOND, Gabriel A.; VERBA, Sidney. The Civic Culture: political attitudes and democracy in five nations. Boston: Little, Brown and Company (Inc.), 1965.
- ARISTÓTELES. Política. Brasília: UNB, 3ª ed., 1997.
- ATLAS NETWORK. About. 2019. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/about>>. Acesso em 22/05/2019.
- BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latinoamericanas. Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2016.
- BANDURA, Albert; WALTERS, Richard H. Social Learning and Personality Development. Holt Rinehart and Winston, New York. 1963.
- BAQUERO, Marcello. O papel dos adolescentes no processo de construção democrática no Brasil: um estudo preliminar de socialização política. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- BAQUERO, Marcello. Cultura política participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. São Paulo em perspectiva, v. 15, p. 98-104, 2001.
- BAQUERO, Marcello. Qual Democracia para a América Latina? Capital social e empoderamento são a Resposta? Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- BARKER, E. The Political Thought of Plato and Aristotle. Mineola, New York: Dover Publications, 1959.
- BARROCO, Maria Lúcia Silva. Ética: fundamentos sócio-históricos. São Paulo: Cortez, 2009.
- BASSETS. Marc. NAÏR. Nair . O que está por trás do discurso de ódio. Jornal El País, 5 de novembro de 2014. disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/05/internacional/1415160377_905116.html>. Acesso em 20/07/2019.
- BELL, Daniel. The Coming of Post-industrial Society. A Venture in Social Forecasting. Basic Books, New York, 1973.
- BEM, Daryl J. Beliefs, attitudes, and human affairs. Belmont, CA: Brooks. 1970.
- BENDER, Gerald J. Political socialization and political change. The Western Political Quarterly, v. 20, n. 2, p. 390-407, 1967.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BENTLER, P. M.; BONETT, D. G. Significance tests and goodness-of-fit in the analysis of covariance structures. Psychological Bulletin, 88(3), 588-606. 1980.
- BIRD, Charles. Social psychology. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1940.
- BIZER, George Y. Attitudes. In: SPIELBERGER, Charles (org). Encyclopedia of applied psychology. Academic press, 2004.
- BLEIKER, Carla. A insurreição dos conservadores decepcionados com Trump. 27 de Agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-insurrei%C3%A7%C3%A3o-dos-conservadores-decepcionados-com-trump/a-54717754>>. Acesso em: 18/11/2020.

- BLOOM, A. *The Republic of Plato*. Translated, with notes, an interpretive essay and a new introduction. New York: Basic Books, 1991.
- BOBBIO, Norberto et al. MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*, v. 1, 1998.
- BOGARDUS, Emory S. Measuring social distance. *Journal of applied sociology*, v. 9, p. 299-308, 1925.
- BLACK, M. B. Belief systems. In: Honigmann J J (ed.) *Handbook of Social and Cultural Anthropology*. Rand, 1973.
- BOLLEN, K. A. *Confirmatory Factor Analysis*. In K. A. Bollen (Ed.), *Structural Equations with latent variables* (pp. 226-318). Willey. 1989.
- BURITY, Joanildo. ¿Ola conservadora y surgimiento de la nueva derecha cristiana brasileña? La coyuntura postimpeachment en Brasil. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, v. 22, p. e020015-e020015, 2020.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1982.
- BURKE, Edmund. *Thoughts and details on scarcity*. 1994.
- BURKE, Edmund. Discurso aos eleitores de Bristol. *Revista de Sociologia e Política*, v. 20, n. 44, p. 97-101, 2012.
- CARO, Miguel Antonio. *Artículos y discursos*. Bogotá, 1951.
- CARVALHO, José Murilo de. A utopia de Oliveira Viana. *Revista Estudos Históricos*, v. 4, n. 7, p. 82-99, 1991.
- CHAIKEN, Shelly. Attitude formation: function and structure. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- CITIZENGO. About us. 2019. Disponível em: <<https://www.citizenngo.org/en/about-us>>. Acesso em: 01/06/2019.
- COHEN, Jacob. Quantitative methods in psychology: A power primer. *Psychol. Bull.*, v. 112, p. 1155-1159, 1992.
- CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics (1964). *Critical review*, v. 18, n. 1-3, p. 1-74, 2006.
- COSGROVE, Kenneth M. *Branded conservatives: How the brand brought the right from the fringes to the center of American politics*. Peter Lang, 2007.
- CROISSANT, Jennifer L.. Values. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan Reference USA/Thomson Gale, 2008.
- CÚPULA CONSERVADORA. 2018. Disponível em <http://www.cupulaconservadora.com.br/index_NOVO.html>. Acesso em 23/05/2019.
- DALTON, Russell J. Citizen attitudes and political behavior. *Comparative political studies*, v. 33, n. 6-7, p. 912-940, 2000.
- DEFLEUR, Melvin L.; WESTIE, Frank R. Attitude as a scientific concept. *Social Forces*, v. 42, n. 1, p. 17-31, 1963.
- DIP, Andrea; VIANA, Natália. Os pastores de Trump chegam a Brasília. *Jornal El País*, 12 de agosto de 2019. disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/12/politica/1565621932_778084.html>. Acesso em 25/02/2021.
- EAGLY, Alice H.; CHAIKEN, Shelly. *The psychology of attitudes*. Harcourt brace Jovanovich college publishers, 1993.
- EAGLY, Alice H. Attitudes. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan Reference USA/Thomson Gale, 2008.
- EASTON, David. *The Political System: An Inquiry into the State of Political. Science*, p. 1051-61, 1953.
- EASTON, David. *Uma teoria de análise política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- EASTON, David; DENNIS, Jack. *Children in political system: origins of political legitimacy*. New York: McGraw-Hill, 1969.

- ECKSTEIN, Harry. Authority relations and governmental performance: a theoretical framework. *Comparative Political Studies*, v. 2, n. 3, p. 269-325, 1969.
- EKMAN, Joakim; AMNÅ, Erik. Political Participation and Civic Engagement: Towards a New Typology. *Human Affairs* 22, 283–300, 2012.
- EPSKAMP, S., CRAMER, A.O., WALDORP, L.J., SCHMITTMANN, V.D., BORSBOOM, D.. Qgraph: network visualizations of relationships in psychometric data. *Journal of statistical software* 48(4), 1–18. 2012.
- ESTADÃO. Para entender: Alternativa para Alemanha, o partido de extrema-direita no Bundestag. Sessão Internacional, 26 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,para-entender-alternativa-para-a-alemanha-o-partido-de-extrema-direita-no-bundestag,70002016830>>. Acesso em: 15/05/2019.
- ESTADÃO. Extrema direita alemã faz site em defesa da escola sem partido. Sessão internacional, 11 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,extrema-direita-alema-faz-site-em-defesa-da-escola-sem-partido,70002544335>>. Acesso em 14 de outubro de 2018.
- FALTER, J. W. Behavioralism: political. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana. 11 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em: 22/05/2019.
- FAORO, Raymundo. Os donos do poder formacao de patronato politico brasileiro vol 2. Alegre Editora Globo, 1975.
- FAZIO, Russell H. How do attitudes guide behavior. *Handbook of motivation and cognition: Foundations of social behavior*, v. 1, p. 204-243, 1986.
- FAZIO, Russel H. Accessible attitudes as tools for object appraisal: Their costs and benefits. In MAIO, Gregory R.; OLSON, James M. (Eds.), *Why we evaluate: Functions of attitudes* (pp. 1-36). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- FESTINGER, Leon. *A theory of cognitive dissonance*. Stanford university press, 1957.
- FISHBEIN, Martin; AJZEN, Icek. Attitudes and opinions. *Annual review of psychology*, v. 23, n. 1, p. 487-544, 1972.
- FISHBEIN, Martin. Intentional Behavior. In: SPIELBERGER, Charles (org). *Encyclopedia of applied psychology*. Academic press, 2004.
- FINKEL, Eli J.; BAUMEISTER, Roy F. *Advanced social psychology: The state of the science*. Oxford University Press, 2010.
- FREEMAN, L. C.. Centrality in social networks conceptual clarification. *Social networks*, 1(3), 215-239. 1978.
- FREYRE, Gilberto. Em torno do problema de uma cultura brasileira. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 4, n. 2, p. 167-171, 1943.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Brasília: Editora da UnB, 1963.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
- FRIEDMAN, J., HASTIE, T., & TIBSHIRANI, R. *Glasso: Graphical lasso – estimation of Gaussian graphical models*. 2014.
- FRIEDMAN, J., HASTIE, T., TIBSHIRANI, R. Sparse inverse covariance estimation with the graphical lasso. *Biostatistics*, 9(3), 432–441. 2008.
- GARCÉS, Manuel Mosquera. *La ciudad creyente*. Bogotá: Editorial Centro, 1938.
- GARCÉS, Manuel Mosquera. Editoriais El Pueblo. Novembro-Dezembro 1941. Disponível em: <https://archivosmosqueragarces.org/entrada-de-prueba-2/>.
- GOOD, B. J. Belief, Anthropology of. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- GRAMSCI, Antonio; COUTINHO, Carlos Nelson. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

- HAGEN, Everett E. *On the Theory of Social Change*. Tavistock, London, 1964.
- HAHN, Robert A. *Understanding beliefs: An essay on the methodology of the statement and analysis of belief systems*. *Current Anthropology*, v. 14, n. 3, p. 207-229, 1973.
- HANS-GEORG, Gadamer. *A ideia do bem entre Platão e Aristóteles*. WMF Martins Fontes; 1º ed, 2009.
- HARRISON, Glenn W.. *Value Subjective*. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan Reference USA/Thomson Gale, 2008.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HAUBERT, Mariana. *Cúpula divulga carta de foz documento com anseios dos conservadores da América Latina*. 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cupula-divulga-carta-de-foz-documento-com-anseios-dos-conservadores-da-america-latina-leia,70002640409>>. Acesso em 23/05/2019.
- HAYEK FRIEDRICH, A. *The constitution of liberty*. 1960.
- HAYEK, Friedrich A. *Porque não sou um conservador. Os fundamentos da liberdade*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1983.
- HIRSCHMAN, Albert O. *A Retórica da Intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HOFFMAN, Martin L. *Moral development*. In: MUSSEN Paul H. (ed.) *Carmichael's Manual of Child Psychology*, 3rd edn. Wiley, New York, pp. 261-360, 1970.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HULL, Clark L. *Principles of behavior*. New York: Appleton-century-crofts, 1943.
- HUNTINGTON, Samuel P. *Conservatism as an Ideology*. *American Political Science Review*, v. 51, n. 2, p. 454-473, 1957.
- HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and The Remaking of World Order*. Ed. Simon & Schuster, 2011.
- HUTCHINGS, Vincent L. *Attitudes political*. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan Reference USA/Thomson Gale, 2008.
- HYMAN, Herbert. *Political socialization: a study in the psychology of political behavior*. Glencoe: The Free Press, 1959.
- INGLEHART, Ronald. *The Silent Revolution. Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton University Press, Princeton, NJ, 1977.
- INGLEHART, Ronald. *Culture shift in advanced industrial society*. Princeton, NJ, 1990.
- INGLEHART, Ronald e WELZEL, Christian. *Modernização, mudança cultural e democracia*. São Paulo, Ed. Verbena, 2009.
- JARY, D. Y JARY, J. 1991. *The Harpers Collins dictionary of sociology*. Harpers Collins. New York, United State of America. Publishers Ltda.
- JENNINGS, Kent M.; NIEMI, Richard G. *The political character of adolescence: the influence of families and schools*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- JUNTOS POR MÉXICO. *Quiénes Somos*. 2019. Disponível em: <<https://juntospormexico.org.mx/quienes-somos-2/>>. Acesso em: 25/05/2019.
- KATZ, Daniel; STOTLAND, Ezra. *A preliminary statement to a theory of attitude structure and change*. *Psychology: A study of a science*, v. 3, n. 423-475, 1959.
- KATZ, Daniel. *The functional approach to the study of attitudes*. *Public opinion quarterly*, v. 24, n. 2, p. 163-204, 1960.
- KIMBLE, G. A. *Behaviorism*. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- KIRK, Russell. *The conservative mind, from Burke to Santayana*. Chicago: Henry Regnery Company, 1953.
- KITCHNER, Richard F. *Behaviorism*, In: DARITY JR WILLIAM, A. *International Encyclopedia of the Social Sciences*. USA: The Gale Group, 2008.

- KLUCKHOHN, Clyde. Values and value-orientations in the theory of action: An exploration in definition and classification. Harvard University Press, Cambridge, MA, pp. 338–433. 1951.
- KLUCKHOHN, Florence R.; STRODTBECK, Fred L. Variations in value orientations. Row, Peterson, Evanston, IL, 1961.
- KOHLBERG, Lawrence. The development of modes of moral thinking and choice in the years 10 to 16. University of Chicago, 1958.
- KOHN, Melvin L. Class and conformity, A study in values. University of Chicago Press, Chicago, 1977.
- KOKAY, Érika. Da Hungria às Filipinas, onde o populismo de direita chegou ao poder. 29 de outubro de 2018. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/deutschewelle/2018/10/29/onde-o-populismo-de-direita-esta-no-poder-no-mundo.htm>>. Acesso em 18/06/2019.
- KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde. Culture: A critical review of concepts and definitions. Papers. Peabody Museum of Archaeology & Ethnology, Harvard University, 1952.
- KUCZYNSKI, Leon. Socialization goals and mother–child interaction: Strategies for long-term and short-term compliance. *Developmental Psychology*, v. 20, n. 6, p. 1061, 1984.
- KUCZYNSKI, Leon. Values, development of. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- LASCH, Christopher. The culture of narcissism. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v. 44, n. 5, p. 426, 1980.
- LAURITZEN, S. L. Graphical models. Oxford, UK: Clarendon Press. 1996.
- LAWRENCE, Jeanette A.; VALSINER, Joan. Conceptual roots of internalization: From transmission to transformation. *Human development*, v. 36, n. 3, p. 150-167, 1993.
- LE BON, Gustave. *Psicologia das Massas* (1895). Lisboa: Esquilo, 2005.
- LEVINE, Robert A. Political Socialization and Culture Image. In C. Geertz (ed.), *Old Societies and New States*. New York, 1963.
- LIPPMANN, Walter. *The phantom public*. Piscataway. 1925.
- LIPPMANN, Walter. *Public opinion*. Transaction Publishers, 1946.
- LIPSET, Seymour M. *The First New Nation*. Basic Books, New York, 1963.
- LIPSET, Seymour M. Values, education and entrepreneurship. In: LIPSET, Seymour M.; Solari, Aldo (eds.) *Elites in Latin America*. Oxford University Press, New York, 1967.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. O pensamento conservador ibero-americano na era das independências (1808-1850). *Lua Nova*, n. 74, 2008.
- LOWI, Michael. Conservatism and far-right forces in Europe and Brazil. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.
- MACCOBY, Eleanor E.; MARTIN, John A. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In: HETHERINGTON, Eileen M. (ed.) *Handbook of Child Psychology: Socialization, Personality and Social Development*. Wiley, New York, pp. 1–101, 1983.
- MANNHEIM, K. O significado do conservantismo. In: FORACCHI, M. (Org.). *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. p. 107-136.
- MANSTEAD, Antony S. R. Attitudes and behavior. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Boitempo editorial, 2015.
- MBL. Propostas aprovadas no Primeiro Congresso Nacional do Movimento Brasil Livre. Novembro de 2015. <http://mbl.org.br/propostas/>. acesso em: 23/05/2019.
- MENDONÇA, Carla Etiene. *Jovens do Brasil e dos Estados Unidos e o uso da autocomunicação de massa: uma comparação possível*. 2013.
- MERTON, Robert C. *Social theory and social structure*. Simon and Schuster, 1968.
- MILL, John S. *A system of logic ratiocinative and inductive* London. 1886.

- MILFONT, Taciano L.; DUCKITT, John; WAGNER, Claire. A cross-cultural test of the value–attitude–behavior hierarchy. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 40, n. 11, p. 2791-2813, 2010.
- MÎNDRILĂ, D. Maximum likelihood (ML) and diagonally weighted least squares (DWLS) estimation procedures: A comparison of estimation bias with ordinal and multivariate non-normal data. *International Journal of Digital Society*, 1(1), 60-66. 2010.
- MOISÉS, José Álvaro. *Os Brasileiros e a Democracia: bases sociopolíticas da legitimidade democrática*. São Paulo: Ática. 1995.
- MOSCA, Gaetano. *Elementi di Scienza Política*. Torino, Unione Tipografico-editrice torinese, 1982.
- MSP. *Movimiento Social Patriotas*. 2019. Disponível em: <<https://www.socialpatriotas.cl/>>. Acesso em 24/05/2019.
- NAÏR, Sami. O que está por trás do discurso de ódio. *Jornal El País*, 8 de dezembro de 2018. disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/internacional/1544180778_836431.html>. Acesso em 15/02/2019.
- NASH, George. *The Conservative Intellectual Movement in America: since 1945*. New York: Basic Books, 1976.
- O GLOBO. Conheça nove propostas do partido de extrema-direita alemão AfD. 25 de Sessão Mundo. 25 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/conheca-nove-propostas-do-partido-de-extrema-direita-alemao-afd-21867881>>. acesso em: 15/05/2019.
- OAKESHOTT, Michael. *On Being Conservative*. In: *Rationalism in Politics and other essays*. Indianapolis: Liberty Fund, 1991. Disponível em: <http://faculty.rcc.edu/sellick/On%20Being%20Conservative.pdf>
- OPSAHL, T., AGNEESSENS, F., & SKVORETZ, J. Node centrality in weighted networks: Generalizing degree and shortest paths. *Social networks*, 32(3), 245-251. 2010.
- ORTEGA Y GASSET, José. *História como Sistema: Mirabeau ou o político*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- OSKAMP, Stuart; SCHULTZ, P. Wesley. *Attitudes and opinions*. Psychology Press, 2005.
- OYSERMAN, Daphna. Values: psychological perspectives. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- PARETO, Vilfredo. *Manual de Economia Política*. Tradução de João Guilherme Vargas Netto. 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- PAROT, F. Behaviorism, History. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- PARSONS, Talcott. *The Social System*. New York: Free Press. 1951.
- PERCHERON, Annick et al. Les 10-16 ans et la politique. Paris: Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques, pp. 95-137, 1978.
- PLATÃO. *A Teoria das Ideias*. Hunter Books, 2017.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- PUTNAM, Robert D.; LEONARDI, Robert D.; NANETTI, Raffaella Y. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- PUTNAM, Robert D. et al. *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Simon and schuster, 2000.
- PYE, Lucian W. The concept of political development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 358, n. 1, p. 1-13, 1965.
- R CORE TEAM R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. <https://www.R-project.org/>. 2021.
- RAMOS, Flamarion Caldeira; MELO, Rúrion; FRATESCHI, Yara. *Manual de filosofia política: para os cursos de teoria do Estado, e ciência política, filosofia e ciências sociais*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- REGAN, Dennis T.; FAZIO, Russell. On the consistency between attitudes and behavior: Look to the method of attitude formation. *Journal of experimental social psychology*, v. 13, n. 1, p. 28-45, 1977.
- RENNÓ, Lucio; AVRITZER, Leonardo; CARVALHO, Priscila Delgado de. Enraizando o populismo de direita sob a covid-19: negacionismo, mobilidade social e aprovação do governo no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 2021.

- REZSOHAZY, Rudolf. Values, sociology of. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- RICUPERO, Bernardo. *O conservadorismo difícil. Revisão do pensamento conservador*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- ROBIN, Corey. *The Reactionary Mind: Conservatism from Edmund Burke to Sarah Palin*. New York: Oxford University Press, 2011.
- ROBINAUGH, D. J., MILLNER, A. J., & MCNALLY, R. J. Identifying highly influential nodes in the complicated grief network. *Journal of abnormal psychology*, 125(6). 2016.
- ROHAN, Meg J. A rose by any name? The values construct. *Personality and social psychology review*, v. 4, n. 3, p. 255-277, 2000.
- ROKEACH, Milton. A Theory of Organization and Change Within Value-Attitude Systems. *Journal of Social Issues*, v. 24, n. 1, p. 13-33, 1968.
- ROKEACH, Milton. Long-range experimental modification of values, attitudes, and behavior. *American psychologist*, v. 26, n. 5, p. 453, 1971.
- ROKEACH, Milton. *The nature of human values*. Free press: New York, 1973.
- ROSENBERG, Milton J.; HOVLAND, C. I. Cognitive, affective, and behavioral components of attitudes. In: ROSENBERG, Milton; HOVLAND, Carl; MCGUIRE, William; ABELSON, Robert; BREHM, Jack (Eds.). *Attitude organization and change*. New Haven, CT: Yale University Press, 1960.
- ROSENBERG, Milton J.; ABELSON, Robert P. An analysis of cognitive balancing. In: ROSENBERG, Milton; HOVLAND, Carl; MCGUIRE, William; ABELSON, Robert; BREHM Jack (Eds.). *Attitude organization and change*. New Haven, CT: Yale University Press, 1960.
- ROSSEEL, Y. Lavaan: an R package for structural equation modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36. 2012.
- RUBIM, Antonio A. C.; AZEVEDO, Fernando A. *Mídia e política no Brasil: textos e agenda de pesquisa*. Lua Nova, nº 43, São Paulo, jan.-abr., p. 189-216, 1998.
- RUMBO LIBERTAD. *Quiénes somos*. Outubro de 2016. Disponível em: <https://rumbolibertad.org/rumbo-libertad-quienes-somos/>. Acesso em 23/05/2019.
- SANTOS, Cleverson Fleming dos. O conservadorismo de Gilberto Freyre: uma premissa compreensiva para as contribuições de sua obra inaugural. *Habitus*, v. 13, n. 2, 2016.
- SCHMIDT, João Pedro. *Juventude e política nos anos 1990: um estudo de socialização política no Brasil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- SCHNEIDER, Gregory L. *The conservative century: from reaction to revolution*. Rowman & Littlefield, 2009.
- SCHREIBER, Mariana. Como movimentos similares ao Escola sem Partido se espalham por outros países. *BBC Brasil*, 13 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44787632>>. Acesso em 25 de julho de 2018.
- SCHUMAN, Howard; JOHNSON, Michael P. Attitudes and behavior. *Annual review of sociology*, v. 2, n. 1, p. 161-207, 1976.
- SCHWARTZ, Shalom H. Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in experimental social psychology*, v. 25, n. 1, p. 1-65, 1992.
- SCHWARZ, Norbert. Attitude measurement. In: SMELSER, Neil J. et al. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- SCRUTON, Roger. *Como ser um conservador*. Editora Record, 2015.
- SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. *The Tea Party and the remaking of Republican conservatism*. Oxford University Press, 2016.
- SIGEL, Roberta S. (ed.) *Political learning in adulthood: a sourcebook of theory and research*. Chicago/Londres: The University Chicago Press, 1989.
- SKINNER, Burrhus F. *Contingency and reinforcement. A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts, New York, 1969.
- SMITH, Hattie N. A scale for measuring attitudes about prohibition. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 26, n. 4, p. 429, 1932.

- SMITH, M. Brewster. The personal setting of public opinions: A study of attitudes toward Russia. *Public Opinion Quarterly*, v. 11, n. 4, p. 507-523, 1947.
- SMITH, M. Brewster; BRUNER, Jerome S.; WHITE, Robert W. *Opinions and personality*. New York: Wiley, 1956.
- SMITH, Peter B. Values and Culture. In: SPIELBERGER, Charles (org). *Encyclopedia of applied psychology*. Academic press, 2004.
- SMITH, Murray. Value objective. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan Reference USA/Thomson Gale, 2008.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. *As bases ideológicas do lacerdismo*. Institute of International Studies, University of California, 1965.
- SPENCE, Kenneth W. *Behavior theory and conditioning*. 1956.
- STAATS, Arthur W. Unifying psychology requires new infrastructure, theory, method, and a research agenda. *Review of General Psychology*, v. 3, n. 1, p. 3-13, 1999.
- STADDON, J. Theoretical behaviorism. In: O'DONOHUE W, KITCHENER R (eds.) *Handbook of Behaviorism*. Academic Press, New York, pp. 217–41. 1999.
- STAGNER, Ross. Some factors related to attitude toward war, 1938. *The journal of social Psychology*, v. 16, n. 1, p. 131-142, 1942.
- STEINER, George. Aspects of Counter-revolution. In: BEST, Geoffrey (ed.). *The Permanent Revolution: The French Revolution and Its Legacy, 1789-1989*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- STUDENTS FOR LIBERTY. About. 2019. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/about/>. Acesso em 24/05/2019.
- SWERDLICK, David. Barack Obama, conservative. In: *The Washington Post*, 22 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/11/22/barack-obama-conservative/>. Acesso em 10 outubro de 2020.
- TABER, Charles S.; LODGE, Milton. Motivated skepticism in the evaluation of political beliefs. *American journal of political science*, v. 50, n. 3, p. 755-769, 2006.
- TEUNE, Henry; PRZEWORSKI, Adam. *The logic of comparative social inquiry*. New York: Wiley-Interscience, 1970.
- THORNDIKE, Edward Lee. *Individuality*. Houghton, Mifflin, 1911.
- THURSTONE, L. L.; CHAVE, E. J. *The Measurement of Attitudes*. Chicago: University of Chicago Press, 1929, 1929.
- TIBSHIRANI, R. Regression shrinkage and selection via the lasso. *Journal of the Royal Statistical Society. Series B (Methodological)*, 267–288. 1996.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *O antigo regime e a revolução*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in america*. Regnery Publishing, 2003.
- TOLMAN, Edward C.. *Purposive behavior in animals and men*. University of California Press, 1932.
- TRAFIMOW, David. Attitude measurement. In: SPIELBERGER, Charles (org). *Encyclopedia of applied psychology*. Academic press, 2004.
- TURNER, Robert; BATTLE, Juan. Attitudes behavioral. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Macmillan Reference USA/Thomson Gale, 2008.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História da Independência do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.
- VIANNA, Francisco de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.
- VIDAL, Camila Feix. A presença do conservadorismo no Partido Republicano norte-americano. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- VOX. 100 medidas urgentes de VOX para Espanha. Seis de Outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.voxespana.es>>. acesso em 29/05/2019.

- WAGENER, Volker. O nacionalismo que vem do Leste Europeu. Oito de Janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-nacionalismo-que-vem-do-leste-europeu/a-42069901>>. Acesso em: 18/06/2019.
- WATSON, John B.. Behavior: An introduction to comparative psychology. H. Holt, 1914.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 5ª edição. São Paulo, 1987.
- WICKER, Allan W. Attitudes versus actions: The relationship of verbal and overt behavioral responses to attitude objects. *Journal of Social issues*, v. 25, n. 4, p. 41-78, 1969.
- YOUNG, Clifford. What next for Trump – and Trumpism? [entrevista concedida a Anthony. Zurcher em 22 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-55773123>>. Acesso em: 25/02/2020.
- ZALLER, John R. et al. The nature and origins of mass opinion. Cambridge university press, 1992.
- ZANNA, Mark P.; FAZIO, Russell H. The attitude-behavior relation: Moving toward a third generation of research. In: Consistency in social behavior: The Ontario symposium. p. 283-301. 1982.
- ZURCHER, Anthony. What next for Trump – and Trumpism? 22 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-55773123>>. Acesso em: 25/02/2020.

ANEXOS

I. Quadro 21 – Índice de Paz Global – Indicadores:

Indicador:	Instituição	Medida
Number and duration of internal conflicts ^[6]	UCDP, IEP	Total number
Number of deaths from external organized conflict	UCDP Armed Conflict Dataset	Total number
Number of deaths from internal organized conflict	International Institute for Strategic Studies, Armed Conflict Database	Total number
Number, duration, and role in external conflicts	UCDP Battle-related Deaths Dataset, IEP	Total number
Intensity of organized internal conflict	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Relations with neighbouring countries	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Level of perceived criminality in society	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Number of refugees and displaced persons as percentage of population	UNHCR and IDMC	Refugee population by country or territory of origin, plus the number of a country's internally displaced people (IDP's) as a percentage of the country's total population
Political instability	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Impact of terrorism	Global Terrorism Index (IEP)	Quantitative scale, ranked 1 to 5
Political terror	Amnesty International and US State Department	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Number of homicides per 100,000 people	UNODC Surveys on Crime Trends and the Operations of Criminal Justice Systems (CTS); EIU estimates	Total number
Level of violent crime	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Likelihood of violent demonstrations	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5
Number of jailed persons per 100,000 people	World Prison Brief, Institute for Criminal Policy Research at Birkbeck, University of London	Total number
Number of internal security officers and police per 100,000 people	UNODC CTS; EIU estimates	Total number; Civil police force distinct from national guards or local militia ^[7]
Military expenditure as a percentage of GDP	The Military Balance and IISS	Cash outlays of central or federal government to meet costs of national armed forces, as a percentage of GDP, scores from 1 to 5 based on percentages ^[8]

Number of armed-services personnel per 100,000	The Military Balance and IISS	All full-time active armed-services personnel
Volume of transfers of major conventional weapons as recipient (imports) per 100,000 people	SIPRI Arms Transfers Database	Imports of major conventional weapons per 100,000 people ^[9]
Volume of transfers of major conventional weapons as supplier (exports) per 100,000 people	SIPRI Arms Transfers Database	Exports of major conventional weapons per 100,000 people
Financial contribution to UN peacekeeping missions	United Nations Committee on Contributions and IEP	percentage of countries' "outstanding payments versus their annual assessment to the budget of the current peacekeeping missions" over an average of three years, scored from 1–5 scale based on percentage of promised contributions met
Nuclear and heavy weapons capability	The Military Balance, IISS, SIPRI, UN Register of Conventional Arms and IEP	1–5 scale based on accumulated points; 1 point per armoured vehicle and artillery pieces, 5 points per tank, 20 points per combat aircraft, 100 points per warship, 1000 points for aircraft carrier and nuclear submarine ^[10]
Ease of access to small arms and light weapons	EIU	Qualitative scale, ranked 1 to 5

Fonte: Vision of humanity.

II. Quadro 22 – Mapa de variáveis (WVS)

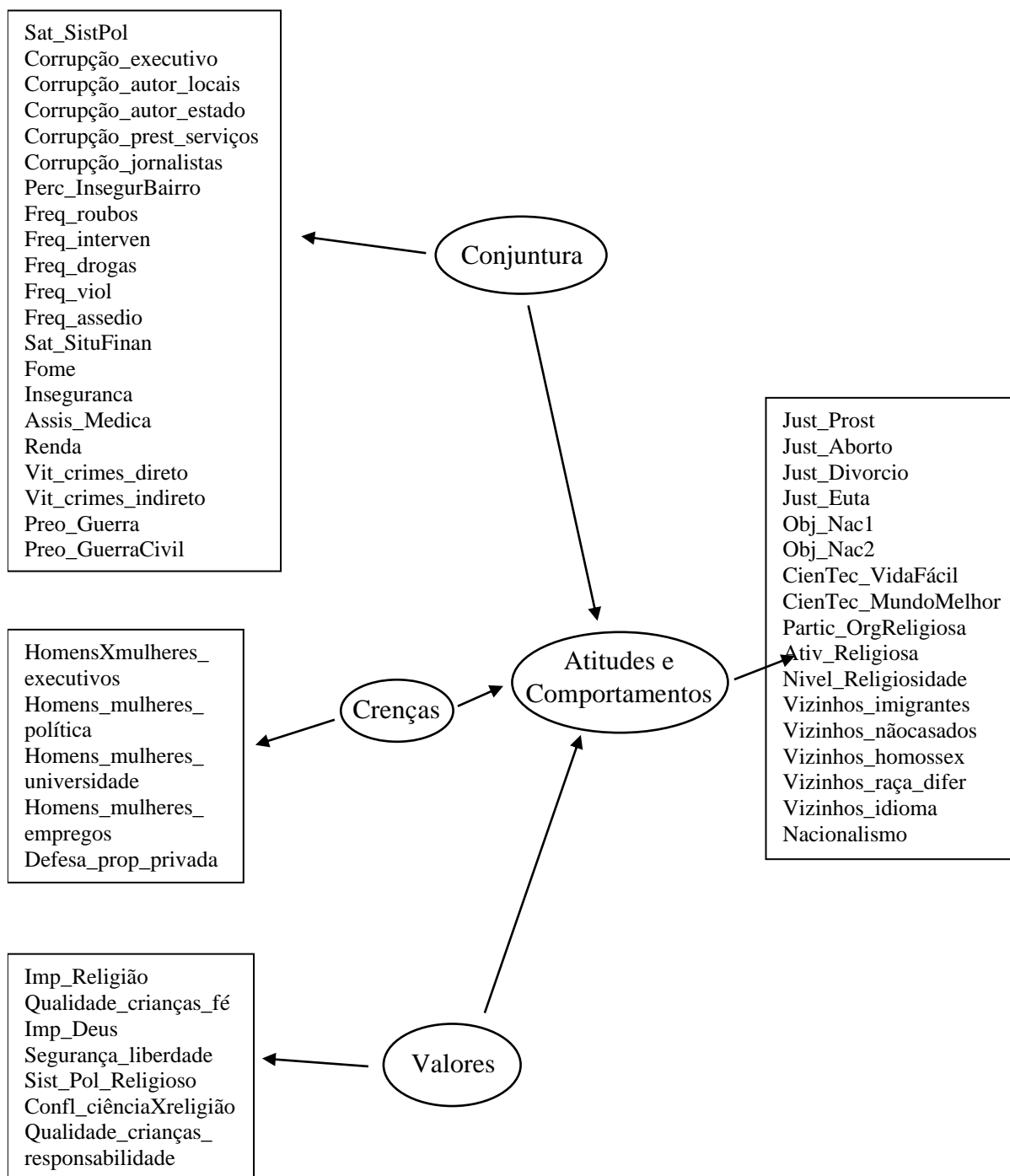
	Dimensões	Variáveis WVS	Nome
C O N J U N T U R A	1) instabilidade política; 2) condição econômica pessoal; 3) condições básicas de vida e bem-estar; 4) condição econômica do país; 5) possibilidade de conflitos	Satisfação com o sistema político do país atualmente?	E111
		Percepção de envolvimento em corrupção	E269 E270 E271 E272 E273
		Estado de Saúde	A009
		Medo de ficar desempregado	H006_01
		Como se sente seguro hoje em dia	H001
		Ocorrência de crimes e irregularidades no bairro	H002_01 H002_03 H002_05 H008_05 H008_06
		Vítima de crimes	H004 H005
		satisfação com a situação financeira familiar.	C006
		Necessidades básicas: alimentação, sentir-se seguro, ter acesso a saúde e renda.	H008_01 H008_02 H008_03 H008_04
		Preocupação com guerra e guerra civil.	H006_03 H006_05
	1) Há uma ordem divina que regula a sociedade e o estado.	Um dos maus efeitos da ciência é que ela quebra as ideias das pessoas sobre o que é certo e errado	I001

C R E N Ç A S	2) Os homens são naturalmente falhos.	Trabalhar é uma obrigação para com a sociedade	C039
	3) O progresso é um processo natural, gradual e condicionado naturalmente.	Homens são melhores que mulheres em: 1) política, 2) negócios.	D059 D078 D060
	4) A sociedade é um fenômeno orgânico.	A universidade + importante p/ homens do que p/ as mulheres.	C001
	5) São fundamentais: a tradição e a manutenção das hierarquias, dos papéis sociais da ordem e das instituições	Homens devem ter mais direito a emprego do que mulheres.	
	6) Propriedade privada e liberdade são direitos naturais.	Nunca se justifica roubar propriedade privada de outros	F114B
	7) Tudo o que é desconhecido é uma ameaça.	Não acreditam que tem capacidade de escolha	A173
V A L O R E S	1) A religião e as explicações baseadas na fé devem se sobrepor ao conhecimento e à vontade humanos;	O sistema político ideal é governado por leis religiosas, não há partidos ou eleições.	E117B
	2) O estado deve respeitar e ser regido por pressupostos morais transcendentais;	Preferência por pela iniciativa privada à empresas estatais	E036
	3) o ser humano é preponderantemente emocional e por isso suas concepções não devem ser tomadas como verdade.	em conflitos entre a ciência e a religião, a religião deve prevalecer.	F202
	4) A sociedade não deve se submeter ao conhecimento e à vontade humana.	importância da religião.	A006
	5) Mudanças só devem acontecer a partir e processos naturais e sem rupturas.	Importância de Deus	F063
	6) Apelo ao senso de comunidade, aos papéis sociais e ao direito natural acima das necessidades ou preferências individuais, especialmente o direito à propriedade privada.	uma qualidade importante nas crianças a fé religiosa.	A040
	7) Valorização da diferenciação social em classes e hierarquia em prol do bom funcionamento natural da sociedade da ordem.	importância dada à tradição.	A198
	8) Devem ser mantidas as estruturas vigentes em relação às possibilidades incertas do futuro.	importância da família	A001
	9) Valorização do nacional em relação ao externo.	gostaria que houvesse mais respeito pelas autoridades.	E018
		as crianças devem ser obedientes	A042
	Prefere segurança à liberdade.	H008_08	
	preferência à competitividade em relação à igualdade de renda.	E035	

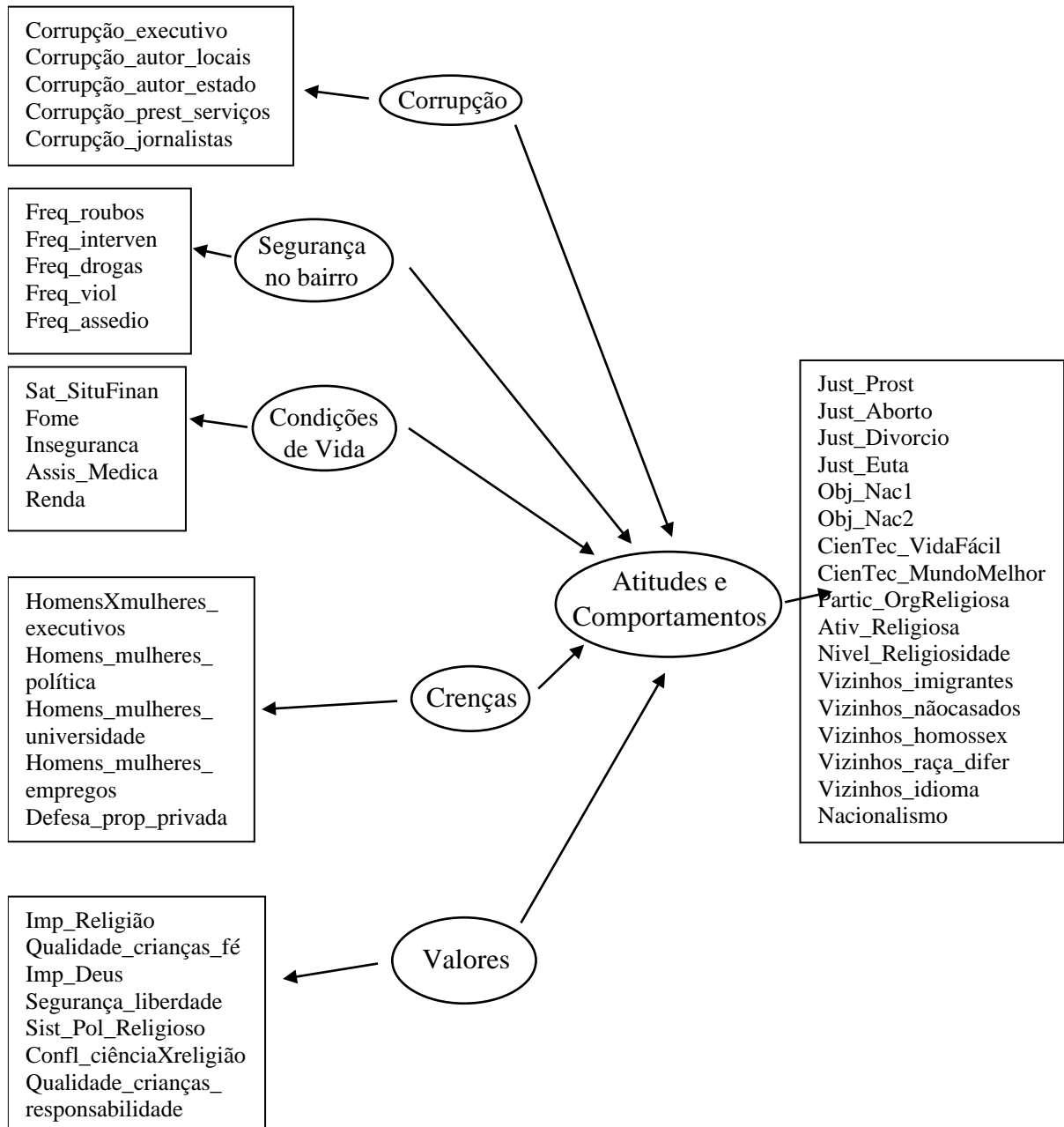
		as crianças devem ter senso de responsabilidade	A032
A T I T U D E S E C O M P O R T A M E N T O	1) Religiosidade; 2) Intolerância com o diferente; 3) Nacionalismo; 4) Moralismo; 5) Defesa da ordem e da segurança; 6) Defesa da propriedade privada. 7) Ceticismo em relação ao desenvolvimento científico.	Se considera religioso.	F034
		Membro ativo de instituição religiosa.	A098
		Participação religiosa frequente.	F028
		É um objetivo nacional manter a ordem.	E004 E003
		Intolerância a vizinhos com hábitos diferentes (homossexuais, pessoas de outra religião, não casadas vivendo juntas, estrangeiros ou de outras raças, pessoas que falam uma língua diferente)	A124_09 A124_42 A124_06 A124_02 A124_43
		Contra aborto, a prostituição, sexo antes do casamento homossexualidade, eutanásia, divórcio.	F120 F119 F118 F122 F121 F135A
		negação da contribuição da ciência e tecnologia para uma vida mais saudável, confortável e fácil.	E234 E217
		Não confia em pessoas de outras religiões e de outros países	G007_35_ B G007_36_ B
		Impacto de imigrantes no país	G052
		Nossa sociedade deve ser defendida de contra uma revolução. Nossa sociedade deve ser melhorada aos poucos por meio de reformas;	E034
		Orgulho sobre a nacionalidade.	G006
		Depende-se muito da ciência e não o suficiente da fé.	E220
		As pessoas tem dificuldade de decidir quais regras morais seguir	F206
	A única religião aceitável é a minha	F203	

III. Ilustração dos modelos testados na modelagem para equações estruturais

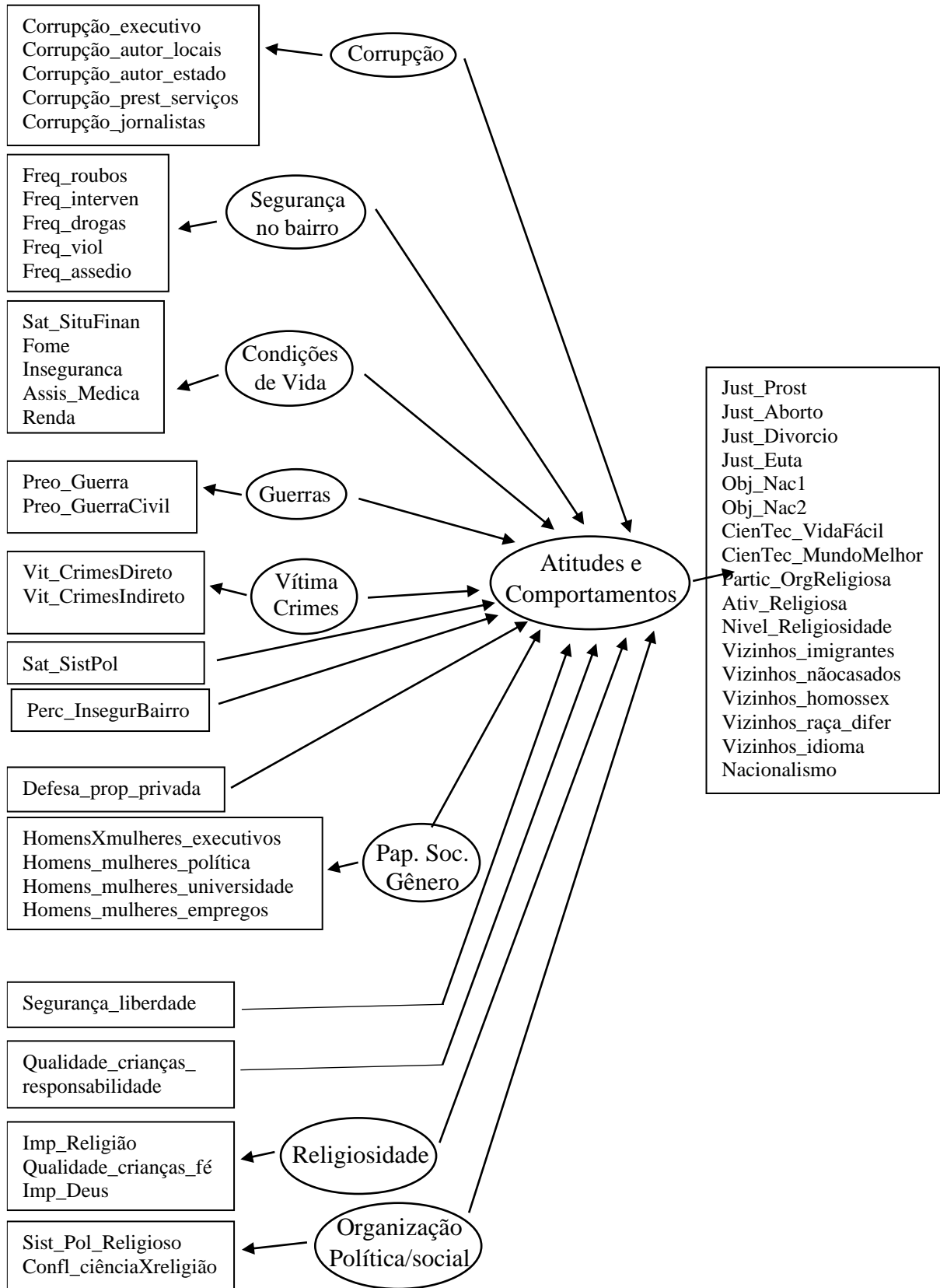
Modelo 1 - Brasil:



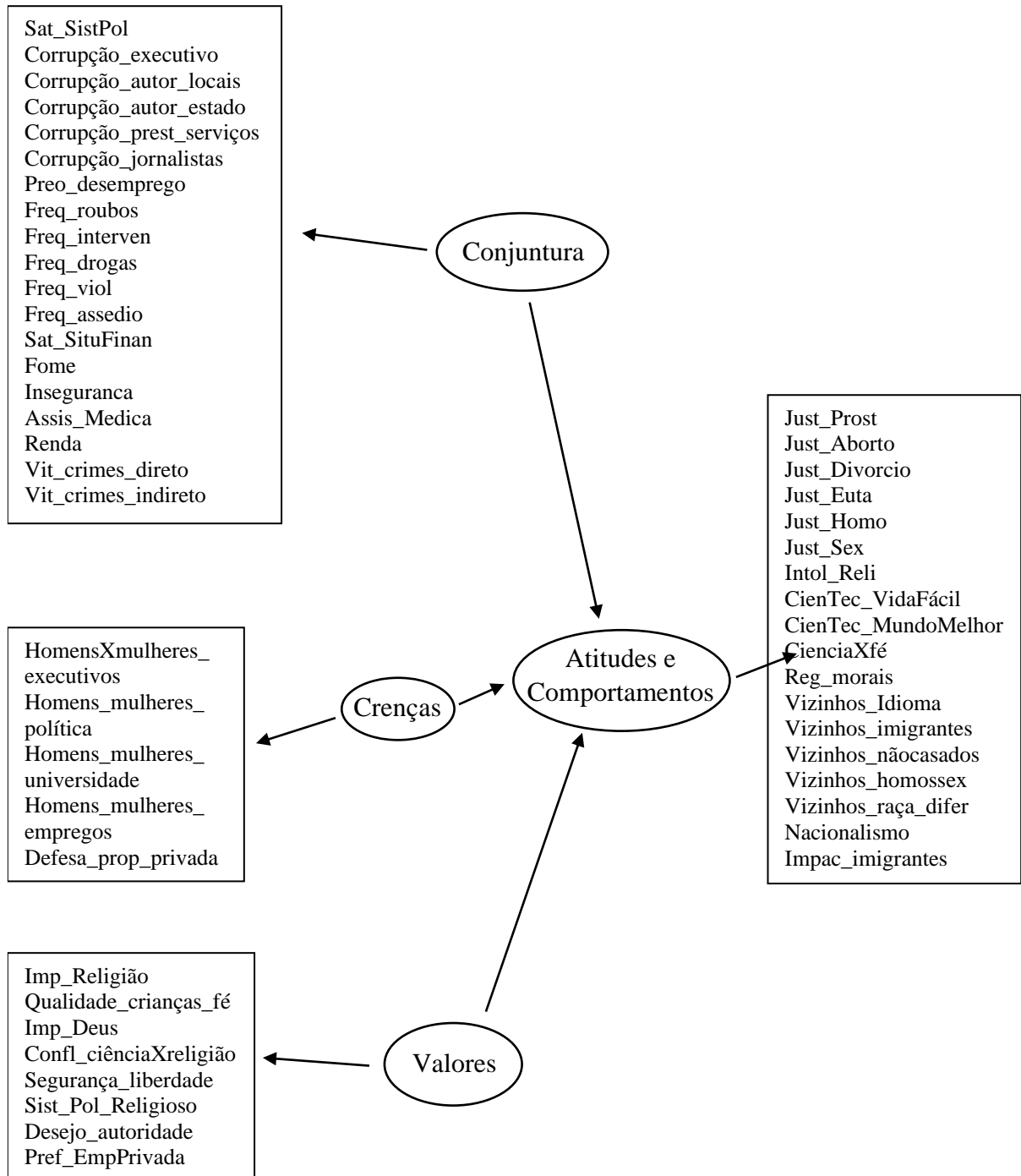
Modelo 2 - Brasil:



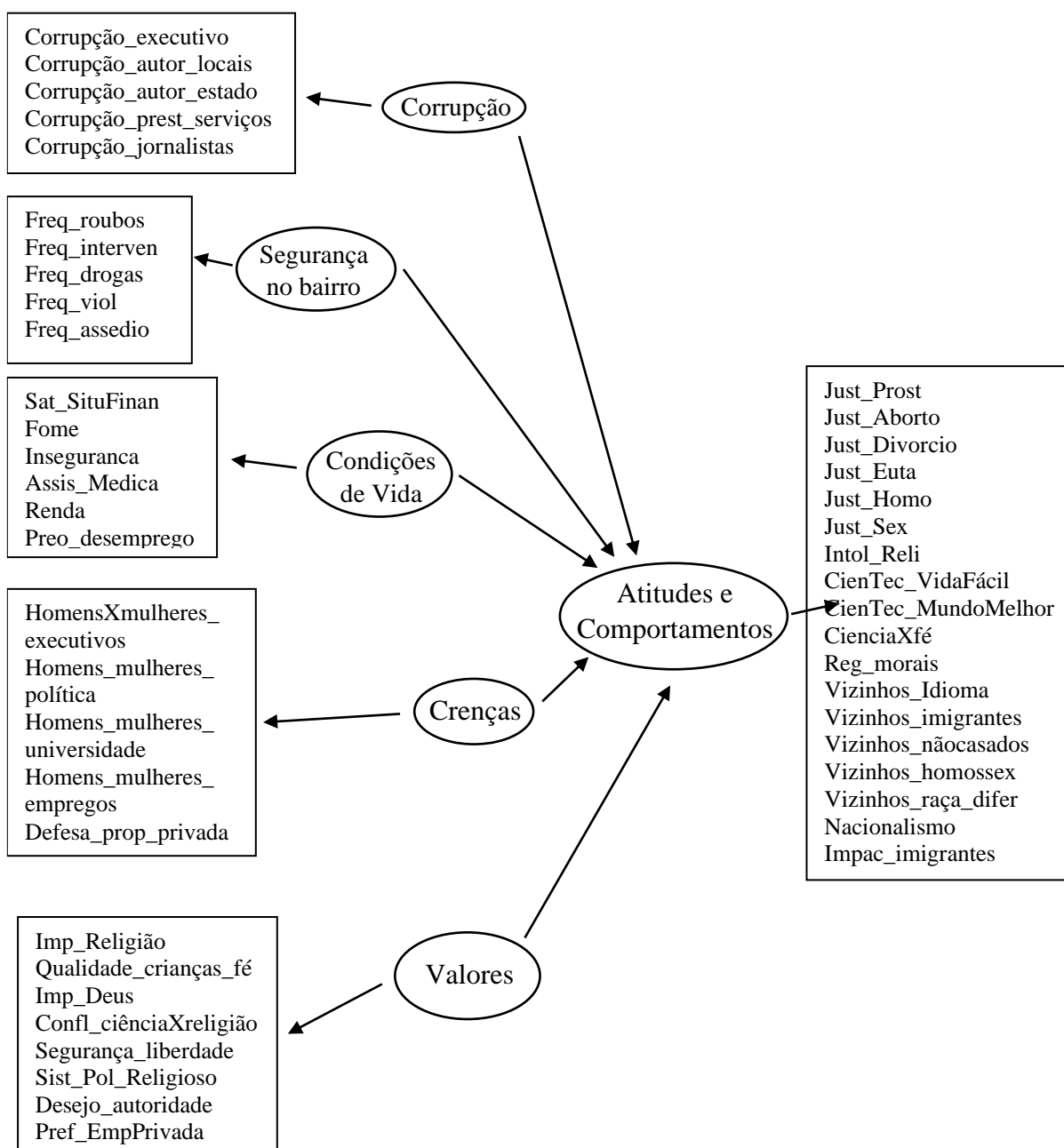
Modelo 3 - Brasil:



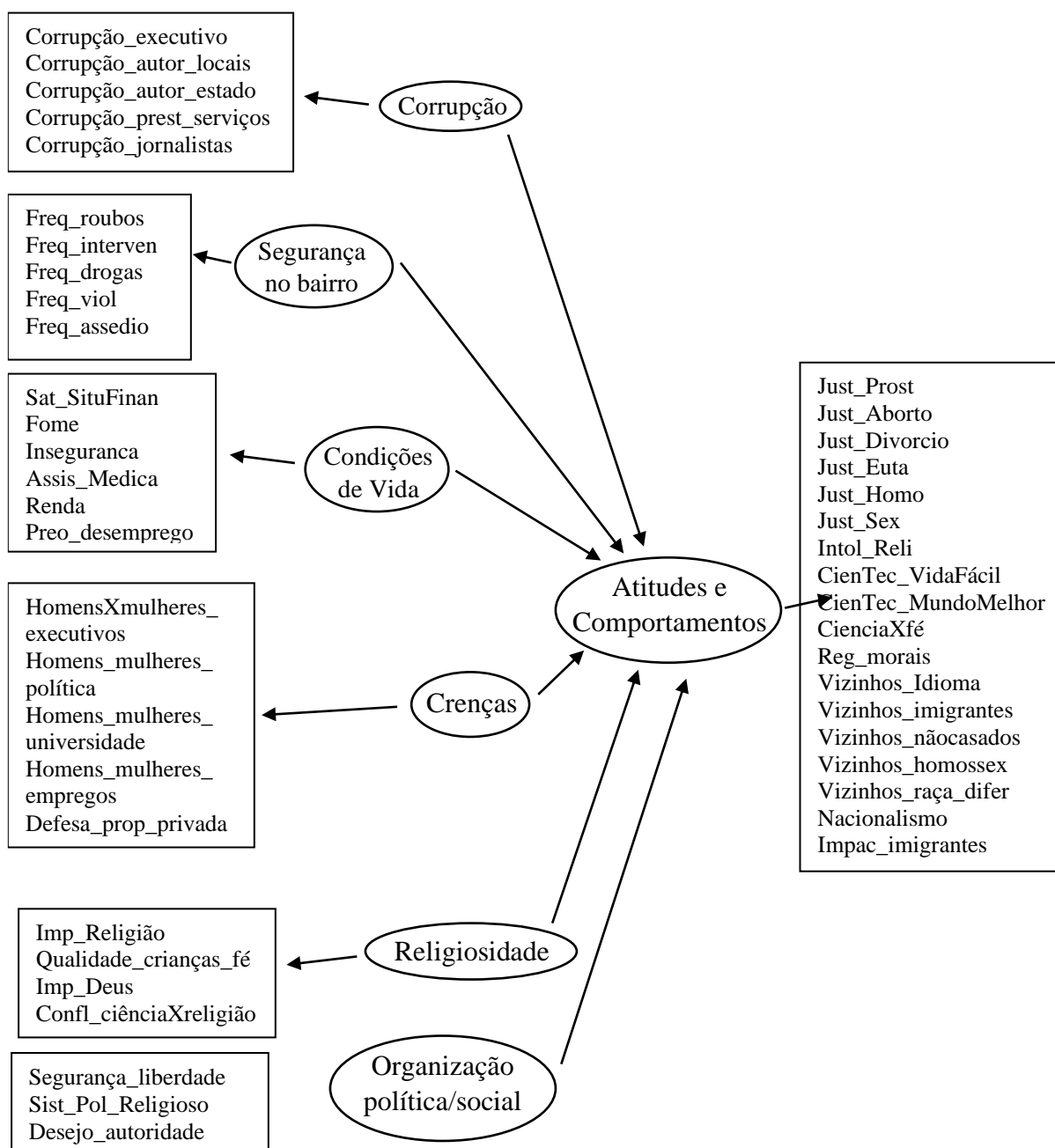
Modelo 1 – Estados Unidos:



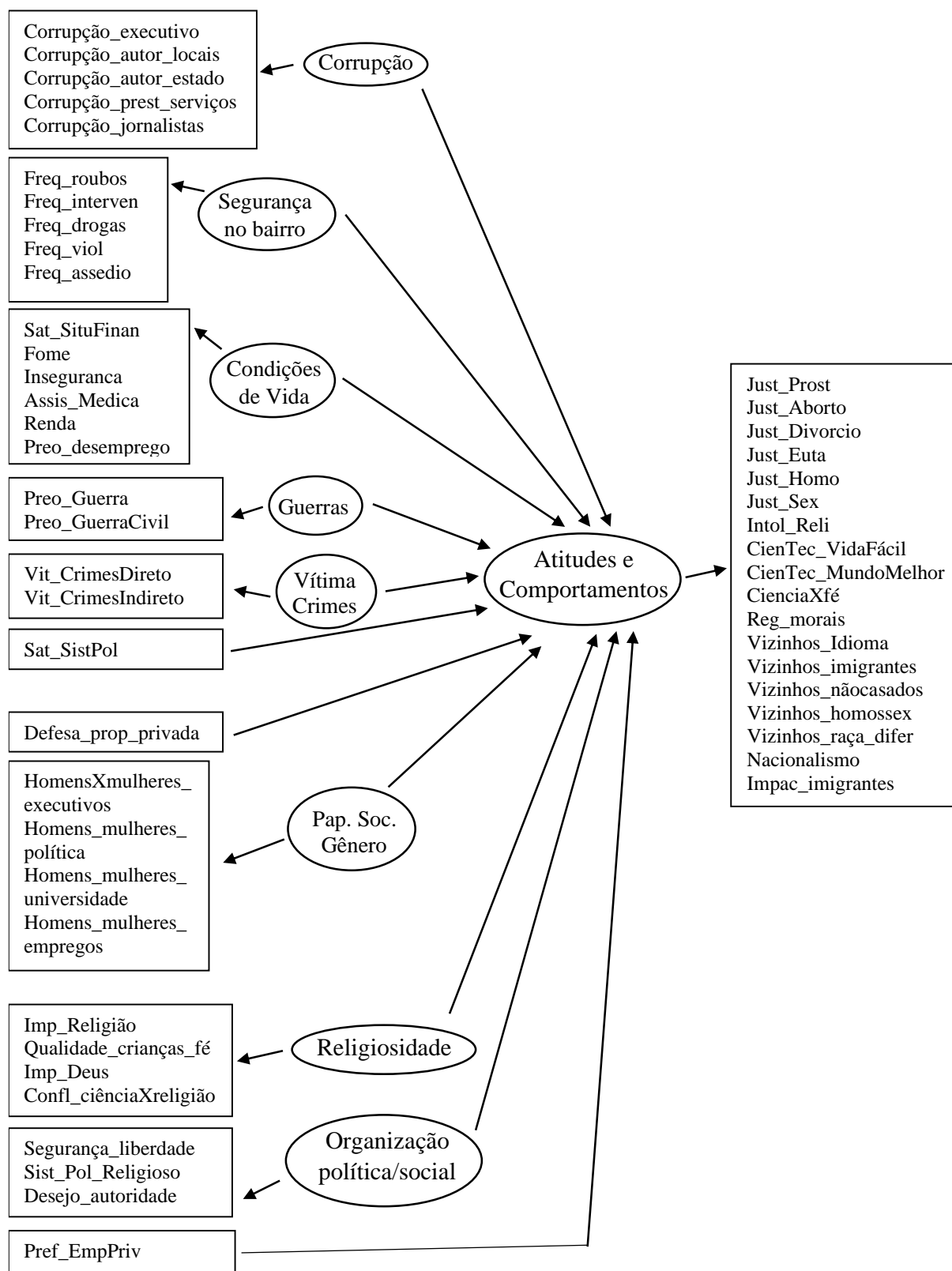
Modelo 2 – Estados Unidos:



Modelo 3 – Estados Unidos:



Modelo 4 – Estados Unidos:



IV. Tabelas com os valores detalhados das medidas de centralidade da análise de redes:

Tabela 28: Valores das Medidas de Centralidade para Cada Variável do Brasil

Variável	Rede			
	Betweenness	Closeness	Strength	Expected influence
Onda	1,789	1,640	1,581	-0,611
Conjuntura	-0,447	-0,950	-0,904	-0,695
Crenças	-0,447	0,179	0,348	1,736
Valores	-0,447	-0,443	-0,647	-0,351
Atitudes/Comportamentos	-0,447	-0,426	-0,378	-0,079

Tabela 30: Valores das Medidas de Centralidade para Cada Variável na Rede dos Estados Unidos

Variável	Rede			
	Betweenness	Closeness	Strength	Expected influence
Onda	0,000	1,098	0,973	-0,506
Conjuntura	-0,791	-0,842	-1,057	-1,327
Crenças	-0,791	-0,865	-0,678	1,542
Valores	1,581	0,767	0,752	0,176
Atitudes/Comportamentos	-0,791	-1,011	-0,973	-0,476